

TRILOGIA O TERAPEUTA | LIVRO III

6 milhões de leituras online



O TERAPEUTA

LIBERTOS DE SEGREDOS

VALENTINA K. MICHAEL



PERIGOSAS



O TERAPEUTA

LIBERTOS DE SEGREDOS

LIVRO 03



VALENTINA
K. MICHAEL

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Copyright © 2017 Valentina K. Michael

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Bianca Ferreira

Capa: Murilo Guerra

Diagramação Digital: **Michael**

O Terapeuta 3 – Libertos de Segredos

Edição 1

Ficção/Romance

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte

NACIONAIS - ACHERON

dessa obra, através de quaisquer meios —
tangível ou intangível — sem o
consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime
estabelecido pela lei nº. 9.610./98
e punido pelo artigo 184 do Código Penal.
Edição Digital | Criado no Brasil.

Sumário

[PRÓLOGO](#)

[UM](#)

[DOIS](#)

[TRÊS](#)

[QUATRO](#)

[CINCO](#)

[SEIS](#)

[SETE](#)

[OITO](#)

[NOVE](#)

[DEZ](#)

[ONZE](#)

[DOZE](#)

[TREZE](#)

[QUATORZE](#)

[QUINZE](#)

[DEZESSEIS](#)

[DEZESSETE](#)

DEZOITO

DEZENOVE

VINTE

VINTE E UM

VINTE E DOIS

VINTE E TRÊS

VINTE E QUATRO

VINTE E CINCO

VINTE E SEIS

VINTE E SETE

VINTE E OITO

VINTE E OITO

VINTE E NOVE

TRINTA

TRINTA E UM

TRINTA E DOIS

TRINTA E TRÊS

Epílogo

De: VALENTINA

Para: LEITORES

*“Como você mede, um ano?
Em Dias? Em pores-de-sol?
Em meias-noites? Em xícaras de café?
Em centímetros? Em milhas?
Em risos? Em lutas?
Em quinhentos e vinte e cinco mil
E seiscentos minutos
Como se mede
Um ano de sua vida?”*
RENT-Seansos of love

Qual o tempo suficiente para o nascimento
de um sonho? Ou que ele se concretize enfim? E
sobre planos? Quanto tempo necessita para que
NACIONAIS - ACHERON

estejam enfim concluídos? Depende do planejamento e de algo de nome: destino.

Sabemos o tempo médio para o nascimento de uma vida, de sete a nove meses. Alguns mais precoces, outros tardios. Todavia, em todas as outras coisas não temos como saber quando o destino vai agir e interferir.

Terapeuta é meu primeiro romance erótico que ficou bastante tempo deixado numa pastinha nos meus arquivos. Foi para mim como um filho levado que precisa de castigo, aliás, não usarei a palavra castigo, usarei amadurecimento.

O livro 01 ficou guardado até ele e eu estarmos maduros para encarar o caminho a nossa frente. Faz exatamente nove meses que Terapeuta 01 foi publicado aqui na Amazon, e seis meses que o segundo o acompanhou, e hoje enfim estamos dando boas vindas a sua conclusão, o fim da trilogia.

Estou transbordando de felicidade por enfim ver o trabalho completo. Foi para mim como uma vida que em meios a trancos e barrancos foi gerada e enfim nasceu. E não seria capaz de estar aqui graças a cada um dos meus leitores, que me
NACIONAIS - ACHERON

incentivam, me apoiam me dá mais carinho do que consigo retribuir.

Hoje, apenas uma palavra me define: agradecimento. Por ter a oportunidade de concluir meu trabalho e acima de tudo, a vocês que me trouxeram até aqui.

Com carinho,

Valentina K. Michael

PRÓLOGO

ANOS ANTES

Estou meio apreensivo. Não sei de fato o que está acontecendo, apenas sei que devo me encontrar com alguém. Uma pessoa que deve estar zangada comigo e que seja importante o suficiente para me coagir a vir escoltado por dois seguranças a esse hotel de luxo.

Hoje cedo quando acordei não me sentia muito bem por ter passado quase a noite toda em ação em mais uma das festinhas promovida por Amanda.

Tomei banho no meu singelo apartamento e quando me preparava para tomar uma caneca de café, fui surpreendido por seguranças que me disseram que eu teria que segui-los.

No início achei que fosse brincadeira, mas depois de uma ameaça formal resolvi colaborar.

A palavra “fodido” vinha em letras grandes na minha mente como um letreiro debochado. Com certeza o marido de alguma mulher descobrira sobre mim e me mandara buscar para acertar as contas. A fama dos *Black Bulls* tinha se espalhado pela alta sociedade e isso era ruim, tínhamos que tomar cuidado.

Entretanto, pouco me importava se fosse um corno querendo vingança. Se partissem para a agressão, eu não hesitaria em quebrar o nariz de algum riquinho ciumento que não consegue satisfazer uma mulher na cama e ela precisa pagar prostitutas para fazer o serviço.

O segurança que ia a minha frente parou e abriu uma porta. Afastou para eu passar e quando entrei a mulher que me esperava se levantou imediatamente.

— Beatrice? — Perguntei surpreso.

— Você planejou isso? — Ela gritou assim que me viu, jogando um jornal na minha frente. Seus olhos flamejavam. Segurei-o e vi na primeira

folha, uma foto minha e de Beatrice saindo juntos do apartamento dela no Upper East Side. Eu estava meio irreconhecível por causa do gorro que usava e dos óculos escuros, mas ela era nitidamente reconhecida.

Cacete! Acho que acabei com o casamento bilionário da vadia.

— Claro que não fiz isso. — Joguei o jornal novamente para ela — O que eu ganharia?

— Fama. — Rosnou.

Essa acusação me fez recuar.

— Até parece. — Bati as mãos na cintura e dei uma risada irônica — Eu vivo me esgueirando no mundo do pornô para não ser rotulado e você acha que eu iria querer ser conhecido como seu amante ou prostituto?

Cuidadosamente ela me estuda, querendo se convencer que eu não tive nada a ver. Beatrice está branca e os lábios ofegantes. Os cabelos, outrora tão penteados, agora estão assanhados.

— Não sei de quem foi a culpa, mas você vai me ajudar a limpar isso. — apontou para mim.

— Eu?

— É! Você, Tyler. — Ela afastou-se e virou de costas. As mãos passam a todo instante nos cabelos negros, mostrando o que causou esse estado deplorável.

— E como eu poderia te ajudar? Quer que eu converse com o seu marido?

Descanso as mãos na cintura encarando-a.

— Já planejei tudo.

Ela pega algumas sacolas que só então reparei. Vai jogando tudo sobre a enorme cama. Marcas de grife estampadas nas sacolas. Afastou-se e apontou para aquela tralha sobre a cama.

— Abra, Tyler.

Eu relutei inicialmente, mas dei de ombros e fui até a cama. Comecei a abrir uma por uma. Fiquei sem entender quando me deparei com sapatos italianos, camisas brancas de estilistas famosos, cinto, relógio de ouro, óculos e até cuecas da Diesel e Kelvin Klein.

— Que porra é essa?

Concentrada, me olhando ela, foi direta:

— Quero que escolha um nome para você. Não pode mais se chamar Tyler Carter.

Lancei um olhar confuso para ela.

— Quer, por favor, me contar seu plano? Por que eu devo ajudar a manter o caralho do seu casamento?

Levanta-se e de modo meio psicótico, caminha até mim.

— Por que se não me ajudar eu exponho ao mundo o que você é. Um assassino. Você matou seu padrasto e fugiu. Não devia ter usado sua puta predileta como terapeuta, Tyler. Sei dos seus segredos. Acho que sua carreira de Comedor Supremo vai por água a baixo quando isso vir à tona.

Indignei com aquela chantagem barata. Eu cometi um assassinato quando ainda era adolescente, ela não pode fazer isso. Quis virar a bunda como resposta e dar o fora dali, mas por outro lado não acho bom bater de frente com uma mulher que tem poder como ela.

— Me diga porra! — Berro e passando as mãos no rosto, giro pelo quarto. Isso não está

acontecendo.

— Quero também que corte seu cabelo e os pinte da cor natural. Nada de cabelos loiros grandes no ombro parecendo ator pornô.

— É o que eu sou. Um ator pornô. — Passei a mão nos meus fios lisos, longos e loiros. Visual estilo Thor, dos quadrinhos. Aderi esse estilo assim que comecei a fazer parte dos *Black bulls*.

— Não mais. — Ela se recosta em uma cômoda e me olha medindo meu corpo. Parece uma alfaiate pronta a fazer uma roupa para mim. — Eu tenho uma coletiva dentro de três horas e você vai estar ao meu lado. Te apresentarei ao mundo como meu terapeuta.

— Terapeuta?

Sinto meus olhos saltar. Incrédulo, a fito, mas pelo olhar de Beatrice, ela não está pra brincadeira.

— Sim, Tyler. Celebidades tem terapeutas. Você vai confirmar a história e dará o endereço do seu consultório, do prédio que a gente estava quando a foto foi tirada. Eu tenho um apartamento vazio lá.

— Eu não tenho a porra de um consultório.
— Gritei — Eu não fiz uma faculdade — berrei mais alto, tentando convencê-la da loucura que era.
— não sei dar conselhos a uma pessoa. — Começo a ficar aflito. Eu não quero me envolver nessa farsa. Algo me diz que vai dar merda. A corda sempre arrebenta para os mais fracos.

— Não é necessário. — Ela vem até mim e acaricia meus braços — Apenas finja comigo e a secretária que arrumei sempre dirá que sua agenda está lotada. Você não vai precisar atender ninguém.

Eu tenho até uma secretária?

— Beatrice, peça outro cara para fazer isso então. Já que não dá para me reconhecer nessa foto.

— Seu bobinho. — Riu e deu um tapinha no meu rosto. — E como acha que vou continuar me encontrando com você? Não vou abrir mão do nosso sexo. Por favor, Tyler, faça isso por mim. Vista essas roupas e invente um nome charmoso e convincente.

Eu olho para as roupas em cima da cama. Depois olho para ela.

— O que eu vou ganhar com isso?

— Além de fama? — Ela insinuou com um ar de arrogância.

— Não me importo com fama.

— Vou te pagar.

— Eu já tenho dinheiro suficiente.

— Dinheiro além de eu não te delatar. — Ela corre e pega a bolsa. Tira um talão de cheque e preenche. Me entrega e fico horrorizado com a quantidade.

— Estou pagando para um trabalho impecável. Você é ator, pornô, mas é, sabe interpretar. Venha comigo e convença a plateia com uma história apaixonante.



Três horas mais tarde eu estava ao lado de Beatrice vestindo uma fantasia impecável de terapeuta. A roupa me serviu como uma luva, meus cabelos e barbas estavam perfeitos, bem cortados e pretos como manda meu DNA. A plateia estava perplexa em me ver pela primeira vez.

Nunca encarei tantos flashes na minha vida, ou melhor, nunca tinha encarado flash algum. A não ser da câmera de gravação dos filmes pornô. Beatrice com o marido, que me foi apresentado pouco antes, sorriam para as pessoas. Ele parecia aliviado por saber que a mulher não estava traindo-o. Eu apenas sentia pena dele.

Beatrice falou com as pessoas e depois com um sorriso, disse que iria me deixar dizer um olá.

Aproximei do microfone e fingindo tranquilidade dei um olá para o público.

— Boa noite, sou Sawyer Graham, terapeuta. E acabo de me mudar para Nova York.

Justamente ontem eu tinha assistido um episódio do seriado *Lost*. O nome me veio a caminho para cá, quando eu estava em um carro que Beatrice alugou para mim.

Naquela hora, diante das câmeras não existia mais Big Tyler, o ator pornô. E nem *Black Bull*, o prostituto de luxo. Eu, juntamente com Beatrice acabávamos de dar vida à Sawyer Graham. O terapeuta das estrelas.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON



UM

Marianne

Um vestido branco está embolado e jogado em uma poltrona, um paletó cinza médio na escada, a calça do terno perto da cama, calcinha, sutiã e cueca simplesmente nem sei onde estão. E eu estou desmaiada embolada em lençóis e em um corpo morno, dormindo o sono dos justos, das noivas cansadas.

Ontem foi meu dia. O dia que esperei minha vida toda e foi um milhão de vezes melhor do que um dia eu conseguiria imaginar. Começando pelo noivo que não é desse planeta.

Sinto um calor terrível e minha cabeça lateja. Acho que ontem exagerei na festinha particular depois do casamento. Instintivamente tento cobrir o rosto com uma mão por causa de um feixe de claridade que entra pela janela e vai certo nos meus olhos. Não consigo me mover. Braços e pernas cobrem meu corpo me deixando imobilizada.

Meu marido.

Mal posso acreditar que estou casada com meu terapeuta. Parece que foi ontem que eu estava fugindo dele, parece que foi ontem que eu pesquisei sobre ele na internet. Me mexo e com satisfação, respiro sentindo o cheiro da manhã, o cheiro de um novo dia. Meu primeiro dia de casada. Sawyer se mexe também e me aninha de um jeito muito gostoso em seus braços, sobe uma mão na curva do meu seio e murmura no canto do meu pescoço:

— Bom dia, esposa.

Viro-me para ficar de frente para ele.

— Bom dia, marido.

— Preparada para sumir comigo por alguns dias?

— Nunca estive tão preparada.

A escolha da nossa viagem de lua de mel foi uma disputa acirrada. Eu queria ir para Veneza, é bonito e romântico. Uma lenda. Sawyer queria passar por outra experiência. Ele disse que não queria algo tão clichê, queria conhecer as belezas do meu país natal. Ficou superfascinado com as imagens do Pantanal, as praias de Fernando de Noronha, as Cataratas do Iguaçu e o Cristo Redentor.

Sawyer praticamente implorou para que fôssemos curtir o sol em um país tropical e até prometeu que me recompensaria mais tarde me levando onde eu quisesse ir. Achei justo deixar minha viagem à Veneza em sacrifício do desejo dele. Assim que eu aceitei, ele começou a fazer uma rota de viagem por todo o Brasil. Em seguida fez reservas nos melhores hotéis de cada cidade. Decidimos que ficaríamos mais tempo no Rio, depois iríamos ao resto dos lugares.

Minas Gerais, onde meus familiares moram, ficaria por último. Sei que o Brasil tem seus problemas como qualquer outro país e torci para que Sawyer voltasse de lá mais fascinado do que já

está.

Me levanto trazendo o lençol comigo, enrolado ao meu corpo.

Sawyer levanta também e corre atrás de mim no banheiro. Logo pela manhã e ele tem vigor para correr. Ele arranca o lençol que me cobre e me ergue do chão. Dou um gritinho de euforia e rapidamente, enlaço a cintura dele com minhas pernas e entramos no box para um banho de chuveiro.

Na verdade, nem tomamos banho. Ficamos nos beijando por um bom tempo com a água morna caindo em nossos corpos.

— Já são quase onze horas. Precisamos ir à casa de Candice. — Murmuro entre o beijo.

— Está entediada aqui comigo, querida?

— Jamais.

Para provar minha constante chama acesa por ele, eu seguro forte o rosto barbado e beijo, me deliciando de todo o êxtase que me é permitido. Vejo fulgor nos olhos de Sawyer e isso me deixa em estado de plenitude.

Quero que esse fogo dure toda nossa vida juntos, sei que é possível, sei que amor permanece, por que tenho meus pais que estão casados há trinta anos e ainda mantém a paixão acesa. Também tem os pais de Candice e os de Leo, que são prova viva de que se as pessoas quiserem podem sim fazer um casamento durar.

Sawyer me deixou descer, deslizando pelo corpo dele até eu conseguir tocar o chão. Mesmo no chão, eu estou presa entre a parede e o forte corpo do meu marido. Isso só não me fascina mais do que os dedos ágeis que já estão em uma massagem desesperadora no meio das minhas pernas. Na verdade, ele enfiou mesmo dois dedos dentro de mim mexendo vagarosamente, me provocando deliciosamente, enquanto os lábios chupam os meus.

É delirante, é maravilhoso. É sublime ter Sawyer me deixando doida com seus dedos e lábios. E eu acreditada da vida, achando que ele me faria gozar assim: com um beijo de tirar o fôlego e os dedos ritmados me preenchendo.

Mas não foi assim.

Sem que eu esperasse ele abaixou-se e
NACIONAIS - ACHERON

substituiu os dedos pelos lábios. Isso sim foi de arrancar os cabelos de tão gostoso. Sua boca abocanhou gulosa minha vagina me deixando entalada, com um gemido preso na garganta. Meus dedos seguram firmes nos cabelos pretos, a outra mão no ombro tatuado e eu nem dou mais conta de tempo e espaço, minha cabeça está jogada para trás em um arfar constante.

Às vezes, em momentos como esse, uma pergunta martela minha mente e nenhuma das *Mariannes* é capaz de responder. Elas até ralham comigo por eu estar formulando perguntas enquanto meu homem está me chupando pervertidamente.

Mas aqui vai: O que seria de mim se eu não tivesse conhecido Sawyer? Como eu estaria hoje? Com Ryan ainda, certamente. Sendo negligenciada e nunca conhecendo de verdade os prazeres que um corpo humano esconde. Logo eu, que fui classificada como em uma taxonomia¹, da família das gélidas e insossas. Meus pais não me criaram para sonhar acordada e imaginar futuros dantescos e jamais passou pela minha cabeça que um dia eu estaria casada com um famoso gostosão deus-do-

sexo, morando em uma cobertura e adquirido um nome pomposo junto com uma aliança da *Tyffany & co.*

¹Taxonomia: É a disciplina acadêmica que define os grupos de organismos biológicos, com base em características comuns e dá nomes a esses grupos.

Minhas Mariannes rebolam com suas garrafas de champanhe, comemorando a minha vitória na vida.

Sawyer é persistente e obcecado, me faz gozar com seus lábios e meus pensamentos ajudam também. Tremer pelada e molhada, ondulando pelo orgasmo e tendo a boca dele ainda grudada na minha vagina, é sem dúvidas a melhor coisa. Ele me faz sentir viva todos os dias, não só no sexo, mas em um simples olhar, em um toque dos dedos, em um sorriso ou uma piscadinha. Ele não só vive falando que me ama, como demonstra isso a todo instante. Como diz mamãe: encontrei a tampa da minha panela.

Ele se levanta, segura meu pescoço com sua mão enorme tampando minha garganta e me beija loucamente esfregando o pau entre minhas pernas. Quero também poder fazer com ele o que sinto vontade. Empurro Sawyer, ele me olha pasmo sem perder o sorriso safado e agora ele está contra o vidro do box. Meus dedos enlaçando seu pênis, em movimentos de ir e vir.

— Safadezas passando na sua mente, senhora Graham? — morde os próprios lábios por causa do movimento dos meus dedos.

— Você me treinou para isso, senhor Graham. — Apalpo suas bolas e Sawyer fecha os olhos fazendo: “Humm” — Me treinou para eu conseguir me satisfazer e satisfazer meu homem fora do consultório.

— Acho então que sou um bom professor, pois você me satisfaz muito, meu amor. — Ele avança e me beija, automaticamente sugo sua língua e puxo o lábio inferior com os dentes. Mas não me demoro.

Desço minha boca degustando cada pedaço dele. Chupo seu queixo, mordo seu pescoço, lambo sua tatuagem no peito e quando enfim me abaixo, NACIONAIS - ACHERON

beijo o código de barras do produto que enfim é todo meu, passado no meu nome em cartório. Sawyer mal aguenta de ansiedade e solta um rouco gemido quando enfio a sua ereção pulsante na minha boca. Chupo apenas a cabeça como uma fruta, dou uma lambida em toda volta e torno a suga-la, para só então ritmar as estocadas que eu orquestro, eu escolho o tempo e a velocidade. Já faço isso com muita prática. Afinal, aprendi com o melhor dos melhores.

Sawyer geme, uma mão em meu cabelo e outra segurando firme em um gancho na parede. Tudo que sei sobre sexo vi com Graham, mas acho que homens não gemem tanto como uma mulher na hora do sexo. Mas quando Sawyer geme... Céus! É muito excitante. É rouco e meio baixo, parece vindo de dentro do peito forte. E se ele geme profundo dessa forma, fechando os olhos e segurando suas bolas enquanto eu o chupo, com certeza estou fazendo um ótimo trabalho.

Paro de chupar e olho para cima e dou um sorriso cínico.

— Está vendo o que posso fazer com você querido?

Ele ri e curva o corpo para frente para beijar meus lábios. Me levanto, ele fica me olhando esperando novas ordens, já descobriu que não está mais no controle. Com uma mão no peito dele vou empurrando até chegarmos na banheira. Nossos lábios não se desgrudam um segundo. Me fasto, passo a língua nos lábios e o empurro. Sawyer senta na borda da banheira e eu sento no colo dele deslizando-o para dentro de mim. Agora é minha vez de jogar a cabeça para trás e gemer abertamente.

— Merda! — Ele exclama apertando meus seios.

— Isso é muito bom... Ah! Que delícia! — rosno, durante as subidas e descidas do meu corpo no colo dele. Meus pés no chão servem de alavanca para me impulsionar. Sawyer apenas sente o prazer gerado pelas minhas metidas não muito rápidas. Agora sei aproveitar todo o prazer de um sexo lento.

Porém, conforme meu tesão vai aumentando, minhas estocadas também e neste momento eu subo e desço rápido, agora ele me ajuda. Minhas pernas não estão mais conseguindo tocar o chão.

— Você é muito gostosa, Mary! — Ele não para de sugar meus seios. Meus dedos sobem loucamente do braço dele para o ombro, até conseguir aninhar nos cabelos molhados. Ele levanta comigo no colo, me joga na parede e fode de pé por alguns instantes antes de ir para o outro lado do banheiro. Agora na pia.

Quando Sawyer anda comigo ainda engatada a ele, é muito avassalador, é uma sensação maravilhosa, muito gostoso, não tem como minhas unhas não arranharem sua pele. Ele me coloca deitada de pernas aberta sobre a enorme pia de mármore e fica de pé. Facilmente por causa de sua altura, ele consegue um entra e sai devastador.

Agora ele me mostra que está no controle. Mas me pergunto: no controle como, se sinto a pele dele arrepiada, o peito ofegante e os lábios entreabertos em um sorriso? Ninguém aqui está no controle de nada.

Meu desassossego aumenta e acho que o dele também, quando Sawyer cisma de massagear com os dedos meu clitóris enquanto o pau dele entra e sai em metidas poderosas e fortes.

— Ah, isso é gostoso demais. Ver meu pau
NACIONAIS - ACHERON

entrar e sair em sua boceta! — Me beija com ânsia e me leva a outro mundo em seus embalos deliciosos, o quadril forte batendo em selvagens estocadas. Ele goza primeiro e ao sentir o vigor dele se esvair dentro de mim, os músculos tensionados e os dentes puxando meus lábios, então eu gozo também. Nem parece que fizemos sexo poucas horas atrás, na madrugada.

Ficamos agarrados nos recompondo, ele curvado em cima de mim, ofegando contra meu ombro.

Com o peito subindo e descendo, me olha já sorrindo. Me ajuda a sentar e fica de pé, dentro das minhas pernas.

— Será que aguenta andar depois dessa?

Não espera eu responder. Uma mão segura meus cabelos mantendo meu rosto bem perto do dele. Sentir as nossas respirações se encontrando é muito bom. Eu rio e dou um tapa no ombro dele.

— Convencido até não aguentar mais.

— Fazer o que se eu adoro ver você toda mole e ofegante rebolando como uma doida enquanto eu faço o serviço completo?

Ele morde meu queixo e depois, como um gato, esfrega os pelos do rosto na minha bochecha.

— Olha só quem fala. Não aguenta uma chupada e já está subindo pelas paredes. — Empurro-o, mas Sawyer me pega e me leva para o chuveiro.

— Fico feliz de ter me casado com a melhor boquinha de veludo dessas redondezas.

— Sawyer! — Bato nele.

— Agora vou te chamar de Mary engole fundo. — Ele zomba nos levando para debaixo da água.

— Me respeita, Sawyer. — Protesto. — Sou sua esposa.

— Calma amor, será só minha Mary engole fundo, de mais ninguém. — Ele morde minha orelha e eu começo a acalmar, mas aí sussurra maliciosamente: — eu não vou contar para ninguém que minha rola perde feio para sua língua.

— Ai que ódio! — Grito batendo nele. Sawyer ri, ainda agarrado comigo, tomando minha boca em seguida, em um beijo. E eu acabo cedendo.



— Tem certeza de que omitir a gravidez para seus pais foi uma coisa boa? — Sawyer está atrás de mim, secando meus cabelos, nós dois em frente ao espelho do banheiro. Não sabia que tudo seria tão divertido em um casamento. Como por exemplo, cada um em uma pia, escovando os dentes e olhando para o outro pelo espelho, as bocas cheias de espumas e sorrindo.

Recém-casados! Quem aguenta?

Depois que escovamos, ele antecipou em pegar uma toalha e insistiu para secar meus cabelos. Tudo bem então.

— Papai iria pirar se soubesse que eu estava me casando grávida.

— Seu pai é besta ou se faz? — Ironiza — Daquela idade será que achava mesmo que eu e você nunca tínhamos dado umas duas metidinhas?

— Ele quer acreditar que não. E a gravidez só comprovaria que a gente estava fornicando adoidado por aí.

— Se ele soubesse que eu estava quieto no meu lugar e você veio com essa bunda pra cima de mim... — insinua, sem olhar para mim, concentrado nos meus cabelos.

— Oi? — Chocada, o encaro pelo espelho.

— É, amor. Eu não consegui resistir...

— E a culpa para você ter sido um escroto que não sabe o que é “não” ...

— É sua. — Ele adianta — Que é tão linda e gostosa. Eu não consegui parar de te comer, ou na linguagem dos Cooper: Não consegui parar de fornicar com você. Juro que tentei.

Meus olhos rolam em descaso, mas acabo rindo. Brigar com Graham, sabendo que ele é assim, não faz sentido. Me viro ficando de frente, percorro minhas mãos pelo seu peito largo e pouso nos ombros dele.

— Tentou ficar longe de mim?

— Sim. Quer dizer, eu pensava em te deixar de lado, mas quando lembrava desse rabão aqui...
— dá um tapa safado na minha bunda.

— Meu bom Jesus! — Imito um choro com

a testa encostada no peito dele. — Como eu fui me casar com um homem que chama minha bunda de rabão e diz que vai me chamar de “engole fundo”?

Ele ri me abraçando.

— Isso foi a atração inicial, boba. O resto veio depois.

— É? — Tiro o rosto do peito dele e o fito.
— Me conte.

Antes de começar a falar, seus olhos verdes brilham seguindo sua mão que passa pelos meus cabelos.

— Seus cabelos têm uma cor incrível, Marianne. E seus olhos tem uma cor única: são meio dourados e quando você olhava para mim — Sawyer sorri apaixonado — eles ficavam mais escuros e brilhantes e eu sabia que você sentia o mesmo que eu. Tem gente que diz que ama sorrisos, amo ver você rir, mas eu amo mais quando está distraída, pensando em alguma coisa, ou trabalhando, ou com raiva de alguma coisa que fiz. E eu me dou conta de como sou sortudo... depois de tudo que passei na minha vida, ainda tive a oportunidade de ter essa mulher como minha

esposa e mãe dos meus filhos.

— Sawyer... isso sim é lindo... — meu corpo todo vibra e meu peito salta com as batidas frenéticas do meu coração louco de amor por ele.

— Mas isso é externamente, eu me apaixonei pelo corpo, mas amo a Marianne — ele toca no meu peito, no rumo do meu coração — o ser humano. Que me faz rir e ser feliz, que me faz ter pelo que continuar seguindo em frente. Eu não tenho como deixar de te amar, mesmo que ganhe peso, ou fique grisalha. Pois você, dentre todos, foi a que estendeu a mão para mim, me amou nos meus piores defeitos, me perdoou, me deu dignidade de volta e me deu uma família, que eu tinha perdido tempos atrás.

Imediatamente o abracei emocionada. Apertei com força e senti seus músculos se contrair ao redor do meu corpo retribuindo o abraço.

— Te amo muito Sawyer e fazemos felizes um ao outro, mutuamente. — Olho para ele, sinto meus olhos encharcando e ele os limpa imediatamente. — Por ter me acordado para vida, ter persistido todo aquele tempo e ter me dado amor. — Ele abaixa, planta um beijo nos meus

NACIONAIS - ACHERON

lábios e diz, mansamente:

— Chega dessas declarações emocionadas. Estamos só começando juntos e hoje é nosso primeiro dia de muitos felizes pela frente.

— Sim. Estou eufórica demais. — Dou um pulinho e o beijo animada.

Vestimos um roupão cada um e descemos. Nos últimos dias minha fome triplicou. Estou faminta e comeria um cavalo. Droga! O pensamento de comer um cavalo me deu enjoo.

O assunto sobre meu pai, volta a ser foco.

— Eu ainda pressinto que aquele aperto de mão que ele me deu no altar não foi cordial. — Sawyer diz, descendo a escada ao meu lado. Ele se refere ao meu pai o cumprimentando no nosso casamento.

Dou uma risada. Papai foi uma figura no meu casamento. Ameaçou Sawyer do início ao fim, algumas vezes só com um olhar. Parece que o temido terapeuta não é tão corajoso frente ao seu sogro ranzinza.

— Não se preocupe com isso. Eu cuido dele. — Digo, tranquilizando-o — Vou contar sobre a
NACIONAIS - ACHERON

gravidez hoje, antes de viajarmos em lua de mel.

— Essa é uma boa ideia que você teve. Assim podemos fugir para o Brasil e deixar seu velho aqui arrancando os cabelos de raiva. O velho Oscar foi ludibriado pela própria filha.

— Culpa do marido dela. — Eu dou um beliscão no braço dele e o ultrapasso na escada. Chego à sala e paro, interrompendo meu caminho para a cozinha. Só agora eu percebo o tanto de presentes amontoados pela sala de Sawyer. Agora minha sala também. Na noite passada chegamos tão loucos que nem reparei.

— Uau! — Exclamo e caminho para perto.

Há pacotes de todos os tipos e tamanhos. Em todos os lugares. No sofá, no tapete, sobre a mesinha.

— Acho que não vamos ter tempo de desembulhar tudo. — Sawyer analisa, se postando ao meu lado.

— Mas alguns eu faço questão de ver. Procure o dos rapazes. Vou procurar o de Candice.

Eu até esqueço da fome. Corro como uma criança para a pilha de presentes. Há centenas de
NACIONAIS - ACHERON

nomes que eu não conheço. Sawyer nem procura direito, vai para uma caixa enorme embaixo de mais outras. Ele joga as pequenas no chão e olha o cartão. Entusiasmado diz o nome de um cantor famoso que é amigo dele. Rapidamente começa a abrir o pacote e eu corro para perto. Não acredito que eu estou ganhando presente de celebridades. Onde eu poderia um dia na minha humilde vida imaginar algo assim?

Ele acaba de rasgar o papel e não é minha surpresa que seja algo chique e exclusivo. O cara teve o cuidado de pedir peças personalizadas para decoração. Não sei se esses conjuntos de vasos e prataria são verdadeiramente chineses, mas que são luxuosos, não posso contestar. Tenho até medo de tocar e quebrar.

— Cacete! Que lindos! — Eu grito eufórica. Tenho agora uma nova Marianne. Uma casada e dona de casa. Ela está dando cambalhotas, eufórica. Sawyer não fica tão animado. Enquanto eu festejo com as peças super luxuosas, ele volta para o monte de caixas.

— Olha, encontrei o de outra celebridade.
— Ele segura uma caixa de veludo na mão. Corro

igual um foguete para perto. Candice vai morrer de inveja, ela até dias atrás se gabava de ter ganhado os melhores presentes de casamento.

— Abre, abre, abre. — Bato palminhas, ele ri e abre um fecho na caixa. — Deus Santo! — Meus olhos brilham e quase vomito arco-íris. É um jogo de talheres de prata de não-sei-quantas-peças. Nada disso estava na minha lista de presentes. Estou impressionada.

Como se fossem de ouro eu passo os dedos nos talheres, admirando-os.

Mais uma vez Sawyer apenas sorri e me deixa irradiando felicidade. Me animo e corro para pegar mais caixas e várias coisas maneiras vão aparecendo.

Uma chopeira preta e prateada que faz Sawyer comemorar. Um kit de fondue para as noites de inverno, um aparelho de jantar de 60 peças tudo porcelana caríssima, que me deixa abobalhada.

Eu ainda não acostumei a ser mulher de celebridade, é claro que nessas caixas só vai ter esse tipo de coisa. Eu estava tão entusiasmada com

esse momento que até proibi Sawyer de abri-los sem minha presença. Sim, por que quando há um casamento a noiva se sente dona de todos os presentes. Os homens nem ligam para essas coisas.

— Achei o de Rick e Dakota. — Sawyer me mostra uma cesta gigante com papel bonito e um laço enorme.

Ele empurra umas caixas e senta no sofá com a cesta no colo, corro e me ajeito ao lado dele. Dentro há um champanhe, taças de cristal, uma caixa de trufas de marca nobre, vários géis de massagem comestíveis, dados do sexo, preservativos de diferentes aspectos que fiquei tentada em ver como funcionava e até duas camisas. A minha estava escrito: “Grávida consegue tudo” Abaixo da imagem de uma noiva grávida levando o noivo amarrado para o altar. Na de Sawyer estava escrito: “Game over” abaixo da imagem dos noivos e uma corrente amarrada no pé do noivo.

— Achei machista. — Jogo as camisas e Sawyer gargalha tentando me beijar. Empurro a boca dele sem querer dar papo.

— Machista, Mary? É engraçado.

— Não achei. Quer dizer que só casou comigo por que estou grávida? Foi algemado? Foi game over para você?

— Tá, relaxa. É uma brincadeira. Sabe que não é nada disso. Vamos abrir outro. — Sawyer começa a olhar as caixas ao redor, na tentativa de amenizar o clima.

— Seu amigo não sabe que o game over deveria ser na minha camisa. — Resmungo.

— Está arrependida de ter se tornado a sra. Graham? — Sawyer deixa os presentes de lado e me abraça, fazendo carícia com o nariz no meu pescoço.

Sorrio já manhosa. Esse cara sabe como me deixar calma.

— E perder todos esses benefícios? — Aponto para as pilhas de presente. — Além do mais vim para uma cobertura no Upper East Side. Então, não estou arrependida.

Ele dá uma gargalhada.

— Interesseira.

— Sou mesmo. Interessada no

terapeuta gostoso só pra mim. Agora cala a boca e pega aquela caixa que estou achando suspeita. — Aponto para uma caixinha que parece uma maleta.

— Fui ludibriado pela paciente tarada. — Ele pega a caixa no chão e me entrega. Olho o cartão preso por uma fita.

— Olha, amor. É do Nelson.

— Já até suo frio ao imaginar o que aquele filho da puta pode nos dar de presente. — Ignoro o relinchar raivoso de Sawyer e abro o cartãozinho. Dou uma gargalhada assim que leio e entrego a ele o cartão que acabei de ler.

Felicidades aos noivos. Divirtam-se muito enquanto essas pestes não nascem.

Sawyer amigo, não dê trégua na cama para essa garota e pare de fazer filhos, pelo amor de Deus!

Ps.: Mary, lembre-se que ainda existe divórcio caso se canse dessa cruz que você pegou para carregar.

Felicidades.

Nelson.

— Eu ainda estou decidindo como vou matá-lo — Sawyer diz compenetrado encarando o bilhete, enquanto eu inspeciono a maleta. É veludo, parecendo a dos talheres. Será que Nelson me daria coisas de casa? Ele não me decepcionaria. Abro e dentro há uma caixa com os dizeres: “Força tática”.

— Brinquedos! — Grito animada. Sawyer também se anima, olho para o sorriso dele e abro a maleta. Há uma fantasia masculina de policial com direito a distintivo e quepe. Dentro de um estojo forrado de espuma, há um revolve preto com cano em formato de pênis. Tem algemas, um chicote de montaria, duas coisas que Sawyer me disse ser plugs anais e um vibrador feminino. Do outro lado da caixa tem um óleo de massagem e mais preservativos personalizados.

— Eu sabia que seus amigos nos daria os melhores presentes. — Chocada, Pego o revolver pênis e fico olhando, o troço é enorme. — Olha o tamanho disso! — Sem eu esperar, Sawyer toma da minha mão e joga longe; quase acerta a tv caríssima.

NACIONAIS - ACHERON

— O que deu em você?

— No meu rabo ninguém mete isso e você já tem um aqui: — aponta para o pênis dele — que é muito melhor e maior que essa coisa. Sossegue Marianne.

Estou magoada. Minhas Mariannes querem brincar com o revolver peniano.

— Sawyer, isso é um brinquedo. Não é para competir com seu pênis... fazer duelo.

— O meu está te satisfazendo?

— Sim, mas...

— Então pronto. Isso aí não entra na equação. É lixo. — Ele se levanta e estende a mão para mim. — Vamos comer alguma coisa, esse negócio me deixou nervoso. Teremos tempo de sobra para abrir os presentes mais tarde.

—Não pode deixar essa coisa aí no meio da sala. E se minha mãe vir aqui?—Me levanto, seguro na mão dele, mas protesto.

— Eu vou pegar depois e ir pessoalmente enfiar no rabo do Nelson. Não se preocupe.

Acabo rindo e indo com ele para a cozinha.

Entretanto resolvo provocar, afinal acabo de saber que o ego dele em relação ao pênis é fragilíssimo.

— Pelo meu olhar, notei que o revolver-pênis é maior que o seu aí, no meio de suas pernas.

Horrorizado, Sawyer me olha.

— Então casa com ele. Transa com ele de agora pra frente. Vai, é todo seu. — Deixa minha mão de lado e caminha na frente chegando a cozinha. — Já que o pau terapêutico não lhe serve mais, fique com o de borracha. — Carrancudo abre a geladeira e eu o abraço por trás.

— Oh peninha de meu marido! Tá furioso, amor? Fica assim não. São apenas centímetros. Não vai sentir ciúmes de um brinquedo né?

— Vá se foder. — Resmunga. Rindo, deixo-o de lado e me sento no banquinho do balcão.

— Seus filhos estão reclamando de fome. Deixe de cara feia e venha alimentar a gente logo. Te amo.



DOIS

Sawyer

Ah! O primeiro dia de casados! Não sei ainda qual a sensação. Eu acho que é prazer, contentamento e uma pitada de pânico. Sim, não deixa de ter o pânico. Não sei o que fazer, como proceder e serei responsável por duas vidas que estão chegando. Acho que todo homem sente uma pitada de pânico quando casa. No meu caso é ainda pior, pois escondi segredos graves de minha esposa.

Sobre mudanças, não aconteceu nada até agora. Não estamos fazendo nada de diferente do que fazíamos antes. Mas algo está mudado hoje. Eu

NACIONAIS - ACHERON

não sei explicar, nada em mim mudou, mas ao mesmo tempo não sou mais o mesmo, parece que com essa aliança no dedo eu carrego uma nova essência, um novo propósito. Não sei se isso tem a ver com todas as responsabilidades que acabam de cair sobre mim, sendo o homem da casa, tendo que proteger uma esposa e filhos que já estão a caminho, ou se é o fato de ser capaz de formar uma família, minha própria família. Não ser totalmente um zero a esquerda.

No mundo existem milhões de solteiros, milionários ou pobres sem nenhum interesse de casar, fugindo enlouquecidos da palavra compromisso, como eu era no início desse ano. Casamento não fazia parte do meu vocabulário e foi bom eu ter mantido essa doutrina, não ter me precipitado e buscado outra pessoa. Acho que inconscientemente eu estava esperando por ela. Se esses milhares de solteiros soubessem como é maravilhoso ter esse sentimento de posse, de amor pleno e de ser capaz de criar uma família, mesmo tento a pitada de pânico, iriam logo a procura da sua metade da laranja.

E olha eu aqui pensando isso. Logo eu, o

machão insensível que via a mulher apenas como a parte chata ao redor da boceta.

Julguem-me, homens do mundo, não me importo.

Termino o café, sirvo uma caneca para ela e abro a geladeira encontrando uma bandeja generosa com sobras do nosso bolo de casamento. Trago para fora, pego pratos, talheres e me junto a ela no balcão para comer. Marianne come como uma leoa morta de fome. Eu fico impressionado e deslumbrado, daqui uns dias ela estará linda com um barrigão.

Continuo assistindo-a comer com satisfação. Os lábios se movem com sincronia, ela olha para o nada, pensando longe. Minha esposa, minha amada. Ela carrega no ventre a minha semente, o fruto da nossa paixão.

Sim, estou mesmo apaixonado, eu a amo e sou capaz de qualquer coisa para mantê-la segura, ao meu lado. E sentir isso tudo, não me faz menos homem e sim aumenta meu ego masculino.

Ela olha para mim e me flagra deslumbrado fitando-a. Um sorriso desbota nos lábios.

— O que foi? — Pergunta meio desconfiada. Ela sabe que se casou com um obcecado e tudo é motivo de suspeita.

— Eu te amo. Muito. — Eu digo e ela se derrete fazendo uma carinha fofa.

— Eu sei, amor. — Dá uma piscadinha para mim, me fazendo sorrir mais ainda. Pego outro pedaço de bolo para mim.

— Não sei se você concorda comigo, mas bolo de casamento no dia seguinte é a melhor coisa para comer com café.

— Meu Deus! A cada dia que passa vejo que nós dois temos os mesmos gostos. — Ela concorda. — Amo bolo de festa de manhã no café.

— Só tem uma coisa melhor que bolo no dia seguinte. Que é...? — Eu deixo a pergunta no ar para ela completar, e toda eufórica ela fala:

— Pizza do dia anterior com café.

— Essa é minha garota. — Fecho o punho e toco no dela, como aqueles cumprimentos *brother*.



Depois de tomarmos café, imersos em lembranças do evento da noite anterior, Marianne e eu decidimos irmos logo para a casa de Candice. É bom chegarmos mais cedo para confraternizar com as pessoas que estarão lá presentes. Eu ainda me sinto inseguro quanto a família de Mary e todos seus amigos, mas eu sou um homem decidido e vou saber conduzir a situação para um caminho agradável. Isso se não bater de frente com o Sr. Oscar Cooper.

Marianne leva os pratos sujos para a máquina e eu saio para atender meu celular que toca na sala. Demorou um pouco para encontra-lo e quando encontrei, vi que era Henrique.

Me posiciono de pé no meio da sala, rodeado de presentes enquanto falo com ele. Marianne vem e diz que vai subir para se vestir e que eu não me atrevesse abrir os presentes sem ela. Eu faço um gesto afirmativo e continuo a conversa. Henrique ligou apenas para me desejar boa viagem para o Brasil e claro, ele não consegue viver sem mim. Já está morto de saudades.

Ando pela sala, toco em algumas caixas, rio de algumas bobagens que ouço ao fundo. É a voz de Larry.

Uma caixa retangular e grande me chama atenção. Ela é vermelha e muito bem confeccionada. Está afastada, em cima de uma poltrona. Mary não quer que eu abra os presentes sem ela, mas a curiosidade fala mais alto. Caminho para perto e olho o cartão amarrado em uma fita branca.

De: Amanda

Para: Os noivos Sawyer e Marianne.

Quase infarto quando leio o remetente. Digo a Henrique que ligo mais tarde e jogo o celular longe. Nem espero ele se despedir. Pego a caixa e me sento na poltrona. Olho para os lados, Marianne ainda está lá em cima se arrumando. Puxo as fitas brancas e respiro meio aflito, levanto a tampa e o que eu vejo me desespera. Dentro há vários filmes em DVD. Ignoro-os e pego o bilhete que está em cima.

Marianne, sinto-me na obrigação de apresentar a você alguns trabalhos épicos do seu marido. Você, assim como muitas, se apaixonou pelo doutor do sexo, mas sem saber que ele não passa de um devasso que gosta de sexo hardcore, ménage e BDSM. Um libertino.

Aqui nesta caixa você vai encontrar tudo que precisa para conhecê-lo melhor. Desde filmes gloriosos que ele fez ao lado dos amigos (e que hoje são seus padrinhos) ao recente filme que ele fez como despedida. E foi um dos melhores, eu posso dizer.

Divirta-se vendo tudo isso.

Obs: se Sawyer achou a caixa primeiro, quero que saiba que isso foi só o comecinho, quero te lembrar de que tenho um arsenal inteiro para mostrar a verdade para sua doce esposa.

Felicidades aos noivos.

Entro em pânico, a aflição me consome. Sem saber o que fazer, tenho o impulso de sair correndo com a caixa ou joga-la janela abaixo. Mas não movo um músculo. Tenho que pensar na

velocidade da luz e com a mais pura racionalidade. Então pego-a e corro para o meu escritório. O celular na mão já com uma ligação sendo feita. Me tranco lá dentro e assim que Henrique atende eu o encharco de palavras.

— Rick, preste bastante atenção. Preciso de sua ajuda.

— Cara, calma, você está afobado.

— Amanda atacou. — Cuspo as palavras quase com asco — Ela me mandou um presente de casamento no estilo Amanda. Há em uma caixa toda safadeza de minha vida. Incluindo vídeos amadores nossos.

— Cacete! — Rick exclamou mostrando uma aflição parecida com a minha, na sua voz.— Marianne viu?

— Sorte eu ter achado primeiro.

Quando penso que estávamos felizes minutos atrás abrindo juntos os presentes, um frio toma meu peito. Se ela encontrasse isso eu estaria eternamente fodido. Marianne precisa saber, mas não agora, não dessa forma. Vou encontrar a maneira mais fácil e indolor de contar a ela.

— Cara... não seria melhor abrir o jogo de uma vez? — Henrique aconselha — Vocês estão casados... se gostam...

— Não venha com ideias mirabolantes, Rick. Estou com lua de mel preparada e não haverá nada que me impeça.

— Não é ideia mirabolante, porra. É a verdade. Isso tudo é seu passado, não é algo tão grave, mas enganá-la dessa forma é grave.

— Vai ou não me ajudar? — Começo a perder a paciência.

— Ok. A vida é sua, você decide. — Posso imaginar Henrique do outro lado arfando de revolta — O que eu tenho que fazer?

— Só preciso que me ajude a esconder essas merdas. Mary e eu estamos de saída, vamos almoçar na casa de Candice. Te darei a senha do elevador e deixarei uma cópia da chave naquele vaso de plantas.

— Sei.

— A caixa é vermelha e está no meu escritório. Pegue-a e de fim nela. Ou melhor, leve-a para meu consultório. Ele está abandonado mesmo,
NACIONAIS - ACHERON

depois eu irei lá e acabo com as provas. Deixarei na caixa a senha e a chave do consultório.

Achei melhor eu mesmo acabar com esse presente de Amanda. Lembrei-me do ditado que diz: “se quer algo bem feito faça você mesmo”.

— Farei isso, Graham. Fique despreocupado. Aproveite essa sua viagem e coloque as ideias no lugar. Pense bastante se quer que seu casamento dure mais de uns meses. Mary precisa saber de sua boca e não por terceiros.

— Pode deixar. Muito obrigado, Rick. Te devo essa cara.

— Deve o que?

Ouçõ a voz de Marianne e me viro rápido. Meu instinto vai para a caixa vermelha na poltrona do escritório. Despeço rápido de Rick e divido minha atenção entre a caixa de Amanda e ela.

— Rick está ajeitando as questões do meu carro. — Mantenho a calma e atuo — Já está pronta?

Cubro a visão da caixa com meu corpo. Marianne olha sorridente para mim.

— Quase. Vim procurar minha bolsa na sala, mas você ainda está muito apetitoso só de cueca. Vá se trocar por favor.

— Eu fico chocado com essa sua tara por cuecas. — Abraço-a e levo para fora do escritório. Nunca que eu ousaria sair e deixar Marianne aqui dentro sozinha.

— Não qualquer cueca, meu amor. A propósito, falando em cueca, eu tenho que lembrar em colocar o presente de Nelson na nossa mala.

— Meu Deus, que safada. — Demonstro um falso espanto — Vamos ser presos na alfândega se eles encontrarem aquela coisa na nossa mala.

— Mal posso esperar para ir para a cadeia com você. — Ela se vira de frente para mim.

— Isso é um fetiche?

— Só se você for meu carcereiro. — Marianne provoca, agarrada ao meu pescoço. Jogo a cabeça para trás em uma risada alta.

Quem viver verá. E eu vivi para ver a transformação da designer austera que entrou em meu consultório a essa mulher linda e descontraída, minha esposa, sem medo e sem cerimônias para

NACIONAIS - ACHERON

comigo. Beijo-a delicadamente, sentindo o sabor de glacê ainda impregnado nos lábios dela. Não posso mesmo colocar minha felicidade com ela em risco. Preciso minar todas as tentativas de Amanda de me destruir. Pelo menos até eu abrir o jogo para Marianne.



Quando o carro parou na porta de Candice, inevitavelmente eu lancei um olhar temeroso para Marianne. Ela logo percebeu meu desconforto e acariciou meu braço.

— Deixa de covardia. Você é da família agora, ninguém aqui vai fazer nada. Quero ver o homem destemido e sem vergonha que conheci, que até mesmo foi ao meu trabalho me procurar.

— Tem toda razão. Estou bem. — Sorrio para ela. — Estou ótimo. — Respiro fundo e desafivelo o cinto. Marianne me segue para fora do carro, passa o braço entorno do meu e caminhamos para a porta.

— Pronto?

Ela deve mesmo estar brincando em me perguntar isso. Eu nunca estarei pronto para um almoço de confraternização na casa de pessoas hostis. Na casa de Candice para ser mais específico. Fico pensando se aquele cessar fogo dela foi verdadeiro, ainda mais depois que me confessou que participou de um grupo intitulado: “Viúvas do Terapeuta”. Doentio, amedrontador. Eu nem contei isso para Mary, acho que ela não precisa saber que sua grande amiga estava obcecada por mim. Se bem que acho que Marianne já desconfiou, mas minha esposa é civilizada e deve ter escolhido não fazer escândalo.

Dou um olhar fingindo desinteresse e Marianne sorri.

Logo dois pares de olhos azuis aparecem a nossa frente. Eles primeiro me fitam com um pouco de descaso e depois se voltam para Marianne. Candice dá um gritinho e abraça Mary. Só depois que as duas se abraçam e dizem coisas no ouvido uma da outra que eu fui cumprimentado com um seco: “Oi Graham”.

Eu sigo as duas pela casa, vou olhando tudo a minha volta, conhecendo o campo inimigo.

Marianne lança um olhar para mim que eu decifro imediatamente: “não desgrude de mim”.

Enlaço meus dedos nos dela e juntos chegamos a sala onde todos já estão reunidos. É muita gente, gente que eu conheço muito bem. Os pais e a irmã de Leopoldd, os pais de Candice, Alice e meus sogros, além é claro, dos donos da casa. Fico meio sem jeito, um sorriso amarelo nos lábios e as mãos enfiadas nos bolsos da calça.

Sei que Leopoldd não gosta muito de mim, mas ele é educado e vem logo me cumprimentar com um sutil aperto de mão.

— Graham, fique à vontade. Junte-se a nós nos drinques. — Ele faz um gesto indicando Oscar e o pai dele.

— Claro.

Digo a ele e dou um oi geral (muito caloroso por sinal) mas com Oscar, faço questão de apertar a mão dele.

— Que horas é o voo de vocês, meu anjo?
— Rose pergunta quando Marianne senta ao lado dela.

— Às cinco. Estou superansiosa, mamãe.

— Sua avó não cansa de me ligar. Já está muito ressentida por não poder vir ao seu casamento, você tem que fazer uma visitinha a ela.

— Lógico. Sawyer e eu iremos.

Eu gosto de ouvir Rose conversar. Ela tem um sotaque engraçado, as vezes mistura as línguas falando algumas palavras em português. Como por exemplo, “anjo”. Ela não disse a palavra em inglês e eu suponho que ela quis dizer “angel”. E mentalmente eu fico repetindo a palavra em português. “Anjo, anjo...”

Marianne e Alice não tem esse sotaque. Isso porque saíram cedo demais do Brasil. Decido que vou querer que meus filhos aprendam o idioma da avó deles, até eu já estou estudando algumas palavras.

— Sawyer, nos conte sobre o projeto do Kayla em Washington. — Leopold pede. É nítido como ele está tentando me enturmar. Apesar de não ir muito com minha cara, nós dois nos aproximamos muito durante os preparativos do casamento. Ele foi meu padrinho e até foi em minha despedida de solteiro. Acho que foi só como espião de Candice mas tudo bem. Ele abre uma

NACIONAIS - ACHERON

cerveja e me entrega.

— Marianne disse que você gosta, mas eu não sabia qual a preferida. — Ele dá de ombros em um pedido de desculpas.

Olho para a cerveja.

— Sem preocupações, Leo. Essa está ótima.

A conversa flui normalmente até a hora do almoço. Noto como a irmã de Leopoldd não tira os olhos de mim. Chegou tarde baby, se fosse outra época eu daria um jeito de trocarmos uma ideia.

Os olhos de Marianne pesam sobre mim, ela sabe que eu analisei momentaneamente a bela jovem. Não a analisei com desejo, atualmente tenho foco apenas na minha esposa, isso é algo que nunca imaginei que sentiria. Olhar uma jovem linda me dando mole e nem ligar. Mas então eu olho para o outro lado e vejo Mary conversando alegremente com o pessoal e meu coração acelera.

Finjo para Marianne que nem notei o olhar dela sobre mim, continuo conversando normalmente com os homens até que somos conduzidos para a sala de jantar. Candice parece preocupada enquanto nos servimos da comida que

ela preparou. Fica em alerta esperando que alguém diga algo. Eu olho para Marianne e vejo nos olhos dela um pedido para que eu elogie a comida da amiga. Não precisava do pedido latente de Marianne, estava mesmo muito gostoso.

— Leopoldd, devo parabeniza-lo. É um homem de sorte. Candice te laçou pelo estômago, pode falar. A comida está deliciosa. — Eu soltei o elogio após a primeira garfada no peixe ao molho de ervas. Candice arregala os olhos e um sorriso em minha direção brota nos lábios. Seguindo meu elogio, vários outros na mesa afirmam o que eu disse.

— É. Eu sei. — Leo dá um sorriso amplo e vira-se para beijar os lábios da esposa ao lado. Mas não é só Candice que vai ganhar um elogio, quero dar méritos a mais uma pessoa, mesmo ela não tendo feito a comida.

— Também devo dizer que sou um homem de sorte. Essa garota aqui é uma gênio diante do fogão. — Seguro a mão de Marianne. — Pena que não possa cozinhar sempre, Mary tem a vida dela e não se casou para se enfiar na cozinha.

— Obrigada, amor. — Os olhos dela brilham

NACIONAIS - ACHERON

felizes da vida. Volta-se para o pessoal a mesa e diz:

— Nós estamos pensando em contratar alguém para trabalhar lá em casa. Mesmo ansiando para cozinhar nossa própria comida, vai ser difícil eu dirigir tudo sozinha, tenho o escritório e ainda as crianças a caminho.

Ela nem se deu conta do que disse. Olhou para mim espantada e engoliu a saliva pesadamente. Apertei mais uma vez a mão de Marianne e juntos esperamos as perguntas dos outros. Menos de Candice e Leo que já sabiam.

— Alguém precisa de mais molho? — Candice pergunta risonha tentando tirar o foco do que Marianne disse.

Mary faz um gesto para ela que está tudo bem e antes do pai ou da mãe raciocinar e perguntar ela confessa:

— Pai, mãe. Eu não... — dá uma tossida de leve falsa — Quero dizer, nós, Sawyer e eu, não contamos antes para não parecer que estávamos casando por isso. Quero deixar claro que eu amo meu marido e ele me ama. Esse foi o motivo mais

forte para nos levar ao altar.

Oscar e Rose pararam de comer e olha atentamente para a filha.

— Estou grávida.

Ela soltou, seco e direto.

Todos se entreolharam, menos Candice e Leo que tentaram parecer avoados. Mary e eu encaramos todos com o queixo erguido.

— Grávida? — Rose indagou meio cética.

— Sim, mãe. Já estou com dez semanas. E espero gêmeos.

— Gêmeos? — Ela tornou a indagar muito mais cética. As mãos na boca e os olhos arregalados. Lentamente eles começaram a voltar ao normal e uma lágrima desceu pelos olhos dela. Oscar ainda olhava para nós dois sem dizer nada, mas foi o primeiro a se levantar. Eu pensei: fudeu! Mas o que ele fez foi inesperado.

— Minha querida, porque não nos disse antes?

Ele fez Marianne se levantar e a abraçou com força, como se a estivesse protegendo de algo.

De mim, só pode. E eu tive certeza de que ele pensava isso quando se afastou de Marianne e olhou para mim meio incriminador.

— Você não perde tempo não é rapaz? — Apertou minha mão e me puxou em direção a ele me dando um abraço. Eu estava meio sem jeito, sem esperar. — Netos são os melhores presentes que podem nos dar. Vocês dois fizeram esse velho feliz.

Rose também veio me abraçar e dar parabéns. E disse:

— Talvez agora, com netinhos, Oscar decida deixar aquele rancho e vir de uma vez por todas para Nova Iorque.

— Ah! É o que eu sempre disse. — O pai de Leo gritou todo alegre.

— Eu só não queria ser alvo de comentários maldosos, pai. — Marianne explicou depois que recebemos congratulações por todos os presentes. — Eu me casei com uma celebridade e esse simples fato geraria matérias maldosas. Não estou preparada para isso.

— Pelo menos para seus pais deveria ter

contado. Ou será que teve alguma manipulação para que ficasse calada?

Lógico que eu e metade da população mundial percebeu a indireta de Oscar. Ele simplesmente não cansa de me alfinetar, mesmo depois de me agradecer por ter feito netos para ele.

— Se isso foi uma indireta para Sawyer, fique sabendo, papai, que ele foi o último a descobrir. Eu não contei nem mesmo para ele, apenas Candice sabia.

Fico deslumbrado em vê-la me defender diante da família. Troco um olhar esnobe com Candice que revira os olhos para mim.

— Eu descobri por acaso. — Expliquei.

Cobri a mão de Marianne e sorrimos um para o outro.

— Esse é de longe o melhor presente que já ganhei. — afirmo vendo nos olhos dela a alegria gerada pelas minhas palavras.

— Eu não sabia que você tinha inclinação para ser pai. — Oscar resmunga.

— Nem eu sabia. Mas o instinto paterno é

automático. Assim que soube da notícia, meu coração inchou de felicidade. Você sabe como é isso não é Oscar?

Trocamos olhares inflamados e ele concorda comigo balançando a cabeça e dizendo um baixo: “é claro”.

Voltamos a comer e o assunto continua girando em torno da gravidez de Marianne. Eles querem saber de tudo e ela com muita euforia esclarece cada coisa. A data do nascimento, o que a médica disse nas consultas, quando vamos descobrir o sexo dos bebês, se eu prefiro dois meninos ou duas meninas.

Assim que o almoço termina, nos despedimos de todos. Ainda há os últimos preparativos para a viagem. Meus sogros dão um milhão de recomendações para a filha como se ela fosse uma adolescente indo para uma excursão. Sem falar que Oscar desconsidera totalmente que eu sou o marido dela. Acho que ele pensa que sou um maníaco ou algo assim. Se ele sonha com um terço da minha vida passada prevaricadora...

Esse pensamento me faz relembrar de ontem à noite, quando eu confessei ao reverendo Campbell sobre minhas práticas fornicarias. Eu me senti leve falando com alguém que não fosse a galera do meu passado sem-vergonha. Na verdade, eu queria ter deitado num divã e contado tudo a Marianne, ela é a principal interessada em tudo, mas eu a veria ir embora para sempre se falasse. Não sei ainda quando vou dizer, mas terei que fazer isso rápido, antes de Amanda atacar.

— Foi difícil?

Marianne me pergunta quando entramos no carro e eu deixo meus pensamentos sórdidos de lado. Prendo o cinto de segurança e olho para ela sem entender a que se refere.

— O almoço. Foi difícil?

Assinto, respirando aliviado.

— Difícil, mas não insuportável.

— Eu tenho certeza que teve outra pessoa que não achou nada insuportável almoçar peixe e cobiçar marido alheio.

Eu tinha certeza que Marianne não esqueceria aquilo tão cedo. Me enveredei nessa
NACIONAIS - ACHERON

vida de casado, agora tenho que aguentar as consequências. Ter que dar satisfação a tudo para ela é mais que meu dever. Porém sou homem e como um bom homem, tenho que negar até o último suspiro.

— Oi? Não sei mesmo que insinuação foi essa.

— Não se faça de tolo Sawyer. Eu e todos ali percebemos os olhos gordos da irmãzinha de Leo em cima de você.

— Marianne, eu não percebi e mesmo se percebesse, não posso fazer nada. Não posso impedir ninguém de me olhar. Fazer o que se sou tão irresistível?

De boca entreaberta e olhos saltados, cara de incredulidade, ela me encara.

— Não acredito que você ainda continua convencido mesmo depois de casado.

— Minha vaidade só aumentou, meu bem. E eu confesso que até tento não ser gostosão todos os dias, mas é natural.

— Eu devo supor então que tirei a sorte grande roubando você para mim antes de qualquer

NACIONAIS - ACHERON

outra?

— Melhor que ganhar na loteria. — Pontuo. Meu queixo empinado. — Você não poderia ser mais sortuda Mary. Deve ganhar os parabéns por ter conseguido o melhor cara para estar na sua cama todas as noites. Sim, estou falando de mim.

Marianne solta uma gargalhada estridente, de pura chacota.

— Eu até entendo seu sofrimento, meu amor. É mesmo difícil ser esposa de homem bonito. — Continuo me afogando em orgulho.

Ela termina de rir e sacode os cabelos:

— Eu mereço.



TRÊS

Marianne

Nossas malas já estão prontas e isso dá uma vantagem para que eu e Sawyer possamos fazer o que quisermos até o momento de ir para o aeroporto. Ele já ligou para um motorista do hotel vir nos buscar. Estamos com tempo de sobra e o que um casal recém-casado faz quando tem tempo de sobra? Isso mesmo. Sexo.

Eu gritei, ri, arranhei as costas largas do meu marido, ele mordeu minha bunda, eu ri mais, corri, ele me pegou, fodemos mais e acabamos caídos e

NACIONAIS - ACHERON

exaustos em frente a lareira do quarto.

— Desse jeito eu vou passar vergonha no aeroporto, andando com as pernas tortas. — Eu digo. Estou deitada aconchegada a Sawyer usando o braço dele como travesseiro. Ele dá uma gargalhada calorosa.

— Culpa sua que gosta de uma trepada forte.

Me lembro de algo e sento rápido, jogando meus cabelos para trás.

— Sawyer e aquela história sobre sexo anal? Candice me contou umas coisas e estou bem curiosa. — Sinto brilho nos meus olhos. Ele sorri de orelha a orelha animado com o assunto.

— Só marcar o dia e o horário que eu como essa sua bunda gostosa.

Dou um tapa no braço dele. Estou pasma com esse palavreado.

— Para de falar essas coisas. Eu sou sua esposa.

— Minha esposa que tem uma bunda gostosa e que eu quero comer.

Dou uma risada e ele me puxa de volta para

cima dele, envolvendo meu corpo com seus braços. Nossas pernas parecem imãs, basta tocar que elas se entrelaçam. Ele morde meu lábio, está todo faceiro e aceso, dá um sorrisinho e sem esperar mais, eu avanço para beijá-lo.

— Então Candice andou colocando safadezas na sua mente? O que aquela safada te contou?

— Não posso te falar. Me contou intimidades dela com Leo.

— Por que não pode me falar? Contou sobre nós para ela?

— Lógico. Mulheres falam sobre isso. Além do mais, você nem é novidade para Candice.

Sawyer fica sério e sei que o assunto o deixou desconfortável. Eu e minha boca grande! Eu mesma pedi que não queria ele lembrando dos tempos de terapeuta e que esteve com Candice, agora como ironia, eu mesma toco no assunto.

— Te incomoda o fato de eu já ter comido sua melhor amiga? — Ele questiona, tirando uma mecha de cabelo dos meus olhos.

— Sim. Muito. Eu nem devia ter tocado

NACIONAIS - ACHERON

nesse assunto. E procuro não pensar nisso nunca. A única coisa que me conforta é que vocês se detestam. Ela até disse que o sexo com Leo é bem melhor que com você.

Sawyer senta horrorizado.

— Ela falou isso? Que vaca! Quase morreu quando eu disse que as sessões acabariam. Você sabia que ela foi me ver um dia antes do nosso casamento?

— Sim, eu sei. Você me contou. Para de remoer. É lógico que ela deve ter falado isso para me tranquilizar. E convenhamos que Leo é um tesão também.

— O que? Que história é essa de tesão?

Sawyer segura meus braços atrás das minhas costas, me imobilizando e me puxa para perto dele. Sinto o pau encostar no meu ventre.

Me faço de durona e decido provoca-lo. Sawyer é possessivo e gosto de provocar essa característica dele.

— Ele é bonito, Sawyer. Claro que nem chega aos pés do meu marido.

Meus lábios se abrem em um sorriso feroso e ele sorri também.

— Marianne, eu sou meio doido, obsessivo e possessivo. Não gosto de ficar ouvindo essas coisas.

— Fico lisonjeada.

Me solto com facilidade e me levanto, dando um empurrão no peito dele fazendo-o cair deitado contra as almofadas.

— Onde vai?

— Atender o celular que não para de tocar.

Sawyer levanta e vai para o banheiro. Dou uma olhada para a bunda dele e recebo uma piscadinha quando ele me flagra olhando-o.

— Venha me ensaboar, Mary. — Ele me convida e some para dentro do banheiro. Quero isso mesmo. Corro procurando o celular e quando vejo que é um número desconhecido decido atender, afinal meus pais estão aqui na cidade. Nunca se sabe.

— Oi.

— Parabéns pelo casamento, querida.

É Ryan. Meus olhos reviram automaticamente e solto um resmungo baixo. Saio do quarto e entro no outro quarto em frente.

— O que você quer Ryan? Pode por favor parar de ligar?

— Nunca vou conseguir digerir sua traição Marianne. Ainda não acredito que se casou com aquele imbecil depravado. Tudo que tínhamos, tudo que me falava... você é uma pilantra traiçoeira.

Droga, eu devia ter desligado e corrido para o banheiro com Sawyer. Mas minha Marianne encenqueira comandou meus passos, ela quer brigar com Ryan.

— Eu? Eu estive com você até o último momento, Ryan. Eu tentei manter vivo nosso romance, mas você me chifrou, me humilhou em um caso com minha irmã. Já parou para pensar sobre isso? Em como você é um maldito cafajeste?

— Você me traía antes com esse psicótico.
— Ele berrou num tom de voz que eu jamais achei que Ryan pudesse ter. — É uma cadela safada, não tem o direito de apontar minhas falhas.

Também elevo meu tom de voz. Estou morta

de raiva:

— E nem preciso mais, seu cretino. Eu estou casada, tenho uma vida com um homem que amo. Você deve seguir sua vida também e parar de me atormentar, desgraçado.

Olho para a porta e quase desmaio. Meu coração para por segundos quando vejo Sawyer me olhando com olhos semicerrados. Foi como se eu tivesse sido pega fazendo coisa errada.

— Vou desligar agora.

— Espere. Eu não liguei para afrontar. Liguei apenas para te contar o que acabei de descobrir sobre seu maridinho perfeito.

— Eu não quero saber nada.

Sawyer se aproxima. Está com pose de briga. Com mãos na cintura e olhando para mim com olhos flamejantes.

— Sabe ao menos o que ele fazia antes para ganhar dinheiro? Em como ele é trapaceiro e libertino? O cara comia as...

—Vá se danar! — grito com Ryan. — É lógico que sei o que ele fazia. Ao contrário de você,

Sawyer não é falso. Ele me conta tudo.

E meu marido já está ao meu lado bufando de raiva.

— Será que ele te contou que antes de ser terapeuta ele era um...

Sawyer toma o celular da minha mão.

— Pare de importunar minha esposa ou eu vou me certificar que você não vai conseguir nem falar.

Eu não sei o que Ryan falou. Mas seja lá o que tenha sido, deixou Sawyer mais nervoso ainda. Ele até arregalou os olhos bem surpreso com o que ouviu.

— Se descobrir que você ao menos sonhou em ligar para ela eu acabo com sua raça. — ele desliga o celular e o joga na cama.

Fica de costas para mim. Se recompondo.

— Não se importe com Ryan. — Vou em direção a ele e massajeio os ombros tencionados. Ele se vira furioso.

— Por que ainda cisma de atender as ligações dele? Por que Marianne?

— Calma! Eu não reconheci o número.

— Desligasse quando descobrisse quem é. Será que é tão difícil para você entender que eu não quero você ao menos pensando nesse sujeito?

— Não foi minha culpa, Sawyer. — Tento argumentar.

— Você teve sua parcela de culpa. Sempre diz que a culpa não é sua, mas volta e meia está falando com esse desgraçado. Me acusa com direito a dedo apontado.

— O que está falando? Ficou louco?

— Não venha se fazer de desentendida, Marianne! Eu quero transparência no nosso casamento, sem segredos, mas você sempre dá corda para ele.

— Sawyer, você está sendo...

Ele não espera eu argumentar e mais exaltado que o normal dá o veredito.

— Se quer mesmo ficar comigo, é sendo sincera e tirando esse cara de vez das nossas vidas.

— Ele não está na minha vida...

— Eu espero que quando ele ligar de novo

ou tentar forçar um encontro, você não dê conversa. Que inferno! — sai revoltado me deixando paralisada no meio do quarto, com a mão no peito, pasma com o estopim curto dele.

Eu me sento na cama sem saber o que fazer. Logo hoje que vamos viajar. Daqui a pouco o carro vem nos buscar, era para eu estar tomando um banho maravilhoso com ele, irmos felizes e sorridentes para o aeroporto, não de cara fechada.

Minhas Mariannes estão caladas me olhando. A racional quer que eu vá me explicar, a encenqueira quer que eu desmarque a lua de mel e mostre a Graham o meu valor. E a romântica me mostra que ele está apenas com ciúmes pois me ama e tem medo de outro cara se aproximar de mim.

Reconheço que errei mesmo em ter prometido a ele que nunca mais falaria com Ryan e agora teimei e atendi essa maldita ligação. O erro foi meu mesmo. Sawyer tem razão.

Me levanto da cama. Sou uma tola por ir tentar fazer as pazes. Ele que deveria vir me pedir desculpas. Ou não?

Saio do quarto e ouço o chuveiro do nosso banheiro ligado.

Entro no banheiro e Sawyer está inclinado, com a mão na parede e a água caindo sobre ele. Ele nem se mexe. A banheira está cheia, onde nós iríamos tomar banho.

— Amor... está zangado comigo? — falo com uma voz mansinha — Não quero brigar logo hoje.

Ele não se vira para me encarar. Se retesa debaixo do chuveiro, passa as mãos nos cabelos, mas não me olha.

Vou para perto do box.

— Sawyer, eu nem pensei em desligar. Quando ele começou a me insultar eu apenas revidei.

Ele vira-se e me olha. O rosto carregado. Sim está muito zangado, mas talvez não comigo e sim com aquele maldito.

Sawyer desliga o chuveiro e pega a toalha. Eu me afasto para ele passar e fico parada de braços cruzados esperando ele me responder. Ele se enxuga e enrola a toalha na cintura. Depois vai para

NACIONAIS - ACHERON

a frente do espelho mexer nos cabelos e eu me revolto.

— Então vai ser assim? Me ignorando?

Ele respira fundo e vira-se para mim.

— Se eu não tivesse chegado você teria desligado?

— Para com isso, Sawyer. Pelo amor de Deus! Eu não estava de conversinha com ele. Era uma briga, você ouviu. Não estou com saco para paranoias.

— Paranoias?

— Sim. Você sabe que eu briguei com ele, sabe como Ryan está me odiando, está morto de saber que eu me casei com você por que te amo e mesmo assim fica duvidando.

— Não estou duvidando. Eu só perguntei...

— Se eu teria desligado se você não tivesse aparecido. Como se eu estivesse namorando o Ryan pelo telefone. Eu desliguei por que eu quis.

— Da próxima vez queira também não atender. Será que pode atender esse meu pedido já que diz me amar?

— Está duvidando do meu amor?

— Eu vou parar de falar. Você está distorcendo tudo. Va tomar seu banho, o carro chega em meia hora.

Ele volta-se para o espelho e com os dedos penteia os cabelos. Apenas os joga os fios húmidos para trás e para o lado. Depois pega um desodorante e passa nas axilas. Eu continuo parada olhando.

— Sawyer, se você não virar para mim e conversar comigo, eu não respondo por mim.

Ele se vira.

— Você está mesmo disposta a me azucrinar não é, Marianne? Que saco, poxa! Será que eu posso ter dez minutos apenas para digerir o ódio que estou sentindo daquele desgraçado? Não quero acabar descontando minha raiva em você. Vá tomar seu banho, conversamos depois.

Ele sai do banheiro para não ter mais que falar e a mim, não resta nada mais que o obedecer. Tiro o roupão e entro no chuveiro. Minha Marianne briguenta ainda cisma que eu desmarque a viagem e mostre meu valor. Deixo pra lá, dou razão a

Sawyer estar tão transtornado.

O resto do tempo que passamos na casa antes do carro chegar, foi momentos de nuvens escuras. Também fechei a cara para ele. Eu fui atrás, tentei conversar e ele me ignorou no banheiro. Agora é a vez dele vir se desculpar. Falamos o mínimo. Apenas coisas como:

“Em que mala eu devo colocar o barbeador?”

“Lembrou-se de pegar seu passaporte? ”

“Vai precisar de comprimidos para enjoo? ”

Antes do carro chegar, nós dois parecíamos passageiros desconhecidos no salão de embarque de um aeroporto. Ambos sentados na sala. Mudos. A pilha de presentes entre nós ainda sem terminar de abrir. Ainda não tinha visto o presente de Candice e ela ficou chateada.

Por causa disso eu deixei Sawyer com cara de paisagem no sofá e fui olhar meticulosamente as caixas até encontrar o presente de minha amiga. Ele olhou de soslaio para mim quando peguei a caixa e sentei no sofá. Sawyer ficou meio interessado no

NACIONAIS - ACHERON

que eu estava fazendo, como se estivesse preocupado com eu abrindo o presente e isso em deixou intrigada. Aquela era uma cara de suspense? Por quê? Só por que vou abrir um presente?

— É o presente de Candice. — Digo e ele parece relaxar.

Eu tenho que me acostumar com essas loucuras dele.

Abro a caixa e me deparo com três luminárias. Mas não quaisquer luminárias. Fico pasma com a mão na boca olhando para as três peças quadradas. Eu já tinha visto isso em um site e agora Candice me deu uma igualzinha. Uma lágrima desce do meu olho. A luminária é feita com pequenas fotos preta e branca. Levanto uma e lá estamos ela e eu na nossa formatura, também tem ela e Leo. Tem Sawyer e eu, Alice ainda bebê, ela, Alice e eu na loja de grávidas experimentando barrigas falsas. As luminárias são como um mosaico. Quando acesas devem ficar magníficas.

Olho para Sawyer e ele parece interessado. Com um gesto eu estendo uma das lâmpadas e ele se levanta para pegar.

— Muito bonita. — Diz apenas e me devolve. Ele vai para o outro lado da sala, olha no relógio de pulso e como se esse fosse um sinal, o interfone toca.

— Chegou. Vamos?

Eu guardo as luminárias na caixa, deixo-a no sofá, passo por ele e vou ao fone.

— Pode nos esperar um pouquinho Bart? Já estamos descendo.

Eu digo, ouço um singelo “lógico” e volto-me para Sawyer.

— Não vamos a lugar algum enquanto estivermos olhando torto um para o outro. Essa é nossa viagem de lua de mel, planejamos isso muito, além do fato de que não tem nem 24 horas que nos casamos.

Ele não fala nada. Eu me aproximo. Odeio quando Sawyer implica por coisas bobas.

— Sawyer, você não está zangado comigo. Está com raiva de Ryan. Tem que saber separar as duas coisas, tem que acalmar e deixar e vida andar, o mundo vai continuar girando se você relaxar.

Ele continua calado olhando para mim. Será que está cogitando coisas? Por que simplesmente não dá o braço a torcer?

— Escute, sinceramente, eu não estou com disposição de ficar de pijamas, pulando e chorando no meio da sala enquanto ouço Believe da Cher. — Eu digo com um leve toque de humor. Os lábios dele repuxam querendo sorrir. — Por que é isso que vai acontecer se continuar com essa cara. Vou te dar um pé na bunda e ficar chorando sozinha.

— Não seria capaz. — Ele desafia, entre sério e brincalhão.

— É, acho que não seria, mas vamos resolver isso logo para que eu possa planejar a noite das meninas quando voltarmos de viagem e eu poder falar mal de você para elas.

Sawyer sorri, enfim.

— Quer se livrar de mim?

—Remoer e me empanturrar de sobremesas não é nem um pouco chamativo comparado a ficar o dia todo pelada fazendo sacanagem com meu marido teimoso. Mas eu supero.

—Você me deixa louco Marianne. Eu quero
NACIONAIS - ACHERON

que seja só minha, exclusivamente minha.

— E sou. Estarei aqui todo tempo... — penso um pouco. — não, espera... Também tenho meu escritório.

— E eu fico em segundo lugar?

Ele se aproxima, fica bem perto de mim sem me tocar.

— Meu amor, sua carência não tem limites. Estamos casados, morando juntos. Você é minha prioridade, pelo menos antes dos bebês nascerem. Também espero ser sua prioridade.

— Lógico que é. Por que acha que estou puto em ver você conversando com aquele patife?

— Conversando não. Brigando.

— Não quero nem sonhar que você ao menos pensou nele. Ele te fez muito mal, quase acabou com a relação sua e da Alice e agora está tentando te envenenar contra mim. Vai saber o que aquele idiota vai inventar de mim para que você me abandone?

— Ele não tem poder para isso Sawyer. É difícil inventar alguma coisa de uma celebridade,

quando a coisa mais fácil é pesquisar sobre a vida da pessoa no *Google*, eu sei tudo sobre você, meu amor. Não tem nada que ele possa vir contar que seja novidade.

Uma leve sombra de tensão passa pelos olhos dele. Sawyer engole rápido e diz:

— Me prometa que não vai mais falar com ele.

— Prometo.

— Nem brigar, nem cumprimentar. Nada. Nem deixar que ele crie caso ou se chegar a te contar algo, não acredite.

— Prometo.

Mais aliviado, Sawyer sorri e me puxa para beijá-lo. Eu suspiro entre os lábios dele, relaxada e feliz por ter feito as pazes.



QUATRO

Sawyer

Ele sabe. O maldito sabe meu segredo. Não sei como descobriu, mas as palavras de Ryan ainda ricocheteiam em minha mente: *“Já estou sabendo da época que você era Tyler Carter, devo te dar os parabéns pela sua atuação em “Duro de mamar volume um e dois”.*

Sorte eu ter chegado a tempo e tomado o celular de Marianne antes de ela ouvir uma barbaridade dessas, e graças aos céus nós estamos viajando. Parece que o cerco está se fechando

contra mim. Meu casamento pode ter aberto uma lacuna para fazer as pessoas descobrirem sobre meu “eu artístico”. Minha nada mole vida de ator pornô.

Se Ryan descobriu, é questão de tempo para ele contar para alguém; os pais de Marianne, ou Candice. Se contar para Candice, minhas chances são nulas. Prefiro combater Amanda do que Candice.

— Está calado... pensativo. — Marianne fala ao meu lado e eu me viro dando um sorriso raso. Já estamos no avião, acomodados na primeira classe. — Ainda é sobre Ryan?

— Oi?

— A ligação de Ryan, está te deixando incomodado?

— Não. — pego a mão dela e beijo. — Não é. Esqueça. Eu já esqueci. Só estou pensando na construção do novo hotel.

— Está em boas mãos. Te garanto. Candice e eu faremos um trabalho maravilhoso junto a empreiteira.

— Eu sei. — Me curvo e dou um beijinho nos lábios dela. Marianne faz uma carinha fofa e
NACIONAIS - ACHERON

acha uma posição boa para dormir. Pensativo, olha tão tranquila de olhos fechados. Me pergunto o que acontecerá quando enfim a verdade vir à tona.

O conselho de Rick batuca na minha mente: contar antes que ela saiba por outra pessoa. O dano será maior. Mas eu não tenho coragem. Eu vou perde-la se contar. Marianne não vai me perdoar.

Eu só preciso planejar com calma. Estamos afastando de todas as pessoas que podem contar sobre meu passado. Enquanto isso pensarei numa saída. Vou reunir os rapazes, dar cada um deles uma função e construir muros ao redor da gente. Eu sempre consigo sair de enrascada, até mesmo da justiça eu escapei quando fui pego usando o título de terapeuta sem ser um profissional.



O Brasil não é nem um pouco como eu imaginava. Marianne tinha me mostrado umas fotos do estado que os familiares dela moram, e eu tinha olhado algumas imagens dos lugares que vamos passar. Mas confesso que nós, de outros países, sempre vemos o Brasil com outros olhos, até enfim

NACIONAIS - ACHERON

conhecer.

Pousamos no aeroporto Tom Jobim, no Rio e até o ar que respirei parecia diferente. Quando coloquei a cara fora já pude ver toda a maravilha da cidade Maravilhosa.

Nosso itinerário será: chegar ao Rio, dormir uma noite, ficar aqui mais um dia para descansar da viagem e ir para São Paulo. De lá voaremos para Minas Gerais, o estado onde os parentes de Marianne moram; depois seguiremos para Salvador, Recife, Natal, Fortaleza e enfim voaremos de volta para casa.

Estou com uma lista de coisas para ver, e comer. caipirinha é o clichê dos turistas, mas eu só penso nos pães de queijo.

— Queremos uma rota bem turística até o Cristo e de lá para o Copacabana Palace. — Marianne pediu em português a um senhor rechonchudo taxista. Ele sorriu e me olhou. Eu estava mudo, pois sei falar o básico e ainda enrolado. — ele é americano — ela apontou para mim — é a primeira vez dele aqui no Brasil.

— Ah. Of course. — O senhor disse e se

direcionou a mim: — Welcome to Brazil. My name is Jaime. — Era um inglês com um sotaque que eu jamais tinha ouvido. Nem mesmo australianos ou britânicos tem esse sotaque. Eu sorri anuindo e

— Eu sou Marianne, brasileira mesmo. — foi a vez dela se apresentar — De Minas.

— Minas? De onde lá? — o senhor se interessou enquanto dava a volta a sentava no banco do motorista.

— Belo horizonte.

Enquanto passávamos pelas ruas, o taxista ia apontando e falando sobre cada lugar ali, mostrando que ele conhecia muito, a cidade. Marianne ao meu lado, traduzia.

— Ele está dizendo que daquele lado fica o Complexo do Alemão — Marianne traduziu o que o senhor dizia — uma favela muito conhecida aqui na cidade.

— Podemos ir? — Indaguei sem olhar para ela; estava fixado na parte que ela apontou dizendo onde era o tal complexo.

— Ah...não sei. — Ela perguntou ao taxista e depois voltou-se para mim. — Sim, podemos.

NACIONAIS - ACHERON

Com a companhia de um guia.

Mais na frente, Marianne me informou o que o motorista tinha acabado de dizer:

— Ele perguntou se gostaríamos de passar pelo Maracanã, e eu disse que sim.

Antes que eu perguntasse, ela começou a explicar que o tal Maracanã era um estádio de futebol muito famoso no Brasil inteiro. Eu me animei querendo conhecer, e não só passamos, chegamos bem perto, descemos do taxi e tiramos fotos em frente ao gigantesco estádio.

Deixamos o Cristo e o Pão de açúcar para amanhã. Estávamos cansados e decidimos ir logo para o hotel, e acabou sendo outro lugar que me deixou boquiaberto. Era um belo hotel, de frente para toda a beleza de Copacabana. Pela varanda do nosso quarto, eu vislumbrei o entardecer perfeito banhando as água do mar.

— Está gostando? — Marianne perguntou, ficando ao meu lado, contemplando a vista comigo.

Me virei para ela e a preendi em meus braços.

— A melhor viagem da minha vida. Estou em um lugar lindo e tenho você aqui comigo. Não

NACIONAIS - ACHERON

poderia ser melhor.

Ela recebeu o beijinho que dei e disse, com a expressão um tanto fechada:

— Sabe que o Brasil tem seus problemas né?

— Como todo país. — Balancei o pescoço assentindo.

— Agora por exemplo estava tendo guerra entre criminosos numa favela aqui no Rio. Li nos noticiários. É muito triste, pois um país bonito por natureza e que é dono de belezas naturais que dificilmente se encontra em outros lugares, esteja num momento de crise como essa onda de corrupção e violência.

— Vamos ficar bem, estou adorando estar aqui. — Acaricio a bochecha dela. Os olhos de Marianne brilham com meu toque.

— Sim, vamos. Apesar de tudo essa é minha terra e eu a amo.

— O que acha de tomarmos um banho, pedirmos uma comidinha para comer vendo essa vista e depois sexo e hibernação?

— Você tem os melhores planejamentos.

Eu queria comer algo brasileiro e Marianne pediu várias porções de comidas diferentes, que estavam disponíveis no cardápio, para eu experimentar. Gostei do suco natural de graviola, mas não gostei muito de açaí. Uma pasta roxa que Marianne ama.

— Tem gosto de terra. — Eu limpei meus lábios fazendo careta.

— Vá se danar. — Com um rolar de olhos ela desaprova minha opinião. — Primeiro que você nunca comeu terra e segundo que...

— Não tenho culpa que você come umas coisas estranhas. — Rebato — Isso aqui nem deve ser coisa de comer. — Levanto a taça para cheirar.

— Passa pra cá. — Ela estende a mão. — Tá perdendo o melhor da vida. — Parou de falar para comer — Gosto de terra, essa é boa. Não acredito que meu marido é desses que tem essa opinião ridícula. — Enfiou uma colherada da pasta roxa na boca e fez “hum...!” Fechando os olhos e saboreando.

Depois da nossa refeição, caímos na cama e

em pouco tempo estávamos pelados embolados entre os lençóis macios. Nem precisou muito na verdade, pois tínhamos tomado banho e vestido apenas um roupão.

— Minha primeira foda em terra brasileira.

— Parei de beija-la para falar.

— Estou feliz que está sendo comigo.

— Você me deu muitas primeiras vezes.

— Coisa que nenhuma mera mortal jamais imaginaria nem em seus melhores sonhos. Cara, você é Sawyer Graham terapeuta das estrelas, e em breve darei a luz a dois filhos seu e tenho uma aliança no meu dedo mostrando que você é só meu.

— Suas mãos passeiam pelas minhas costas e voltam numa subida torturante pelas minhas costelas, me fazendo arrepiar.

— Se eu não tivesse insistido...

— Você só queria me comer, Sawyer...! — Tentando fazer uma linha exaltada, ela fecha a cara de brincadeira e me dá um tapinha.

— Como quero agora. — Beijo os lábios dela e puxo de leve o lábio inferior com os dentes — E depois quando acordarmos... — passo a

NACIONAIS - ACHERON

minha mão pelo ventre dela chegando até sua boceta quente e molhada — e antes de almoçar amanhã... — de leve movimentei meu dedo, superficialmente brincando com suas bordas úmidas — e depois do almoço... — minha boca continuava bem pertinho dos lábios dela — sempre quero te comer. — Marianne geme quando, enfim, toco em seu clitóris e num sussurro provocante eu digo: — já disse que te amo?

Como resposta, tenho um “Ohhh” de seus lábios meio sorrindo para o lado; um sorriso de alívio por eu ter inserido meu dedo bem fundo e devagar; em seguida o movimentei, curvei como um anzol e o puxei de volta lentamente atijando cruamente o corpo dela. Sorri com o resultado que consegui com o dedo e coloquei dois deslizando deliciosamente.

As pernas dela gentilmente abriram mais automaticamente para meus dedos, e quando ela ia tocar em seus seios intumescidos, puxei sua mão.

— Shii. Eu cuido deles, Mary. Relaxe.

— Saw...! — exclamou e segurou firme nos meus braços. Seu corpo estava mole e receptivo, tremulo implorando para que eu a satisfizesse de

NACIONAIS - ACHERON

todas as maneiras. Em pouco tempo juntos, conheço Marianne e os segredos do seu corpo mais que ela mesma, afinal eu os despertei. Fico duro como aço em saber que fui, sou e serei o único homem a dar ela isso; é a verdade do inconsciente masculino, somos possessivos e protetores com o que nos pertence e no momento, Marianne está em primeiro lugar na minha vida.

Quando meus lábios se fecharam contra os seios dela, vibramos juntos. Marianne ergueu o quadril da cama e eu não consegui mais segurar, me ajeitei e numa investida forte e continua enchi todo seu interior com meu pau que lateja dolorido de tanto tesão.

A cada batida feroz, húmida e funda, gemíamos juntos, grudados e nos degustando com as bocas em várias partes do corpo do outro.

Terminamos exaustos e a cama uma bagunça.

— Uau! — Ela gritou olhando para o teto ao meu lado respirando rápido. — Isso sim é muito melhor que açaí.

— Fico feliz de ser melhor que gosto de

terra. — Zombei, ela me bateu e se levantou para ir ao banheiro.

Só demos conta de tomar uma ducha para tirar o suor e voltar para as cobertas, agarrados em uma perfeita conchinha, prontos para o sono dos casais em lua de mel que mesmo sofrendo com o jet lag, ainda tem forças para trepar até suar.



As nove e meia do dia seguinte, já estávamos prontos para sair e conhecer a cidade. Eu estava muito ansioso para conhecer de perto as maravilhas do Rio, caminhar entre as pessoas, tirar fotos e comer o máximo que conseguisse de comidas típicas. Marianne apenas ria da minha euforia. Até no café da manhã, fiquei surpreso com tantas frutas tropicais. Me empanturrei com pães de queijo, bolo de fubá e queijo fresco.

— Você está chamando atenção. — Ela resmunga, ao meu lado, enquanto espera o troco de uma água de coco que acabamos de comprar. O cara da barraquinha entregou o dinheiro e Marianne se virou para sair. Estamos na praia, e já tínhamos

NACIONAIS - ACHERON

visitado o Cristo Redentor. Foi uma coisa de louco, algo que para sempre irei recordar. Uma vista maravilhosa e fotos lindas que estamos levando.

— Chamando atenção? — Provo a agua e olho interessado para ela.

— É. Cisma de andar seminu por aí.

Dou uma risada e a puxo com um braço, mantendo-a junto de mim.

— Minha mulher ciumenta. Todo mundo está só de sunga a sua volta. E eu estou de short.

— Você não é todo mundo.

— Preciso pegar uma cor, chegar bronzeado em Nova Iorque. Estou curtindo pra valer tudo isso.

— Isso é notável. Vamos alugar uma cadeira para sentar — ela aponta com um gesto para um lado menos cheio. — Deixa que eu falo pois se perceberem que você é americano, cobram o triplo. Viu o horror que cobraram nesses chinelos que você comprou?

— Vão achar que esse marmanjo ao seu lado é mudo ou é mandado pela mulher que negocia, paga e toma a frente da situação.

— Xiu. Para de falar, estamos chegando e ele pode ouvir seu inglês.

Ela negociou a cadeira e eu fiquei de lado me fingindo de segurança. Enfim sentados, embaixo de um guarda sol que também foi alugado, tomando agua de coco com o mar a frente, eu pude falar.

— Então ela é mais barata do que o valor que paguei? — Olho para meus novos chinelos com estampa da calçada de Copacabana.

— Cinquenta dólares nesse chinelo bem comum. Você pagou em média cento e cinquenta reais. Isso por que eu não estava perto, senão não permitia um disparate desse.

— Fique tranquila, de onde saiu esses cinquenta dólares, tem muito mais.

— Meu homem gastador. — Ela ri vem para meu lado me dando um beijinho no braço.

A noite saímos para jantar, escolhemos uma churrascaria. Havia karaokê e Marianne estava tímida inicialmente, mas depois de me acompanhar nas caipirinhas, ela se soltou e cantamos juntos, num dueto desafinado, a música que nos marcou:

NACIONAIS - ACHERON

Take my breath away.

— A noite do Rio é fantástica. — Eu disse voltando a nossa mesa. — Quero voltar mais vezes, nossas próximas férias, serão aqui.

— Nem saímos daqui e já quer voltar? — Marianne bebe todo conteúdo do copo e me olha feliz.

— Com você, fica ainda melhor. Eu me casei com uma brasileira e estou adorando isso.

— Vou pegar isso como elogio, agora o que acha de terminarmos essa festinha no quarto do hotel? Caipirinha e muita ousadia matrimonial.

— Ah, isso é melhor que a noite no Rio. Peça a conta, quero essa festinha, agora.



Quando enfim a estadia no Rio encerrou, eu estava preparado para conhecer novos lugares, entretendo estava um pouco apreensivo pois iria conhecer a família brasileira dela. Mary foi embora do Brasil quando tinha dez anos, mas segundo o que me contou, sempre vem aqui visita-los.

NACIONAIS - ACHERON

— Belo Horizonte. Repete. — Dentro do avião, ela tentava me ensinar palavras básicas em português. Ao menos o nome da cidade para qual estávamos indo.

— Belou Uouri... Rourizonte.

— Quase. — Ela riu. — Amo ouvir você falar português. Minha avó vai te adorar.

E aparentemente, ela adorou mesmo quando me viu.

A cidade era menor e não tão bonita como o Rio de Janeiro. Também fiquei sabendo que o mar não banhava aquele estado e por isso não era uma cidade litorânea; é grande, movimentada, parecida algumas dos Estados Unidos.

Chegamos no início da noite na cidade e um taxi nos levou até a casa onde a avó de Marianne morava com o filho e a família dele. A mãe de Marianne tem apenas um irmão, portanto, não é uma família grande aqui no Brasil.

Chegamos a uma rua arborizada em um belo bairro, que segundo Marianne, é um dos melhores da cidade. A casa é de dois pavimentos e bem grande. Com portões de ferro fechados e cerca

elétrica rodeando toda a casa, coisa que me deixou intrigado, já que não costumamos ver isso nos Estados Unidos, exceto em casas de pessoas muito ricas ou celebridades.

As casas aqui no Brasil são bem fechadas, com muros altos e tem cercas elétricas. Algumas sem jardins ou gramas bonitas, coisa que a maioria dos americanos que possuem casas e não apartamentos preocupam em exhibir: uma bela grama e um belo jardim.

Um jovem abriu o portão e Marianne o apresentou como seu primo.

— Vovó! — Mary correu para abraçar uma velhinha que veio nos receber. — Que saudade eu estava. — Ela continuou falando. Eu estava meio sem jeito, apenas sorrindo sendo alvo de uma análise minuciosa pelos presentes na enorme sala da casa.

Só depois que as duas falaram mais algumas coisas e Marianne cumprimentou o pessoal, ela se virou para mim e me empurrou de leve para exhibir à pequena velhinha que mantinha um brilho curioso nos olhos.

— Vovó, esse é Sawyer meu marido. Amor, essa é minha avó Adelaide.

Adelaide. — Tentei repetir o nome dela mentalmente.

— Ah! Um belo nome. — ela veio e segurou firme minha mão — Não tão fácil como do Oscar, o americano que levou minha filha embora. — Olhei imediatamente para Marianne, precisando de tradução.

— Ela está dizendo que seu nome é bonito, mas não tão fácil como o do papai que é o americano que levou a mamãe embora.

— Obrigado. — Eu disse em português, afinal é uma das palavras que sei falar. — Diga que estou adorando o Brasil. — Pedi a Marianne e ela imediatamente traduziu. Depois fui apresentado ao tio Eduardo, irmão da mãe dela, a esposa dele e os três filhos, primos de Mary. É uma bela família e achei incrível a semelhança da prima mais nova com a Alice.

Apesar da dificuldade em comunicar, eu estou gostando muito de cada momento de nossa lua de mel. Todavia, algo martela bem lá no fundo

da minha consciência e ganhou proporções maiores e preocupantes quando recebi um telefonema mais tarde, na hora do jantar; era Rick. Pedi licença e sai para atender.

— Fale, cara. Problemas? — Indaguei, olhando para os lados e escutando a voz de Marianne lá na sala de jantar.

— Cara, a Amanda descobriu que você viajou e está uma fera.

— Sério? O que ela aprontou?

— Nada ainda. Mas veio aqui e disse para te falar que ela está juntando aliados e já tem um; não falou quem é.

Meu coração pulsa de ódio e na mente vem o cagão do Ryan. Então foi Amanda que contou para ele. Ele está com ódio de mim e Marianne; aquela vaca usou isso para nos atingir.

— Acho que é o ex da Mary. — Digo pensativo.

— O babaca?

— É. Ele falou comigo ao telefone. — Massageio a testa, estou tenso e falando baixinho

na varanda dos fundos da casa. — Ele sabe de tudo.

— Então é isso. O recado de Amanda é: você deve encontrá-la assim que voltar de viagem, ou então os próximos a receberem uma caixa com lembrancinhas, será a família da Marianne. Sabe que aquela velha faz tudo para ferrar a vida de alguém, já ferrou a sua uma vez e não vai pestanejar para fazer de novo.

— Caralho! Rick. Que ódio desgraçado dessa vadia.

— Fique atento cara. Você está criando um novo negócio no ramo de hotéis e tentando criar uma família, treta agora é ruim para sua imagem. Fique esperto, se possível anule de uma vez por toda essa carta que Amanda tem contra você.

— Anular...? — olho para a porta conferindo se tem alguém por perto. — Anular como?

— Contando você mesmo a Marianne. Seja homem porra, encare esse desafio e fale com...

— Não. isso não faço.

—Tyler...

— É Sawyer.

— Que seja porra. — O tom da voz de Rick aumenta — Não tá vendo que está se afundando? Marianne não vai mais querer saber de você...

— Quer me deixar pensar sozinho nessa merda?

— Ok. Faça o que acha melhor, você é uma porcaria de um teimoso. Vai deixar Amanda armar o maior inferno tudo por medo de...

— Rick, obrigado pelo aviso. Te ligo depois, vou planejar umas defesas e você e os rapazes tem que me ajudar. Vou tentar manter Mary distante disso tudo o máximo que conseguir, pelo menos até as crianças nascerem. Até mais.

Desliguei o celular e quis meter ele na parede, mas respirei fundo tentando trancar a raiva dentro do peito. Caralho! Estou encurralado. Cada dia que passa se aproxima mais da verdade que Marianne precisa saber. Eu só preciso prepara-la e para isso, é necessário manter ela afastada das pessoas que podem contar.



CINCO

Marianne

— Hum... esse cheiro delicioso me acordou.
— Chego a cozinha onde minha avó está sozinha passando café e assando alguma coisa no forno lá de fora. Vou até ela e dou um beijinho em seu rosto. — Bom dia vovó.

— Bom dia querida. Sente-se, estou passando o café.

— Bolo de fubá? — Indago animada. —

Esse cheiro me remete a tantas lembranças boas... Minhas férias de fim de ano que eu e Alice passávamos aqui.

— Sim. Claro que não poderia falta o bolo de fubá que você adora. — Minha avó serve café para mim e em seguida puxa um paninho descobrindo o bolo que estava descansando no balcão. Minha boca enche de água e o estomago faz barulho festejando o delicioso bolo.

— Está grávida, não pode esperar colocar a mesa e os outros acordarem.

— Tio Edu já foi trabalhar?

— Sim. Ele sai muito cedo. Toma café na empresa.

Fecho os olhos e sinto os sabores explodirem na minha boca. Enquanto minha avó vai tirar pão de queijo do forno, minhas Mariannes estão influenciadas pelo sabor da comida, me levando a momentos felizes que eu e Alice passamos aqui no Brasil. Todo ano a gente vinha no fim de ano e passávamos natal e réveillon aqui. Ultimamente, não visitamos a vovó com tanta frequência. Minha mãe vem duas vezes ao ano, ainda mais depois que

o vovô faleceu.

Um cesto de pães de queijo quentinhos é posto a minha frente e com uma caneca de café, ela se senta ao meu lado.

— Tem a minha benção, não pediu, mas mesmo assim, eu intrometo. — Ela diz e eu sei que está se referindo a Sawyer, afinal do casamento ela já tinha conhecimento.

— Gostei mesmo do seu marido; é simpático, bonito, muito alto...

Eu rio do comentário dela.

— Eu o amo. É um sentimento incrível que estou experimentando.

— Ele não usou terapias para te convencer né?

— O que? — Minha voz é quase um grito angustiado. Meus olhos parecem que vão altar, encaro minha avó sentindo minha respiração suspensa. Ai cacete! Minha avó sabe?

— Ele não é terapeuta? Sua mãe comentou sobre isso. Fique esperta com esses médicos de cabeça, eles têm a facilidade de convencer as

pessoas...

Uffaa! Solto o ar do peito respirando aliviada. Se bem que Sawyer me convenceu mesmo, mas não foi com diálogos. Engulo uma boa dose de café para relaxar.

— Sim, ele era terapeuta, se aposentou e agora está no negócio de hotéis.

— Ah, que pena. Já iria querer marcar uma terapia para mim. Estou precisando de auxílio de um profissional.

Dou uma risadinha sem graça e falo:

— A senhora está ótima vovó, não precisa.

Não quero nem sonhar a suposição de minha avó tomar conhecimento das verdadeiras terapias de Sawyer.

— Bom dia, amor. — Ouço a voz dele atrás de mim. Sawyer vem beija meus lábios e cumprimenta minha avó:

— Bom dia, *Msr. Adeleide*.

— Oh, o modo que ele fala meu nome é fofo e não irritante como a pronuncia do seu pai. — Vovó pisca para mim. Ela ainda não é cem por

cento conivente com meu pai.

— Sente-se Sawyer, irei te servir café.

— O cheiro está divino. — Ele diz e aponta para a cesta de pães de queijo. — Vou roubar um.

— Você vai precisar de um regime quando voltarmos. — Eu digo a ele. Esses dias ele está comendo como se não houvesse amanhã.

Depois do café saímos para dar uma volta na cidade. Sawyer se empanturrou mais uma vez de queijo minas, pães de queijo, bolo de fubá e pamonha. Minha voz tinha feito um banquete matinal.

Estou bem feliz de ser o guia dele e cada expressão de encantamento que Sawyer faz me deixa mais feliz e orgulhosa. Ontem ficamos até tarde conversando. A conversa fluiu bem pois tio Edu e minha avó arranham um pouco o inglês. Fizeram Sawyer dar risadas contando sobre minha infância.

Quando estávamos no quarto sozinhos, eu avisei logo:

— Sem sexo. Não podemos fazer barulho ou vovó escuta. Ela é uma mulher esperta.

— Se ela é esperta, sabe que esses bebês — apontou para meu ventre — não foram parar aí dentro por obra divina. — Ele me puxou e em instante estávamos na cama tentando não gemer muito e fazer barulho. Apesar do nosso quarto ficar no andar superior e o da vovó lá embaixo. Os outros quartos ficam do outro lado do corredor sem risco de escutar nossa festinha.

— Aqui é a Lagoa da Pampulha. — Eu disse assim que descemos do taxi, vislumbrando ao lado de Sawyer, a bela paisagem a nossa volta.

— *Penponlha?* O que é isso?

— É o nome do lugar. Pam-pu-lha. — Soletrei. — Lindo, não é?

— Muito. Caralho! Muito bonito. O que é isso? — Ele apontou para a igreja arquitetônica que é o principal cartão postal da cidade.

— Ah! Essa é a igreja São Francisco de Assis, obra de um dos mais conceituados arquitetos: Oscar Niemeyer, e com pintura de Portinari.

— Porra! — Ele sacou o celular e apontou para a bela construção.

— Temos que sair juntos na foto. — Eu me animei. — Oi! — chamei um rapaz que passava no local. — Você pode tirar uma foto da gente?

— Claro.

Ele recebeu o celular, eu e Sawyer nos posicionamos e sorrimos abraçados em frente à igreja. Daqui a pouco essa foto estará no instagram de Sawyer com milhares de curtidas; tenho certeza que estará. Ele é exibido.

— Podemos entrar? — Sawyer confere a foto e guarda o celular. Já está todo afoito.

— Claro que sim. Vamos falar com alguém.

E conseguimos entrar. Eu não nego que fiquei fascinada, junto a Sawyer, com a beleza do interior. Não tem teto pintado como na capela Sistina e nem toda reluzente como uma igreja que já visitei na Bahia. Entretanto, a sutileza e simplicidade do interior dessa igreja da Pampulha, a torna exuberante com uma bela imagem na parede da frente.

Sawyer adorou tudo na cidade, como adorou
NACIONAIS - ACHERON

o caldo de cana que tomamos e o feijão tropeiro que minha avó preparou para o almoço.

Mas odiou o acarajé em Salvador.

Ficamos três dias em Minas com minha avó, voamos para Salvador e me delicieei vendo meu marido americano se apaixonar pela cidade. Eu ri quando ele fez uma cara estranha ao dar a primeira mordida no acarajé.

Para resumir, eu comi o meu em poucas mordidas, morta de saudade do sabor único; depois comi o de Sawyer e pedi mais um para levar.

Compramos muitas coisas, especiarias principalmente no mercado modelo, e ele adorou a cocada baiana. Fomos no Elevador Lacerda, tiramos fotos no Pelourinho, Sawyer comprou fitinha do “Bom Jesus” para todo mundo que ele conhece em Nova York e ainda um berimbau para presentear Henrique.

Não poderíamos ter escolhido melhor destino para nossa lua de mel. E voltar a todas aquelas cidades, era questão de tempo. Minha avó já queria que os netos viessem no primeiro ano de vida deles para o primeiro aniversário comemorado

aqui. Dissemos que ia pensar, mesmo sabendo que viremos sim, quase certeza.



— O que acha de irmos morar aqui uma temporada? — Olhei para Sawyer assim que fez a pergunta. Estamos numa sacada de um hotel em Natal, nosso penúltimo ponto antes de voltarmos a Nova Iorque.

— Aqui onde? Nessa cidade?

— Brasil. Ficar um ano viajando pelo Brasil.

— O que? Você, abandonar os Estados Unidos por um ano?

— Sim. Fugir de tudo, só você e eu. Nossas crianças nasceriam aqui...

Me viro totalmente para ele e franzo minha testa.

— Você pensa cada loucura. Sei que gostou de cada cidade que passamos, mas temos uma vida lá do outro lado, Sawyer.

Ele me abraça e puxa minha cabeça para que

eu descanse meu rosto em seu peito nu.

— Ah, Minha Mary. Às vezes eu só queria te proteger.... nos proteger de toda a maldade...

Ergo meu rosto. Sei que estou com uma expressão incrédula.

— Maldade?

Esse homem só pode estar bêbado ou tento uma crise de alguma coisa.

— Do mundo, das pessoas... — ele acaricia meus cabelos com seus belos e brilhantes olhos verdes compenetrados nos meus.

Minha Marianne Racional me diz para ficar de vigília; conheço Sawyer e essa Cara dele, não é normal.

— Mas isso existe em todo lugar, não precisa ficar nessa loucura de me proteger...

Ele não responde. Fica mudo me encarando; assente em seguida e me puxa para abraçá-lo de novo. Intrigada, sinto um exalar profundo vindo de seu peito.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON



SEIS

Sawyer

“Pense em algo que não queria nunca que ela fizesse contra você. Algo bem ruim. Agora pegue isso e use para nunca fazer com ela. Nunca faça com sua esposa, algo que não queria que fizesse com você.” — Essas são as palavras da avó de Marianne ditas a mim, uma noite antes de sairmos de lá. Foi um bom conselho, de uma pessoa idosa, experiente e que cultivou um casamento de cinquenta anos.

Acabamos de sair de Fortaleza e estamos

num voo de volta para casa. Eu curtir pra valer, em proporções altíssimas, essa viagem aqui no Brasil. Foi sem dúvida uma lua de mel perfeita. Acho que além da nova cor bronzeada, ganhei alguns quilos a mais. Queria comer todas as iguarias que me eram apresentadas.

Viro de lado e olho para Mary dormindo. Tiro uma mecha de cabelo amarronzado dos olhos dela e sorrio para mim mesmo. É tão linda minha esposa. Sou um fodido de merda bem sortudo por depois de conhecer as profundezas das perversões humanas, ainda conseguir ter uma mulher como ela. E por isso, vendo-a assim tão frágil, eu estou em alerta total e com reflexões profundas tomando maior parte de minha mente.

As palavras da avó dela me fazem repensar em todos meus atos e me colocar no lugar de minha esposa. O que eu sentiria como marido, descobrindo mais tarde que ela esconde algo e não confiou em mim para contar a verdade? Me sentiria traído, com certeza.

O que envolve meu passado é o de menos. O que eu fiz não vai pesar muito. Era minha vida, a única que eu conhecia e fui aliciado cedo para ser

uma máquina do sexo. Mas o que vai pesar com certeza, foram todas as mentiras que fui acumulando e deixando Marianne no escuro.

Uma ideia lampeja no ambiente meio escuro do avião. Está a noite, silencioso e todos dormem. Eu sorrio e acho que tive uma ótima ideia que me deixará a salvo até que eu decida como Marianne vai saber de tudo. Não será antes das crianças nascerem.

Recosto na poltrona, fecho os olhos e deixo minha mente me levar no passado depravado que eu tinha. Solto um suspiro.

Estou agora, em pensamento, num navio.

A empresa de Amanda sempre promovia um cruzeiro por ano, e era o acontecimento mais esperado do mundo do pornô. Muita gente ficava eufórico para participar do cruzeiro. Atores tops de linha estavam a bordo onde era gravado um filme, mas além disso era liberado todo tipo de experimento sexual. Por isso tanta gente queria ser selecionada para embarcar, só que, claro, não era qualquer um.

Passageiros comuns, os visitantes como

chamávamos, eram selecionados depois que se inscreviam. Deviam estar limpos, ter boa aparência, ter um limite de idade — máximo e mínimo — e estar disposto a participar do que rolasse lá dentro.

As vezes os vídeos amadores feitos no cruzeiro pelos visitantes, eram mais assistidos que os vídeos profissionais.

Eu mesmo sempre preferi os amadores, fazer e assistir. Minha turma e eu ganhamos fortuna fazendo amador de boa categoria, filmando nossas fodas como Black Bulls e vendendo depois no site que Rick abriu.

Os nossos vídeos eram quase sempre estilo POV. Em que o cara que está comendo fica com a câmera filmando a cena toda. É o sexo sendo transmitido sob o ponto de vista de quem está com a câmera.

A grande jogada do estilo “amador” está no modo de filmagem dos vídeos. No profissional tem toda uma preparação, ensaio, câmeras em diversos ângulos, tem direção e são imagens nítidas e fixas, sem tremuras e de alta qualidade. No amador, não tem nada disso. É em média uma câmera ou duas,

NACIONAIS - ACHERON

quase sempre um dos participantes do sexo que está filmando o momento fazendo assim a imagem ficar tremida e o resultado sem dúvida, muito mais real.

Pois bem. Aquele era meu primeiro cruzeiro da putaria e o quarto cruzeiro organizado por Amanda. Eu já tinha feito meus primeiros vídeos e começava a ganhar fama nesse mundo. O carinha de dezenove anos, magro e bem-dotado. Era enquadrado nas categorias de fetiche, como: “Filho e madrasta”, “professora e aluno”, “garoto rebelde”, entre outras.

— Tyler, você vai se esbaldar nesse navio.
— Rick se animou, abraçando meu ombro enquanto entravamos. Os novatos Nelson e Larry, atrás da gente, mais felizes que pinto no lixo. Eles só estavam tendo essa oportunidade pois faziam parte dos garotos de Amanda.

— A putaria aqui rola a todo vapor, não se assuste caso se depare com um boquete na sala de jantar ou uma trepada na piscina.

— É nesse nível?

— Sim. Mas você vai gostar. Além do mais,

estrelará comigo no filme que rolará aqui, será seu primeiro filme de capa, com direito a noite de lançamento, portanto, aproveite garoto.

— Alguma dica?

— Não foda antes das filmagens. — Rick disse com naturalidade e acenou para umas pessoas.

— Não? — o olhei com espanto.

— Cara, gozadas bonitas são apreciadas nessa indústria, você é novo, bom de pau. Deixe acumular para gozar em frente às câmeras. Vou te ensinar umas técnicas de controle.

Assenti um pouco assustado.

— Isso é muito irado. — Nelson rugiu na minha cola. — Vamos poder comer quem quiser?

— Não mesmo garoto. — Rick disse. — Vocês dois vão ficar de prontidão, só podem se divertir depois do expediente.

— Mas Tyler pode, não é? — Larry se intrometeu. — Estou vendo um favoritismo por aqui.

— Tyler é estrela. — Henrique riu, piscou

para mim e me puxou para o outro lado. — Nelson e Larry não arrumem confusão. Tyler, venha, vou te apresentar umas pessoas.

Em minutos lá estava eu numa roda de atores e produtores bem conhecidos. Eles me olharam interessados, como se eu fosse uma mercadoria que emitia cifrões pelos meus poros. Um velho alto vestindo um horrível terno roxo, que era um produtor conhecido disse:

— Vi um de seus vídeos, garoto. Tem futuro. Vou conversar com Amanda, para investirmos numa parceria. — Virou-se para Henrique. — Tem outros garotos, Rick? — Eu ri de Henrique revirando os olhos e acenando para Nelson e Larry se aproximar.

— Um deles, o loiro, é bi; homem ou mulher ele traça. — Henrique informou sobre Larry.

— Gostei do negro. Alto, malhado e bem novinho. — O produtor disse — Quero os três e você — bateu no ombro de Henrique — Obvio.

— Não está sentindo frio, amor? — A voz sonolenta e delicada me fez voltar para a realidade.

Assusto e olho para Marianne ao meu lado, meio encolhida. Me recuperei do susto e apressei em chamar uma aeromoça.

— Irei pedir algo para você se cobrir.

— Estava acordado? — Ela me olha de cenho franzido.

— Pensando.

Ela assentiu e deitou o rosto no meu peito. Abracei-a. Estar aqui no presente é muito melhor que meu passado revolto.



— Enfim em casa! Já sinto saudades do Brasil. — Mary fala no aeroporto, abraçando meu braço, enquanto eu empurro o carrinho de malas.

Eu nem queria ter voltado. — Penso aflito por causa da marcação cerrada de Amanda.

— Eu também. Mal posso esperar para ver a galera. — Mentira pura. Estou olhando para os lados mais alerta que bandido fugindo da polícia. Medo terrível de Amanda estar aqui esperando. —

Direto para casa?

Diz que sim, diz que sim.

— Sim. Claro. Vamos descansar. — Ela concorda e eu sopro aliviado.

— Cadê nossos presentes? — Mary questionou assim que entramos na cobertura.

Eu, como precavido que sou, tinha deixado essa missão para Henrique: pegar todos os presentes ainda não abertos, conferir se tinha algum de Amanda e coloca-los todos no quarto de hospede lá em cima.

— Ah, eu pedi Rick e Dakota para coloca-los no quarto de hospedes.

— Ótimo. — Marianne aprova minha decisão e assim que tira os sapatos, joga longe a bolsa e cai deitada no sofá. — Ah! Enfim casa. Estou exausta.

Tiro meus sapatos e me acomodo no sofá, deitado com ela.

— Comidinha, sexo e hibernar até amanhã? — Ofereço.

— Você sempre com as melhores propostas.

— Va tomar um banho, vou ligar pedindo comida e ligar para Henrique dizendo que chegamos. Ele ficou de vir sempre por aqui, esses dias, pegar a correspondência, ou ver se tinha algo para mim...

— Deixou o Henrique de plantão na sua casa? — Ela se vira me olhando incrédula.

— Nossa casa. — Corrijo — Acho que é ossos do ofício. Sei que não sou mais terapeuta, entretanto tinha esse costume quando viajava.

Marianne se vira, se aconchega mais a mim e me abraça.

— Você ainda é meu Terapeuta, não se esqueça disso.

— Hum... — beijo de leve seus lábios. — Minha paciente mais aplicada.

Ela rir, me dá mais um beijinho e se levanta, abaixa para pegar a bolsa e recebe um tapa na bunda, que eu dou.

Marianne ri e corre para a escada.

Observo ela desaparecer escada acima e fico

no sofá, com a cabeça entre as mãos, pensando em um novo rumo da minha vida. Era tão mais fácil quando eu simplesmente mandava tudo se foder. Mas agora tenho ela e amo demais para mandar tudo às favas.

Olho de lado e tem uns presentes que eu e Mary tínhamos aberto antes da viagem. E lá está a maleta de brinquedos que Nelson deu. Dou um sorriso, ligo para o restaurante pedindo nosso jantar e pego a maleta.

— Mas que porra... — rio olhando as coisas que tem dentro da maleta. Algo como uma cueca box com tecido de napa ou couro, um cinto de utilidades com algema e cassetete, o revolver em forma de pênis que eu desaprovei, um quepe, óculos aviador que alguns policiais usam e para fechar o conjunto, um par de botas e colete com um distintivo. Olhei as botas e vi que Nelson se preocupou em comprar um conjunto que servisse em mim.

Ali mesmo na sala, me despi e comecei a vestir aquilo.

Era impossível não vestir tudo aquilo e não lembrar do meu passado em que eu tinha que me

NACIONAIS - ACHERON

fantasiar para os filmes e vídeos que gravávamos. Pornô geralmente é isso: atizar de alguma forma o libido das pessoas, e as vezes o sexo cru não era o suficiente, necessitava de atuações: médico, entregador de pizza, policial, representávamos vários papéis.

Assim que terminei e coloquei o quepe e os óculos me olhei no espelho da sala e apesar de assustado, sorri com o resultado. Era quase como ver ali refletindo, o Big Tyler. E não deixava de ser, acho que vou dar um pouco do Big Tyler para Mary. Ela vai gostar.

Ao chegar no quarto, vi que ela já tinha tomado banho e estava no closet. Fui até lá, espiei e Marianne estava vestindo uma calcinha.

— Não se mexa! — Eu digo — Vire-se devagar.

Ela não se virou devagar, olhou rápido assustada com as mãos cobrindo os seios. Assim que viu que não era nenhum perigo, ela relaxou:

— Que porra é essa, Sawyer?

Xiu. Calada! — Imito com as mãos o formato de uma arma — Você é suspeita de um

crime e está sendo presa, tudo que disser poderá ser usado contra você na cama. Vire-se e não faça movimentos brusco.

Ela fita meu corpo, semicerra os olhos e após dois segundos dá uma risadinha animada; já está na brincadeira.

— Oh senhor policial, deve haver algum engano. Armaram contra mim.

— Isso é o que veremos, meliante.

— Meliante?

— Calada. — Fui até ela, a peguei e prendi seus braços nas costas, puxei de leve sua bunda acochando no meu pau apertando nessa cueca desconfortável do cacete. — Vai passar por esse detector de mentiras. — Bati de leve meu pacote na bunda dela. — E passar por um intenso interrogatório. Segurando os dois pulsos, a algemei e assim ficou mais fácil segura-la com uma mão e a outra passar em volta dos seios.

— Ai... senhor policial... seja bonzinho comigo. Sou inocente.

No ouvido dela, murmuro:

— Você não teve a sorte de pegar um policial bonzinho. Agora pra cama cumprir sua pena.

— Mas sem julgamento? — Choramingou encenando.

— Não se preocupe, farei um julgamento justo. Sente aqui. Tendo todo cuidado, fiz com que ela se sentasse na ponta da cama e me postei de frente, segurando o cassetete de plástico, com pose de policial mau. Com a ponta do bastão passei de leve nos seios dela, subi devagar e toquei no seu queixo fazendo com que me olhasse. Ela estava nitidamente adorando a brincadeira, tanto como eu.

Sorrindo toda safada, Marianne desceu seu olhar pelo meu corpo mordeu o lábio e disse:

— Uau! está bem armado aí... Talvez o senhor aceitaria um suborno...

— Não trabalho com propinas, senhora.

— Não mesmo? — Com as mãos presas atrás nas costas ela jogou os cabelos fazendo charme. — Posso ser bem agradecida.

— Quanto agradecida?

— Por que não desce essa sua mini farda para eu te mostrar? — Ela piscou indicando minha cueca de couro preta que eu não suportava mais de tão apertada a medida que meu pau crescia e latejava.

Dou um sorriso bem pervertido e abro o zíper lateral da cueca, e assim, a cabeça do meu pau desponta toda grossa e pulsante e logo em seguida sai todo o corpo duro apontando para a frente. Marianne aprova com sua expressão, levanta os olhos para mim e espera que eu a ajude, afinal está com as mãos presas nas algemas.

Encosto mais um pouco para frente e toco com meu pau os lábios dela. Com um olhar sensual, ela abre os lábios e captura a cabeça dando uma chupada breve e soltando em seguida.

Ela sorri, eu ajeito os cabelos dela presos em minha mão e ela ataca, me fazendo gemer doido de tesão; nenhuma vai me dar mais prazer nessas mamadas do que a própria Marianne, isso por que eu amo, e pra mim, a boca dela é a única que me satisfaz.

Mesmo sem usar as mãos ela consegue me levar a um alto patamar de excitação, engolindo,
NACIONAIS - ACHERON

chupando a ponta e soltando e fazendo uma sucção fudida de tão gostosa, com as bochechas.

Disposto a ter mais que apenas um oral, me afasto tirando o pau de sua boca e a empurra na cama; Marianne já cai pra trás rindo.

— Não gostou do tratamento senhor policial?

— Vai levar um bom corretivo por ter me feito estremecer.

— Isso por que usei só a boca. Imagina se o senhor não fosse covarde o suficiente e me deixasse atacar com as mãos?

— Sem chances. — Seguro nas pernas dela, faço seu corpo girar ficando de bunda pra cima e puxo um pouco, assim suas pernas ficam pendida para fora da cama e a bunda na quina. Dispensando a cueca da fantasia, consigo tirar a calcinha dela ouvindo uma risadinha safada. Em seguida caio de boca. Segurando as polpas de sua bunda eu abro e passo minha língua em sua vagina já começando os primeiros sinais da excitação.

Mary geme e eu não paro; chupo mais um pouco ela remexe as mãos algemadas. Puxo com

meus lábios suas dobras quentes e húmidas e ouço um: “Sawyeerr” vindo do mais profundo amago dela. Impiedosamente, mantenho minha boca ali chupando forte, acariciando com minha língua seu clitóris, mantendo ela sedenta e mais escorregadia.

Marianne começa a sacolejar e eu sei que está vindo um orgasmo. Paro no mesmo instante e me afasto.

Ela convulsiona e revoltada, me olha sem conseguir se virar de frente, por causa das mãos algemadas.

— Sawyer?

— Senhor, policial. — A corrijo batendo com os dois dedos no distintivo de brinquedo grudado no meu colete. Ela não acha nenhum pouco engraçada a brincadeira. E faz uma cara de pura irritação. Antes de qualquer insulto, coloco um joelho na cama, seguro seus cabelos levantando sua cabeça e aplico em seus lábios um beijo gostoso de língua, molhado, possessivo e dominador.

— Calma que tem mais, querida. Vou te revistar agora. Coloco-a de pé e abraçando-a por trás guio Marianne até a parede mais próxima.

— Abra as pernas. — Empurro com meus joelhos as pernas dela. — Um pouco mais. — Deixo um pouco mais abertas. Marianne suspira junto com um gemido, quando eu abraço por trás e me esfrego em suas costas. Meu pau passando devagar contra sua bunda.

Tiro seus cabelos do ombro e mordo gentilmente seu pescoço, mantenho-a no lugar segurando sua cintura enquanto a provoco com minha boca. Passo a língua pelo seu pescoço, chupo brevemente um local e não me demoro ali.

— Sawyer. — Ela sacode as mãos mostrando que quer liberdade. Sei como Mary odeia essa coisa de sexo presa. Ela não tem paciência; minha mulher é bem participativa na cama e isso me deixa louco de tesão por ela.

— Xiuu! Vou te comer assim, senhorita fora-da-lei. Nem adianta implorar.

— Ahmm! — Ela choraminga algo inaudível, mas para, assim que sente meu pau encostando na entrada de sua boceta quente e ensopada. Aperto sua cintura, seguro nas mãos algemadas e empurro tudo de uma vez.

Com um gemido alto de puro alívio ela me recebe por inteiro com todo seu interior me prendendo como um punho bem firme, me dando um tesão tão gostoso que gemo sorridente bem pertinho do ouvido dela.

Me afasto, saindo quase por completo e voltando e entrar em uma única arremetida, forte o suficiente para sentir tudo, a ponta batendo no fundo dela. Com suas pernas abertas as socadas ficam mais fáceis e coloco uma pressão gostosa: nem muito forte e nem muito franca; um ritmo delicioso que nos faz gemer juntos.

Marianne tenta empinar a bunda para trás, numa tentativa de mais contato. Eu a empurro, mantenho ela em seu lugar e faço uma pausa com o pau todo enterrado.

— Está com pressa, senhorita? — Seguro os cabelos dela para eu poder ver seu rosto — Sabe o que o policial faz com mocinhas apressadas?

— Não, Sawyer. Sabe que eu odeio isso.

— O que? Uma foda gostosa bem lenta para você relaxar?

— Nãaaoo! — Ela protesta fazendo drama,

eu dou uma gargalhada e recomeço bem lentinho. Indo devagar até sentir minhas bolas baterem na bunda; mexo um pouquinho o quadril e tiro o pau de dentro mais um pouco, acaricio a boceta com a cabeça dele e torno a meter devagar.

Enquanto continuo com esse processo, deixando Marianne louca rebolando e com as pernas tremulas, passo minha mão pela frente e apalpo seus seios.

— Ahhh! Delícia! — Ela geme e eu arranco meu pau para fora. — Sawyer! Seu filho de uma égua! Me solte. Tire essas algemas! — ordena tentando se virar e mexendo os braços ferozmente. Como não quero minha linda esposa brava comigo, solto as algemas e imediatamente seguro os braços dela acima da cabeça, ainda mantendo-a presa.

— Sua punição ainda não acabou.

Ela consegue soltar as mãos, vira de frente para mim e vejo brasas de pura excitação em seus olhos cor de âmbar. Sorrio por ter conseguido despertar o lado mais selvagem de Marianne. Ela sente algo tão intenso como eu estou sentindo. Meu coração pula na garganta.

Ela agarra forte meu colete e me puxa para beijar sua boca. Eu deixo e retribuo o beijo. No fim ainda levo uma mordida no lábio.

— Ai! — Toco meu lábio..

— Agora o controle está comigo. perdeu policial. — Ela arranca meu quepe, coloca em sua cabeça, me fazendo rir e vai me empurrando. Caminhando de costas, sinto a cama atrás de mim e me jogo deitado a recebendo de braços abertos, Marianne se acomoda sentada no meu pau, louca para fazer de mim seu cavalo domesticado.

Marianne jogou a cabeça para trás gemendo e me deixando fascinado em ver ela com o quepe na cabeça e mordendo os lábios; as mãos apoiadas no meu peito. Meu pau estava todo dentro dela, estremeci todo ao sentir uma rebolada firme que ela deu e sorriu em seguida.

— Quero seus seios. — Murmurei e os segurei trazendo para meus lábios. Mary se ajeitou, erguendo e subindo o quadril, me cavalgando firme e compassadamente. Assim que ela se curvou mais para que eu chupasse seus peitos, eu coloquei força nos meus pés e impulsionei as socadas fazendo nós dois gemer juntos a cada arremetida deliciosa que

NACIONAIS - ACHERON

meu pau fazia.

Marianne rebolava, gemia, me mordida e chupava. Lambeu meu peito sem parar de gemer, chupou meu pescoço e afogou os lábios nos meus como se meu beijo lhe desse oxigênio para respirar.

Estávamos quentes, ofegantes e com as pulsações a mil por hora.

— Estou perto Mary! — Rosnei. Nunca gostei de gozar antes dela. Precisava dar a ela a satisfação antes da minha.

Marianne segurou meu pescoço, mordeu meu lábio e bateu forte o quadril fazendo meu pau entalar até o fim, e quando eu chupei seu mamilo, ela convulsionou em meus braços sentindo toda a potência do orgasmo. Eu me deixei ir logo em seguida gozando muito, sentindo cada jato disparar dentro dela e em seguida escorrer.

Ela ficou descansando, deitada em cima do meu corpo, me abraçando por longo tempo. Minha mão acariciando seus cabelos, fazendo um preguiçoso cafuné.

— Daqui a alguns meses não poderemos mais fazer tanta safadeza. — Ela sussurrou, como

se refletisse sozinha sobre isso.

— Não? porque?

— As crianças, Sawyer. Minha barriga estará gigante.

— Podemos foder de ladinho. Com calma.

— Não gosto de calma, não com você.

— E nem com outra pessoa, afinal nunca teve outro além de mim.

Ela levanta o rosto, tira os cabelos dos olhos e me fita.

— Claro que tive. O Ryan não conta?

— Transou com ele uma vez e odiou. Ficava só pensando em mim e como eu fodo gostoso.

— Meu Deus. — Ela se senta e me empurra quando tento segura-la. — Não dá para deixar a arrogância longe nem um segundo?

— E estou falando alguma mentira? Você mesma me contou que transou com ele pensando em mim.

— Mas não com essas palavras aí.

— Eu prefiro colocar com essas palavras. —

Consigo puxa-la de volta para me abraçar. — Se eu não tivesse te comido tão gostoso nem tinha lembrado de mim. se lembrou é porque marcou.

— Você é impossível, Graham. Vou tomar um banho.

Deixo ela se levantar e vou junto em direção ao banheiro.

— Mary, meu amor, aceite. Você até se casou comigo, pois não conseguiu ficar longe do código de barras. Sou sua mercadoria, aceite está quitado e no seu nome.

Enfim, embaixo do chuveiro, ela sorri e me abraça.

— Para de falar isso. você não é minha mercadoria. É meu marido e pai dos meus filhos. Eu te amo muito e foi por isso que me casei com você.

— Eu sei. Claro que sei. Mas isso não muda o fato de que eu fodo gostoso e você adora isso.

— Com certeza. Devasso. — Ela ri e me dá um beijinho nos lábios.

Depois do banho, a comida chegou e sentamos ao balcão da cozinha para comer. Marianne está quase se comparando a mim na comilança. Ela disse que vai começar um acompanhamento com nutricionista pois está sentindo que está ganhando peso mais do que o esperado. Eu posso perder tudo em treinos pesados na academia, mas e ela? Daqui a pouco estará imensa.

Sorrio olhando para sua barriga imaginando Mary imensa, com os bebês crescendo dentro dela. Meus filhos. Nossos filhos na verdade. Nunca achei que ficaria tão eufórico e fascinado com a ideia de ser pai.

Agora, conto no calendário quanto tempo falta para eu poder ver o rosto deles. Nem sei ainda o que será, mas dentro de mim, já nasceu a sementinha da paternidade.

Depois que comemos, corremos de volta para o quarto, fechamos as cortinas e caímos na cama aconchegados embaixo do edredom. Era hora da hibernação para relaxar da cansativa viagem.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON



SETE

Marianne

— Está indo onde?

Me viro e vejo Sawyer só de cueca parado na entrada da cozinha, me fitando curioso. Eu já estou arrumada, acordei cedo com meu celular tocando e estou indo ver Candice. Ela pode ficar dias após a lua de mel, de pernas para o ar. Eu não posso pois segundo minha sócia de negócios, eu já vivo numa constante lua de mel com Graham.

— Oi Saw. Sente-se, fiz um café bem

fortificado para a gente.

— Está indo onde, Mary? — Ele vem me beija rápido e continua de pé, sem sentar, como se estivesse em alerta.

— Coisa rápida. Candice me tirou cedo da cama, acredita?

Sawyer revira os olhos e balança a cabeça notavelmente revoltado.

— Não falou com ela que só volta segunda que vem? Ainda temos três dias para desfrutar.

— Sim, ela sabe. Mas disse que surgiu um probleminha e já que estou na cidade, para ir dar uma força a ela.

Ele bufa revoltado e fica massageando os olhos. Sei que Sawyer está muito irritado, tínhamos planejado ficar o dia todo de bobeira, passear por Nova York, sair à noite para algum lugar, ficar esses três dias que ainda nos restam bem juntinhos.

— Para de fazer drama. — vou até ele e massageio seus ombros. Ele me encara ainda com raiva nos olhos verdes. — As onze estarei aqui para almoçarmos. Podemos ir ao restaurante do seu hotel e ficar na suíte a tarde toda, a noite um

NACIONAIS - ACHERON

espetáculo na Broadway pois eu já reservei as entradas, não é um bom programa?

— É ótimo. — Os lábios dele fazem menção de sorriso, mas ainda noto tensão — Estarei mesmo te esperando. Não dê ouvidos a nada que Candice disser.

— Ela não vai me falar nada. — Afasto-me dele e vou pegar canecas.

— Não confio nela, Marianne.

— Sawyer! E a trégua que vocês dois firmaram? Ela é minha sócia e você meu marido. Não vou aceitar que ela fale de você e nem que você fique de picuinha contra ela, sem motivos.

— Tem razão. Eu só estou chateado por ela ter te tirado de mim logo cedo.

— Ela não me tirou de você. — dou um beijo nos cabelos dele e empurro um prato de ovos mexidos. — Prove esses ovos, vai te deixar mais feliz.

Sawyer também se arruma, e me dá carona, me deixando na porta do escritório. Segundo ele,

prefere me esperar no hotel; está com tédio de ficar sozinho em casa. Candice está lá fora batendo papo com o cara do Fedex e quando me vê chegar, despede dele e vem correndo. Mas aí vê Sawyer e fica mais comedida.

— Oi Mary. — Me abraça. — Teve boa viagem?

— Ótima. Maravilhosa. Olha minha cor. — Puxo a gola da minha blusa e mostro a marquinha de biquíni, que ganhei na última praia que estivemos no Brasil.

— Ficou linda, bronzeada natural em praias litorâneas, fiquei com inveja. — Ela gargalha e olha para Sawyer que saiu do carro sem necessidade. — Oi Sawyer.

— Oi Candice.

— E como está tudo aqui? — Pergunto.

— Ah, venha que vou lhe contar os probleminhas.

— Temos um compromisso as onze. — Sawyer se faz de antipático me fazendo revirar os olhos. — Não temos amor? — me coloca contra a parede.

— Sim, Candice. Eu e Sawyer temos um compromisso as onze.

— Tudo bem. eu a libero antes disso. — ela me puxa sem nem esperar eu dar um beijinho nele.

Olho para trás e Sawyer, mesmo de óculos escuros, está com um olhar intrigado. Posso saber disso pelas sobrancelhas baixas. Ele entra no carro e vai para o hotel. As onze eu o encontrarei lá.

— Aquele cara não relaxa, é? — Candice já foi perguntando quando entramos no elevador. — Viu a careta que ele me fez?

— Cara?

— Graham.

— Meu marido, você quer dizer. A pauta aqui não será ele, ouviu? Ou vou embora.

— Ok. Não está mais aqui quem falou.

— Acho isso ótimo. Estou casada e quero continuar assim pelos próximos... sei lá, cinquenta anos.

— Nossa, você é otimista. Ainda mais tendo Sawyer Graham como marido... muito otimista.

Candice sempre será essa cobrinha quando se trata de Sawyer? Meu Deus! Ela é madrinha do meu casamento, deveria me dar apoio. Eu ia perguntar o que ela queria dizer com isso. Se estaria insinuando que ele não vai conseguir ser monogâmico e conseqüentemente não conseguir manter um casamento duradouro.

Mas como eu mesma disse que Sawyer não será pauta, me fiz de sonsa e não respondi.

Deixei meu alto astral falar mais alto e cumprimentei todos na empresa. Estava mesmo com muita saudade do pessoal. Alan veio correndo assim que me viu e logo disse:

— Olha só. A senhora Graham conseguiu uma cor bem bonita. — Dei uma voltinha me exibindo; em seguida recebi o abraço que ele me deu.

Todos e até eu mesma estávamos felizes de eu estar novamente ali. Candice me mostrou alguns projetos novos e a maquete que tinha acabado de ficar pronta, do Hotel de Sawyer em Washington.

Estava linda, maravilhosa. Ia ser entregue hoje mesmo no hotel e tinha certeza que Sawyer iria adorar.

Eu disse que eu mesma me encarregaria de fazer a apresentação a ela, quando estivéssemos mais tarde no quarto do Hotel.

Candice disse para eu manter minhas ousadias pessoais longe dos ouvidos dela. Eu apenas ri do seu surto de conservadorismo fajuto.

Candice só me deixou sair as onze e quinze. E já tinha uma mensagem de Sawyer perguntando se eu queria que ele fosse me buscar. Eu queria pegar um taxi, mesmo assim, as onze e quinze um carro do Kayla parou na porta para me buscar. Como eu sou a primeira dama do lugar, não me fiz de rogada e fui, levando a maquete comigo.



— Você demorou. — Sawyer estava me esperando no hall, achei bem estranho aquilo; ele parecia muito nervoso. Fui até ele e dei um

beijinho em seus lábios, mas não pareceu o suficiente, ele teve que me abraçar apertado.

— Meia hora apenas, Sawyer. Está com algum problema?

— Estou, intolerância a ficar longe de você. O que é isso? — apontou para a caixa que o funcionário estava trazendo.

— Venha ver. Você vai adorar. — Me virei para o funcionário que me trouxe e pedi: — coloque no escritório do Sawyer por favor.

Quando eu retirei a caixa que cobria a maquete, Sawyer arregalou os olhos e sorriu, se aproximando para ver mais de perto.

— Chegou enquanto estávamos viajando. — Eu digo. — Agora você pode ver além da planta.

— Mary, é tudo que eu imaginei. Tá maneira demais!

— Gostou mesmo?

— Sim, logico. O hotel vai ficar perfeito.

— O primeiro de muitos que vamos construir.

— Sim. — Ele me puxou para abraçar e eu
NACIONAIS - ACHERON

passei os braços em seu pescoço. — Será o primeiro de muitos que vamos construir. Nós vamos.

Depois de apreciar a maquete em mínimos detalhes, eu Sawyer fomos almoçar no restaurante do hotel; como sempre, eu estava faminta e aproveitei bastante o almoço, Sawyer apenas sorria como se estivesse orgulhoso em me ver comendo tanto. Ele sorri assim pois vai continuar com o corpão em perfeito estado, o meu vai duplicar de tamanho; mas quer saber? Eu nem estou ligando, primeiro que só o fato de estar ganhando peso por ter um casal de gêmeos aqui dentro já é motivo suficiente para ter alegria, segundo, que não vou mesmo deixar de comer só por que vou crescer com a gravidez.

Depois do almoço eu só queria recostar e descansar, sentia meu estomago expandido; subimos para o quarto, tirei a roupa ficando à vontade só com uma camiseta de Sawyer que encontrei no closet, ele também se despiu e enquanto eu lia deitada na cama, Sawyer estava de cueca vendo algumas coisas no notebook.

Depois seu celular tocou e ele ficou um tempinho na antessala conversando com Henrique. Voltou de lá com uma cara de gato acuado.

Esse tempo de convivência com ele, me deu experiência o suficiente para decifra-lo. Deixo a revista de lado e o encaro. Ele não olha para mim, fica no meio do quarto, com a mão no queixo pensativo.

— Ei. — Chamo e ele me olha. — Tudo bem, amor?

— Ah... claro. — Sorri forçado para mim. Droga, não está nada bem.

— O que Henrique queria?

— Nada demais. — Ele bagunça os cabelos, finge espreguiçar e fala como se fosse casualmente: — Estava pensando aqui, Mary. Por que não vamos para Washington ver o andamento da construção do hotel e ficar uns dias afastados?

— Mais afastados do que já ficamos? Temos nossos compromissos, Sawyer. Segunda eu já volto a trabalhar... sem falar que temos consulta pré-natal.

— É. Tem razão. Mas quero levar a maquete

NACIONAIS - ACHERON

e queria que você fosse comigo. vamos ficar por lá, sei lá, uns três dias. Vamos hoje?

— Mas...amor. e nossos planos? Iriamos ver a peça na Broadway...

— A peça não vai acabar agora, poderemos comprar outras entradas depois. Vamos curtir agora, que ainda resta um pouquinho de nossa lua de mel.

Olho a hora no meu celular. Duas e meia da tarde.

— Ok. Vamos. Por mim tudo bem. Agora?

— Sim. — Ele se anima. — Daqui já vamos.

— O que?

— É. Pra que perder tempo? Já peço para preparar uma passagem aérea.

— Sawyer, não sei você, mas eu como mulher preciso de ao menos três blusas, duas calças e umas cinco calcinhas.

Ele pensa um pouco, me dá até um arrepio, como se Sawyer estivesse evitando sair do hotel, ou quisesse fugir logo do hotel.

— Tudo bem — ele anui — passamos rápido para pegar tudo e partimos agora. Vou fazer umas ligações, vista-se para a gente sair.

Sawyer estava bem apressado e meio intrigado. Como se estivesse em alerta. Chegamos ao prédio, ele pegou umas caixas de encomenda na recepção e me disse apenas que eram coisas antigas do consultório, que ele tinha mandando entregar lá.

Eu subi para arrumar minha bolsa e ele ficou no escritório abrindo as tais caixas.

Em pouco mais de uma hora, embarcamos para Washington sem nem falar nada com ninguém. Eu queria ligar para Candice, informando que só voltaria na segunda, mas Sawyer me convenceu do contrário. Enquanto eu estava no avião, olhando pela janelinha, minhas Mariannes interior estavam caladas uma olhando para a cara da outra e quase todas tinham a mesma sensação: era como se eu e Sawyer, estivéssemos fugindo.

Só podia ser paranoia de grávida.



— E então? Gostou? — Sawyer está mais tranquilo, com um semblante leve. De braços dados, saímos do restaurante em Washington. Já é noite e eu só preciso de uma cama e um corpo quente para me aconchegar e dormir até amanhã.

Eu liguei para Candice assim que cheguei e ela só falou algumas merdas e ficou por isso mesmo. eu nem importei. O hotel está se erguendo e estou adorando ver o resultado de tudo.

— Adorei a comida daqui. — Digo a Sawyer.

— Quero propor a esse restaurante, uma filial no meu hotel. O que acha da ideia?

Levanto os olhos para encara-lo, seu sorriso chega aos olhos iluminados.

— Ótima ideia! Será um sucesso, eu amei o lugar e combina perfeitamente com o que estamos planejando para o hotel. Já me trouxe aqui para eu avaliar, não é?

— Claro. Sua opinião é muito importante para mim.

— Por que eu sou a designe?

Ele rir, me dá um puxão para mais perto e beija meus cabelos.

— Por que é minha mulher que amo tanto.

— Fico lisonjeada.

— Espera eu estar pelado no quarto, em cima de você, para se sentir mais lisonjeada.

— Que? — Dou um leve empurrão nele — Nossa, isso foi babaquice.

— Ok. Eu não ia dizer lisonjeada, eu ia dizer sortuda.

Reviro os olhos, e arfo. Tento me afastar mas Sawyer prende minha mão a dele.

— Posso sentir o poder da sorte me rodear.

— Não seja irônica.

Chegamos ao carro, entramos e quando ele dá a partida, acrescenta:

— Aceite Mary. Você chegou despretensiosa no meu consultório para fazer uma reforma. Mas aí então não só transou com o melhor da cidade, como fez massagem no melhor da cidade, me deu macarrão no seu balcão, comeu comida árabe comigo, me fez te pedir em

NACIONAIS - ACHERON

casamento...

— Eu te fiz?

— É. Nenhuma outra me fez sentir essa necessidade de ter uma união monogâmica e continua. Depois você se casou com o melhor da cidade e agora está esperando dois bebês do divo do divã.

— Ou ceifador de bocetas, como meu pai quis te rotular.

— Ele não falou bocetas.

— Vaginas.

— Sem falar que tem a sua disposição particular, terapias que muitas pagariam fortunas para experimentar. É ou não é sortuda?

Me viro para a janela e olho a rua, escondendo o sorriso. Sim, eu me considero sortuda. Não por ter um homem, mas por ter sido libertada de minha vida medíocre e tediosa. Me pergunto o que seria de mim se não acontecesse Sawyer Graham na minha vida. Minha sorte não está apenas no material, mas no sentimental. Eu não estou apenas com um homem qualquer, é o que amo loucamente, e está construindo uma família

NACIONAIS - ACHERON

comigo.

— Minha sorte maior, é por ter encontrando uma vida nova de satisfação e prazer, que você me mostrou. E agora estou com o cara que amo.

— Isso desarmou minha retorica arrogante. Foi gostoso de ouvir. — Sawyer me beija e eu o empurro rapidamente.

— Olha a direção. Me casei com um arrogante. Sorte que ele é gostoso demais para recompensar.

— Só gostoso?

— Só. Agora pisa nesse acelerador que eu só quero transar com meu marido arrogante antes de dormir até amanhã as dez.



OITO

Sawyer

Estou encurralado. Maldita Amanda!

Quando ela cisma com uma pessoa, ela não para enquanto não fode pra valer a vida de seu alvo. Eu senti isso na pele uma vez, quando fui contra ela e sai de sua casa. Sem falar que presenciei várias vezes ela acabar com pessoas que entravam em seu caminho.

Certa vez um promotor levou adiante a

acusação de que o estúdio de Amanda promovia secretamente filmes com temas de pedofilia. Eu nunca soube se isso era ou não verdade, mas vindo dela, para ganhar dinheiro, se metia em muita coisa suja. Amanda não gostou nada da atuação do promotor e dias depois ele apareceu num quarto de hotel dormindo com uma prostituta assassinada.

O cara perdeu emprego e ainda foi preso, creio que injustamente.

Comigo não seria diferente. Ainda mais que ela nutre por mim, uma doentia paixão.

Henrique me ligou, eu estava no hotel. Ele disse que eu tinha chegado ao fim da linha, Amanda estava decidida e estava juntando um exército contra mim. Ryan já era seu aliado e segundo o que ela disse para Henrique, em breve Ryan contaria meu segredo para o pessoal de Marianne. Sem falar, é claro, que as encomendas na minha casa não parariam de chegar, até que Marianne enfim as recebesse.

— Vou fugir, Rick. — Eu disse a Henrique, quando ele me ligou.

— Fugir pra onde, Caralho? Enfrente essa

situação que você mesmo criou. Amanda só quer acabar com seu casamento...

— Ela não vai conseguir.

— Claro que vai. Imagina Marianne descobrindo isso pelo Ryan? O impacto será mil vezes pior. Amanda é mulher e entende que uma coisa dessas sendo descoberta por terceiros, é bem pior. Anule o veneno dela e conte você mesmo.

A todo momento eu olhava para a porta do quarto, onde Marianne estava deitada lendo. Me distanciei mais e rosnei em tom baixo:

— Não posso, cacete! entenda minha situação. Marianne está grávida, ela vai me afastar dela e de sua gravidez. Eu não vou suportar...

— Que porra, Tyler. Vai se fuder! Se ela descobre por outra pessoa, você vai estar na mesma merda.

— Por isso preciso fugir com ela.

— Cara, sou mais velho que você, fui seu mentor e sou padrinho do seu casamento, me escute. Não provoque uma tempestade onde não precisa. Essas suas tentativas de afasta-la da verdade, só vai piorar sua situação. Pense no que
NACIONAIS - ACHERON

digo. Agora corra para sua casa pois deve ter chegado mais surpresinhas por lá.

Meu plano ainda era fugir.

Consegui convencer Marianne a saímos da cidade e aqui estou em Washington onde pretendo esticar nossa estadia até pensar em outra saída. Mas então, eu a olhava e a via tão feliz, radiante, sorrindo e não queria vê-la sofrer. Ainda mais eu sendo o causador do seu sofrimento.

Enquanto ela dormia, eu refletia sobre muitas saídas e nenhuma era ideal. Não conseguirei manter Marianne por mais sete meses longe de Nova Iorque.

Fomos ao restaurante a noite, transamos em seguida, no hotel em que estamos, dormimos agarrados e eu senti um merda covarde por não encarar de frente a situação. Talvez aquela fosse minha última noite com ela, eu queria aproveitar bastante, cada momento.

Chegara a hora do confronto o qual eu adiei todo esse tempo.

Na manhã seguinte, fiz um roteiro de como
NACIONAIS - ACHERON

eu iria agir. Liguei cedo para Henrique, avisei sobre minha decisão, de ouvi-lo e seguir seus conselhos.

Marianne estava mais radiante que sempre, com seus cabelos cor de chocolate, soltos, sua boca sem batom se mexendo rápido enquanto ela me contava algo muito animador e que eu nem prestava atenção.

Seus olhos cor de âmbar... os olhos dourados o qual me acostumei tanto a encara-los. Ela tem o poder de me colocar nos eixos sem precisar falar nada. Às vezes, eu só preciso ficar olhando para ela, como estou fazendo agora. Sua felicidade, já me basta.

Voltamos para o quarto, Marianne foi ao banheiro fazendo piada que parecia uma velha de oitenta anos urinando toda hora. Eu fiquei sentado na cama, com uma arma imaginária apontada para minha cabeça.

Quando Mary saiu do banheiro ela logo percebeu que algo estava errado. Ela sempre percebe. Incrível como ela bate os olhos em mim e já sabe que algo está errado.

— Saw... o que houve?

— Mary, meu amor, venha aqui. Sente aqui comigo. preciso de contar uma coisa.

Ela não contesta, está assustada e atende o que peço. Se senta ao meu lado, está com os olhos levemente saltados, e eles brilham cheio de tensão. Seguro a mão dela, mexo em sua aliança e ela olha para nossas mãos, sem entender.

O momento chegou mais rápido do que eu esperava e acho melhor mesmo ela saber por mim, do que pela Candice ou qualquer outro, que com certeza vai aumentar toda a história.

— Sawyer, que cara é essa? Aconteceu algo com alguém... lá em Nova Iorque?

— Não.

Seguro as mãos dela e olho bem no fundo de seus olhos.

— Quero, antes de tudo, te dar a certeza de que tudo que sinto por você é verdadeiro e isso não vai mudar. Eu te amo e te quis desde o primeiro momento.

— Sawyer! Cacete! você está me assustando. O que houve? Você... me traiu?

— Não. Isso jamais. Eu menti...Mary... quer dizer, omiti coisas para você.

— O que?

— Escute. Por que eu sempre achei que se soubesse quem era eu de verdade, nunca teria se aproximado de mim, teria me repellido lá atrás, nos nossos primeiros encontros. Por favor, não me deixe quando souber de tudo. Eu te imploro, que nos de uma chance.

Ela puxa as mãos e totalmente pálida coloca uma mão no peito. Marianne está a um passo do surto e tenho certeza que é por causa do tanto que estou enrolando.

— Então tudo que me disse... sobre sua irmã...

— É verdade. — Eu adianto. — É tudo verdade. Aquela louca é minha mãe, eu matei meu padrasto, fui preso, fugi da cadeia, troquei de nome tudo é verdade.

Ela está bem pálida e assente, acreditando na minha palavra.

Marianne se acalma um pouco, mas ainda mantém seu olhar desconfiado sobre mim.

— Então, pelo amor de Deus... do que está falando?

Eu aceno afirmativamente, a fito mais um pouco estudando com calma seus olhos dourados. Sei que isso é pelo nosso bem. sei que ela vai me perdoar mais tarde e seremos uma família, como eu sempre quis. Pigarreio e decido que chega de enrolação. Pego meu celular abro em umas fotos que eu selecionei digo:

— Denis Hudson. Esse não é meu nome verdadeiro.

— Não? mentiu sobre seu nome?

— Sim. Por que eu não queria que você soubesse o verdadeiro. Meu verdadeiro nome era Tyler Carter e eu posso dizer que era apenas a porra de um ator pornô, mas...

— Ator pornô? — Ela repete quase gritando.

— Sim, eu poderia dizer que era apenas isso, visto o que eu fazia no consultório ser quase uma prostituição e você sabia dessas práticas. Entrego o celular a ela. Lá estão fotos de eu cabeludo com os cabelos descoloridos, rosto liso e pose de estrela do pornô.

— Esse era Tyler Carter. Meu nome de batismo.

Marianne solta o celular e me encara chocada.

— Graham! — O tom de voz se eleva. E quando ela me chama de Graham, sei que a coisa não tá boa. — Está me dizendo que era um...

— Eu fui uma estrela do pornô, Marianne. Por longo tempo. Era minha vida, a única coisa que eu sabia fazer, o que me colocaram para fazer desde cedo. Eu, o Rick, a Jill, o Nelson, a Dakota, o Larry. Todos nós somos amigos de longa data, atuando em filmes que você sente desprezo. E não é só isso. Eu era um garoto de programa de luxo e junto com os rapazes, formávamos o melhor quarteto da alta sociedade.

— Ai meu Deus...! — Ela exclama mas eu continuo colocando tudo pra fora. Agora que comecei contarei tudo.

— Agora entende por que eu escondi isso de você? Sempre foi tão receosa em certos assuntos, me disse várias vezes que desprezava esses tipos de trabalho. Eu só não queria te perder, ou ser julgado

por você. Se você procurar por Tyler Carter, vai ver todo chorume que foi minha vida. Eu sinto tanto, Mary.

Pálida, ela se levanta, meio tonta e anda rumo a saída. Eu corro e a seguro pelo braço.

— Mary.

— Espera, Sawyer... me deixe um pouco. — Ela não sabe para onde correr, vai para a sala e fica andando com as mãos enfiadas nos cabelos.

— Isso é uma coisa...fútil... — minha voz sai muito rouca, de pura tensão e eu pigarreio — não rotula quem sou hoje, sou um novo homem e....

— Mentiu para mim... todo esse tempo...

— Não é uma questão de mentir, Marianne. É algo comum, apesar que eu fiz muita sacanagem, ser ator pornô não é algo que desgrace a vida de alguém. Esse é apenas meu passado e...

— DANE-SE QUE É SEU PASSADO! — Ela dá um grito muito alto, já com lágrimas nos olhos. — Dane-se! É nosso casamento, você se casou comigo e... Merda! Todos eles sabiam? Todos nossos padrinhos sabiam dessa... sordidez. Você me enganou deliberadamente.

NACIONAIS - ACHERON

— Marianne... Você não iria me perdoar se...

— Você não pode decidir isso por mim, porra! Você não pode decidir se eu daria ou não importância. Você mentiu todas as vezes, e todas as vezes eu te perdoava e você continuava mentindo e quando enfim confiei totalmente em você, me deixou passar por tudo isso às cegas. — Ela dá uma risada pesada e irônica e limpa as lágrimas. — Meu Deus! Tyler? que porra é essa de Tyler? Eu me casei com um homem achando que era outro...

— Eu sempre fui o mesmo... e sempre vou te amar, e precisa ser tolerante...

— Não venha me usar para se fazer de vítima. — Ela me corta berrando. — Você teve inúmeras oportunidades de me contar toda essa safadeza... meu Deus! Garoto de programa, gravou pornô com metade dos meus padrinhos de casamento. Que Merda, Sawyer!

— Era a porra do meu trabalho Marianne!
— Acabo berrando também. — Cara, não pode me julgar pelo que fiz no passado!

— Eu estou pouco me lixando para os seus motivos de se prostituir e gravar pornô. Não quero

saber! O presente é o que importa. O que mais eu vou descobrir vindo daí de você? O que Sawyer? Por que não pode ser sincero comigo? eu te entreguei tudo que tinha, toda minha confiança, meu amor, será que em troca eu não poderia ao menos estar ciente de com quem eu estava me cansando?

— Mary... eu só não queria que se afastasse...

— Você não pode decidir isso por mim! O que fez para tentar me impedir de saber? Fez reunião com seus amigos? A Dakota sabia que eu estava inocente nessa história? Ela sabia que você não tinha me contado nada?

— Sim. Todos sabiam, e se isso vai te deixar mais calma, Henrique e Dakota brigaram muito comigo para eu te contar. Eles abriram meus olhos.

Marianne dá um giro surtado pela sala, com as mãos enfiadas nos cabelos.

— Então era isso. Todo esse tempo tive sinais. Aqueles filmes que desapareceram em sua estante, os caras te confundindo no aeroporto e te chamando de Tyler, a Jill que disse que eu deveria

saber quem era você. A Jill! — Ela dá um berro rindo sarcástica — Você me disse que não era namoro, que era algo que eu não poderia entender. Ela era o que? Contracenava com você?

— Jill passou o mesmo que eu. Estava ao meu lado todos os anos... e sim, ela era minha principal companheira em cena.

— Dane-se! — Ela vem correndo para cima de mim e desfere vários tapas que eu os protejo com o braço! — Que babaca, ainda vem me contar o que fazia com aquela vaca. Eu não quero saber! Céus! Eu tinha tudo a minha frente, até o Alan... o primo da Candice dizendo que você era ator pornô...as coisas que você fazia no consultório... aaaaaaaaahhhhhhhh! Eu caí feito patinha na lábia de um pervertido sexual.

— Não me reduza a isso Marianne. Eu sou seu marido, eu te amo. Não faça isso com a gente.

— Eu fazer? Cara, você é muito problemático. Você armou tudo isso Sawyer, você está separando a gente, que casamento dura com mentiras? Ainda mais esse nível de mentiras? Imagina se fosse eu? Se descobrisse que eu era uma prostituta e te enganou só para não te perder?

NACIONAIS - ACHERON

Nesse momento, como uma bomba, vem a frase da avó dela, reverberando na minha mente: *“Nunca faça com sua esposa, algo que não queria que fizesse com você.”*

— Eu quero ir embora. — Ela fala e corre para o quarto. Eu vou atrás, desesperado, sem saber o que fazer. Eu sabia que isso iria acontecer, não sei se dou espaço para ela, ou se tento mais implorar por desculpas. Já briguei outras vezes com Marianne e sei por experiência própria que confrontar nesse momento, não é o certo.

— Ok. Vou preparar nossa volta. — Antes de sair do quarto, volto e a chamo: — Mary. Ela me olha, seca as lágrimas e está muito puta de raiva. Eu compreendo o que ela está sentindo. — Não conte nada para Candice... não essa arma na mão dela.

Marianne não diz nem que sim e nem nega. Apenas volta a arrumar suas coisas.

A viagem de volta foi bem estranha. Marianne estava de cara amarrada e volta e meia limpava uma lágrima. Que merda! Eu estava me

sentindo um desgraçado por ser o culpado do sofrimento dela. Não forcei a barra em nenhum momento, ela precisa desse tempo para assimilar tudo.

Quando chegamos em Nova Iorque, um carro do meu hotel já nos esperava. Marianne foi taxativa:

— Quero ficar sozinha, Sawyer. Vou para minha casa.

— Não. nem pensar. — Neguei no mesmo instante.

— Isso não é um pedido...

— Eu sei, calma. Você vai ficar na nossa casa, e eu vou...

— Sua casa, sua cobertura!

— Nossa, Marianne! Nos casamos e não tem essa de divisão. Eu vou sair. Eu vou ficar no hotel e te dar o tempo que precisa.

Ela não contesta, apenas assente tirando rápido os olhos de mim.

— Lá além de ser mais confortável, tem todas as duas coisas e é mais seguro. — Eu

complemento e ela assente, sem dizer mais nenhuma palavra.

Eu estava louco querendo fazê-la me ouvir, querendo abraça-la e dizer para esquecer tudo isso, mas antes eu tinha que pensar com cautela. Era minha obrigação dar a ela o tempo necessário.

Quando o carro parou em frente ao prédio, corri e peguei a bolsa dela. Marianne tomou da minha mão e marchou na frente. Eu corro tomo a bolsa e dela e ralho:

— Tudo bem que está com raiva de mim, mas não tem que ficar fazendo essas coisas. Essa bolsa está pesada.

Levo-a até o elevador e quando ela entra e me olha, limpa rapidamente uma lágrima do olho.

— Mary...!

— Me deixa em paz.

Eu fico do lado de fora e ela sobe sozinha.

Chego ao hotel, e lá no quarto, me jogo na cama olhando o teto. Está feito. Não achei que fosse tão rápido, entretanto está sendo mais difícil

do que eu poderia imaginar.

Pego meu celular e ligo para Henrique. Quando ele diz: “Fala, Sawyer” eu desembucho.

— Espero que esteja satisfeito. Minha mulher me odeia. Eu contei tudo.

— Ok. Onde está? Quer vir tomar uma cerveja e conversar?

— Tá em casa?

— Academia.

— Chego aí daqui a pouco.

Louco da vida, eu dirijo desejando que o tempo passe logo para que a raiva de Marianne acabe e ela comece a refletir com racionalidade. Quando ela vir que não tem nada de mais, daí então aceitará conversar comigo.

Rick me recebe e me leva para o escritório. Me sento numa poltrona, de cabeça baixa e olhos fechados.

— Toma. — Abro os olhos e ele me estende uma cerveja. — E aí? Ele se acomoda em outra poltrona.

— Não tinha mais jeito. A vadia da Amanda

NACIONAIS - ACHERON

me encurralou. Tive que contar. Tomo vários goles de cerveja e o liquido gelado me acalma um pouco.

— Mary tá muito puta? Contou sobre todos nós?

— contei. Ela perguntou se Dakota sabia...

— E o que respondeu?

— Tentei amenizar dizendo que a Dak queria que eu contasse tudo a Marianne.

— E ela queria mesmo.

— Sim. Não foi uma mentira.

— E agora? Como será?

Eu suspiro, bebo toda a cerveja e Rick se adianta, pega outro e me entrega, abano a cabeça e relutante, murmuro:

— Não sei. Tudo está nas mãos dela. Eu sai de casa pois ela queria sair.

— Cara, você fez a coisa certa. Atenha-se a isso apenas. E dê o tempo necessário para ela digerir tudo.

— Estou dando esse tempo, mas está difícil demais. O medo de ela... sei lá. não me querer

mais. — Levanto os olhos para Rick, sentindo-os lacrimejando. Merda, não quero chorar ainda mais na frente do meu amigo. — Eu devia ter seguido aquele seu conselho sobre as garotas.

— Mas já que não seguiu, vai um aqui para você seguir: Você não é a vítima. Pense sempre no bem dela, para tentar corrigir seu erro.

— Farei isso.



Passei o resto do sábado e domingo inteiro quase vegetando, trancado na suíte do hotel, apenas de cueca, e comendo o que o serviço de quarto me trazia. Até, inclusive, dispensei a arrumação da camareira na manhã de domingo.

Eu sabia que ainda não era tempo de ir atrás de Marianne. Mantive a paciência, coisa que não costumo ter. Na primeira noite dormindo sozinho, desde que nos casamos, foi um pouco tensa, mas eu consegui.

Na segunda eu já acordei animado pois era dia da consulta pré-natal dela e nem fodendo eu iria

perder.

Quando cheguei as duas da tarde na clínica, Marianne já estava lá com Candice e me olhou assustada. Será que ela achou mesmo que eu iria esquecer?

Caminhei até elas e fiz um breve cumprimento a Candice.

— Candice.

— Oi, Sawyer.

Bom, pelo visto, Marianne ainda não tinha contado sobre mim para a amiga. Menos mal. Transfiro o olhar para Marianne e ela me encara já refeita da surpresa, agora totalmente irritada.

— Oi, Mary.

— O que está fazendo aqui? — Suas mãos seguram firme uma revista, como se fosse me bater com ela.

— Não é o dia da sua consulta?

— Sim, mas não precisa você...

— Precisa sim, Marianne. Aconteça o que acontecer entre a gente, eu ainda vou continuar sendo pai dos bebês. Irei estar presente em todos os
NACIONAIS - ACHERON

momentos.

— Mesmo contra minha vontade?

— Mesmo contra a sua vontade.

Me sentei ao lado dela, Candice só de olho torto para cima da gente. Então quer dizer que ela nem mesmo sabia que estávamos brigados? Devo parabenizar minha esperta esposa por ter me escutado e não dado essa arma para Candice.

— Como tem passado? — Falo em tom mais baixo, só para ela ouvir.

— Muito bem. — Marianne resmunga malcriada.

— Mesmo?

Ela me encara, é um fuzilamento com os belos olhos.

— Queria que eu dissesse que estou morrendo e chorando por você?

— Não. só perguntei...

— Estou ótima. — Volta a passar a página da revista com toda força. Nem está lendo. Eu me calo. Vê-la tão hostil comigo me machuca, mas devo relevar. Como Rick disse, eu não sou a vítima

aqui. Preciso deixar que Marianne extravase sua raiva.

Ficamos calados até chamarem o nome dela. Marianne se levanta e Candice nem se move sabendo que agora, ela tem um acompanhante. Me levanto e a sigo.

A médica sorri assim que entramos. Ela cumprimenta Marianne e logo em seguida eu.

— Então vocês são Sr. e Sra. Graham? Ela olha de mim para Marianne e de volta para mim.

— Ou sra. Carter se preferir. — Marianne alfineta e eu sorrio sem graça.

— Meu segundo nome. — explico e a médica assente não percebendo a indireta.

Ela começa a fazer algumas perguntas a Marianne, sobre o tempo de gravidez, dá uma olhada no primeiro ultrassom que Marianne fez, olha os outros exames e depois pede que Mary se deite numa cama no outro lado, para ela examinar.

Eu fico de pé ao lado da cama, não sendo bem recebido, mesmo assim, não saio dali. Assisto tudo, ela apalpando o ventre de Mary, escutando com o estetoscópio, medindo a pressão e no fim,
NACIONAIS - ACHERON

quando voltamos para a mesa, ela diz, um pouco séria.

— Marianne, essa é sua primeira gravidez, certo?

— Isso.

— É uma gravidez de gêmeos e sua pressão não está nada boa, está alta. Tem passado estresse esses últimos dias?

Marianne me dá um olhar acusativo que eu recuso a receber como culpado.

— Sim, temos passado estresse.

— Sua gravidez não é de risco, mas pressão alta em grávidas é um risco sério. Vou te encaminhar para uma nutricionista para começar uma alimentação saudável e vai precisar fazer atividades físicas.

A médica olha para mim e pede:

— Você como marido, vai ficar encarregado de observar ela. Impedir que passe estresse sem motivos, encoraja-la em caminhadas matutinas e a ter uma boa alimentação.

— Claro. — Eu concordo imediatamente.

Marianne segue muda.

— Vou te pedir uns exames, traga na próxima consulta.

Saímos do consultório e quando chegamos na rua, Marianne me olha, bem séria. Candice se afastou sabendo que a conversa não a interessava.

— Eu vou ficar uns dias com meus pais. — Marianne manda na lata, a queima roupa, sem nem me preparar.

— O que? Você ouviu o que a médica disse sobre...

— Sim, Sawyer, eu ouvi. Mas eu preciso disso e você sabe que preciso. Tenho que conversar com minha mãe e ouvir conselhos que só uma mãe pode dar. Sem falar que lá não terei tanto estresse como tenho aqui.

— Eu estou te fazendo isso? O estresse?

— Não quero culpar ninguém Sawyer.

— Suas ações dão a entender que está me culpando. Eu me sinto mesmo culpado de estar causando mal e você e nosso bebês.

— Não está me causando mal. Me deixe sozinha um pouco...

— Você já está sozinha, eu posso contratar alguém para cozinhar para você, para te fazer companhia, não precisa viajar Marianne...Já percebeu, que tudo que acontece entre a gente você sempre quer fugir?

— Eu sabia que você não entenderia. — Ela tenta passar, mas seguro seu braço. Marianne fica mais irritada e dispara: — Eu preciso ver meus pais e estar perto deles. Você não vai me impedir. Me deixe em paz, Sawyer.

Bufo de raiva, mas me controlo. Agora que não vou mesmo discutir com ela. Cacete! pressão alta! Eu estou morto de preocupação e Marianne nem parece ligar. Queria essa mulher deitada recebendo tudo nas mãos, e agora ela cisma de viajar.

— Ok. Sem brigas, irei ligar para Rose e contar sobre a consulta, caso você omita isso, para que ela tome os devidos cuidados e cuide bem de você.

Marianne abre a boca para contra-atacar,

mas eu adianto e chamo Candice.

— Ei Candice. — Ela vem rápido. — Fique com Marianne essa noite, ela não está bem e eu não poderei estar por perto. — Candice assente sem nem contestar ou perguntar o que está havendo. Eu olho mais uma vez para Marianne, ela me encara de desafiante e saio rápido indo para meu carro.

É horrível não ter o controle das coisas. Estou quase surtando com mais essa. Marianne acaba com minha sanidade.



NOVE

Marianne

— Então vocês brigaram? — Candice está de pé no meu quarto me olhando enquanto arrumo mais uma vez, uma bolsa de viagem.

— Sim, Candice. Desculpe não ter te contado.

Eu não contei a ela sobre minha briga com Sawyer. Hoje eu apenas pedi que ela fosse comigo a consulta e inventei uma desculpa que

Sawyer estava ocupado. Candice ainda o criticou dizendo que ele estava colocando outros interesses a frente da família. O que provou ser mentira quando ele chegou e mostrou que tinha lembrado da consulta.

— O que houve dessa vez? Foi sério a ponto de ele sair de casa?

Eu penso se devo ou não contar toda a verdadeira história de Sawyer para ela, mas decido que não farei isso até conversar com meus pais. A eles sim, irei contar tudo. Então, decido mentir para Candice.

— Apenas brigas de casal recém-casado.

— Eu e Leo não brigamos da forma que você e Graham vivem em pé de guerra. Esse cara não serve...

— Candice. Não quero ouvir isso. por favor, Sawyer pode ser tudo, mas ele é o homem que meu coração escolheu amar.

— Desde que não fique como uma tola dizendo isso a ele e crescendo o ego do babaca.

Decido não brigar. Eu estou com raiva dele, eu posso chama-lo de babaca, mas ver outra pessoa

NACIONAIS - ACHERON

chamando, me deixa louca de nervoso. Calada, continuo arrumando minhas coisas. Pretendo ficar uns três dias apenas com meus pais. Será o suficiente para espairecer. Se eu ficar aqui sozinha sem compartilhar minhas conjecturas com outras pessoas, eu surto.

— Sabe que essa coisa de pressão alta em gravidez é perigoso, não é?

Soltando o ar do peito com sofreguidão, deixo a roupa de lado e me sento na cama.

— Sei, isso me preocupa demais.

— Acha que pode ter sido a briga com Sawyer que te deixou estressada?

— Sim, apesar que a médica disse que eu tenho mais riscos; é minha primeira gravidez e são gêmeos.

Candice senta ao meu lado e acaricia gentilmente minhas costas.

— Então, Mary, você deve mesmo ficar alguns dias com seus pais. Não deixe que Graham mexa com você dessa forma.

— Ele não é culpado...

— É sim, Marianne. Chega de passar a mão na cabeça dele. Sawyer tem agido infantilmente desde que te conhece e você sempre volta atrás e o perdooa.

Eu assinto, não concordo com essa parte de ele agir infantilmente, mas sim no fato de eu sempre perdoar os deslizes dele. Voltei atrás em todas as vezes pois o amor que eu sentia por ele, era bem maior que o desprezo que minha mente tentava sentir.

Nesse momento minha Marianne racional está no comando pois a emocional que ama Sawyer está hospitalizada depois de tudo que eu descobri. Até agora eu não consegui ir ao Google e digitar: Tyler Carter. É demais para mim essa coisa de descobrir o passado do meu marido indo na internet; por mais que a curiosidade me corroa, não quero me deparar com uma imagem dele pelado com outras mulheres.

Ver um pornô dele? Nem em sonho. Muitos podem até me culpar, dizer que sou fresca, acho até que muitas mulheres já teriam ido conferir esses tais vídeos, mas não tenho essa estrutura para aguentar. Ainda estou digerindo a palavra: “Estrela

do pornô”. Ver um vídeo dele em ação, seria o mesmo que dar uma facada e matar de vez minha Marianne emocional que ama muito o Sawyer.

Candice me diz que vai na casa dela rápido pegar umas coisas e volta para ficar comigo, quando ela sai, eu decido ir xeretar as coisas de Sawyer. Se for para descobrir algo a mais, que seja aqui na casa e não na internet.

No closet não tem nada pois eu já olhei assim que mudei para cá. Mas tem o escritório dele, que quase nunca entro, nem ele mesmo nunca entra lá. É para lá que eu vou.

Olho em volta, de braços cruzados e mordendo o lábio, pensando o que posso procurar e onde procurar.

Tem estantes com livros, com enfeites, poltronas, uma mesa grande de trabalho com um computador. Meus olhos caem sobre o aparelho e eu vou apressadamente ligá-lo.

Como eu pressentia, tem senha. É estranho, mas não incomum, homens colocar senhas em seus aparelhos. Nem tento experimentar várias combinações deixo o computador de lado e olho as

gavetas.

Na primeira tem alguns envelopes e confiro um por um. Tem umas papeladas sem importância, em outro tem uma dieta de acompanhamento de treino e em outro uma cópia da planta do hotel.

Na segunda gaveta dou de cara com algumas bugigangas e uma caixa preta e que não está trancada, conheço muito bem caixas desse tipo pois meu pai tem delas, abro só para conferir e vejo uma pistola Glock com suas munições do lado. Incrivelmente está novinha.

Deixo no lugar, tento a terceira gaveta e para minha surpresa está trancada. Aqui tem coisa. Olho em volta, não acho nenhuma chave a vista, entretanto após refletir um pouco, saio correndo, subo as escadas e entro no nosso quarto onde tem uma lareira. Pego um dos atizadores de brasa e volto.

Sei que essas gavetas de mesa não são tão fortes como um cofre. Forço um pouco com o ferro e não demoro muito para conseguir arrombar após um estalo da fechadura se rompendo.

Abro a gaveta e vejo o que talvez eu estaria

procurando. São filmes em DVD, vários deles; creio que eram os que estavam na estante e sumiram da noite para o dia. Me afasto imediatamente como se tivesse visto uma cobra. Coloco uma mão no peito e fico de longe espiando. Tem um homem loiro enorme na capa do filme, de braços cruzados, com pose de garanhão, vestindo uma cueca box ao lado de um caminhão. A sua volta, umas quatro mulheres nuas fazendo pose também.

Com o coração bombeando todo o sangue para minha cabeça, sinto meus olhos lacrimejarem, abaixo e pego o filme na gaveta.

Agora estou mais chocada.

O homem loiro é Sawyer.

Está totalmente diferente do que ele é hoje, se eu não soubesse da história diria que apenas é um cara que se parece. Não assusto com o fato de quase ninguém ter ligado os dois homens, Tyler e Sawyer.

Bem grande, de vermelho, está escrito: “Fuck Truck com Big Tyler”.

Sério isso? caminhão da foda?

Que porra de filme era aquele?

Virei o DVD e quase morri quando me deparei com uma imagem dele sentado pelado no banco do caminhão e uma mulher com a boca em seu pênis. E lá estava o código de barras na virilha.

Joguei o DVD lá dentro e empurrei com força a gaveta. Não queria mais ver nada daquilo. Era demais até mesmo para minha Marianne mais pervertida. O ciúme me roeu quase de uma forma doentia. Aquele não era o meu Sawyer, mas era como se tudo fosse atual e ele estivesse ali, me traindo.

Um corpo que somente eu poderia tocar. O ódio me consumiu. Muito ódio por ele ter me trazido a esse caminho sem volta. Por ele ter me conquistado e me deixado prisioneira a ele.

Limpei as lágrimas, soluzei, quis correr dali, mas fui olhar a estante. Encontrei mais coisas escondidas. Dois prêmios, um de melhor ator pornô e outro de melhor ator revelação. Encontrei um álbum antigo com fotos da era cabeludo loiro. Lá estava a Jill o abraçando, o Henrique, Nelson, Larry. Eles eram uma família. Olhei todo o álbum vendo que a única intrometida nisso tudo era eu.

NACIONAIS - ACHERON

Eles sorriam felizes, juntos, em algumas fotos seminus, em outras abraçados.

Jill não era namorada de Sawyer, era muito mais que isso, era parceira, era amante, amiga e a única que o entendia e que o aceitava como ele era, sem julgar, pois ela era da mesma laia.

Eu não aceitava aquela tingida de farmácia e muito menos a apoiava, mas agora, como mulher, eu entendi perfeitamente o que ela sentiu quando o viu se distanciar e enfim se estabilizar com outra mulher.

Ela pode ter passado a vida querendo ser assumida por ele como namorada, e daí vem outra do nada e o leva embora.

Sim, eu nunca vou ser tolerante com essa vaca, mas eu a entendia perfeitamente.



Eu cheguei a noite do dia seguinte na casa dos meus pais. Estava muito cansada e esgotada emocionalmente. Sawyer tinha ligado, mas eu não atendi, só mandei uma mensagem dizendo que

estava indo para o aeroporto. Ele respondeu pedindo:

“Marianne, atenda minha ligação.”

E eu respondi com outra mensagem:

“Me ligue a noite.”

Meu pai quis saber onde meu marido estava e eu disse que Sawyer precisou ir resolver uns problemas do hotel que está sendo construído e eu vim ficar uns dias aqui com eles. Ambos, meu pai e minha mãe, aceitaram numa boa minha explicação. Eu não queria contar para ele que briguei com Sawyer e estamos separados. Papai não iria ficar satisfeito e querer tirar essa história a limpo.

Eu mal tinha acabado de chegar, tomei um banho e ia descer para jantar quando meu celular tocou, era Sawyer. Me sentei na cama e atendi.

— Diga. — Soei o mais fria possível. Minha raiva tinha redobrado depois que eu vi as coisas no escritório dele, ontem. Então, ouvir sua voz me provoca revolta além de saudades.

— Já chegou a casa de seus pais? — Ele perguntou.

— Sim, já estou aqui.

— Você está bem?

— Estou ótima, Sawyer.

— Marianne, gostaria de conversar com você, de ajeitar isso entre a gente. Odeio ficar sem notícias, sem saber se você está realmente bem, odeio ficar longe...

— E eu gostaria que não tivesse me enganado esse tempo todo. — Falando mais alto que eu gostaria, interrompi ele e me levantei exasperada — Agora eu gostaria que me desse espaço.

— Mas eu estou dando espaço, droga. — Sawyer vocifera mostrando que também não está tranquilo — Não nos vemos a dias. Será que mereço mesmo pagar por algo que fiz anos atrás e que nem foi algo contra você? Era meu estilo de vida, era a única coisa que eu conhecia.

— Não julgo o que você era, mas sim o que se tornou. Um mentiroso. — Cuspo essas palavras e volto a me sentar. — Meu Deus, eu vi suas coisas no seu escritório...

— Meu escritório?

— Lá em casa, Sawyer. Estou chocada e enojada por ter encoberto isso tudo de mim. Cara, eu era sua esposa e não uma coleguinha qualquer...

— Então já está usando o verbo no passado? Era minha esposa? Eu quero te informar que ainda sou seu marido.

Demoro a responder. Limpo uma lagrima que ardeu em meu olho. Merda, eu o amo tanto, por que foi omitir isso pra mim? me deixando cheia de inseguranças novamente, me sentindo enganada pela pessoa que mais adoro.

— Eu nem sei mais se isso é verdade. — Sussurro — Não sei com quem me casei.

— Que porra de historia é essa, Marianne?

— Ver você naquela capa de DVD, Sawyer, me fez perceber que não o conheço e isso é bizarro, é estranho demais. Eu preciso de um tempo. Respeite isso por favor.

— Tudo bem. saiba que estou mal esses dias, reflita sobre tudo e veja se é mesmo prudente acabar com tudo que temos. Estamos começando uma família e nos amamos. Pense nisso.

Eu o achei bem arrogante, quando devia
NACIONAIS - ACHERON

estar todo humilde.

Ele não espera eu dizer nada e desliga. Eu fico um tempo olhando para o celular, sem querer pensar nessas últimas palavras dele. Sawyer merece punição, sempre faz algo e eu como tola vou perdoá-lo. Dessa vez será diferente.

Levanto os olhos e minha mãe está na porta me olhando.

— Oi mãe.

— Eu não estava ouvindo sua conversa, mas nem preciso para saber que tem algo errado. Não tem?

— Sim. — Assinto desoladamente.

Ela vem, se senta ao meu lado e mexe nos meus cabelos. E então eu choro. Minha mãe me acolhe em seus braços e eu coloco para fora tudo que guardei sozinha. Se eu fosse uma pessoa vendo minha história de fora, diria: “essa garota está fazendo drama”. Mas eu estou no olho do furacão, tenho duas vidas a caminho, até semana passada tinha o marido perfeito, a casa perfeita e agora descubro que ele me escondeu toda sua vida por simples capricho. Ao menos eu penso assim.

É muito pior para mim, que estou vivendo isso de perto.

Minha mãe me ajuda limpar as lagrimas e quando estou mais calma, ela diz:

— Quer me contar?

— Sim. Vim aqui para isso. Não quero que o papai saiba ainda, mas talvez a senhora possa ter um conselho para mim.

Ela assente e fica me encarando. Abaixo meus olhos e começo a narrar tudo, que Sawyer me contou.

Quando termino, minha mãe está horrorizada, mas não quer demonstrar. Ela respira fundo, mexe nos cabelos e me fita bem preocupada.

— Tudo bem, escute — ela segura minha mão — quero que me responda: ele ainda pratica essas coisas?

— Não. isso foi passado.

— Ok. A mentira dele, a omissão foi pura desonestidade com você isso é fato. Estou totalmente do seu lado para te apoiar qual for sua decisão.

— Eu ainda não tomei nenhuma... —
cochicho com um tom de dor na voz.

— Não pensou em divorcio ainda?

— Não. quer dizer, sim, eu queria me separar dele, punir ele de alguma forma...

— Mas...

— Mas não de uma forma tão definitiva como divórcio. Eu amo aquele maldito.

— Marianne, há dois únicos caminhos que você pode percorrer e ambos você vai ter que passar por Sawyer para chegar no fim.

— O que?

— Você pode desistir do casamento, pedir o divórcio, viver sua vida e compartilhar com ele a guarda das crianças. Isso é comum hoje em dia, mas para isso, você deve expor seu desejo a ele em uma conversa.

— Entendi.

— O outro caminho, é você aceitar que esse foi o passado dele, entender que ele omitiu com medo de sua reação e voltar ao casamento. Mas também tem que conversar com ele e expor sua

decisão.

— Mas mãe...

— Não será bom nem para ele e muito menos para você ficar nessa coisa de manter distância sem uma decisão. Vocês são adultos e casados perante a lei desse país. Tem que resolver isso de uma forma civilizada.

— Sim, a senhora tem razão. Vou ficar aqui mais uns dias e pensar a respeito, em qual será minha decisão. Em seguida eu irei conversar pessoalmente com ele.

— Só uma dica: não o prepare antes, para não dar a chance de elaborar uma defesa. Pegue seu marido desprevenido para você ver a espontaneidade dele.



DEZ

Sawyer

Quando acordei na segunda-feira, me sentei na cama desolado, olhei para os lados e o quarto do hotel estava uma bagunça. Há dias que estou aqui e deixei entrarem para arrumar apenas uma vez.

Penso que se Marianne tivesse por perto já teria virado o nariz com nojo e me dado um sermão. E lembrar dela me dá um aperto muito ruim no peito, sinto vontade de gritar até arrebentar as janelas.

Eu a amo tanto e ela nem quis colocar isso na balança. Sei que omiti toda essa porcaria da minha vida, mas já se passou uma semana e ela continua irredutível, me fazendo rastejar como um miserável. Nas ligações ela me ignora, fala coisas que me machucam e eu vou dormir com o coração pequenininho. Sempre fui pisado por alguém, humilhado ou ignorado, mas isso vindo dela, é a primeira vez que me machuca pra valer.

Já são sete da manhã. Não estou dormindo, sempre acordando sobressaltado e com uma insônia terrível, pensando onde Marianne está nesse momento e como ela está passando. A consulta com a médica me deixou pirado de preocupação e tenho certeza que minha doce esposa não fez os exames e muito menos começou a seguir as ordens médicas. Decido que eu vou ter que ligar para a nutricionista marcando um horário. Pois parece que ela está mais preocupada com meu passado do que com o próprio presente.

Me levanto, vou ao banheiro, tomo uma ducha rápida, escovo os dentes e peço meu café aqui em cima, como de costume.

Assim que o desjejum chega, faço os planos

do dia enquanto tomo o café. O apetite até diminuiu depois desse estresse que estamos passando. Leio as notícias do dia, em seguida procuro o nome da nutricionista na lista telefônica e ligo marcando um horário para Marianne, quarta-feira, depois de amanhã.

Eu já tinha começado a digitar o número de Marianne para informa-la da consulta quando o telefone do quarto tocou. Revirei os olhos, conferi o horário pois era cedo demais para ser interrompido. Mesmo assim, supus que poderia ser Henrique ou um dos rapazes, atendi.

— Sr. Graham, aqui é da recepção. O senhor tem visita, mando subir?

— Visita? Quem?

— Ela disse que é um assunto de seu interesse e o senhor precisa ouvi-la.

— Essa pessoa tem nome?

— Um momento. — A atendente pede e eu perco a paciência. Da próxima vez deixarei um aviso expresso para não ser interrompido antes do meio dia. Apesar que já tinha acordado, era horrível ter essas interferências.

— Sr. Graham?

— Sim, diga.

— Ela se apresentou como senhorita Carter, Kayla Carter e disse ser sua irmã.

Eu simplesmente taquei o fone no gancho e olhei paralisado para a parede a minha frente. Quem mais sabia da Kayla a não ser Marianne e as pessoas do meu passado? Jill? Amanda? Beatrice? Um surto de ódio me consumiu ao imaginar uma dessas três vacas usando a memória de minha irmã para me provocar.

Me visto na velocidade da luz sentindo meus pensamentos vir como navalhas cortando meu interior cheio de ódio. Dessa vez não serei manso, foderei sem dó a vida de quem está por trás disso.

Enquanto descia no elevador, pensei nas hipóteses: Jill, por mais magoada que ficou, jamais faria isso. Ela é a que mais conhece meus sentimentos pela minha irmã, mais até do que Marianne. Jill conhece toda a culpa que sinto e todo o remorso que carrego. Ela jamais faria isso

comigo.

Beatrice é neutra, ela só ataca para se proteger e no momento ela está no canto dela sem problema algum comigo e não arriscaria criar uma rixa a troco de nada, sem motivos.

Por fim, sobra Amanda. Aquela velha desgraçada está tentando me foder e vai pagar caro. Tenho certeza que é coisa dela.

Saio do elevador bufando de ódio, acho que era perceptível pois muita gente se virou para me ver. A atendente me olhou surpresa quando cheguei ao balcão e indaguei me controlando para não gritar:

— Cadê?

— Ali, sr. Graham. — Ela apontou e eu me virei para uma ampla sala de espera. Caminhei rápido até lá e me detive quando uma jovem e cabelos cumpridos e negros se levantou e ficou chocada me olhando. Ela tinha os olhos úmidos e ficou pálida de repente, acho que não tanto quanto eu.

Senti meu coração pulsar nos ouvidos e pareceu que tudo ao redor tinha desaparecido. Eu

apenas a encarava como se estivesse num surto de alucinógenos.

Não é possível. Era ela. A última vez que a vi, ela tinha apenas treze anos, mas as feições ainda eram bem marcantes, parecia muito com minha mãe. Os olhos, o queixo, os cabelos compridos. Mas não podia ser... Kayla tinha morrido... tinha morrido.

— Ty... Tyler? — Ela murmurou com uma fraca voz de choro.

— Quem é você? — Me mantive na defensiva. Poderia ser truque de Amanda. Apesar da semelhança incrível, eu não iria cair fácil feito um patinho.

— Eu... sinto muito que ainda tenha que perguntar. — Ela riu, limpou uma lágrima e disse: — você comprou mesmo? — mostrou o hotel em volta. — O hotel. E deu o meu nome. Tyler...

— Não pode ser. — Me afastei dela a ponto de um surto, caminhei para uma janela desejando que Marianne estivesse aqui para me dar apoio — Caralho! Não pode ser. Eu vi a Kayla...

— Viu? Morta? Confrontei nossa mãe e ela

teve a cara de pau de dizer que tinha mentido para você também, inventado minha morte. Ela queria nos punir, nos separando.

Me virei rapidamente para ela, meus olhos pousaram nos dela, da mesma cor dos meus. Então pude sentir minha expressão mais perplexa do que qualquer filme de terror poderia causar. Eu não a vi morta. Eu nunca vi nem mesmo uma foto dela morta. Apenas recebi a notícia.

Com lágrimas descendo ininterruptas no rosto, ela começou a explicar, numa voz rouca e sofrida:

— Eu passei anos internada em um convento... desde que você atitou no... naquele miserável. Lá no convento, tive a notícia que meu irmão tinha sido morto pela polícia ao tentar fugir da cadeia, até recebi uma breve notícia do jornal. — Ela morde as costas do dedo como se doesse falar sobre aquilo. Suas emoções eram puramente verdadeiras, vi o horror em seus olhos quando disse que recebeu a notícia da minha morte. Caramba! Minha morte?

Meu coração salta descompassado e ela consegue forças para continuar explicando:

NACIONAIS - ACHERON

— Chorei por dias, pois você era o único que poderia me livrar daquele inferno... mamãe sempre achou que eu estava endemoniada... por ter ... por ter... — ela desvia o olhar e nitidamente fica constrangida — confirmado que tinha sido... abusada. Ela simplesmente me abandonou lá. Curtir o luto daquele vagabundo, era a única coisa que ela se importava. Fiquei sabendo pelas freiras que meu irmão tinha sido enterrado como indigente. Eu jamais consegui encontrar o túmulo.

Ela dá um passo em minha direção e quando miro em seus olhos, sinto uma contração pungente em minha garganta. O choro sobe de repente e quase não consigo me controlar. Sinto as lágrimas, pois posso ver aqui na minha frente a minha irmã, que eu julgava morta. É ela e não me resta mais dúvidas.

— Fiquei lá trancada até os vinte. Depois que saí tentei em vão procurar seu túmulo, então decidi mudar para o interior do Texas, fiquei afastada de tudo e de todos. Queria reconstruir minha vida, longe da nossa mãe. E só descobri sobre você quando li, por acaso a notícia do seu casamento.

— Meu Deus! — Uma lágrima correu do meu olho. — Não pode ser... Ka... Kayla... — murmurei me sentindo tonto.

— Estou disposta a fazer um exame que prove que sou sua irmã. Ou podemos comprar um pacote de marshmallow sortidos e brigar pelos brancos.

Ao ouvir isso que só ela mesma poderia saber, caí de joelhos no mesmo instante ficando apoiando em uma poltrona e meu rosto banhado de lágrimas. Eu podia ouvir soluços altos, um choro profundo que vinha de mim, era dolorido demais para guardar aqui dentro. Imediatamente ela se abaixou e me abraçou, enfiei meu rosto em seu ombro, a puxei bem forte para mais perto e então chorei soluçando como uma criança, agarrando com força o corpo dela, como se minha irmã pudesse desaparecer novamente.

Nem sei por quanto tempo ficamos ali na frente de todos dando aquele espetáculo, só sei que chorei bastante, por todo esse tempo que sofri a perda dela, por ter sido ludibriado pela minha mãe e agora de pura felicidade em tê-la de volta.

Levantamos e eu a levei para o quarto que
NACIONAIS - ACHERON

estou ocupando. A antessala nem está tão mal assim, como o quarto em si.

Ela sentou olhando em volta enquanto eu pedia que trouxessem um suco para a gente.

— Então ele é assim por dentro... — fascinada ela olha para todos os cantos — ou você mexeu?

— Não mexi em nada nos quartos. Fiz algumas restaurações apenas. Me conte mais... como soube que era eu, o Tyler, na notícia do casamento?

— Eu te achei bem familiar e então quando vi que você tinha comprado esse hotel e rebatizado como Kayla, não foi difícil ligar os pontos.

— Você sabe sobre... meu passado como Tyler? De tudo que eu fazia para ganhar dinheiro...

Ela dá um sorriso reconfortante antes de dizer:

— Sim. Eu me aprofundei nas pesquisas. Não tenha vergonha, não vou te julgar pelo que fez, só não sei se conseguirei te chamar de Sawyer.

— É como todos me conhecem. Infelizmente

não tenho mais Tyler nos meus documentos.

— Fez isso para...

— Tentar fugir de tudo que eu era como Tyler. A oportunidade de ser terapeuta bateu em minha porta e eu agarrei. Me fale mais sobre você. Meu Deus, isso ainda é muito surreal.

— Bom, como eu disse, fui embora para o Texas, trabalhei como garçõete por alguns meses e me casei um ano depois. Meu marido é veterinário. Temos dois filhos.

— Dois? — Me senti irradiar com a notícia
— Eu tenho dois sobrinhos?

— Sim. Um de cinco anos e outro de três.

— Eu também serei pai em breve. Gêmeos.

— Oh Tyler! — Ela bate palmas e seus olhos saltam animados — Parabéns! Meu Deus, isso é ótimo, eu estarei por perto para vê-los, não quero perder mais nada de sua vida.

— Digo o mesmo a você. Não quero perder mais nada de sua vida.

— Isso é tão estranho e surreal... Você que até ontem eu julgava morta...

— Nem me fale. Quando eu enfim descobri sobre você...

Me levanto em fúria, massagueio minha testa e volto-me para encara-la.

— Como aquela desgraçada fez isso? —nem preciso dizer a quem me refiro, Kayla percebe e assente pesarosa — ela veio aqui uns tempos atrás e tentou acabar comigo. Sem falar que eu a vi padecer pela sua morte, ela me culpa até hoje pela sua suposta morte. Como aquela mulher pode ser tão louca?

— Ela viu assim uma forma de te punir. — Kayla se levanta — Deixe ela pra lá.

— Deixar pra lá? — minha voz é quase um grito, fazendo-a se afastar um passo.

— Tyler, ela me usou em uma vingança pessoal, ela queria machucar você. O pior de tudo é que de verdade, ela me perdeu. A partir do momento que eu entrei no convento, ela me esqueceu e o dia que sai de lá, eu a procurei pois queria saber onde você estaria enterrado, eu disse duras palavras a ela, estava e ainda estou muito revoltada com nossa mãe, ela acabou com nossas

vidas.

— Cacete! Eu não consigo digerir isso. éramos apenas dois adolescentes, os filhos dela.

— Sim. Mas aquele cara fez lavagem cerebral nela, ele a fazia acreditar que era um bom homem e que nós queríamos separa-los. Ele era o que a matinha nos eixos desde que o papai se foi. Quando ela percebeu que eu não a perdoaria mais, culpou você novamente e se entregou ao vício.

Eu assinto, limpo uma lágrima de fúria e com pesar, me sento no sofá. Kayla volta a se sentar na outra ponta.

— Tem visto ela? — Indago.

— Não. Faz tempo que não a procuro.

— Eu tenho. Mantive-a sob vigilância depois do show que ela armou aqui. Depois que perdeu tudo, está vivendo num centro de apoio a moradores de rua. O cara que a monitora, passou a saber e o pessoal do abrigo quer mandar para um centro de internação de dependentes químicos. Eu não sou mais filho dela perante a lei, pois mudei de nome. Mas já que você está de volta, pode assinar como responsável...

— Eu não quero pensar nisso agora, Tyler. Como eu disse, ainda guardo muita mágoa dela. Sei que não devíamos retribuir com a mesma moeda, mas agora não quero pensar nela.

— Claro. Também não quero saber dela. Tenho certeza que ela negaria qualquer ajuda que eu tentasse dar. Só queria te deixar a par de tudo.

— Ok. — Ela diz apenas e se cala, olhando para os pés. Um silêncio pesa no ambiente, eu não deveria ter trago esse assunto nesse momento, ainda mais que coloquei o peso nas costas dela. De nós dois, Kayla foi a que mais sofreu, desde a infância, depois trancada no convento e agora tendo que lidar com o irmão que ela julgava morto, mas nunca esteve.

— E a sua esposa? — Como se estivesse contente por ter um assunto para abordar e tirar esse clima ruim, ela me fita sorrindo — Eu vim ao hotel no dia do seu casamento e fiquei de longe observando. Meu marido veio comigo. Vi fotos dela nas revistas e achei muito bonita.

Suspiro e solto todo o ar da boca e nesse momento o suco que pedi chega, deixo que sirva a mim e a Kayla e assim que ficamos sozinhos

NACIONAIS - ACHERON

novamente, eu digo:

— Ela se chama Marianne.

— É um nome bonito.

— Ela e eu... bom, estamos distantes. Ela descobriu coisas que eu omiti, estou muito mal esses dias pois Mary é a única coisa boa que ainda me restava.

Olho para a mão de Kayla acariciando meu braço. Levanto os olhos e ela está compadecida comigo.

— Eu sinto muito. — ela lamenta.

— Tudo aconteceu muito recente. Faz apenas três semanas que casamos.

— Tyler, se você a ama, precisa tentar mais e não ficar apenas se lamentando. Ok, eu sei que estou totalmente por fora do assunto, mas vocês formam um casal muito bonito e se ela o ama, vai conseguir te entender. Vocês serão pais de gêmeos, isso já é muita coisa para levar em consideração.

— Sim. Ela e os bebês alegram minha vida, conto nos dedos o tempo que falta para poder vê-los.

— Estar com um filho muda tudo. E Deus nos deu uma segunda chance de fazer por nossos filhos, o que nossa mãe não fez pela gente.

— Tem toda razão.

— Ligue para ela, conte sobre mim, talvez será um ótimo motivo para ela te ouvir e se alegrar contigo.

— Sim. — Me animo. — Sim, Kayla, é um ótimo motivo. Mary sabe toda nossa história, ela ficará muito feliz em conhecer você.

— E eu estou louca para conhecê-la.

Eu queria que ela fosse comigo até minha casa para eu mostrar mil coisas a ela. Temos anos de conversa e novidades para tratar. Eu queria que ela visse meu álbum de casamento, queria que ela visse a casa que tenho, que conhecesse todo o hotel e o projeto do segundo hotel, em Washington.

— Teremos todo tempo de fazer isso, Tyler. — Ela disse. — Mas agora preciso ir. Vou correr ao hotel em que estou para ligar para meu marido e falar com as crianças, nos vemos mais tarde.

Ela pegou a bolsa e olhou mais uma vez em volta, admirando a beleza do lugar.

— Pegue suas coisas e venha se hospedar aqui.

— Aqui? — Ela deu um gritinho eufórico.

— Passou da hora de vir. E porque não vem para Nova Iorque? Se mude para cá, Kayla, somos a única família que temos, vamos passar nossos restos de anos por perto.

— Eu já discuti sobre isso com Travis, meu marido, é o que quero, vir para cá, termos uma nova vida, ele abriria a clínica aqui.

— Você poderia me ajudar a tomar conta do hotel.

Um brilho estampou em seus olhos e ela sorriu mais ainda.

— Sêrio?

— Lógico que sim. Venha, ao menos o escritório lá em baixo você tem que ver antes de partir.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON



ONZE

Marianne

Antes de entrar no táxi em frente ao aeroporto de Nova Iorque, olhei mais uma vez o celular. Outra chamada não atendida, de Sawyer. Dessa vez até dei um sorrisinho ao ver tanta insistência dele em falar comigo. O conheço e já posso imaginar ele sem dormir esses dias, cheio de preocupação, se sentindo culpado e ficando com raiva por qualquer besteira.

Não que eu seja uma sádica que esteja
NACIONAIS - ACHERON

adorando o sofrimento dele, mas eu acho sim que é bom ele estar passando por uma vala emocional que ele mesmo tenha criado.

Estou leve, mais calma e muito mais certa do que quero depois que deixei a casa dos meus pais. Conversar com minha mãe, ouvir uns conselhos do papai, foi o suficiente para me dar ânimo e dar uma chance a Sawyer de se explicar.

Papai não sabe toda a verdade sobre o que motivou nossa breve ruptura no casamento, mas ele me disse que essas primeiras semanas são mesmo as mais difíceis num casamento. E que depois vem os primeiros meses, os primeiros anos e ele me fez entender que isso são etapas a serem cumpridas e que se o casal consegue vencê-las, chegam aos trinta anos juntos sem nem perceber e vão querer mais trinta.

Por isso muito casal fica na estrada com um ano de casamento.

Quando um dos lados não cede e não deixa o outro se explicar, como eu estava fazendo, o único caminho que pode chegar é a ruína.

Ryan me ligou ontem me fazendo lembrar

dos erros de meu marido. Eu não iria atender a ligação, mas não tinha por que fraquejar. Atendi e como esperava, era veneno que ele queria destilar.

— Mary, minha adorável Mary. — Começou em tom irônico.

— Diga logo o que quer Ryan! — Ao contrário dele fui fria.

— Nem vai me cumprimentar? Que rebeldia é essa? Se for boazinha, posso ser benevolente com você e te resguardar das merdas que seu marido esconde.

— Ryan, se estiver falando sobre Sawyer ter sido ator pornô no passado e **ter** o nome de Tyler, sinto te informar que é perda de tempo, isso já descobri. Ele mesmo me contou.

Ao menos isso pude saborear: podia sentir a perplexidade dele no seu silêncio. Eu acabei com a carta de ouro que ele tinha na manga e isso foi delicioso sentir.

— Ele te contou?

— É, contou. Sawyer me conta tudo. — Fingi que eu tinha o relacionamento mais sincero do planeta. Sawyer só me conta as coisas quando
NACIONAIS - ACHERON

está pressionado. — Como você não tem mais nenhuma novidade que possa me interessar, não volte a ligar. Até nunca mais. — Desliguei e me senti terrivelmente relaxada. Minhas Mariannes ainda acham que eu deveria xingar Ryan e mandar ele tomar no lugar onde o sol não bate, mas preferi fazer a elegante.

Sawyer errou muito comigo. Ele me escondeu coisas sérias, coisas que muitas mulheres não pestanejariam em pedir logo um divórcio, mas eu e minhas Mariannes passamos a refletir mais sobre culpa, omissão e perdão.

Assim como num tribunal, o réu deve ser ouvido antes de ser julgado. Eu não posso simplesmente condenar o homem que eu amo sem ouvi-lo, sem entender o que ele passou e o que o levou a omitir tudo de mim.

Sem falar que duas vidas inocentes, que precisam da gente está vindo ao mundo.

Minha mãe me perguntou se eu me imaginava casada com outro cara, ou morando sozinha com os bebês.

Isso jamais. Toda espécie de futuro que

imagino, Sawyer está lá comigo.

Por isso, estou chegando em Nova Iorque para fazer tentativas. Sem julgamentos antecipados.

— Candice, acabo de chegar na cidade. — Foi a primeira pessoa que eu liguei assim que coloquei os pés em solo nova-iorquino.

— E então, conversou com seus pais? Aposto que Oscar quer a cabeça de Sawyer e esse divórcio pronto para ontem.

Paguei o táxi e puxei minha pequena mala em direção a entrada do prédio que moramos. O porteiro me cumprimenta e já pega minha mala para me ajudar.

— Não, ao contrário. Papai me deu total força para conversar com Sawyer. Ele sabe como casamento é difícil, ainda mais sem diálogo.

— Diálogo? — Ela riu com sarcasmo. — Você quer dizer ser manipulada por Graham né? Como ele sempre fez. Marianne, cuidado com...

— Candy, eu só liguei para você não se preocupar e que se precisar de alguma coisa da empresa, eu já estou em casa. Passo amanhã no escritório. No momento irei cuidar do meu
NACIONAIS - ACHERON

casamento.

— Você não vai mesmo me contar por que vocês brigaram ocasionando essa separação e ainda sua viagem para ouvir seus pais?

Nem preciso pensar muito para decidir que não devo contar nada disso, pelo menos não para ela. Eu perdi toda a confiança que eu tinha em Candice e mesmo que ela me ajudou no casamento, sendo madrinha, levantado bandeira branca para Sawyer, ela não mudou nada aparentemente. Ainda continua alfinetando.

— Vou contar Candice, ainda não, mas irei contar.

— Ok, te vejo amanhã. Espero que não seja nada grave entre vocês.

— Não é. Beijos.

Entro em casa e meu coração aperta. Merda, estou morta de saudades dele, da nossa vida juntos. Por que aquele desgraçado foi fazer isso com a gente? Por que não me contou há mais tempo?

Fico recostada na porta olhando a nossa sala

enorme. quero chorar, quero bater em Sawyer, mas quero abraça-lo também.

Vida de mulher apaixonada não é nada fácil.

Ainda não consegui digerir a história do tal Tyler, mas a saudade que sinto é maior que toda minha racionalidade.

Por isso preciso agir logo.

Deixo a mala na sala mesmo, corro, tomo um banho rápido, me arrumo e pego minha bolsa. Meu Destino é o Kayla Plaza. Irei confrontar Sawyer e seu passado tenebroso. Quero ouvir cada uma das barbaridades que ele fazia. Vai doer? Vai. Mas é necessário tomar esse cálix amargo.

Decidi não ligar comunicando, apenas liguei para a recepção perguntando se ele estava no hotel. Ainda eram dez da manhã, só liguei mesmo para ter certeza.

Encostei meu carro em frente ao hotel, dei as chaves para um funcionário estacioná-lo e segui quase saltitante para a entrada, mas então algo me chamou atenção. Parei abruptamente quando das portas de vidro sai Sawyer acompanhando de uma bela morena. E o pior de tudo é que estão

praticamente abraçados, conversando e rindo.

Um carro do hotel está parado em frente, o funcionário abre a porta para a ela entrar e antes, ela se vira para despedir de Sawyer. O que me abala mais é que ela diz:

— Meu Deus, nem acredito que estamos juntos novamente.

E ele, mais responsivo ainda, com um largo sorriso afirma:

— Eu nem tinha esperanças de um dia te reencontrar... Não quero perdê-la nunca mais.

Ambos, quase comovidos, eu diria, se lançam num abraço apertado. Depois ela dá um beijo na bochecha dele e diz: — até o jantar, Tyler.

Eu sinto algo muito ruim dentro de mim. Como uma chama quente me invadindo fazendo minha cabeça latejar forte. Me viro para sair correndo e ouço:

— Sra. Graham! suas chaves.

Eu nem olho para trás, atravesso a rua e minha visão começa a ficar escura e agora já posso ouvir:

— Marianne? — É a voz de Sawyer.

Eu apenas corro, vou perdendo as forças, meu coração muito acelerado e a escuridão tampando minha visão.

A voz de Sawyer chega mais perto até eu perder os sentidos e sentir meu rosto ir de encontro ao concreto, minha mente se apagando em seguida.



Quando volto a consciência, sei logo de cara que estou num hospital. Pelo cheio, cores claras e máquinas apitando perto de mim. Esfrego os olhos e tento levantar minha cabeça, então alguém entra no meu campo de visão e meu sangue ferve de ódio. É Sawyer.

— Mary, meu Deus! Que susto você me deu. Vou chamar uma enfermeira. — Ele nem esperou eu abrir a boca e saiu correndo voltando em seguida com uma jovem. Sawyer estava nitidamente preocupado, seus olhos alarmados e parecia ofegante.

Eu não desvio meu olhar matador da direção dele, enquanto a enfermeira monitora minha pressão. Depois ela vira-se para mim.

— Sra. Graham, você teve um mal súbito causado por uma pequena queda de glicose, mas não é nada de se preocupar, a médica acha que pode ter sido falta de alimentação nas últimas horas. Sua pressão está desestabilizada e ainda continua alta. Deve ficar em observação até a doutora decidir se você fará uso de algum medicamento.

Eu assinto e ela sai dizendo que qualquer coisa pode chamar.

Sawyer se aproxima da cama, meio resabiado, me olhando desconfiado.

— O que deu em você? Em correr daquela forma? — Ele pergunta.

E o que deu em você? Me traindo a luz do dia? Penso mas a única coisa que sai da minha boca é:

— Saia daqui.

— O que? Marianne, esse não é o momento de discutirmos qualquer assunto, eu não vou sair daqui e...

— Saia DAQUI! — Meu grito foi estrondoso e já ativou minhas lágrimas. Limpo-as com fúria e disparo a falar: —Olha como eu estou, por sua causa!

— Minha causa?

— Eu não quero mais te ver na minha frente, Graham. Quero a droga do divórcio e se não se afastar irei pedir uma ordem de restrição.

— Mary... Pelo amor de Deus... eu sei que as coisas que omiti...

— Sua cara de pau não tem limites. Tudo que eu sentia por você está se tornando desprezo. Não passa de um cara mentiroso, manipulador e desleal.

Ele vem para mais perto e segura firme na minha mão. Eu tento puxar mas ele continua firme.

— Marianne alguém te disse alguma coisa? Foi a Candice? — Seu olhar é urgente, quase em pânico. — Para com isso, olhe para mim, sou eu, seu marido, eu te amo e...

Quem estava no controle total de minhas emoções era a Marianne furiosa. Eu queria fazer Sawyer sofrer como ele me fez sofrer ao vê-lo com

NACIONAIS - ACHERON

outra mulher, eu queria ferir o mais profundo que conseguisse. E eu descí o mais baixo que consegui para feri-lo:

— Me larga! — Puxei minha mão com força. — Ninguém me falou nada, Sawyer. Eu apenas me casei com um ser repugnante que não só se vendia por dinheiro como até hoje mantém um nível lamentável de vida. Eu tenho vergonha de ter meu nome vinculado ao seu. E devia ter acreditado em sua mãe quando ela disse tudo aquilo sobre você, não assustaria em nada se descobrisse que é mesmo culpado pela morte de sua irmã.

Ele se afasta. Está pálido e o semblante é duro como se fosse esculpido no mármore. Vejo que consegui o que eu queria, mas meu coração disparado me dá uma demonstração que me arrependi de ter colocado a irmã nele nisso.

— Nunca mais volte a dizer isso. — ele sentencia apontando um dedo para mim. — não me faça querer desistir de você. — Acaba de dizer e sai rápido batendo a porta com força. Um tonel de lágrimas se abre. Estou com muita raiva dele e pouco me importa se o feri. Ele me feriu bem mais hoje.

Mais tarde a médica chegou e disse que eu precisava ficar mais um ou dois dias para fazer exames e analisar minha pressão descontrolada.

Candice veio e já chegou alvoraçada como se eu tivesse morrido. Queria saber o que tinha acontecido e eu disse vagamente que briguei mais uma vez com Sawyer. Preferi omitir que eu o flagrei com uma morena dizendo que nunca mais iria deixar ela se afastar.

Mesmo com Candice lá no quarto, tagarelando e falando sobre mil assuntos, eu estava deprimida, sofrendo comigo mesma pela cena que vi mais cedo e tendo que aturar minha Marianne neurótica elaborando mil e uma hipótese do que Sawyer estaria fazendo nesse momento.

Com certeza ele saiu daqui furioso, com muita raiva de mim e foi afogar mágoas com a vadia. Eu podia ver em minha mente os dois em um quarto do hotel, bebendo e ela ouvindo todas as mágoas dele. Então ela o consolaria e acabariam passando a noite juntos, transando enlouquecidos, enquanto eu, a mãe dos filhos dele, estava internada. Presa a uma cama de hospital.

NACIONAIS - ACHERON

Um surto de raiva me consome.

Uma situação que eu mesma tinha criado. Minha Marianne racional interrompeu minhas divagações sofridas para me lembrar que eu o expulsei daqui falando aquelas barbaridades. Se ele tinha ido se consolar com outra, eu mesma o tinha empurrado a isso.

Então quer dizer que se a mulher briga com o cara, isso é respaldo para que ele possa trair, afinal está magoado? — Minha Marianne feminista entra no debate e eu reviro os olhos. Todas estão certas. Eu expulsei Sawyer, mas isso não quer dizer que ele tenha direito de ir procurar outra só para se sentir melhor.

Decido parar com essas divagações e chamo Candice.

— Candy.

— O que? — Ela levanta os olhos do celular e me olhar.

— Pode fazer uma coisa por mim?

Candice vem prontamente até a cama.

— Sim, posso. O que é?

— Fica de olho em Sawyer.

A testa dela enruga, seu semblante se torna tenso, incredulidade nos olhos.

— O que? Ser babá de marmanjo?

— Não é ser babá. — Pondero um pouco tentando encontrar melhores palavras — Apenas sei lá, ir ao hotel, perguntar por ele...

— Quer que eu investigue seu marido?

— Não profissionalmente, Candice. Apenas quero saber se ele está... bem. — Minto. Quero ver se Candice consegue pegá-lo no flagra novamente com a tal mulher. Meu Deus, nunc achei que traição doesse tanto. Quero matar Sawyer.

— Hum... entendi. Deixe comigo. Pedirei ao Allan para me dar cobertura.

— Obrigada. Se ele vier aqui...

— Não quer vê-lo?

Eu quero. — Penso interiormente, mas sei que Sawyer não virá pois está magoado.

Apenas faço um gesto negativo com o pescoço.

— Mary, amiga... — ela começa com um tom solidário.

— Está tudo bem, Candice. — Me convenço, mesmo que não esteja.

“Não me faça querer desistir de você”. — Essa frase de Sawyer mexe comigo mais do que eu gostaria e ela está nesse momento sendo jogada de um lado para outro na minha mente, como um ping pong.

Deus! Como fomos nos perder dessa forma? Como eu vou seguir minha vida sem ele?

Estremeço, mas sorrio para Candice.

O sofrimento interno é meu, o coração partido é o meu. Devo cura-lo sozinha.



DOZE

Sawyer

Estou em um bar, enchendo a cara e chorando quieto numa mesa do fundo. Nunca achei que estaria numa situação dessas por causa de uma mulher. Nunca, nem nos meus piores pesadelos eu poderia um dia sonhar que tomaria um porre por mulher.

E aqui estou eu, depois da sexta dose de *Jack Daniels* e mais sete doses de *Grey Gose*. Nem sentei ao balcão, escolhi uma mesa do fundo e chorei de cabeça baixa parecendo um bundão

NACIONAIS - ACHERON

otário.

Eu era acostumado a ter todas as mulheres a minha volta e eu que causava nelas esse estágio que me encontro no momento. O álcool fez as lágrimas secar e a dor intensificar. Marianne me apunhalou com muita força e as palavras dela nem foi o que mais doeu em mim, e sim seu desprezo e ódio.

Ódio da mulher que eu amo e que está gerando meus filhos. Como poderei aguentar?

Ergo a mão pedindo mais uma rodada e um cara, suponho ser dono do bar diz:

— Senhor Graham, deve estar com problemas. Quer que eu chame alguém?

Então esse cara é alguém que eu conheça? Não admiro eu não lembrar. Com tanto álcool na cabeça e com tantos bares que já rodei.

Tive um leve surto de felicidade por agora eu ter alguém a quem me recorrer e essa pessoa ser da minha família, parente de sangue e não apenas amigos. Mas não quero que Kayla me veja nessa situação. Então peço para chamar Rick. Não quero encarar outro acidente de carro.

Quando Henrique chega, eu estou caído na
NACIONAIS - ACHERON

mesa, segurando firme um copo e chorando pra valer. Uma cena lamentável que eu teria vergonha alheia de assistir se fosse outra pessoa. E era eu ali dando vexame.

Meu coração nem estava mais partido, estava despedaçado.

— Caralho, Sawyer! — Ele exclama em tom furioso e toma o copo da minha mão.

— O que... (solução) eu voouu... (solução) fazer sem ela, Rick?

— Deixa de ser besta, homem. Levanta daí agora. — Ele me segura, me obrigando a ficar de pé. Um garçom vem imediatamente assim que eu cambaleio e caio de volta contra a mesa derrubando os copos no chão.

— Eu que... roo... ficar ao ladoo dela, Rick. — Choro mais e isso parece enfurecer mais ainda Henrique. Ele e o garçom praticamente me arrastam para fora do bar e essa não é uma tarefa fácil, visto que tenho quase dois metros de altura, peso quase cem quilos e estou sem meus movimentos cognitivos. Estou com visão dupla e minhas pernas estão dando passadas trocadas.

Sou jogado com força no carro dele, começo a cair de cara pra frente mas ele me segura e aperta o cinto em volta de mim.

Ao volante, Henrique grita:

— Que cacete de vexame foi esse, Graham? Que porra mais ridícula do caralho, cara!

— Ela me... disse... — recomeço a chorar. — Coisas horríveis. Sobre eu ter culpa da morte de minha irmã.

Ele tira rápido a visão da direção e olha incrédulo para mim:

— Marianne? Marianne disse isso?

— Ela quer uma ordem de restrição contra mim, como vou ver meus filhos, Rick?

— Caralho! — Ele bate com força várias vezes no volante. — Essa mulher é louca, meu camarada. Eu te disse anos atrás para ficar longe dessas encrencas. Olha aí o que restou de você.

— Eu a amo... — falo isso e me calo, ouvindo meus próprios soluços do choro.

Ele me leva para a casa dele, me ajuda tirar minha roupa e me enfia debaixo de um chuveiro

frio. Eu fico lá apoiado no box, sentindo a água fria na minha cabeça e minhas costas, sentindo todos meus pecados virem à tona e minha coragem fracassando para pagá-los.

Eu sempre soube que pagaria por cada mulher que fiz sofrer, por tê-las tratado como meros objetos ao meu prazer; pouco me importava se elas estavam precisando de verdade de uma ajuda terapêutica.

Destruí casamentos, levei mulheres à loucura e aproveitei da fragilidade de cada uma, como foi com Marianne.

No fundo, meu Sawyer conselheiro dentro de mim, sempre me lembrava que um dia eu iria pagar, mas não acreditava que seria tão rápido assim.

Em segundos, por causa do meu passado, eu perdi todo meu futuro. Perdi tudo do bom e agradável que me fazia levantar sorrindo e animado toda manhã.

Marianne foi o meu melhor erro, foi a coisa mais verdadeira que apareceu na escuridão mentirosa que era minha vida.

E agora eu a perdi.

Rick me ajudou a sair do chuveiro, me deu uma cueca limpa dele e um roupão. Eu vesti e me sentei calado no sofá, de cabeça baixa olhando para meus pés, vendo minhas unhas bem cortadas e curtindo a lembrança de Marianne cortando-as pois disse que não queria marido desleixado.

A vaca da minha esposa acabou comigo como nenhuma outra jamais conseguiu.

Senti cheio de café e levantei os olhos. Henrique me estendeu uma caneca de café.

— Receita antiga, mas certa. Café amargo. — Ele se afastou e sentou à minha frente. Biquei o café amargo e o fitei, me encarando lá do outro sofá. Com expressão de pai que está esperando para dar uma bronca no filho.

— Cabeça fria, cara. — Henrique diz. — Ela está arredia, não pressione.

Aceno a cabeça positivamente. Nem sei mais o que será com Marianne, outro assunto vem à baila em minha mente e num impulso eu digo:

— Kayla está viva. — Bico mais um pouco de café e nem preciso olhar para ele para saber que está com uma expressão estranha. Ele pode pensar que ainda estou sob efeito do álcool e então emendo: — de verdade, minha irmã está viva. E veio até mim no hotel. — Levanto os olhos para Rick.

— Que porra de história é essa? — Como eu tinha previsto, a cara dele é pura incredulidade, acha que estou delirando.

— A vaca da minha mãe, cara. Trancou ela num convento e disse a Kayla que eu tinha morrido. Por isso ela nunca procurou por mim.

— Mas você tinha certeza... Caralho, Tyler... como isso é possível? Viva mesmo? De verdade?

— Sim, estou te falando. Apareceu lá no hotel e me pegou de surpresa. Eu nunca a vi morta, apenas recebi a notícia quando estava preso, com quinze anos. E nunca passou pela minha cabeça que essa notícia fosse falsa. Minha irmã não aguentara a pressão e tinha tirado a própria vida, fim. Eu aceitei apenas.

— Mary sabe?

— Não. Mas suspeito que o último surto de Marianne se deu por ela ter me visto abraçando Kayla. Ela correu na rua e caiu desmaiada, quando acordou no hospital e me viu, parecia um demônio.

— E você não tentou contar a verdade?

— Primeiro que ela não acreditaria, e segundo que fiquei furioso demais para continuar lá.

— Vai voltar ao hospital?

Aceno que sim com o pescoço. Tomo mais café.

— Nem que seja só para perguntar os médicos como ela tem passado.

— Cara... que porra louca. Kayla viva?

Para ele acreditar, peguei meu celular e mostrei a foto que eu tirei com ela lá no hotel. Henrique acreditou definitivamente.

— Tem seus olhos. Se parece com a perturbada da sua mãe e com todo respeito, é uma gata.

— Casada. — Recebo de volta o celular.

— Sério?

— Sim. Tenho dois sobrinhos e estou louco para conhecê-los. Eu acabo de perder Mary, mas encontrei uma família de sangue, coisa que nunca tive. Isso de certa forma é reconfortante.

— Você não perdeu Mary. Ela está com os nervos à flor da pele pela gravidez e picada pelo ciúme por ter te visto com sua irmã. Mas vocês vão se entender, eu sei que vão.

— É meu padrinho de casamento, deveria me ajudar.

— E estou te ajudando. Está aí sentando, vestindo minha cueca e me usando como terapeuta. Sorte sua que não cobro honorários.

— Cuzão. — Termino de engolir o restante do café e continuo olhando a foto de Kayla e eu no celular.

Rick me deixa só e vai para a academia. Ele diz para eu dormir um pouco e se sair antes dele chegar, para deixar a chave com o porteiro. Eu fico no sofá mesmo, deitado com o braço tampando os olhos sem querer chorar mais do que já chorei.

Caralho! Não sou esse banana chorão.

Nunca fui, já apanhei duramente da vida e nunca fiquei dessa forma. Entretanto, agora tenho dois filhos em jogo além da mulher que fodeu com meu coração, não permitindo que eu seja feliz novamente sozinho ou com outra.

Marianne fez o trabalho bem feito.

Pego meu celular e sem pensar ligo para ela. Sei que não vai atender. Está me ignorando e eu vou ficar como um palerma. Mesmo assim deixo chamar até cair na caixa de mensagens e então eu digo:

“Mary, me perdoe e me escute. Me dê uma chance de explicar. Preciso te ver e ficar ao seu lado”.

Deixo o celular de lado e volto a fechar os olhos cobrindo-os com o braço. Acabo dormindo.



Fui direto para o hospital quando acordei. Minha cabeça estava explodindo de dor, mesmo assim, fui ao hotel, tomei um banho relaxante, vesti

uma roupa limpa e com óculos escuros saí.

Já se passava das cinco da tarde, eu nem tinha almoçado, afinal dormi demais na casa de Rick. Por isso no caminho, parei numa confeitaria praguejando por não ter comido no hotel antes de vir.

Com o semblante carregado e que dizia que não queria papo, me sentei e fiz o pedido. Optei por um café forte.

— Me indique algo para acompanhar. —
Pedi a atendente, não estava disposto a olhar cardápio.

— Eu indicaria o Tiramisu ou Canolli. A torta de frutas vermelhas também está muito boa.

— Traga a torta e alguns canollis.

— Claro. — Ela anotou e se afastou. Eu fiquei ali de cabeça baixa olhando o líquido preto fumegante na caneca.

Voo longe pensando que eu poderia estar com raiva de Marianne, ou ao menos ressentido por ela ter dito aquelas coisas. Mas não é o que sinto. Eu nem mesmo estou esperando dar vinte e quatro horas desde que brigamos e já estou indo

NACIONAIS - ACHERON

novamente vê-la. Por que é algo que não posso evitar.

Tenho a esperança de que ela me deixe falar e eu consiga me explicar sobre quem era a mulher comigo hoje pela manhã. Sei que quanto as minhas omissões do passado, Marianne já tinha começado a relevar, afinal estava chegando ao hotel e eu podia apostar que estava indo atrás de mim.

A esperança é a única coisa que sinto e que me faz voltar ao hospital para vê-la.

Meu pedido chega e quando olho para a bela torta decorada com frutas vermelhas e calda de chocolate, sorrio, saco meu celular e aponto para o prato. Mas então lembro que Mary está com raiva e eu não posso mandar uma foto para ela babar de vontade.

Mas isso não me impediu de comer e pedir que embalasse outra torta, numa bonita caixinha da confeitaria. Pensei em levar para Marianne e fazer um agrado, sei como ela ama essas guloseimas. Algumas flores não seria também má ideia.

Na recepção do hospital me deram um

crachá de visitante e eu subi até o quarto onde Marianne estava. Segundo a recepcionista ela ainda estava lá, não tinha recebido alta médica.

Cheguei com um pequeno buquê de flores e a caixinha da confeitaria. Dei dois toques na porta do quarto, entrei e assim que Marianne me viu, sua expressão ficou tensa. Candice e Leo estavam com ela no quarto, além da médica.

— Boa tarde. — Cumprimento eles e caminho até ela. — Oi Mary... está melhor?

— Sawyer, eu disse para você não vir. — Ela murmura, para apenas eu escutar.

— Trouxe para você — estendo de leve meus presentes — por favor não me mande embora.

Marianne não fala nada, mas começa a ficar agitada. O aparelho ao lado dela em que mede os batimentos começa a piscar mais rápido mostrando a tensão dela ao me rever. Uma lágrima rola dos olhos dourados e antes que eu diga, ou sinta algo uma mão pousa em meu ombro.

— Senhor Graham. — É a médica. — Pode me acompanhar?

Olho tristemente para Marianne antes de me virar e sair com a doutora Meredith. Ela me leva até um consultório e quando me sento ela é direta:

— Tudo indica que sua esposa possa estar passando por um quadro de pré-eclâmpsia.

Eu arfo aterrorizado, meus olhos saltam e minhas mãos seguram minha cabeça. Ela faz um sinal para eu esperar.

— Fique tranquilo, ainda é cedo para um diagnóstico preciso, apesar que ela cumpre todos os quesitos. Entretanto, se mantivermos ela estabilizada, tudo ficará bem.

— Qual o caminho que teremos que seguir, doutora? E os bebês? Como estão?

— Estão bem. A única cura para a pré-eclâmpsia é o parto, enquanto a mulher tiver no período gestacional, ela correrá riscos, então iremos prevenir. Os exames dela deram um pouco alto, a pressão também está alta e receio que vocês não devam se encontrar nos próximos dias.

— O que?

— Calma. Eu pude notar que estão em situação delicada, ouvi ela comentando ontem,
NACIONAIS - ACHERON

estava muito afetada, e agora vi como ela reagiu ao senhor.

Abaixo a cabeça e confirmo:

— Sim, estamos.

— Eu ainda não conversei com sua esposa sobre a situação dela e que eu vou pedir que ela fique aqui mais uns dois dias antes de voltar para casa.

— Dois dias?

— Sim, é necessário para estabilizarmos a paciente. E o senhor vai me prometer, pelo bem dela e das crianças, que não vai aparecer lá no quarto. Marianne precisa ter a pressão controlada e estresse não vai ajudar.

— Mas doutora... como eu... puta merda! Não posso ficar de fora, são meus filhos e minha esposa.

— Sim, eu sei. Você poderá ir à minha clínica falar comigo e eu te passarei tudo sobre ela. Mas as visitas estão suspensas e se o senhor teimar, vou pedir que o impeça de entrar, lá na portaria.

Diante da ameaça, não contesto. Apenas

abaixo a cabeça. Sinto meus olhos arderem. Eu não posso estar ao lado de Marianne quando ela mais precisa de mim. Que merda eu fui fazer?

— Não é necessário. — Levanto os olhos para a médica — Eu não a verei mais.

— Até que ela esteja estabilizada e em casa.

— Ok, entendo. Não estamos mesmo num bom momento e forçar ela a um momento desagradável não é minha vontade.

— Vocês terão todo tempo para conversar. Vou te pedir depois que evite tudo que possa levar ela a um estresse muito alto, algo que faça a pressão subir demais. Se ela entrar em eclampsia, será um risco muito grande.

Eu engulo em seco e de certa forma respiro aliviado por Marianne já está a par do principal que é meu passado, então não tem como ela passar esse estresse.

Saio do consultório da médica, levando comigo as flores e a caixinha com a torta. Vejo Candice e Leo na porta do quarto e caminho até eles.

— Oi Candice, Poderia entregar Marianne

NACIONAIS - ACHERON

para mim? — estendo as flores e a caixa.

— Mas você não tem vergonha nessa sua cara, não é? — Candice me confronta. — Marianne está aqui por sua causa e ainda fica aí dando uma de vítima. Por que não a deixa em paz de vez, Graham?

— Sou o marido dela, Candice. — Apesar de estar morto de ódio, espumando, eu prefiro manter a postura.

— Já que casou com ela, deveria ter o mínimo de decência e a deixar em paz. — Agora quem fala é Léo. Eu semicerro os olhos para ele, fito Candice e volto-me para ele de novo.

— Olha quem está falando em decência. Pergunte a sua mulher sobre o passado dela antes de vir pra cá cagar regras em cima de mim. — viro as costas para eles e resmungo: — a vaca e o burro.

Eu saio dali derrotado. Só não totalmente pois vi nos olhos de Marianne que ela sentia algo muito forte ao me ver e não era raiva. A lágrima era

NACIONAIS - ACHERON

como se ela estivesse sentindo e também sofrendo com a nossa distância.

Me conformei com isso e fui para o hotel.

Seria uma noite ruim e dolorosa. Eu estava além de tudo, destruído com as revelações da médica. Enfim encontrei a pessoa que amo incontrolavelmente e agora ela está em perigo. Enfim eu terei uma família, com a nossa união, fomos capazes de criar duas vidas e agora eles também estavam ameaçados.

E se eu ao menos cogitasse que tive culpa, surtaria seriamente e não estaria lúcido para lidar com essa situação. Então apenas mantive o foco.

Eu pedi ao hospital para me ligar caso houvesse qualquer coisa. A médica me tranquilizou dizendo que Marianne estava nas mãos da melhor equipe e que seria bem tratada.

Antes de dormir, recebi a visita de Kayla que tinha acabado de se mudar para o meu hotel. Contei a ela sobre Marianne e ela ficou horrorizada, se sentiu culpada com tudo, mas eu a acalmei e disse que estava tudo sob controle.

Ela disse que o marido dela estava bem com

as crianças e que ela ficaria mais um pouco comigo até que Marianne estivesse bem.

Marcamos de tomar café da manhã juntos e quando ela saiu do meu quarto, liguei para Rick contanto as últimas e cai em sono profundo.

— Estive pensando sobre a mamãe. — Kayla diz, sentada comigo na mesa do restaurante do hotel. Estamos tomando café. — Se você está mesmo disposto a arcar com as despesas, interna-la é mesmo o melhor a fazermos.

— Devíamos ser as únicas pessoas no mundo a querer o mal dela, mas sinceramente, não quero, na verdade não me faz diferença.

Kayla toma um gole de café e assente concordando comigo.

— Nem a mim. Vivi toda minha vida sem ela.

— Eu digo o mesmo. Resumindo, nunca

tivemos uma mãe, nem mesmo quando morávamos todos juntos. Se fizemos algo será apenas pelos laços sanguíneos.

Comemos mais um pouco, termino meu suco, me sirvo de um pouco mais e ela fala:

— Você parece mais disposto do que eu. Colocou alguém para segui-la, foi atrás dela depois de anos para tentar uma reaproximação...

Eu fiquei calado pensando, tentando uma maneira de me abrir com Kayla sem parecer um bundão, então falei:

— Eu nunca tive ninguém. Você logo encontrou o Travis, era seu apoio fixo, sua família. Eu vivia num mundo de depravação sem alguém com que eu pudesse contar. Fui atrás dela pois era estranho eu saber que tinha uma mãe viva e não ter relação com ela. Nosso encontro foi pior, ela me odeia.

— Entendo seu lado. Hoje você tem uma família. Está esperando gêmeos, sua esposa é linda e eu estou aqui, não precisa se humilhar diante daquela velha louca novamente só por que ela é nossa mãe.

— Sim, tem razão. Mas e você? Aceitaria remexer no passado e colocar isso em pratos limpos?

— Parece que não temos escolha, não é?

Eu assinto, olho de lado e para meu espanto vejo Candice de longe me encarando. Que merda essa mulher estaria fazendo aqui logo cedo? Será que aconteceu alguma coisa com Marianne? Apesar de saber que não aconteceu, afinal o hospital não me ligou, meu coração dispara descontrolado.

— Me dê licença rapidinho, Kayla. — Me levanto e vou apressado até ela. Assim que me vê, ela começa a andar fingindo que está indo ao balcão.

— Candice! — Corro e a alcanço. Ela se vira e sorri sem graça.

— Oi Graham.

— Aconteceu alguma coisa? Com Mary?

— Não. Mary está bem.

Assinto e continuo fitando-a esperando respostas. Ela ajeita os cabelos olha para a porta do restaurante e me dá uma olhada maliciosa. Será

possível que ela veio me espionar?

— Só gostaria de conversar com você dois segundos, se não for interromper seu café com sua convidada.

Reviro os olhos e decido não absorver o veneno dela.

— Venha comigo. — Ando depressa até meu escritório, assim que ela entra eu fecho a porta e me sento atrás da mesa. Não quero soar urgente, mas acabo sendo ao dizer: — Desembuche, Candice.

Ela não se senta. Olha tudo em volta, estudando com cuidado, olha o quadro de Kayla por um tempo depois me encara.

— Sawyer, meu assunto é rápido. Eu achei que tínhamos levantado bandeira branca, que não iríamos mais provocar um ao outro e...

— Eu também achei isso. Mas seu comportamento por esses dias não diz a mesma coisa.

Ela dá um passo à frente, coloca a mão na mesa e ordena:

— Quero que pare de ficar insinuando merdas para meu marido. Leo não tem nada a ver com isso, entre a gente.

— A gente? Nós não temos nada, Candice. E nunca tivemos. — Ela fica ereta com minha cortada e eu continuo: — Concordo que seu marido não precisa saber de nada do seu passado, isso é caso seu, mas garanto que sou igual uma cobra peçonhenta, se me apertar eu solto sim veneno.

—O quê?

— É isso mesmo. Não vou aturar sermãozinho de você ou de seu marido que não tem nada a ver com a minha vida e da minha esposa. Se quiser continuar como está, saia do meu caminho e seremos felizes. Prometo.

Ela engole a raiva e respira fundo. Sei que ela não vai bater de frente comigo, Candice tem muito mais a perder. Visto que eu sei um segredo bem mais sujo dela e ela não sabe nada de mim que possa ser usado para me separar da única pessoa que me importa. E mesmo se ela soubesse, essa pessoa já sabe de tudo.

Eu me levanto, vou até a porta e abro para

ela sair. A expressão de Candice muda rapidamente para vitoriosa e ela diz:

— Não são nem nove da manhã e já está tomando café acompanhado? Talvez Mary conheça uma bela morena, para me dizer de quem se trata.

Assim que ela faz a ameaça eu avanço para cima dela e aponto um dedo quase no nariz e rosno:

— Se fizer Marianne passar estresse por puro capricho, eu esqueço bandeira branca e que é madrinha do meu casamento.

Ela arregala os olhos amedrontada, eu me afasto e Candice sai rápido fechando a porta atrás de si.

Odeio fazer isso com mulheres, oprimir dessa forma, apontar dedo como um abusador. Mas Candice não conhece outra forma de comunicação. Com ela tem que ser duro.

Volto para o restaurante e conto brevemente a Kayla tudo sobre Candice e Marianne. Candice é como uma ex-namorada inconformada e o pior é que terei que aturar ela sempre na minha vida.

— Quer ficar longe de tudo isso por uns dias? — Kayla me pergunta.

— Não posso me afastar da cidade, Kayla. Mary precisa de mim.

— Mas como a médica mesmo disse, ela está com a melhor equipe. E você poderá acompanhar tudo por telefone, será no máximo dois dias.

Fito-a por um momento e balanço o pescoço.

— Onde pensa em ir?

— Resolver de vez esse assunto com a nossa mãe. Confrontar nosso passado. O que acha?

Penso um pouco, sobre tudo que está acontecendo rápido demais na minha vida. Marianne descobrindo sobre mim, Kayla aparecendo, Marianne com uma gravidez delicada e agora essa história de nossa mãe. Acho melhor tratar todos esses assuntos de uma única vez, como puxar uma casca de ferida. Melhor rápido do que engolir o cálix amargo aos poucos.

— Ok. Irei fazer umas ligações. Poderemos partir hoje à tarde ou amanhã cedo, conforme o estado de saúde de Marianne.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON



TREZE

Marianne

— Você o viu, Candice? Como ele está? Muito mal? — Enquanto Candice toma um pouco de café no quarto em que estou hospitalizada, eu a encho de perguntas sobre Sawyer. Ela acabou de vir lá do hotel, disse que ia cedo dar uma averiguada.

— Sim, Mary. — Ela vem em direção a cama e senta numa cadeira próxima a mim. — Eu o vi e conversei com ele. Sawyer está bem, ainda com a mesma aparência, mantém os cabelos

NACIONAIS - ACHERON

penteados e a barba feita, portanto não está tão mal assim.

— Conversou com ele? O que ele disse?

Sinto algo se animar dentro de mim com a possibilidade de um recado dele. Droga! Eu me arrependi de tudo que eu disse a ele. Depois, ouvi a mensagem que ele deixou no meu celular e quase morri com sentimentos controversos. Uma de minhas Mariannes tentou dizer que eu estava com pena dele, mas foi calada a tempo pela Marianne Racional.

Sou mesmo uma tola, sou loucamente apaixonada por Sawyer e quando alguém que a gente ama está sofrendo, sofremos com essa pessoa. Ontem ele apareceu aqui com umas flores e uma caixinha, me cortou o coração de pena.

— Acredita que ontem, Leo foi falar com ele e Sawyer jogou indireta sobre mim para meu marido?

— O que? — Olho incrédula para Candice
— O que ele disse? Por que ele fez isso?

— Seu marido é um mimado, Marianne. Ele mandou Leo ir procurar saber do meu passado.

Encaro-a com a testa franzida. Conheço Sawyer, ele não costuma atacar as pessoas assim por diversão, ele é como uma cobra, só destila veneno se mexer com ele.

— Por que ele fez isso, Candice?

— Leo resolveu dar um sermão nele. — Ela pega a bolsa coloca no ombro e vem me dar um beijo na testa. — Eu fui ao hotel e pedi que ele parasse de interferir no meu casamento. Mas não se preocupe com isso, amiga. — Ela acaricia minha mão e sorri. — Sawyer está bem e daqui a pouco estará aqui na porta novamente implorando para que você o deixe ficar.

E eu deixarei dessa vez. — Penso animada com essa ideia e minhas Mariannes sorriem uma para a outra, pois todas elas são pró-Sawyer depois que nos casamos. Elas querem o casal juntos. Mesmo que ainda exista a tal morena que vi saindo com ele no hotel, eu sei que haverá uma explicação, preciso conversar com Sawyer.

— Sim, eu estou tranquila.

— Bom, estou indo para a empresa, agora. Com você aqui de castigo, as coisas ficaram ruins

para mim. Liguei para seus pais.

— O que? — Dou um grito esganiçado.

— Mary, você vai ficar sozinha assim? Eu trabalho, Leo trabalha, você não quer ver seu marido pintado de ouro. Alguém tinha que vir te acompanhar. Eles estão vindo, são sua família. — Enquanto ela fala, um nervoso me sobe e eu tapo os olhos com a mão tentando respirar calmamente e não surtar. Meus pais devem estar achando que é emergência.

— Amanhã eu já estaria em casa, Candice! Pelo amor de Deus!

— Amiga, sua mãe saberá cuidar muito bem de você, garanto. A noite passo lá para dar um beijo em Rose e Oscar. — Ela beija a mão e sopra para mim, sai e bate a porta.

Eu solto o ar do peito e fito o quarto vazio a minha frente. Um quarto de luxo no hospital. Aposto que tem dedo de Sawyer nisso. Pego o controle do lado e ligo a televisão. Vai começar minha luta contra o tédio. Se ao menos tivesse alguém para ir buscar meu notebook.



As horas passam, eu levanto, ando um pouco e uma enfermeira me leva para fazer uma ultrassonografia. Depois passa mais tempo, a médica chega sorridente, me examina, faz recomendações para eu beber muito líquido e vai embora. Chega a hora do almoço e nada de Sawyer. Nenhuma notícia. Olhei meu celular mil vezes, ele não tentou ligar e nem apareceu. Ele não vai mesmo tentar se explicar sobre a mulher que eu vi com ele?

Que babaca!

Começo a ficar indignada, nem consigo comer direito. Então meus pais chegam. Alvoroados como eu imaginei que estariam.

— Estou bem, pessoal. Foi apenas um estresse. — Minha mãe está me abraçando e meu pai está de longe bem sério com pose de brigão. Deus! Se ele souber que o flagra que dei em Sawyer me trouxe para o hospital, vai ficar louco.

— Minha filha... — minha mãe choraminga.

— Candice disse que é pré-eclâmpsia.

Merda! Candice tinha que abrir a matraca.

— Está tudo bem, mãe. Estou no início de gravidez e ainda é cedo para um diagnóstico tão preciso. Estou tomando todos os cuidados necessários.

Ela continuou murmurando lamentações, em seguida me fitou mais preocupada ainda.

— E Sawyer? Onde ele está? Conversaram?

— Ainda não, mãe. Mas ele veio aqui e já sabe do meu estado.

— Irei vê-lo agora. — Meu pai diz decidido.

— O que? Pai, não...

— Por que não? Ele é meu genro, precisa explicar por que você está aqui sozinha, passando por isso sem a presença dele.

— Pai, Sawyer e eu ainda não tivemos tempo de conversar desde que voltei. Assim que cheguei passei mal e já vim para o hospital.

— Mesmo assim irei falar com ele.

Eu desisti de discutir. Meu pai é inflexível e

ele já demonstrou que quer pressionar Sawyer. Eu só não quero me preocupar ou me estressar.

Meus pais conversaram com a médica sobre meu estado de saúde e quando ela os calmou dizendo que eu iria embora para casa hoje ou amanhã, ficaram mais relaxados e papai resolveu ir conversar com Sawyer me deixando com mamãe.

De certa forma, nem tentei mais impedi-lo. Já era hora do almoço e Sawyer não tinha dado notícias ainda.

Assim que meu pai saiu, me sentei numa poltrona e pedi minha mãe que sentasse perto. Eu precisava desabafar com alguém, não contei nada a Candice sobre a morena que vi com Sawyer, minha mãe saberá me dar uma opinião sobre o assunto.

— Cheguei ontem, disposta a conversar com ele... — começo a relatar a minha mãe que ouve com atenção. — Eu queria ouvir mais sobre a história dele, ouvir uma explicação plausível. Mas então... — respiro fundo, levanto os olhos para minha mãe e imediatamente ganho um carinho na mão.

— Filha...

— Ele estava com outra mulher. — Falei em um sussurro pois até agora, isso era como apenas um pesadelo para mim. Não queria que fosse real.

— O que?

— É. Ninguém me contou, eu mesma vi. Estou aqui no hospital, com pressão desregulada por causa do grande estresse que passei. Raiva, com perplexidade. Eu até... desmaiei quando o vi.

— Ah, meu Deus! Mary!

— Mesmo assim, mãe, eu queria que ele me falasse, que tentasse me explicar. Sawyer não disse nada e hoje nem apareceu ou ligou...

Ela me acolhe em seus braços e eu fecho os olhos sentindo um conforto bem-vindo. O calor e o cheiro de mãe são o melhor remédio. Contra meus cabelos, ela murmura:

— Ele vai aparecer...

— Eu não quero vê-lo, estou com raiva... mas quero que ele continue tentando. Sou psicopata por isso?

— Não, minha querida. É apenas seu amor implorando que ele lute também e te dê provas de

que não fez nada de errado. Mesmo o querendo longe, seu coração precisa de provas.

Levanto o rosto e limpo rapidamente algumas lágrimas. Encaro minha mãe.

— Não quero perde-lo. Mas quero que ele pague por ter omitido...

Ela ajeita meus cabelos e num tom convincente diz:

— Talvez ele já esteja pagando. Sofrendo com a distância de vocês.

— Mas talvez ele esteja com outra nesse momento.

— E você vai parar de pensar isso pois a única que sairá arruinada é você mesma. Pare de se estressar, de ficar com a mente cheia desses pensamentos. Marianne, escute sua mãe: você ama seu marido, precisa de explicações dele, mas no momento vai me prometer que sua primeira preocupação será você mesma e seus filhos. Está me entendendo?

Minha mãe está séria e segura firme minha mão. Não reluto a concordar:

— Sim.

— Ok. Não vamos mais falar sobre ele, se aparecer por aqui, vocês conversam, se não, a vida segue.

E como eu tinha prometido, não falamos mais sobre Sawyer. Meu pai voltou mais tarde, notei que estava muito pensativo e com um semblante taciturno, entretanto disse que a conversa com Sawyer tinha sido boa e que depois ele me contaria tudo. Eu não importei, não queria saber o que meu pai conversou com ele, queria apenas estar boa de saúde para ir embora. Apesar de um quarto de luxo, é horrível e tedioso ficar presa a um quarto de hospital.

A médica pediu que eu ficasse o resto do dia e a noite, em observação. Isso me decepcionou um pouco, mas me mantive calma. Candice veio com Leo e depois levaram meu pai embora, deixando minha mãe comigo para passar a noite.

Não. Sawyer não tinha me ligado e nem aparecido. O dia todo o esperei. Isso me deixou em silêncio profundo imaginando o que de verdade

estava acontecendo. Ele não é homem de desistir por coisa boba, ainda mais que a médica contou a ele sobre o diagnóstico de uma possível pré-eclâmpsia. Era para Sawyer está aqui, forçando sua presença ou me ligando, me mandando mensagem.

O silêncio dele, me mata.

Por causa do medicamento para controlar a pressão, acabei dormindo cedo e na manhã seguinte, às nove da manhã, a médica me liberou me deixando uma lista de coisas para me precaver. Desde medicamentos à alimentação correta. Eu tinha que beber muito líquido e fazer exercícios próprios para grávidas e o mais importante: procurar não passar por situações que me causassem estresse e pudesse elevar minha pressão.

Meus pais me acompanharam e papai dirigiu meu carro até em casa. Não o Mini Cooper, mas outro novo, uma SUV que Sawyer tinha me presenteado.

Eu queria ficar com eles, por isso decidimos que eu iria para meu antigo apartamento, pois meu pai não queria ficar na cobertura em que Sawyer e eu moramos.

Minha mãe me ajudou arrumando uma pequena bolsa, já era a terceira que eu arrumava. E eu queria não ficar abalada com cada canto da casa que me lembrava os momentos bons com Sawyer. Saí rápido dali sem nem olhar para trás.



Quando a noite chegou, eu estava em ponto de surto comigo mesma. Candice apareceu com Leo e enquanto conversavam após o delicioso jantar que minha mãe preparou, eu fingi interagir, mas na verdade morria por dentro.

Onde Sawyer tinha se metido?

Passou ontem o dia todo e hoje também sem nem um *oi* por mensagens. E pelo visto tudo estava bem, já que Candice e meu pai conversaram com ele ontem.

Todas essas indagações me faziam fraquejar. Meus joelhos tremiam e engolia seco. Não daria o braço a torcer e ligar para ele.

Que babaca! Ele tinha errado comigo duas vezes seguidas e agora está errando mais ainda em

NACIONAIS - ACHERON

me deixar assim, praticamente à deriva, gerando dois filhos dele e correndo risco.

Onde estava o desgraçado?

— Mary quer desenhar uma nova casa. — Candice disse me olhando sorridente me fazendo voltar para a realidade. — Mas eu disse a ela que esse duplex dá muito bem para ela, Sawyer e as crianças. Não vejo necessidade. A não ser que ele a esteja forçando a ter uma casa maior.

Franzo a testa para ela e balanço meus cabelos, negando veemente.

— Eu quero construir minha própria casa, independente de ter Sawyer ou não comigo. — Deixo a xícara de café na bandeja sobre a mesinha de centro e me ajeito na poltrona. Todos na sala me olham. — Sawyer tem o terreno. Ele e eu desenhamos mais ou menos uma planta de como queríamos a casa e já mandei o projeto para Alan. Ele vai fazer a planta profissional.

— Eu concordo com Candice. — Meu pai diz. — acho que a cobertura do Graham ou esse duplex, são perfeitos para um jovem casal morar.

— Não acho perfeito para a criação de duas

crianças. Tanto aqui como lá, tem apenas dois quartos. Essa sala é muito pequena e a dele fica a metros de altura. Quero algo mais pé no chão, com jardim, piscina e parquinho. — Sorrio sonhadoramente e completo: — uma casa com quintal, como a que nasci no Brasil e a que cresci aqui nos Estados Unidos.

— Tem toda a razão. — Meu pai concorda. — Eu também prefiro morar em lugar que posso ver árvores e sentir a grama nos pés.

— Sem falar, que deve ser uma maravilha ver o projeto que você desenhou, se transformar em realidade. — Como meu pai, minha mãe aprova também minha ideia.

Ter falado nesse assunto me deixou mais pra baixo ainda.

Essa história da casa era a coisa que mais me deixava animada. Durante a lua de mel, Sawyer e eu planejamos tudo. Iríamos começar a construir o mais rápido possível para estar pronta quando os bebês nascessem. E agora, nossos sonhos parecem areia escapando por entre os dedos.

— E ele? Como está? — Leo pergunta e eu

o fito. — Já conversou com Sawyer? Estão mesmo separados?

— Graham está muito bem. — meu pai que responde, antes de eu abrir a boca. — Estive com ele ontem, tivemos uma conversa produtiva. Ele vai aparecer.

Ouvir isso me conforta muito. Mas por que ele não me liga? Olho a tela do celular a cada cinco minutos e nem sinal de vida.

— Foi uma discursão. — Eu explico. Candice me olha interessada, ela ainda não sabe nada sobre o que causou minha separação. — E aí várias coisas foram acontecendo, ele está tendo muito trabalho no hotel, eu acabei no hospital e temos que colocar tudo nos eixos. — Sorrio para todos e digo mais para me confortar: — iremos nos entender.

— Teve outra pessoa... nisso? — Candice indaga e imediatamente eu troco um olhar com minha mãe. Candice percebe e seu olhar diz que matou a charada. Como eu não respondo, ela tira as próprias conclusões: — sempre há um terceiro elemento, espero que tenha uma explicação.

Merda! Ela está quase gritando na minha cara: “Eu te avisei!”. É como se ela torcesse que Sawyer ficasse com outra mulher, só para provar o que ela sempre disse sobre ele.

Meu pai concorda com ela e bem ranzinza diz:

— Também espero. E que seja uma explicação bem convincente.

Quando fui levar Candice à porta, ela me segurou e queria que eu dissesse o que tinha acontecido. Então, como uma fraca, eu contei que o vi trocando palavras suspeitas com uma bela mulher. Candice respirou fundo e parecendo resignada disse:

— Mary... sinto te dizer. Era magra e de cabelos negros compridos?

— Sim. — Soltei o som aflito. — Por que?

— Ah Mary! — Quando as sobrancelhas dela se juntaram em sinal de pena, eu já estava morrendo por dentro. — Eu os vi juntos quando fui ao hotel.

— Viu? — Quase tive um enfarte. Senti em uma profusão de medo, todo meu sangue gelar.

— Sim, estavam tomando café da manhã. Não quis te falar antes pois estava no hospital, mas eu prometi que não esconderia mais nada de você.



Dessa vez eu chorei na minha cama, no meu quarto, sozinha no escuro.

Não havia mais explicação para o sumiço dele e esperava que ele fosse homem o suficiente para vir falar comigo e me pedir o divórcio, antes de ficar me traindo por trás. Mas que merda de vida eu fui me meter? Achei que tinha encontrado a luz no fim do túnel, o verdadeiro amor, minha alma gêmea. O desgraçado não conseguiu ficar um mês casado.

Eu queria que ele sofresse tanto que não cabia em mim tanta raiva. Ele me fez perdoá-lo, cantou pra mim me pedindo em noivado, declarou amor a meus pais e minha avó.

Como eu pude me juntar a um homem assim? Falso e manipulador. Na verdade, eu já sabia desde o início. Desde o primeiro momento

Sawyer usou sua perspicácia para me seduzir e hoje deixei de ser a novidade para ele.

E quando achei que já tinha provas o suficiente contra ele, nada havia me preparado para o que ouvi e vi pela manhã quando acordei com enxaqueca.

Levantei, tomei uma ducha, me enfiei num pijama e descii, querendo algo que acabasse com minha dor interna, dor de coração partido. Queria um café da minha mãe e um abraço confortante. Ouvi vozes na cozinha, fui me aproximando e quando cheguei perto escurei meu pai falar:

— Vou matar esse filho da puta.

— Oscar... — minha mãe cochichou.

— Rose, ele não estava no hotel, cheguei lá e ele já tinha viajado.

Assim que ouvi isso, fiquei de olhos arregalados e coração aos pulos. Sentia meu sangue a mil por hora. Meu pai não conversou com Sawyer?

— Talvez ele tenha ido resolver algo do hotel. — Minha mãe disse tentando colocar panos quentes. E então meu pai pregou o último prego no
NACIONAIS - ACHERON

meu caixão:

— Ok, mas o que diz dessa foto aqui, tirada ontem a noite num restaurante me Ohio? Vou acabar com esse desgraçado.

Entrei na cozinha como um furacão, meus olhos embaçados das lágrimas, minha cabeça girando, podia ouvir ao longe minha mãe falar meu nome e eu só conseguia ver o jornal que meu pai segurava. Arranquei das mãos dele e deixei as lágrimas escorrer em silêncio por causa da foto de Sawyer com a morena, em um restaurante. Ambos sorrindo um para o outro, enquanto eu morria aos poucos, doente da carne e da alma.



QUATORZE

Sawyer

— Tudo bem, doutora. Obrigado. Volto a ligar em breve para saber mais notícias. Estarei na cidade amanhã e pretendo me encontrar com ela.

— Sem problemas, Sr. Graham. Marianne já está estabilizada, está medicada e vocês podem voltar a se encontrar. Mas procure ser bem comedido e não forçar brigas ou discursões.

— Logico. Contribuirei no que for preciso

para a recuperação dela.

— Ótimo. Ela precisa acima de tudo de apoio. Até mais sr. Graham.

— Até mais, doutora.

Termino a ligação, jogo o celular na cama e me levanto para tomar uma ducha e descer para o café.

Hoje é o terceiro dia sem poder ver Marianne e isso está me saindo mais doloroso do que eu imaginava. Kayla está me dando força, mas ainda não é o suficiente. As ligações que faço para a médica também não são suficientes. Eu preciso vê-la, olhar em seus olhos e saber que está mesmo bem.

Já estou a par de cada pequeno detalhe do prontuário de Marianne, a médica me passa tudo, cada gota de remédio que dá a ela, cada mínimo detalhe sobre os bebês, nada está encoberto para mim. e mesmo assim a médica ainda pedia para eu não ligar para Marianne e nem tentar visita-la. Só quando ela dissesse que estava librado, e no caso isso foi hoje.

Entro debaixo do chuveiro um pouco mais

animado do que eu estava a noite antes de dormir. Mary já está em casa, seus exames estão equilibrados e ela será bem cuidada. Assim que voltar, Marianne querendo ou não, eu estarei ao lado dela a protegendo e fazendo de tudo para mantê-la saudável.

Desço já arrumado e encontro Kayla no restaurante do hotel em que estamos. Nossa mãe está dando trabalho, conseguimos leva-la para uma clínica e Kayla, como filha legítima, assinou como responsável. Mesmo sendo casada, manteve o sobrenome Carter, como da nossa mãe, e isso facilitou muito as coisas.

Hoje iremos a clínica para conversar com ela e tentar acertar todas essas arestas de uma vez por todas.

— Dormiu bem? — ela me pergunta assim que me sento.

— Sim. Estou bem. Mary saiu do hospital. — Sentindo meu rosto abrir em um sorriso, conto a boa notícia. O semblante dela se ilumina.

— Yeh! — Ela comemora — Que ótimo,

Tyler. Estou muito aliviada. Quero e preciso conhece-la, esclarecer tudo e enfim poder ser amiga dela. Quero estar na vida de vocês.

— Você já está. Não tenha dúvida disso. Mary vai adorar te conhecer.

Eu me sirvo de café, olho pela mesa e escolho o que vou comer. Ao menos minha fome não acabou, esses dias. Escolho um pouco de ovos mexidos.

— Me diga, mano. O que está sentindo sobre os bebês?

— Ah, céus! — Exclamo sorrindo. — Estou tão eufórico quanto a eles, quero saber o sexo, quero poder senti-los no ventre dela, quero poder estar perto quando eles nascerem. Mal estou cabendo em mim de tanta ansiedade. Vou dormir e acordo pensando neles. Nunca achei que seria tão forte assim, essa sensação de paternidade.

Kayla, toda sorridente, limpa os lábios e o verde dos seus olhos brilham.

— Está vendo? Temos tudo hoje. Eu tenho meus filhos que são minha vida, você logo terá os seus. Somos outras pessoas, totalmente diferente

daquelas que nossa mãe feriu, anos atrás.

— É, eu sei.

— Pensei muito essa noite, Tyler. Perdoar ou não, isso não fará diferença para a gente. Ela é um rascunho de ser humano, se definhou e se entregou a loucura, e você tem razão quando disse que a nossa misericórdia seria a coisa mais sensata que poderíamos dar a ela.

— É o que sinto, Kayla. Apenas pena. Por ela ter se deixado levar por aquele filho da puta e acabou perdendo o mais importante, nós os filhos dela.

— É uma pena ela ter escolhido não fazer parte de tudo de belo que aconteceu em nossa vida, mas podemos dar a ela dias tranquilos de agora para frente.

Esse assunto, sobre minha mãe, sempre tinha sido uma ferida exposta e dolorosa que ninguém mexia com medo de me ferir. Nem mesmo eu conseguia tocar nisso. Nem Amanda, Beatrice, Jill, Marianne, as mulheres mais próximas de mim; até a que mais amo, nenhuma delas conseguiu me fazer encarar esse assunto de frente.

Essa gigantesca cratera parecia que nunca iria se curar em meu peito, era algo que eu estava fadado a levar sozinho. Mas com Kayla é totalmente novo e diferente, ela passou coisas ruins como eu passei, ela sente a mesma amargura que eu sinto, ela é a única que conhece exatamente toda minha dor.

E por isso, nos unimos para ir ao encontro de nossa mãe e botar para fora de uma vez por todas, essa magoa encravada. Como um furúnculo que precisa ser espremido. Dolorido, mas necessário.

Terminamos o café, pegamos o carro que aluguei e fomos até a clínica onde há dois dias atrás tínhamos deixado nossa mãe, ela ficou quase sedada, mas hoje ligamos e disseram que ela já estava consciente e com emoções controladas.

— Sabe que agora ela pode usar todo o veneno contra a gente, não é? — Indaguei e Kayla assentiu em silêncio, olhando para fora da janela, com um semblante pesado e olhar compenetrado para o nada. Ela sabia que com nossa mãe consciente, as alfinetadas viriam.

Minha irmã não só teve que encarar o fato de ter sido abusada, como também ter perdido o irmão e ser presa num convento. Meu coração sangra só em imaginar ela tão nova, traumatizada pelo ressentido abuso e pela minha prisão, e ainda ter que passar tudo isso sozinha.

Tiro minha mão do volante e seguro a mão dela, apertando firme. Kayla olha para nossas mãos e em seguida fita meu rosto.

— O que importa é que hoje estamos bem e tudo que aconteceu, é apenas uma dolorosa ferida presa no passado. — Eu a conforto, ela sorri de leve, respira bem fundo e sopra pela boca.

Chegamos, cada um de nós ganhamos um crachá e seguimos para uma sala onde um médico já nos esperava.

Nos sentamos a frente dele assim que o cumprimentamos e ele foi direto:

— Sr. Graham, e sra. Carter, o que temos aqui é um caso de vício gerado por causas traumáticas. Essa é uma clínica de reabilitação onde a mãe de vocês estará segura, será bem tratada

e sairá daqui outra pessoa.

— É o que esperamos. — Eu disse. Kayla continuo muda, olhando para seu colo.

— O primeiro passo será a desintoxicação. Ela sofrerá muito nessa fase, mas vai conseguir passar. A senhora Carter, além de tudo, está passando por uma severa depressão e queremos dispor de todos os recursos para ajudá-la.

— Como por exemplo...

— Psiquiatra, cardiologista, terapias. Não ficará barato.

Kayla me olha como se dissesse: vai mesmo pagar por ela? Eu ignoro o olhar dela e me volto para o médico.

— Faça o que precisar, doutor. — Eu assumo os riscos — Moramos em outro estado e vamos querer relatórios periódicos sobre o estado dela.

— Sim, isso será uma obrigação nossa, em deixar a família a par de tudo. Nada acontecerá aqui sem a permissão de vocês.

— Espero que essa internação compulsória

seja uma escolha boa... Não só para ela, mas para todos nós. — Kayla murmurou.

— Vocês agiram certo em interceptar a tempo, impedindo que ela morresse numa sarjeta. — Ele nos convenceu e depois de tudo acertado disse: — quer vê-la? Ela está ótima hoje.

Assentimos e o seguimos para uma sala vazia sem muitos moveis, todavia, muito arejada. Ficamos lá sentados e em poucos minutos uma porta abriu e uma jovem enfermeira entrou conduzindo minha mãe.

Ela está totalmente diferente de antes de ontem quando a vimos quase inconsciente. Ela olha para mim sem muita surpresa e depois para Kayla. Fica encarando por alguns instantes e então se senta à nossa frente.

— Como me acharam aqui? — Ela pergunta, tentando ser fria, entretanto, sua voz tremula mostrava o contrário. Eu ia dizer que a gente a internou aqui para que ela não se matasse nas ruas, todavia, decidi levar adiante o que ela achava que estava acontecendo. Se ela não estiver ciente do que está acontecendo, melhor ainda.

— Investigamos e descobrimos seu paradeiro. — Eu digo.

— E por que? O que querem comigo? Aliás, o que você quer comigo?

O que eu não queria era uma discussão com ela, então faço outra abordagem:

— Trouxe a Kayla para te visitar.

Minha mãe limpa uma lagrima em um lenço que ela está apertando nos dedos, olha para Kayla e volta a abaixar os olhos.

— Eu quero que você a leve daqui.

— Mãe. — Kayla murmura, mas não houve efeito; com olhos raivosos ela se volta para mim:

— Será que pode fazer isso depressa? Será que não podem me deixar morrer em paz?

— Mãe, para com isso! eu estou aqui disposta a esquecer tudo, tinha prometido que nunca mais chamaria você de mãe, pelo amor de Deus...! você deveria nos implorar perdão. — Kayla, já sem paciência começa a colocar tudo para fora numa enxurrada de palavras, e eu a interrompo:

— Vamos, não vale a pena.

Eu só queria sair dali o mais rápido possível, antes que a necessidade de ter que jogar a verdade na cara, fosse maior que meu controle emocional.

Kayla assente, se levanta e ficamos de frente para a tristonha mulher acabada, de cabelos brancos, rugas mais que o necessário e muito abaixo do peso. Ela levanta os olhos para a gente, que estamos parados a olhando, e grita:

— Vão!

Eu puxo Kayla pelo cotovelo indo em direção a porta. Sinto meu maxilar enrijecer pois um surto de raiva me tomou, justo o que eu mais temia e foi tão doloroso e insuportável, quase uma possessão maligna. Quem ela pensa que é para a falar assim com a gente?

Me viro com brusquidão e em tom alto eu falo:

— Você quer saber a merda da verdade? Passou a vida fugindo de todos os problemas. Vai morrer sozinha e amarga por que nunca conseguiu encarar nada, não tem amor nem pra si mesma.

— Tyler. — Kayla me segura, puxo meu
NACIONAIS - ACHERON

braço e agora as palavras saem em profusão descontrolada. Nesse instante, nossa mãe está de pé, segurando firme o lenço e com olhos saltados me olhando.

— Você não conseguiu encarar a morte do pai, achou melhor encontrar dois empregos a ter que lidar com seus dois filhos no momento que mais precisávamos. Você queria fugir de tudo que nossa casa representava.

Eu consegui tocar na ferida e isso é nítido em como ela está abalada; com as duas mãos ela segura com força o pescoço como se tentasse impedir o choro, mas começa a soluçar. Eu não paro.

— Depois trouxe aquele filho da puta para dentro de casa e quando viu sinais de que ele abusava de sua filha, simplesmente se afastou mais ainda, trabalhando durante a noite no hotel porque não queria lidar com aquela verdade. Kayla precisava de você e eu não precisava daquele cara na nossa casa.

— Tyler, chega! — Minha irmã segura forte meu braço e tenta me puxar. Eu me tremo todo e sinto um impulso forte na minha garganta, vindo do

NACIONAIS - ACHERON

fundo de minha alma, trazendo coisas que eu passei anos segurando; simplesmente não dá mais para engolir.

A velha a nossa frente vai deslizando contra a parede, até sentar, tremendo, no chão. Com as mãos tampando os ouvidos, ela se balança e começa a chorar.

— Você preferiu matar seus dois filhos a ter que enfrentar tudo que aconteceu. Eu matei o maldito...

— Para! Ela grita.

— Sim, eu matei o desgraçado! Eu fui culpado e quando você deveria ter feito algo de bom, acolhendo sua única filha, o que fez foi matá-la também, você não a matou só para mim, você quis enterra-la para tentar acabar com tudo que Kayla ainda te fazia lembrar do traste miserável! Você queria enterrar suas miseráveis lembranças e acabou enterrando seus filhos!

— TYLER! CHEGA! — Kayla berra descontrolada. Ela tem lágrimas nos olhos e as duas mãos estão na boca e está fitando sem piscar a mulher acabada, chorando em pose fetal no chão.

Nossa mãe está chorando muito, em pranto profundo, entretanto, nenhum de nós dois nos movemos para fazer qualquer coisa.

A sala cai em silêncio e o que houve é o choro dela caída no chão e eu posso ouvir e sentir minha respiração ainda apressada, se acalmando. Eu vou para a janela e fico de costas sem querer ver essa cena. Kayla se senta numa cadeira com o rosto abaixando contra as duas mãos.

Os minutos vão passando e com eles o choro da velha mãe vai diminuindo. Então ela se senta e resmunga:

— Será que vai passar a vida me assombrando, trazendo de volta todas minhas fraquezas? — Ela não olha para ninguém mas sei que fala comigo — Eu te odiei tanto... e agora eu pago por isso, pois foi a pior decisão da minha vida. Deixe apenas eu morrer em paz.

Dou um leve riso sarcástico e volto a olhar a janela.

— Tudo que disse é verdade. Matar vocês na minha vida, parecia a coisa mais acertada a se fazer, depois que eu perdi meu apoio... o James.

Quando ela fala o nome do meu pai, eu me viro e abro a boca mas não falo nada.

— Eu fui patética, eu tive receio de machucar quem mais amava e foi o que eu fiz. — Ela me encara, sustentando meu olhar e torna a chorar agora gritando: — deixa eu pagar o que fiz a vocês dois, sozinha como eu sempre fui fadada a ser. — Entre o choro ela rir e diz: — olha para você, Tyler, se tornou um desgraçado pervertido que saí em capas de revista, conseguiu fama e dinheiro da forma mais baixa. E olhe para! — você ela apontou Kayla. — se tornou uma boa mulher e honrada. O destino se encarregou de colocar cada um no seu verdadeiro caminho. E essa é minha vida agora, sozinha. Entenderam? Sozinha!

Calado, e muito mexido emocionalmente eu estava prometendo a mim mesmo que essa tinha sido a última vez que eu tentava algo com minha mãe. Ela não conseguia ter noção de como nos machucava o seu desprezo. Sempre se vitimou e sempre achou que o sofrimento era apenas dela, o resto que se dane. Ela sempre foi egoísta essa é a verdade.

Apesar de toda essa merda, de ter ficado todo trucidado interiormente, eu não poderia simplesmente virar as costas; se eu fizesse isso, eu estaria me igualando a ela.

Deixei seis meses pagos adiantado na clínica e conversamos mais uma vez com o médico pedindo assistência total a nossa mãe. Depois disso, fomos ao hotel, pegamos nossas coisas e partimos de volta para Nova Iorque. O ciclo estava muito longe de fechar, mas tínhamos dado o primeiro passo para que nosso passado fosse colocado em pratos limpos.



O clima estava tenso entre mim e minha irmã. Não de raiva entre a gente, mas por termos passado por algo emocionalmente fora do controle. Estávamos pensativos, refletindo em tudo que aconteceu; hora ou outra, eu via Kayla fungando, chorando em silêncio no avião. Eu apenas dei a ela o espaço e tempo que precisava.

Eu só queria que as coisas comesçassem a fazer sentido. Não deu para acertarmos as contas com nossa mãe, mas eu queria estar bem com Kayla e com Marianne que já tinha voltado a ser o centro das minhas preocupações. Com todas essas coisas, eu simplesmente tinha esquecido de dar alguma satisfação, deveria ter avisado ao menos a Candice que eu estava vindo viajar.

Apenas a médica sabe de tudo, inclusive sobre minha irmã.

Assim que cheguei no hotel, eu queria ligar imediatamente para Mary e saber como estava, marcarmos um horário para uma conversa civilizada. Mas não foi bem isso que aconteceu. Quando cheguei, estava caminhando para o elevador com Kayla quando alguém me chamou no balcão da recepção.

— Sr. Graham.

Olhei para a jovem acenando para mim, fiz um gesto para Kayla subir e voltei até o balcão.

— Escute, eu não estou muito bem, qualquer coisa pode chamar o Arthur...

— Tem alguém querendo falar com o

senhor.

Ouvir isso despertou um atino repentino em mim, quase ao ponto de euforia, pois uma única pessoa veio a minha mente:

— É minha esposa?

— Não senhor.

Desanimei e quase revirei os olhos na frente da jovem.

— Ok. Então dispense. Acabo de chegar de viagem e não vou receber ninguém a não ser que seja Marianne.

— Não é sua esposa, mas é o pai dela. Achamos melhor leva-lo ao seu escritório pois ele estava instável...

Ah cacete! Oscar aqui e possosso da vida? Eu praticamente entro em pane e consigo apenas fazer uma prece mentalmente:

“Deus, não deixa ser nada com Mary” — Nem agradeço e nem falo nada com a recepcionista, apenas saio rápido quase correndo. Entro no escritório e assim que abro a porta ele se levanta do sofá e vem rápido, como um foguete

para cima de mim.

— Oscar?

— Seu filho da puta! — Me segura firme pelas lapelas do meu casaco e tenta me sacudir. — Você tá destruindo a vida da minha filha, vou te matar.

— Oscar! — Eu grito tentando segura-lo. — Cara, o que houve?

Após tentar me dar um soco sem sucesso, ele me larga, se vira, dá um chute na cadeira e berra com uma fúria selvagem nos olhos:

— Você viajou com outra mulher e Marianne desapareceu quando soube. — Traz o dedo em riste para meu rosto e ameaça aos gritos: — Você vai pagar muito se algo acontecer num fio de cabelo da minha filha.

— Espera...! como assim? Marianne desapareceu?

— Se você não a trouxer o mais rápido possível, acabo com sua vida. Eu farei você desejar estar morto. Quero ela aqui sã e salva.

Eu nem ouvia mais as ameaças dele. Eu

apenas me sacudia por dentro sentindo meus nervos vibrarem, meu peito doer com as batidas ferozes do coração. Era algo ruim com ela, como eu tinha previsto. Algo muito ruim poderia acontecer ou já estar acontecendo. E eu nem sabia o que fazer.

— Meu Deus! — Clamei e saí correndo do escritório.



QUINZE

Marianne

HORAS ANTES

Eu não poderia apenas assinar um divórcio e seguir a vida. Quando eu vi no jornal a foto de Sawyer com outra mulher não tive dúvidas que tudo entre a gente tinha acabado e ele estava mais que disposto a colocar um ponto final na relação.

Obvio que eu queria me descabelar, bater nele, acabar com o desgraçado, mas apenas fiquei

sozinha no meu quarto tentando não me estressar demais. Tinha acabado de tomar a medicação para controle de pressão e batalho comigo mesma para manter a calma, acima de tudo.

Minhas Mariannes estavam de vestidos pretos em homenagem a morte do meu casamento. Eu chorava e gritava por dentro e a única coisa que me fazia tremer mais que a foto que vi era a certeza de que casei com um cara que não conheço.

Então, volto a afirmar: Eu não poderia apenas assinar um divórcio e seguir minha vida. Andei muito pelo meu quarto, fazendo um balanço de tudo que sei sobre Sawyer, todas as coisas que ele me contou e as que tenho prova de que são reais. Nem preciso de um caderninho para anotar, minha mente armazenou cada pequena coisa sobre ele.

— Preparei para você. — Minha mãe entra no quarto com uma tigela fumegante na mão. Eu sorrio e me sento na cama me recostando na cabeceira. Não há lágrimas nos meus olhos, ainda bem. quando ela entrou eu tinha acabado de deitar, apenas pensativa, o choro tinha acabado.

— O cheiro está bom. Mas estou sem fome.

NACIONAIS - ACHERON

— Franzo a testa para ela.

— Não tomou café da manhã — suspira preocupada — precisa comer alguma coisa.

— Tem razão. — Acato o conselho dela sem contestar, pois, estou cansada demais para tentar brigar por frivolidades. — O que é? — Aponto para a coisa amarelada numa tigela.

— Mingau de fubá. Que você tanto amo. — Minha mãe anima como se acabasse de fazer-me uma enorme surpresa.

— Ah! Que delícia, mãe. Obrigada. — Aspiro o perfume do mingau me animando com o cheiro da canela me pó. Coloco uma colherada na boca e sorrio aprovando. — Está uma delícia.

Minha mãe não responde, fica me olhando com sua expressão analítica, pronta para me dar apoio caso eu precise. Agradeço Candice por ter trazido os dois e eles poderem estar comigo nesse momento.

— E o papai? — Como outra colherada. Estou tentando fazer parecer normal.

— Seu pai se acalmou. Está consertando a maçaneta da porta do banheiro. Só para distrair.

Aceno com a cabeça, respiro fundo, como mais uma colherada, me lembro de Sawyer provando mingau de milho e todas as outras especiarias no Brasil; o choro e a angústia sufocante me tocam e eu preciso ter todas as forças possíveis para não fraquejar na frente da minha mãe a preocupa-la mais ainda.

Ela acaricia minha perna, seu olhar muito triste mesmo. sei que na mente da minha mãe passa mil e uma coisas, e uma delas é pena por essas coisas serem acontecendo comigo.

— Filha, tudo que precisar...

— Eu sei mãe. Eu vou ficar bem, eu quero e preciso tentar me controlar pelo bem dos bebês, por isso não quero pensar muito.

— Tem toda razão. — Ela sorri. — Bom, deixarei você terminar de comer. — Levanta-se e passa as mãos na saia — depois deixe a bandeja aí que eu volto para pegar. Fique um pouco sozinha, durma se quiser, creio que vai lhe fazer bem.

— Obrigada. — Recebo um beijinho na testa e quando minha mãe sai, coloco a bandeja de lado e pego meu notebook.

Quase não tenho provas sobre o passado de Sawyer, para saber se ele me contou ou não a verdade. Todavia, tem uma peça nisso tudo que eu sei que existe mesmo, eu já a vi. E sei que ela pode ser o fio da meada. Digito no computador: Beatrice Morgan.

Eu a vi com Sawyer na inauguração do hotel e mais tarde ele me confessou que a socialite tinha sido sua paciente. Essa aí pode ser a pessoa que sabe algo da vida dele.

Rapidamente, após ler um pouco sobre ela e descobrir que ela apresentou Sawyer a sociedade de Nova York, pego meu celular, digito um número e falo com a editora chefe da revista onde trabalhei dando dicas de designer.

— Lea? Oi querida, Marianne.

— Ah, Marianne! Que surpresa! Você sumiu, menina.

— Pois é... a vida.

— Li que se casou, com um partidão.

Rio falsamente.

— Isso, Sawyer Graham. — Encaro com

pouco caso, minha aliança.

— Nem te desejo sorte, pois já tem de sobra, só em ter fígado o divo do divã.

— Boba. — Rio mais falsamente ainda. — Então, Lea, eu e Sawyer estamos fazendo um jantarzinho e não consigo encontrar o contato de Beatrice Morgan. Queria falar diretamente com ela. Sawyer está viajando e eu queria adiantar logo a lista de convidados. — Nem gaguejo para mentir.

— Começando por Beatrice, sei que esse jantarzinho será um tapete vermelho do Oscar.

— Boba, novamente. — Reviro os olhos fingindo rir, olhando com tédio para minhas unhas. — Você teria o contato dela ou de algum assessor?

— Sim. Tenho sim. A revista já entrevistou ela várias vezes, consigo o telefone dele, o assessor. Tudo bem?

— Claro.

Ela me passa o contato, conversa mais algumas frivolidades, fazendo comentários medianos sobre Sawyer e por fim me despeço e disco o número que ela me deu. Não demora para um homem atender.

— É o Liam?

— Isso.

— Oi, Liam, aqui é Eva, secretária de Sawyer Graham, e ele pediu que eu ligasse para a senhora Morgan, pois ele precisa vê-la ainda hoje se possível, mas ele não me deixou o telefone dela e eu tinha apenas o seu.

— Claro, Eva. Eu gostaria de saber onde e por quais circunstancias o senhor Graham deseja falar com Beatrice.

— A sra. Morgan me conhece. Ele pediu para encontra-lo no consultório, que é mais íntimo. O assunto é do interesse de ambos e eu não sei informar sobre o que é.

— Ok. Eu pedirei que ela entre em contato para...

Quase pulo da cama quando ouço isso, tento manter minha voz controlada e intervenho imediatamente:

— Não. Não ligue para ele. Ele pediu isso, ele deixou claro que não ligasse para ele. Dr. Graham está casado, a mulher dele fica na cola e ele tem medo de que ela atenda o celular ou esteja

NACIONAIS - ACHERON

perto quanto ele atender. Por isso eu estou marcando o encontro.

— Ok. Entendi. Falarei com Beatrice e...

— Me dê uma resposta.

— Te darei uma resposta.

— Obrigada, Liam. — Desligo e cruzo os dedos. Só preciso agora ligar para a Eva de verdade para que ela me ajude nessa. Acho que ela ainda tem as chaves do consultório de Sawyer.



Eu não podia avisar meus pais para onde estava indo, precisava de um álibi, então liguei para Candice e falei rápido: — estou indo investigar. Me dê cobertura.

— É sobre Sawyer?

— Isso.

— Tem toda cobertura. Quer que eu vá junto?

— Não, Candice, você precisa ser meu álibi. Diga que estaremos fazendo visita a algum cliente.
NACIONAIS - ACHERON

É o que falarei para meus pais.

— Ok. O que Sawyer aprontou? Ele já apareceu?

— Ainda não. Te conto tudo depois.

— Tá bom. Vai lá e desmascare o safado.

Apenas isso que Candice deseja.

Desliguei e me olhei no espelho. Fantástica. Nem parece que estou sofrendo tanto. Um vestido de gola alta com botões de perolas na frente, uma bota de salto e cabelos em rabo-de-cavalo.

Eu tinha conseguido mais cedo, o encontro com Beatrice. Liam me retornou e disse que ela estaria lá as onze no consultório. Com Eva, a antiga secretaria de Sawyer, foi bem mais tranquilo. Ela concordou em ir me esperar no prédio do consultório e sim, tinha uma cópia da chave, como eu imaginava.

— Mãe, pai. Estou indo espairecer a mente.

— Avisei a eles.

— Para onde vai Marianne? — Minha mãe já elevou o tom de voz com cara de perplexidade.

— Candice me ligou. Tem uma visita a um

cliente que estamos esperando a dias e decidi ir para distrair.

— Ótimo. — Meu pai diz, mas já está com o telefone na mão digitando. Em poucos instantes ele fala: — Candice? Mary está saindo daqui para... ah! Sim. Isso, uma visita. Ok. Fique de olho nela. Tá bom. Um beijo.

Ele desliga e sorri para mim e me resta revirar os olhos. Parece que voltei a ter doze anos quando meu pai ligava para a casa da minha colega para perguntar se eu ia mesmo para lá ou estava tentando enganá-lo.

Me despeço dando um beijo em cada um e zarpo o mais rápido possível no meu antigo carro, o mini Cooper.

Eu não queria pensar em nada do que estava fazendo para não me sentir mais surtada ainda. Minhas Mariannes estão em prontidão e essa coisa de investigar o passado dele, de certa forma me deixa menos devastada com tudo que Sawyer me aprontou.

Eva me espera no belo hall do prédio,

quando chego. Faltam poucos minutos para onze e preciso me preparar antes da chegada de Beatrice.

— Eva, querida. Tudo bem? — cumprimento-a.

— Oi Marianne. É um prazer revê-la.

— Vou te explicar com mais detalhes o que estou precisando. Você espera minha convidada aqui e suba com ela, dizendo que Sawyer a espera lá no consultório.

— É algum problema? — Ela me olha nervosamente.

— Antiga paciente dele. Beatrice Morgan, conhece?

— Muito. — O semblante dela se tranquiliza — Trabalhei aqui por indicação da senhora Morgan.

— Não é nada demais, apenas uma breve conversa, mas não quero que ela saiba que sou eu que a espera.

— Claro. Tem meu apoio. — Ela dá uma piscadinha para mim mostrando cumplicidade. — É a esposa dele, tem mesmo que saber tudo.

Após a breve explicação, subo sozinha levando a chave que Eva me deu e o código para destravar o alarme. Imagino se essa coisa apitar e Sawyer receber uma mensagem no celular dele que há algo errado com a segurança de sua sala. Dou um sorrisinho para mim mesma no reflexo do elevador.

Sorrindo Marianne? Seu marido está por aí mundo a fora com outra. — Minha Marianne rancorosa faz-me recordar. Fecho a cara no mesmo instante. Quem disse que ele ainda é meu marido? Olho para os números dos andares passado. Filho da puta! Serei a pior ex-esposa que um homem pode ter tido.

As portas se abrem, e saio rápido para não chorar ajoelhada com a cara na parede. Porra! É o meu homem, o que eu amo. Vou infernizar a vida do desgraçado. Pois eu mesma passarei o resto da minha sendo infernizada pelo amor que ainda sinto.

Entrar na sala foi pior do que eu imaginei. Os moveis, estão cobertos com lençóis brancos, mas posso ver nitidamente eu e Sawyer aqui em nossos melhores momentos. Puxo o lençol da mesa e a descubro.

Sorrio. Não teve como controlar. Uma lembrança vem junto ao sorriso. Minha primeira visita a essa sala.

“Pensa em mudar os móveis?” — Perguntei a Sawyer, passando a mão na mesa, admirando o material.

“Sim, menos essa mesa. Gosto dela”. — Ele disse, em sua pose austera de terapeuta.

“Claro, é muito bonita. Vou fazer umas anotações e te mostrar nosso portfólio.”

Meu Deus! Como eu estava nervosa naquele dia. Nervosa por vários motivos. Estar de frente a uma celebridade, querendo passar o melhor do meu trabalho para ele contratar meus serviços e ainda para completar, era o homem mais bonito, sexy e erótico que estava tendo o poder de fazer tudo em mim balançar por dentro.

Ok, Sawyer não é lindo perfeito, o homem mais lindo do mundo. Mas sua altura, seu corpo elegante e forte, seus olhos verdes intensos como absinto, e seus lábios quase sempre sorridentes sarcásticos, é um conjunto muito forte para combater, e não é de duvidar por que ele conseguiu

ser milionário. Muitas não pagariam, entretanto, muitas mais pagaram para ter um homem como ele, ao menos que por momento.

Devastada, limpo uma lagrima e me sento na cadeira dele coberta com um lençol. Supro longamente.

Eu mesma paguei. Quer dizer, fiz contrato, pois até hoje não paguei as consultas com ele. A caloteira do sexo. Rio balançando a cabeça e com lágrimas nos olhos.

Ao menos se casou com ele. — Uma das minhas Mariannes cochicha.

Grandes bostas. Era melhor não ter casado.

Me levanto, passo pelo divã, viro o rosto e entro na porta onde funcionava o estúdio da terapia. Agora, vendo com outros olhos se parece um estúdio de filmes pornôs. Como eu fui trouxa. Certeza que aqui aconteceram varias filmagens.

Passo pela cozinha falsa que transamos, paro momentaneamente na porta do quarto da massagem e mais lágrimas com riso escapam. Jesus! Eu nem tinha intimidade e estava mexendo no pinto do doutor, com ele gritando amarrado. Foi ali nosso

primeiro beijo. O beijo que eu roubei.

Meus nervos reagem me fazendo fechar os punhos. Por que inferno Sawyer acabou com tudo? Olho para meu ventre e passo a mão. Nem nossos filhos ele respeitou.

Chega de me punir inutilmente. Bato a porta da sala de massagem com força e saio quase correndo desse estúdio antro de prostituição.

A qual eu participei. Mas não sou prostituta.

Não mesmo?

Não. Quer dizer, de um homem só. Eu sempre serei a mulher dele. Choro mais e quase nem tenho tempo de limpar os olhos quando a porta se abre e Beatrice entra.

Ela está sorridente, mas eu corri e me sentei na cadeira de Sawyer e quando me virei e ela viu que não era ele, a cara de felicidade se espatifou em um susto quase teatral.

— Beatrice. — Me levanto e entendo a mão para ela. — Marianne Graham.

— O que... — ela não pega na minha mão, me olha ainda incrédula.

— Desculpe. Eu tinha que falar com você e não tinha outra opção, a não ser marcando como se fosse meu marido.

— Olha, querida, se for pelo passado dele — ela olha em volta como esperasse encontrar mais alguém — ou por algo que ele e eu tivemos, quero deixar claro que...

— Não. Sente-se — aponto a poltrona a frente. — Já sei de tudo sobre Sawyer, ele me contou. Sei de você, do padrasto dele, Black Bulls, tudo.

— Tudo? — O queixo dela caí — Sabe que ele era Tyler...

— Carter. Sei sim.

Beatrice olha para a poltrona, olha para mim e meneia a cabeça antes de se sentar.

— Então ele te contou?

— Sim. — Me sento também — Não sei os motivos que o levou a fazer isso, mas abriu todo o jogo comigo.

— Sabe do Henrique, Nelson...

— Sim. — Cruzo as pernas elegantemente

— Meus padrinhos de casamento eram estrelas pornô. — Mantenho um tom firme numa voz suave, querendo parecer que esse assunto não mexe comigo; quando por dentro estou assim:

“SIM! AQUELE FODIDO ACABOU COMIGO! Eu quero matar eles! Quero que todos sofram muito em minhas mãos, quero que Sawyer perca o pau dele para aquela doida que queria cortar tempos atrás, mas por sorte não cortou. Malditooooo!”

— Ok. Entendi. — Beatrice diz — E o que eu tenho a ver com isso?

— Vou me divorciar dele, mas antes queria...

— Já? — Ela rir. — Perdi. — Bate nos braços da poltrona — Apostei com as meninas que seria em dois meses.

Mantenho minha cara séria e ela nem liga, joga os cabelos dando risada, numa alegria tremenda. Quero voar nela e bater nessa cara de cera. Muito mais velha que Sawyer e fica aí nesse oferecimento achando que vai relar o dedo nele outra vez. Sonha mais que tá pouco, querida.

— Certo. Vai se divorciar dele. Quer vingança? Quer que eu ajude?

— Não é isso...

— Ele te traiu? — Ela ri mais. — Querida, estamos falando de Tyler Carter, o senhor Boceta.

Caramba, mais um nome pra lista.

— Beatrice, esse não é o ponto. Eu quero saber mais sobre ele, apenas isso. Sawyer é uma incógnita.

— E mesmo assim se casou com ele? — Ela gargalha — Mas é tola! Caiu no conto do cafajeste que vira príncipe. Mas não te julgo. Aquele pau vicia pra caramba eu mesma me...

— Escuta aqui sua degenerada — Berro, me levanto, bato as mãos na mesa — você quer que eu pegue as fotos que Sawyer tem lá em casa e espalho por aí e acabo com sua vida?

Mentira, ele não tem fotos. Mas jogo essa indireta e pela cara que ela faz, colou.

— O que?

— É isso aí! Para de me desrespeitar, olha aqui. — Mostro meu dedo com a aliança. — Isso

aqui é uma aliança, sua idiota! E até que o juiz não bata a porra do martelo, Tyler Carter, Sawyer Graham ou o caralho, ainda é meu marido, se ousar falar dele assim mais uma vez, você vai pagar. — Volto a sentar na cadeira — E agora vai desembuchando tudo de uma vez, sobre ele pois perdi minha pose elegante e estou com pressa.

— Você é uma desqualificada e...

— Depressa, mulher! — dou outro grito — Estou grávida e quero comer. Não tenho o dia todo para ficar olhando para essa sua cara.

Ela sacode os cabelos curtos pretos, respira rápido, e fica me fitando, me fuzilando com os olhos.

— Tudo que ele te contou é verdade. É isso aí, não tem mais o que saber. Eu fui flagrada com Sawyer saindo desse prédio, na época, ele era Tyler. Então eu tinha apenas que arrumar um álibi.

— E aí? Continua.

— Minha ideia foi falar que era meu terapeuta. Eu sou uma figura pública, casada. E deu certo. Eu criei Sawyer Graham, eu criei tudo isso aqui! — ela bate no peito e seu tom de voz vai se

elevando — É a mim que tem que agradecer por conhecer ele, sua safada! É a mim que deveria respeitar, Tyler era um merda, não era ninguém, eu dei tudo que ele tem hoje. Eu! Ouviu? EU! Nós dois temos uma história que você jamais conseguirá apagar.

Termina de gritar, e fica ofegante, de boca aberta me olhando. Os punhos cerrados.

Eu estou da mesma forma por dentro, mas tenho que manter o controle o máximo possível, não vou brigar, nem surtar, nem dar mais chances de minha pressão ir nas alturas.

— Certo. Dê o fora agora.

Ela arregala os olhos totalmente desacreditada na minha resposta. Esperava que eu fosse brigar. Minhas Mariannes estão nesse momento amarrando de corda minha Marianne briguenta.

— O que foi? — Indago — Você tá certa. Não conseguirei apagar, mas foi comigo que ele se casou. A única que consegui isso, mesmo durando menos de dois meses.

Ela assente, ajeita a alça da bolsa me olha

mais um pouco e caminha para a porta. Antes de sair, vira-se e fala:

— Vai atrás de Amanda; dona da Inside Produções. Tenho certeza que ela vai adorar te conhecer. Ela sabe mais da vida de Tyler do que ele mesmo. Desejo o pior para você, queridinha.

Beatrice vai embora me deixando inerte. Eu já ouvi esse nome?

Sim. Levanto em um pulo. Sim! A mentora dele. A tal mulher que o ensinou como tratar as mulheres.

Pego minha bolsa, pego o celular e ligo para Candice:

— Candice, preciso que segure a barra mais uma hora.

— Está tendo progresso?

— Sim. Estou. Acabei de conversar com Beatrice Morgan, imagina!

— Beatrice Morgan?

— Isso. Ela me deu o nome de uma mulher e estou indo procura-la.

— Mary, não quer companhia? Diga onde
NACIONAIS - ACHERON

está que irei até você.

— Não. Só aguenta a mão mais um pouco.

— Ok. Me ligue.

— Tá bom.

Jogo o celular na bolsa e saio correndo.

Estou progredindo, é hora de conhecer quem foi essa mulher na vida de Sawyer.

PERIGOSAS



DEZESSEIS

Sawyer

HORAS ATUAIS

Eu estou cego correndo sem rumo até que mãos me seguram e me deparo com olhos em brasas de Oscar.

— Ei rapaz! Calma aí! — Joga-me contra a parede e me segura.

— Oscar, pelo amor de Deus! — Balbucio com todo meu desespero acompanhando minha voz

NACIONAIS - ACHERON

— Me diga que tentou rastrear o celular, fazer alguma coisa...

— Esperamos que você possa fazer isso. — Solta meu colarinho.

Fecho os olhos e respiro várias vezes para tentar recobrar os pensamentos racionais. Porra! Merda! Eu o que fiz? Como eu pude me afastar assim? Como eu pude deixar Marianne sozinha por dois dias?

— Eu teria que ficar plantado na porta do hospital, mesmo a médica não me deixando vê-la. — Acabo falando ao invés de só lamentar em pensamento.

O pai de Marianne me dá um empurrão e vai para o outro lado do corredor.

— Aaarrhhh! — Oscar dá um grito e em seguida um soco na parede. Louco com todas as emoções o assombrando, creio que as mesmas que estão tampando minha garganta e quase tirando meu folego. Estamos surtados.

— Caralho! — Ele olha para mim. — Por que fez uma coisa dessa com minha filha? — Há lágrimas nos olhos dele — Grávida de dois filhos

seus, vocês ainda estão de lua de mel...!

— O que...? — murmuro.

— Ela viu a foto, não era para ver, mas Marianne chegou de surpresa e viu. E então desapareceu depois disso.

— Foto? — caminho rápido para perto dele.
— Que foto?

— De você e uma mulher juntos em Ohio.
— Se acontecer algo com minha filha...

— Era minha irmã! — Grito antes dele terminar a frase. Já estou com as mãos nos olhos. Puta que pariu! Foi tudo um erro de interpretação. Marianne tomando decisões a flor da pele, o que ela fez, meu Deus?

— Irmã?

— É! — Dou um grito. — Porra! Minha irmã apareceu, é a Kayla, minha irmã. — Pego meu celular e tremendo mais que tudo, mexo na tela até que por milagre consigo colocar uma foto de mim e Kayla. Mostro a ele. — Eu ia apresentar ela a Marianne, só estava esperando ela sair do hospital.

— Sua irmã? A que estava...

— Ela não morreu Oscar. Meu Deus! Proteja Marianne. — Volto correndo para o escritório e ouço os passos dele atrás de mim. Se algo acontecer com ela eu não vou resistir. A vida acaba para mim. Não terá mais por que continuar, lutar, não posso perde-la. Nem que ela não fique mais comigo, ao menos que ela esteja bem, que eu e veja bem. Eu serei eternamente culpado e vou preferir a morte.

— Todos estão lá no antigo apartamento dela. — Oscar entra e diz, mais manso. Acreditando em mim. Eu estou com o telefone do escritório e assim que Arthur atende, peço que chame o chefe de segurança que já foi detetive, mas se aposentou da polícia. Me sento no sofá mas não consigo, me levanto andando pela sala.

— Graham...!

— Marianne entendeu tudo errado, Oscar. — Agora eu que tenho lágrimas nos olhos — Eu nunca a traí, eu me afastei pois ela estava brava comigo e a médica pediu para me manter afastado afinal ela não podia passar raiva.

— Puta merda! — Ele pragueja e se vira tão desesperado como eu.

— Já falou com Candice...? — limpo os olhos e o fito, sentado no sofá de cabeça baixa, e como pai, com certeza se sentindo também culpado.

— Marianne ligou para ela dizendo que precisava sair, e pediu a Candice para nos enganar. Eu e a mãe dela. Mas agora, ela não atende mais o celular.

— Precisamos contatar a polícia, Oscar. — Sugiro, aflito.

— Já ligamos, entretanto, segundo eles, não podem fazer nada pois, ainda não tem vinte e quatro horas do desaparecimento.

Ouvir essa palavra: desaparecimento, me faz morrer por dentro. Mil suposições vêm em minha mente. Ela desmaiando na rua e sendo atropelada... sem identidade num hospital... passando por uma cirurgia...

A porta se abre e Arthur entra acompanhando outro homem. Oscar fica de pé na mesma hora.

— Sr. Graham, mandou me chamar?

— Oscar, esse é Jay Foster, chefe da
NACIONAIS - ACHERON

segurança do hotel. — Espero eles se cumprimentarem e me viro para Jay. — Precisamos muito de sua ajuda.

Assim que Oscar conta tudo que sabe com os mínimos detalhes sobre até mesmo como ela estava vestindo, Jay diz que ele precisa ouvir a última pessoa que falou com Marianne, no caso, Candice. Entramos no carro e rumamos para o antigo apartamento. E isso me dá calafrios, para Marianne, a coisa estava mesmo séria, ela nem mesmo quis voltar para nossa casa.

Eu só queria poder encontra-la novamente e abraça-la muito mesmo que ela não quisesse e depois eu iria dar um sermão nela e abraçar mais e não deixar que ela saísse um segundo de perto de mim.

A sala da casa de Marianne estava lotada. Todos olharam alarmados quando a porta se abriu e entramos. A Mãe dela correu para perto de Oscar, Leo e Candice me olharam com rancor nos olhos e Alan ficou de longe me encarando. Respirei

aliviado a sorri de leve indo até Henrique que estava muito desconfiado, ele e Dakota também estavam ali e ver esse tanto de gente reunido, só me deixava mais cruelmente devastado. Morto de medo.

— E aí cara? — Rick segura minha mão e me abraça de leve.

— Eu não sei, Rick. Acabei de chegar de viagem...

— Recebemos a ligação do pai dela e viemos para cá rápido.

— Pessoa! Escutem! — Jay toma a frente e chama atenção de todos. — Ok. A polícia não vai agir ainda, e pelo que conversei com Oscar e Sawyer, sumir assim não é do perfil dela. Marianne sempre avisa para alguém.

— Sim. Ela me avisou. — Candice diz.

— E o que mais, Candice? — Eu questiono.
— Onde ela estava quando te ligou? Com quem estava?

— Você deveria estar aqui na sua casa com sua mulher debilitada. — Ela retruca vindo com quatro pedras para cima de mim. — Não venha me
NACIONAIS - ACHERON

perguntar coisas, agora querendo resolver a situação.

— Amor, tudo bem. fique calma. — Leo a tranquiliza.

— Nossa, amor, eu fico trêmula de raiva vendo ele fazer isso com a Mary... — ela lamenta e eu prefiro não discutir. Estou cagando para Candice, quero mais que se dane.

— Então você foi a última que falou com ela? — Jay questiona Candice.

— Sim.

— Sabemos que Marianne não dá notícias a mais ou menos cinco horas. Quero que me diga tudo que se lembra. Quantas vezes ela ligou para você?

— Duas vezes. — Ela fala e lança um olhar torto para mim.

— Onde ela estava quando ligou a primeira vez e o que disse?

Mais uma vez Candice me olha antes de responder.

— Ela estava aqui e disse que precisava sair

e pediu que eu mentisse para os pais dela.

— E aonde ela estava indo?

— Não sei. — Ela dá de ombros — Mas disse que precisava ficar sozinha.

— Ela estava tranquila, com raiva ou chorando?

— Parecia tranquila.

— Ok. — Ele olha na cadernetinha onde está anotando as informações. — Quanto tempo demorou para ela ligar novamente?

— Hum... umas duas horas.

Semicerro os olhos. Essas respostas estão muito vazias, e Candice parece não se importar muito em tentar lembrar mais detalhes.

— Certo. Onde ela estava e o que foi dito?

— Ela não disse onde estava, mas disse que iria tomar um café para distrair.

— Tomar um café? — Repito totalmente incrédulo. Isso não é mesmo do feitio de Marianne.

Jay lê as anotações e balança a cabeça desanimado. Ele sabe, eu sei e qualquer um pode

saber que essas merdas de informações de Candice não ajudou nada. Todo mundo começa a ficar nervoso, olho para Oscar acalentando Rose que chora em seu ombro, Candice também abraça Leopold e começa a soluçar baixinho. Não sei se está chorando ou fingindo.

Mas ela fingiria? Não tem motivos para isso.

Ela esconderia informações? Também não tem por que.

Olha o sofrimento de todos, tá certo que ela poderia querer me ver sofrer mas e os pais da Marianne? Candice não teria coragem de saber alguma coisa e ficar calada. Pelo menos, é o que quero acreditar.

— Ok. — Alan diz e olhamos para ele. — Eu não queria dizer isso para não arrumar encrenca, mas acho que Marianne e Candice estão tramando e Candice sabe sim onde Mary está.

Todos nós olhamos para Candice que impressionantemente, não tem uma lágrima no olho.

— Ela não seria capaz. — Eu digo. Encarando-a olho no olho.

— Ah, e você Graham? Seria capaz de deixar sua mulher aqui e ficar de encontrinhos com outra?

Da sala, apenas Alan e Rose me encaram com perplexidade. Para ganhar o apoio de todos, prefiro contar a verdade do que bater boca com Candice, não estou com saco para isso.

Pego meu celular, escolho a foto de Kayla e mostro a tela para todos: — Essa é Kayla, minha irmã. Até pouco atrás eu a julgava morta, Rick pode confirmar o que digo. Eu a perdi quando tinha quinze anos e desde então sempre fui sozinho. Pai morto, padrasto assassinado e mãe em estado crítico de depressão e vício. — Decido não contar a fundo minha história, apenas a parte essencial, para que eles entendam quem é Kayla.

— Marianne sabia disso tudo, sabia sobre Kayla a minha irmã, até então dada como morta. Mary foi a única família que tive em anos e não quero e nem vou perder isso, a nossa pequena família que estávamos construindo. Agora, Kayla reapareceu de repente, não teve tempo de apresenta-la a Marianne. E isso é todo o mal-entendido. — Olho para Candice, sem brigar, sem

aumentar o tom de voz, querendo apenas me unir a ela para que Marianne volte bem para casa. — Candice, por favor, se sabe alguma coisa, diga; preciso muito da minha esposa de volta e ela pode estar precisando da gente.

Ela passa os olhos na sala e todos aqui estão encarando-a. Ela vê que perdeu o jogo, que não adianta mais discutir ou tentar enganar. Rende-se facilmente.

— Marianne foi te investigar. — Ela fala, baixinho de cabeça baixa.

— Me investigar?

— Sim. Ela queria saber mais sobre você. E me pediu cobertura. Mas não sei mesmo onde ela pode estar, isso é verdade. A última coisa que ela me disse, foi que estava indo encontrar uma pessoa e tinha acabado de ter um encontro com uma celebridade.

— Celebridade? Quem?

— Beatrice Morgan.

Meu coração para estatelado quando ouço o nome.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON



DEZESSETE

Marianne

HORAS ANTES

Não foi difícil encontrar a tal Amanda. Eu consegui o número de telefone de sua empresa, a Inside, e uma vez comunicando com eles, consegui que transferissem a ligação para a Amanda. Ela atendeu com uma voz rabugenta, mas quando me apresentei como esposa de Sawyer, mudou completamente e dava a impressão que sorria do

NACIONAIS - ACHERON

outro lado. Me deu o endereço de onde ela estava, para eu ir encontrá-la.

Não pensei muito nas minhas ações, como deveriam ser pensadas com calma. Eu estava aprofundando num mundo que eu não tinha intimidade alguma, o mundo que Sawyer diz ter sido moldado e isso me deixou sem raciocínios lógicos, como quando se pega um livro para ler e os segredos estão quase chegando, o leitor não para nada, foca apenas em descobrir todos os segredos do enredo.

Enquanto dirigia, limpei uma lágrima que teimou em molhar a minha bochecha só por que pensei em Sawyer. O que Beatrice me contou, ainda me faz congelar; a forma que ela me mostrou que ele tem muito ainda a revelar; eu cada vez só me sinto distanciando daquele que pensei ser meu grande amor.

Eu não podia me derreter em lágrimas e me fraquejar no momento mais importante. O momento que eu estava indo conhecer a mulher responsável por moldar o verdadeiro terapeuta. Tomei coragem necessária e bani da mente tais pensamentos enervantes.

O lugar para onde a tal mulher me trouxe é grande, funciona numa colossal mansão cercada por muros altos e portões de ferro. Curiosa, analisei com cuidado e notei que havia ali câmeras de segurança e nenhum vizinho por perto.

Não tive problemas na entrada. Assim que disse meu nome, minha passagem foi liberada e um belo caminho de tijolos vermelhos se abriu a minha frente.

Fico embasbacada com o belo jardim, as árvores bem cuidadas e a imponente fachada da mansão toda branca. A direita, uma placa anuncia com sutis letras: Inside.

Desligo o carro na área para estacionar, e respiro fundo me acalmando.

— Chegou a hora Marianne. — Digo em voz alta.

Dou uma ajeitada no cabelo, passo mais uma camada de batom, pego minha bolsa e meus sapatos de salto e saio do carro.

Lá fora, calço os sapatos, e sigo para a bela porta da frente.

— Olá. — Uma mulher madura, na casa dos
NACIONAIS - ACHERON

cinquenta, com cabelos tingidos de vermelho abre a porta, antes mesmo de eu chegar a ela, e me cumprimenta sorridente. — Você deve ser Marianne.

— Isso. — caminho até ela. — Marianne Graham. — Estendo minha mão — Esposa de...

— Tyler. — Ela antecipa. — Para mim, ele sempre será Tyler.

Ouvir isso me dá um calafrio e me deixa muito desconfortável. Ela só está me fazendo lembrar que não conheço o homem que troquei alianças. Engulo seco e tento parecer normal diante da circunstância.

— Amanda. Ao seu dispor.

É impressão minha, ou essa mulher tem um sorriso histérico incomum? Me recordo de Sawyer dizer que ela não presta e é capaz de tudo, mas eu sou também capaz de tudo, para saber a verdade sobre ele.

Sei, não deveria estar aqui sozinha, numa casa estranha sem seguranças ou mordomo, com uma mulher estranha lembrando que tem intimidade com meu marido. Mas o que eu poderia

fazer?

— Oi, Amanda... estive com Beatrice e...

— Entre. Venha, preparei um chá. — Ela se vira, deixa eu passar e vai na frente andando pela gigantesca sala que mais parece um salão. Estou impressionada. Há janelões que vão do chão ao teto dando uma clareza exagerada a sala, o piso muito polido branco da cor de todo o resto da sala; quase parece esterilizada.

Há lustres de cristais gigantes, estatuas de homens e mulheres nus posicionadas ao redor e um piano de calda, branco, na outra parte da sala. Não deixo de reparar também na bela escada curva com degraus trabalhados em pedras e pinturas.

— Preciso conhecer melhor a esposa do meu pupilo. Tyler foi um dos primeiros. Henrique foi o primeiro. Conheceu Rick? — Ela se vira e encara-me. Eu paro de andar abruptamente.

— Ah, sim. Rick, Nelson, Larry, Dakota...

— Oh. — Faz uma cara de susto. — Minha turma mais aplicada. Teve suruba com todos eles?

— Não. — balanço a cabeça negando; indignada por provavelmente ter ficado
NACIONAIS - ACHERON

enrubescida.

— Bom, pois perdeu muito. Ninguém chupa uma mulher melhor que Nelson enquanto Rick faz um bom trabalho nos seios e você pode saborear o falo de Tyler com...

— Ok. Eu entendi. — Interrompo-a — Entendi muito bem que perdi uma deliciosa aventura.

Quem nesse século diz “falo”? Por que não diz logo, pênis?

Ela sorri, senta-se elegantemente no sofá branco e mostra um lugar para mim. Me sento também. Na mesinha há uma luxuosa bandeja com xícaras e um bule. Ela serve água quente nas duas xícaras e adiciona um sachê em cada uma. Me entrega a xícara e após um rápido semicerrar de olhos, ela questiona: — fica desconfortável com esses assuntos? Não deve ser inocente, afinal se casou com Sawyer Graham.

— Não sou. — Beberico o chá para tentar me acalmar.

— Sabe de tudo da vida dele?

— Sim... quer dizer, mais ou menos. É para
NACIONAIS - ACHERON

isso que vim aqui. De que é o chá?

— Camomila. Então veio aqui para que eu lhe conte em detalhes tudo que Tyler aprontou em todas as bocetas até te conhecer?

— Não, Amanda. — Dou mais um gole no chá — Não é isso. Com quem ele dormiu, não me interessa...

Ela me corta com uma sonora gargalhada.

— Dormiu? Tyler não dormia com ninguém. Só fodia, e muito. Era uma maquina de trepar e isso você deve saber. Como o conheceu, Marianne?

Recobro minha racionalidade e me controlo para não mandar essa mulher se danar.

— No consultório dele. Eu era paciente.

— Então há algo muito diferente em você para que ele deixe todos anos de safadeza de lado e se prenda a uma só.

— Não me acho diferente. — Sem relutar, discordo.

— Mas ele acha. E isso que me intriga. — Ela curva o pescoço de lado e me estuda debochadamente — O que Tyler viu em ti que não

viu nas outras dos setes longos anos de consultório?

— Primeiro, eu não me casei com Tyler...

— Casou, querida. Claro que casou. Mais cedo ou mais tarde Sawyer Graham desaparece e Tyler volta à tona e quando o puto volta, não fica uma só na frente dele. Come todas.

Essas palavras me atingem em cheio, minha fraca armadura fora de fato, fraca para proteger desse tipo de veneno. Ela tem razão: foi exatamente o que aconteceu: Sawyer não foi fiel e já está por aí com outra. Não deu valor a nosso casamento e todo nosso amor. Começo a me sentir mal e creio que por causa desse assunto, em imaginar ele fazendo todas essas prevaricações.

Me levanto, coloco a xícara na mesinha, mas não consigo ficar de pé e caio sentada no sofá novamente.

— O que... — fecho os olhos e acaricio minha testa. Me sinto tonta, como se estivesse leve, saindo do chão; e parece que minha audição e visão estão ficando comprometidas. Olho para Amanda e ela apenas me assiste tranquila.

— Preciso de ajuda. — Eu digo. — Estou

gravida e estou passando mal.

— Isso não tem a ver com a gravidez querida, e sim com o leve sonífero que eu coloquei na agua fervente do chá. — Ela coloca a xícara dela na bandeja, e só então percebo que esteve intocada.

Minha respiração começa a ficar mais agitada, tento me levantar, mas meus braços não respondem.

— Preciso juntar algumas coisas para exibir a você. — Amanda levanta calmamente. — Estou a tempos louca para te mostrar quem na verdade é Tyler Carter. Além do mais, te manter aqui vai atraí-lo como abelha no mel. Ah! — Amanda sorri vitoriosa — enfim Tyler vai voltar para casa. E entender de vez que ele não é e nunca será seu. Tyler pertence a outro mundo e eu vou trazê-lo de volta.

Nem consigo assimilar mais nada. Tropeçando na consciência sinto a tortura de não poder fazer nada e perder aos poucos meus sentidos. Até desacordar por completo.



Quando tomo consciência novamente, vejo que estou em outra sala e a janela me mostra que o tempo passou bastante. Lá fora já está em fim de dia. O sol se pondo. Caramba! Quanto tempo fiquei inconsciente?

Tento me erguer, todavia, fracasso. E não apenas por ainda estar tonta, mas por estar presa. Literalmente estou presa a uma poltrona.

Chacoalho os braços e entro em desespero. Há algemas nos meus pulsos.

— Socorro! — Berro! — Olá! — Continuo sacudindo os braços tentando me soltar, mas nada acontece. Ofegante, com o coração pulsando descontrolado, olho em volta. Parece uma sala de televisão. Há uma enorme na minha frente e está pausada. Essa sala é toda branca como a primeira e se compara também no luxo.

— Socorro! — Grito novamente. — Meu Deus! O que vou fazer...? não consigo encontrar minha bolsa por perto e só me resta gritar mais ainda. Até que a porta se abre e Amanda entra.

— Calma querida, ele vai aparecer. Ele vai te farejar e vir te buscar. — Ela carrega uma pistola prateada e coloca numa poltrona próxima a minha. Sei que estou suando frio, sinto meu corpo reagir a tensão desesperadora do momento. Sei que minha pressão deve estar indo às alturas e isso não é nada bom para meus bebês.

— O que quer de mim? Sua louca!

— De você? Nada. — Se aproxima, coloca uma mão em cada braço da minha poltrona e bem perto do meu rosto diz: — você apenas se envolveu com quem não devia. — Rancorosamente, passa os olhos pelo meu corpo e fita por segundos a mais meu ventre. — Grávida. — Dá uma risada. — Ele vai ter que escolher, você sã e salva, ou sua preciosa prole abortada antes mesmo de deixar de ser girinos.

Começo a me tremer excessivamente e fecho os olhos para não ter um treco. Meus bebês precisam de mim, precisam do meu controle e minha força, não posso entregar os pontos agora.

Respire fundo Marianne!

Inalo e exalo pela boca.

Só abro os olhos quando ouço vozes e então me surpreendo com a televisão ligada. A minha frente tem um vídeo. E não poderia estar mais pasma ao ver um Sawyer novinho, rindo para a câmera.

“Diga olá a seu primeiro sex tape, Tyler.” — A voz da pessoa que está com a câmera é desconhecida. Mas me congelo toda ao ver que Amanda chega por trás e o abraça. Sawyer era apenas um rapaz magricelo e assustado. Nem consigo respirar e parece que tudo dentro de mim dói, só que não é raiva que me toma e sim um bruto sentimento de tristeza, pena mesmo. Os olhos verdes eram puros e tímidos.

— Vamos assistir a odisseia do seu amado, quero mostrar a você, te convencer que ele não é e nunca será essa pessoa que você e milhares de outras idealizaram.

Amanda passou um pouco para frente e eu quase vomitei quando ela deu continuidade numa cena em que ela chupa o pênis de Sawyer novinho. Fecho meus olhos com muita força.

— Não adianta fechar os olhos querida, vai ser obrigada a ouvir o que está por vir.

— Este não é meu Sawyer! — Sussurro quase chorando.

— Calma...! tem uma cena épica que ele já está com o famoso código de barras e faz uma deliciosa orgia com os companheiros.

Antes da tal cena, porém, um novo vídeo começa a passar. Agora é ele sentado numa poltrona, em frente para Amanda. É como se fosse uma terapia.

Amanda está calada e ele totalmente sombrio, ferido emocionalmente, seu tom de voz deixando claro como está devastado.

— Isso está atrás dos meus olhos todas as noites. — Ele diz, quase um murmuro. — Eu vejo meu padrasto caído, morto, e eu com a arma. Os gritos da minha irmã são estridentes e eu preciso me levantar para não sufocar com essas lembranças. — Ele está narrando os motivos pelos quais não consegue dormir a noite.

— Querido. — Amanda começa a falar no vídeo. — Você precisa encarar tudo isso. Você precisa ser homem, crescer, saber separar as coisas.

— Minha irmã... — Sawyer novinho começa

a chorar. — Minha mãe... eu perdi as duas, o que eu tenho hoje?

— Tem a mim. — Amanda levanta da poltrona e o abraça fazendo com que o rosto dele fique entre os seios. — Vamos começar uma terapia, para que se sinta melhor. Vou te dar algo para pensar, para não ter que lidar com tudo isso, todas as noites. Farei de você um homem viril, frio, e muito promissor.

A seguir começa a vir vídeos de cada momento da vida dele. Sawyer fazendo aniversário, eles dois na cama pelados e ela se filmando. Sawyer no making off de um filme, rindo e feliz. Ele cada vez mais encorpado, se transformando no homem que hoje conheço.

Outro vídeo de câmera de segurança mostra Amanda o chicoteando, e depois transando com ele amarrado numa espécie de mesa, como a que ele se amarrou para eu massageá-lo.

Em seguida, mais transformações dele ao longo do tempo; era possível ver que toda sua magoa escondia sob os olhos vorazes e o corpo cada vez mais belo, cultuado especificamente para o sexo. E o que mais me surpreendeu foi um vídeo

NACIONAIS - ACHERON

dele aparecendo com cabelos pintados de loiro e todo mundo rindo.

Ela girou em volta da minha poltrona e atrás no meu ouvido, sussurrou: — Fiz Tyler voltar. Eu o ameacei e ele só voltou a fazer um ultimo filme por sua causa.

— O que? — Dou um grito.

— Isso mesmo. Ele nunca se deixou ser ameaçado; — ela passa as unhas grandes vermelhas nos meus cabelos e se põe em minha frente — ele estava cagando se a sociedade soubesse que tinha sido ator pornô, mas então conheceu uma doce garota designer que não aprovaria o que ele tinha aprontado. — Amanda vai até a televisão, escolhe um vídeo e coloca play. Quase tenho um ataque ao ver Sawyer de verdade, do jeito que o conheci, sendo preparado. A tatuagem do peito fora coberta pois Tyler ainda não a tinha e ele estava se preparando para reviver Big Tyler a estrela do pornô. Ele dá um até logo para a câmera e coloca uma máscara de gatinho, tampando o rosto.

— O fato é que ele sabia que se eu contasse que na verdade Sawyer Graham era Tyler Carter, você não iria mais querer olhar para as fuças dele,
NACIONAIS - ACHERON

então o chantageei e ele voltou com o rabinho entre as pernas. Assim como vai voltar agora, para te buscar.

Mais lágrimas deixam meus olhos quando percebo que ele se rebaixou novamente a um pornô só para eu não descobrir. Nós já nos conhecíamos quando ele gravou isso. Algo dentro de mim, pior que uma faca me corta bem lentamente.

— Agora, fique com o melhor do Tyler. — Ela senta na poltrona ao lado, e começa o vídeo; Lá está o código de barras, e também, para meu espanto, Jill está no vídeo. E quando ela se abaixa e abocanha o pau dele, eu fecho os olhos e choro. O pranto simplesmente veio sem eu ter como segurar.

A tortura se arrasta por minutos; os gemidos do filme pornô tomam a sala e mesmo eu fechando os olhos, posso escutar a voz dele, falando sacanagem e gemendo.

— Sua...Vadia! — eu grito para Amanda. — Velha patética! Ele era uma criança e estava sofrendo quando o pegou e agora ele sente asco por tudo isso, se gostasse tinha feito espontaneamente. Você nunca vai conseguir ele sem ser por chantagens baratas! Você é uma maldita que... —
NACIONAIS - ACHERON

ela levanta rápido e desfere uma bofetada no meu rosto.

— Calada! Sua porca prenha! Devia dar graças a mim por ele estar vivo. Ele poderia ter se matado, ou sido morto se eu não o tivesse criado. Tyler é um herói que precisa voltar às origens dele, a gente que dá o valor que ele merece.

Eu poderia ficar calada, ou apenas chorar ignorando. Mas um surto me tomou, sei lá, posso colocar a culpa na gravidez, só sei que gritei o mais alto que consegui:

— O que importa é o que Sawyer é hoje. Você o seduziu, abusou psicologicamente dele, aproveitou um momento de fraqueza dele para leva-lo a depravação. Mas isso acabou, e a conquista fica. Eu o conquistei, e na aliança dele está escrito: “Para sempre de Marianne”! Ouviu? Marianne! Marianne!

Mordendo os lábios de raiva, ela se vira rápido, pega a arma e aponta para mim. Destrava a pistola e eu apenas fecho os olhos e viro o rosto. O momento me deixa tão tensa que começo a passar mal pra valer.

A emoção descontrolada faz meu corpo tremer, e eu sei que estou prestes a ter um ataque, e então um barulho alto invade a sala. Foi mais que apenas “salva pelo gongo”. Algo como porta arrombando, me salvou de levar um tiro no meio da testa.

Amanda olha para a porta, deixa a arma de volta na poltrona e sai. Na minha frente o vídeo continua.

PERIGOSAS



DEZOITO

Sawyer

POUCO ANTES

Leo ou Oscar chamou a polícia, eu não tinha cabeça para isso. Apenas corri para falar com Beatrice e quando ela me viu bufando feito búfalo em sua frente, revirou os olhos e eu nem precisei sacudir para que abrisse o bico.

— Mandeí sua mulher falar com a Amanda, queria que aquela esnobe se ferrasse com

NACIONAIS - ACHERON

a chefe.

Eu podia fazer algo, pois era o que Beatrice queria. Ela estava me provocando, todavia, precisava agir com urgência e não tinha tempo para isso.

— Você não vale a comida que come. — Me virei para sair.

— Depois de usar e abusar quer desdenhar, Tyler? Que antiético, imagina o que aconteceria se a mídia descobrisse...

Mais rápido que um foguete avancei para cima dela a segurei e ameacei:

— Diga. Bote a boca no mundo que seu castelo de luxo desaba. Sabe como a sociedade é machista. Acha mesmo que vai acontecer algo comigo? sinto te falar, mas essa é a realidade; tenho minha vida estável, a vergonha será para você. Apenas você.

Ela não revidou e eu não tinha mais o que falar. Apesar de achar repulsivo ameaçar e dizer que ela seria julgada por ações muito menores que as minhas, essa é a realidade. Eu fui contra a lei, fiz coisas ruins para várias pessoas enquanto Beatrice

apenas traiu o marido com o garoto de programa, e seria desmoralizada em público se nosso passado viesse à tona.

No caminho, liguei para Oscar e pedi para mandar a polícia para o endereço de Amanda. Meus nervos batiam completamente amedrontados com essa realidade: Marianne indo de bom grado para o ninho da serpente.

Com ódio, gritei dentro do carro e bati várias vezes no volante; o pé afundado no acelerador. Eu estava pior que piloto de fuga. O ódio era mais de mim mesmo pois acabei causado tudo isso a Marianne. Desde seu mal-estar colocando em risco a gravidez, ao mal-entendido que a deixou tão desestruturada, e agora essa porra de investigação sem cabimento.

Eu queria me punir por indiretamente estar fazendo ela passar por isso. enquanto o carro, em velocidade alta, engolia os quilômetros a frente, eu desejava pagar por tudo, desejava um castigo para mim, e pedia muito a Deus que protegesse Marianne. Não sou muito religioso, mas várias promessas saíram da minha boca no momento do desespero.

Antes eu tinha que passar em um lugar; sabia que se Amanda soubesse que eu estava chegando ela iria tentar algo. Teria que pegá-la desprevenida.

Cheguei ofegante a porta do apartamento de Jill. Quando ela abriu, levou um susto arregalando seus olhos.

— Ty... digo, Sawyer?

— Jill, gostaria de te implorar que desconsidere alguma desavença nossa, e me ajude.

— Temos desavença?

— Gostaria de conversar com você, mas faremos isso depois. Preciso entrar na casa de Amanda, ela está com Marianne.

Ela deu um giro nos calcanhares e eu a segui. O apartamento dela tinha mudado muito, estava mais luxuoso e de bom gosto. Ela se virou para mim, fechou mais as abas do robe e cruzou os braços em pose defensiva.

— Marianne. Sempre por ela, não é?

Abro minha boca para tentar explicar, mas ela se adianta.

— É até clichê essa coisa de deixar toda sua vida para trás por causa de uma mulher, mas sei que isso de verdade existe. Uma pessoa pode sim mudar ou escolher outro caminho apenas para agradar alguém.

— Eu a amo Jill. E sabe mais do que qualquer um que nunca amei outra pessoa...

— Sim. Sentimento era algo que não fazia parte do seu mundo. Tanto sendo Tyler como Sawyer. Sabe, eu devia gostar da Marianne. Devia mesmo, por que eu gosto bastante de você e ela o faz feliz, ela o deixa em um estado quase de plenitude.

— Sim. E eu não posso perder tudo isso. Por favor, preciso de sua ajuda.

Jill assente vira-se, entra numa porta e volta trazendo para mim um pequeno cartão chave.

— Não por ela, por você Tyler. Dói te ver sofrer, e ela o faz feliz. — Ela coloca o cartão chave na minha mão e diz — Amanda pode estar de olho nas câmeras. Vá pelo portão lateral de serviço. A câmera dele não aparece na televisão principal, pois só quem o usa são pessoas que ela

confia. Infelizmente, não tenho a chave da porta da frente.

— Eu dou um jeito. Muito obrigado. Podemos conversar depois.

— Sim, iremos.

Eu saí dali mais rápido do que cheguei. Concentrado apenas na minha missão, dirigi como se fosse a última vez.

Cheguei a porta de Amanda junto com Rick, Liam e os policiais. Abrimos o portão lateral e tivemos que arrombar a porta da casa. Eu sozinho, praticamente a abri.

Rick me segurou quando tentei correr desesperado para dentro da casa.

— Sawyer! Ficou louco? Isso pode ser uma armadilha. Você fica.

Eu não contestei e deixei os policiais ir na frente. E não demorou muito para eles cercarem Amanda que tinha vindo ver o que estava acontecendo.

— O que estão fazendo invadindo minha casa? — Ela gritou descontrolada.

— Temos uma ordem judicial, senhora. Procuramos uma pessoa. — Metodicamente, um policial avisou. Mas Amanda nem prestava atenção. Ela me viu e seu olhar travou em mim, como se eu fosse uma aparição abençoada.

— Sabia que você voltaria, Tyler. Eu sempre soube.

— Amanda, sem joguinhos, onde está Marianne?

— Querido, não imagina como esperei te ver novamente aqui nessa casa. Aquela intrusa em nossas vidas, está vendo um filme fantástico, estrelado por você.

Eu troquei um olhar com Rick e nós dois sabíamos o que estava acontecendo e onde Marianne estava. Amanda não nos seguiu, os policiais a fizeram sentar e esperar enquanto outro policial correu escada acima acompanhando eu e Henrique.

A cena que vi, jamais esquecerei. Um terror me tomou por completo, isso só aconteceria nos meus piores pesadelos. Mary estava quase desmaiada presa a uma poltrona em frente a uma

televisão enorme passado um dos meus vídeos pornôs. O policial se encarregou de me ajudar a libertar Marianne das algemas e Rick apressou em desligar a televisão.

Enquanto eu corria com ela nos braços, praticamente desacordada, só conseguia implorar que ela me perdoasse. Era tudo por minha culpa, mais uma vez Tyler Carter trazendo mal a quem eu amo.

MARIANNE

Quase perdendo a consciência, molhada de suor e sentindo meu coração pulsar na cabeça, vejo Sawyer loiro de cabelos grandes transando enlouquecido com uma mulher na televisão. A porta se abre e como se materializasse, ele aparece. Mas não esse do vídeo, o atual. Elegante, com seus cabelos pretos e olhar sexy que me encantou à

primeira vista.

— Mary! — Ele grita em desespero palpável, perto de mim, batendo no meu rosto. — Mary, meu amor, estou aqui. Marianne, olha pra mim. Fica comigo, meu amor, estou aqui.

Com a visão turva, vejo o vulto do rosto dele e imploro:

— Nossos... filhos. Salve nossos filhos.

Eu tive picos de consciência. Não sei como ele me tirou da poltrona, mas me vi em seus braços descendo as escadas. Sawyer correndo como um louco. E duas coisas foram marcantes: sua respiração alta, quase barulhenta e seu cheiro reconfortante.

Eu ouvia ele falar comigo, mas não assimilava.

Quando consegui por fim me equilibrar na realidade e manter-me serena, já estava numa ambulância, e quase melhor, olhei para ele e seu semblante carregado de puro temor e medo me encarava, quase sem piscar. Sua mão apertando fortemente a minha.

— Me perdoa. — Implorou chorando. Sim,
NACIONAIS - ACHERON

havia lágrimas em seus olhos. Era um pedido muito urgente e intenso. Era como se eu visse novamente aquele jovem Sawyer do vídeo, sofrendo por ter traumas que o impedia de dormir. — Me perdoa, Mary.

Como resposta, coloquei minha outra mão em cima da dele e apertei. Estava tão calma e tranquila, que até sorri.



DEZENOVE

Marianne

Recobro os sentidos e preciso piscar os olhos para me adaptar a penumbra. O ambiente é silencioso. Me mexo na cama e começo aos poucos perceber que estou em um quarto de hospital. Há um aparelho ao meu lado medindo meus batimentos que no momento estão tranquilos.

Ao meu lado, a sombra de alguém sentado bem perto da cama e debruçado sobre o colchão. É Sawyer.

Eu me mexo e devagar, toco em seus cabelos.

— Sawyer. — Chamo baixinho. Num segundo, ele acorda sobressaltado e me olha. Fica de pé, acende a luz e avidamente procura o botão para chamar ajuda da enfermaria.

— Sawyer...

— Não fale, Mary. Vou chamar alguém e sairei imediatamente. Não se altere.

— Sawyer, olhe pra mim. — fracamente, puxo sua camisa — venha aqui. — Consigo sua atenção e ele se curva para me ouvir melhor.

— O que? Precisa de algo? Eu juro que só fiquei por que...

— Sente-se aqui. Fique comigo.

É simplesmente inexplicável a necessidade que eu tenho de tê-lo por perto.

Ele me fita sem entender, mas não contesta. Senta-se e segura minha mão. Noto que está com a aliança, como eu também estou.

— Sente-se bem? — ele tira mechas de cabelos da minha testa.

— Sim. Como estão... — engulo em seco — os bebês?

— Eles são fortes. — Um breve sorriso desbota nos lábios de Sawyer. — Estão ótimos. — Você lutou bravamente, Mary.

Olho para a mão dele abraçando a minha e quando subo as vistas e encontro seus olhos atenciosos, lágrimas brotam nos meus.

— Eu fui uma tola. Eu fui procurar... perigo.

— Xiiiu. Já passou. Você está bem, é o que importa. Agora, durma um pouco. — Ele, calmamente limpa minhas lágrimas.

— Como... me achou?

— Candice me disse que você esteve com Beatrice. Até chegar em Amanda foi mais fácil. Liguei para Jill, ela tem o controle do portão da mansão de Amanda. — Ele dá de ombros e termina: — eu estava com a polícia, Amanda está detida.

— Jill te ajudou?

— Sim. Ela é muito mais do que apenas uma amante rancorosa.

Balanço o pescoço levemente concordando.

— Ela... aquela mulher... Amanda, me fez

ver coisas sobre você...

— Não faz mais parte de mim Mary, apesar de estar para sempre marcado. Eu sinto muito que tenha visto toda aquela porcaria.

— Você... não é mais aquele...

— Mary, acalme-se e descanse. — Ele limpa minhas lágrimas, entretanto, seus próprios olhos estão úmidos.

— Me diga, Sawyer. Você não é mais aquele homem...? Tyler...

— Te juro que não. É apenas uma marca na minha história.

— Por que ficou lá? com a Amanda? Por que não se libertou, não foi ter uma vida normal... fale pra mim, como foi estar na pele de Tyler Carter.

— Não vamos falar disso. Não quero que fique ansiosa. Teremos todo tempo depois. Durma, estarei aqui com você.

— Eu preciso saber, não me negue isso. Não depois de eu ter visto tudo aquilo.

Dado por vencido, Sawyer se senta

recostado na cadeira e abaixa os olhos. Noto um pingo de arrependimento com vergonha. Mas ele não recua, ele quer ganhar minha confiança de volta e não vai negar um pedido meu.

— Diga, Sawyer. Compartilhe comigo. Não pode mais me deixar sem saber. — Incentivo e ele começa a falar:

— Era eu contra o mundo. Tinha perdido tudo, não havia nada a que me agarrar após ter saído da prisão aos quinze anos. Eu te contei, lembra?

— Sim. Me contou. Amanda te encontrou?

— Sim. Dois anos depois. E me adotou. Não gosto de dizer que ela se aproveitou de mim, pois eu quase pedia esmolas para sobreviver, trabalhava num barzinho como ajudante. — Ele me fita atenciosamente, seu semblante não é carregado, ao contrário, há muita tristeza. — Se eu gostaria de não ter sido tudo isso? sim, escolheria essa opção. Mas hoje, vendo daqui de onde estamos, é fácil dizer que me envergonho de Tyler, e de tudo que fiz. Entretanto, não era assim naquela época. Eu era motivo de orgulho, eu era prestigiado e pela primeira vez estava agradando pessoas. Dando

NACIONAIS - ACHERON

prazer àquelas pessoas. Era assim estar na pele de Tyler. Não sentir arrependimento e ter o mundo a meus pés. Eu era ambicioso, arrogante e devasso e me orgulhava de ser assim.

— Eu entendo. — Me sento na cama e estendo minhas mãos para ele. Sawyer entende meu gesto e me entrega sua mão; — entendo perfeitamente, eu vi naqueles vídeos a evolução do Tyler e sinto apenas pena por você não ter tido outra escolha.

— Tudo mudou quando me tornei Sawyer Graham. Eu tinha que deixar a perversão pública de lado e fazer em sigilo, e hoje não posso arrepender de ter aceitado a proposta de Beatrice e me tornado Sawyer, pois isso me deu você. Como posso me arrepender de algo que me deu a coisa mais bela que eu poderia ter na minha fodida vida vazia?

— Não diga isso...

— O dia que te vi Marianne, soube que eu teria uma pequena chance de tocar o céu e quando roubou um beijo meu lá na massagem, não toquei apenas o céu, mas o inferno também, era o pior inferno não ter você só para mim.

Eu simplesmente estou munda, mas minha expressão diz tudo; compactuo em cada palavra que ele disse, era o que eu também estava sentindo naqueles dias de terapias. Com meus dedos, acaricio sua grossa aliança, ficamos calados por um tempo nos entendendo em silêncio.

Limpo as lágrimas em meu rosto e olho em volta.

— Que horas são?

— Três da manhã. Eu fiz seus pais irem embora e fiquei com você. Não podia te deixar, nem por um segundo. Eu morri mil vezes hoje e a sensação de quase te perder é a mais terrível que já senti.

— Sinto muito... — sussurro. — Eu não consigo acreditar.

— Eu sei que não. — o verde dos olhos dele brilha — Mas você vai compreender assim que eu explicar.

— Só me diga, porque? Por que fez isso, Sawyer? Por que fez isso com a gente? Estávamos felizes, tínhamos tudo, o que eu não consegui te dar para que eu pudesse mantê-lo comigo?

— Ainda temos tudo Mary. Eu ganhei uma nova chance, e agora farei da maneira certa. Eu jamais te traí, por que tudo que você me deu é demais para minhas pequenas ambições. Você me deu tudo que é mais preciso para um homem, jamais poderia cuspir nisso.

— Então me explique...Caralho! por que eu também morri mil vezes ao ver você se afastar. Eu precisei de você, e não estava aqui comigo.

Ele olha para nossas mãos grudadas e dá um sorriso.

— Eu estava mais perto do que você imagina. Tudo que eu queria era mantê-la calma, mas não passei um dia sem que ligasse três vezes para saber qual era o seu estado.

Olho seriamente para ele.

— Ligava para o hospital?

— Sim. E para a médica também. Foi um acordo que fizemos, eu não poderia te ver, pois minha presença causava estresse em você, mas ela me passaria todo seu progresso diário.

Levo as duas mãos a boca, surpresa com a revelação.

— Oh, Sawyer!

— O importante é que você se recuperou e conseguiu voltar para casa. Não importava que ficasse ou não comigo. eu queria te ver sã e salva e faria tudo que pudesse para isso acontecer.

Ele fica de pé e com as duas mãos alisa meus cabelos ajeitando-os. Sentada na cama, levanto os olhos para fitá-lo.

— Mas eu vi você com...

— Preciso que me escute com atenção, preciso te contar algo.

— Diga. Tem a ver com a mulher que vi na sua companhia? — Na minha ansiedade, atropelo as palavras. Meu coração começa a bater descompassado.

— Sim. Tem.

Afundo meu rosto nas mãos e lamento silenciosamente. Ele me traiu. Com certeza teve um momento de fraqueza quando brigou comigo e foi se consolar em outros braços.

— Ei, acalme-se. — Ele tira minhas mãos que cobrem meu rosto. — Olhe para mim

Marianne.

Eu o olho, sem esconder o rancor. Sawyer pega o celular, mexe e estende para mim. É uma foto dele com uma mulher. Sopro o ar pela boca e analiso com racionalidade. Cada uma das Mariannes pegam uma lupa.

Assim, juntos, lado a lado tem algo de semelhante. Os olhos verdes de ambos, os cabelos negros, a fisionomia familiar que ela tem. Meus olhos passam devagar de um rosto ao outro. Aos poucos, vou vendo os fatos na minha frente e ligando todos os pontos. Ela é jovem, bonita, se parece com ele, e me faz recordar muito bem de alguém. Tanto na nossa casa, como no escritório do hotel há fotos com essa mulher. A semelhança é assustadora e nem preocupo com mais uma lagrima a banhar minha face.

Perplexa, olho para ele. Sawyer sorri com lágrimas nos olhos.

— Oh, meu Deus! Sawyer...

— Minha irmã. Kayla está de volta... nunca esteve morta. — A dor e alegria presente na voz dele fez com que o tempo parasse e toda a

catástrofe anterior desaparecesse. Milagre, era essa a palavra que veio com força total acertando minhas emoções — E isso é mais um presente do destino, para mim. — Ele emenda, com a voz fraca, lutando com o choro por espaço na garganta.

Eu o abracei apertado assim que ouvi isso. Sentada na cama e ele de pé, não desgrudei de seu corpo, com meu rosto pregado em seu torso. Sawyer beijou minha cabeça e manteve seus braços envolta do meu corpo. Não falamos nada, eu queria partilhar da felicidade dele apenas mantendo-nos tão próximos.

Minutos depois, ele se afasta e se senta ao meu lado na cama, ainda assim, continuamos abraçados.

— Como? — Indago, a respeito de sua irmã.
— Como aconteceu?

— Ela apareceu de repente. E eu caí de joelhos pois não conseguia suportar a verdade ali, na minha frente. Fomos enganados durante anos. Nos perdemos um do outro por causa de nossa mãe.

— Ela fez isso? sua mãe fez isso?

— Sim. Ela fez eu pensar que Kayla estava morta, assim como minha irmã achava que eu estava morto. Foi doloroso o alívio que senti quando a vi novamente. É como presenciar o próprio milagre personificado.

— Eu gostaria de ter estado com você.

— E era a coisa que eu mais queria. Que estivesse ao meu lado quando ela apareceu. Meu Deus, Sawyer. Estou tão feliz por você!

— Obrigado. Mary... — ele me faz olha-lo. Eu... — quero que me perdoe, por favor. Repense tudo, dê uma chance a nós e nossa família.

— Saw...

— Todas as coisas sobre meu passado era... rude e vergonhoso demais para eu compartilhar com você. Eu errei em não confiar em você, em não conta tudo de uma vez por todas e quando enfim contei, foi por medo de que soubesse por terceiros. Se tinha que saber, seria por minha boca.

Em prantos de pura alegria, sorriu olhando nos olhos dele.

— Sem mais segredos Mary, quero que seja, a partir de hoje minha maior confidente, minha
NACIONAIS - ACHERON

melhor amiga e minha cura quando eu estiver fora dos eixos.

— Será tudo isso para mim também, Saw.

Ele segura meu rosto em suas mãos e encosta a testa na minha. Nossas respirações se encontram e gaguejando ele torna a pedir:

— Me perdoe.

— Droga...! — limpo as lágrimas. — Claro que te perdoo. Depois de tudo que vi... eu sinto muito por você. Mesmo que tenha essa marca no seu passado, aquele não é mais você. Eu tenho certeza que me casei com Sawyer Graham um novo homem.

Ele me cobre com seus braços e eu o aperto bem junto de mim. sentindo seu calor e seu cheiro, nossas respirações reconfortantes enfim na mesma sintonia.

— Te amo muito, Mary.

— Eu sei. — Sussurro e rimos em seguida.



VINTE

Sawyer

— Sr. Graham. Olá, senhor Graham...

Acordo com alguém batendo em minha perna. Me sento assustado fazendo Marianne se mexer ao meu lado. Olho em volta como para me situar e aos poucos as memórias vão voltando. Estou no quarto de hospital e já é dia. O quarto está todo claro e na minha frente, tem uma enfermeira com uma expressão nada amigável.

— O que houve? — Marianne

acordou pelo solavanco que eu dei. Estávamos espremidos, dormindo abraçados na mesma cama.

— Desculpe, mas o senhor precisa se levantar antes que a médica chegue. É estritamente proibido que o acompanhante use o leito do paciente.

— Ok. Obrigado.

— Voltarei em breve para medicar a paciente e fazer o relatório do dia.

— Claro.

Ela sai e eu caio para trás. Marianne me abraça.

— Não vai sair não. — ela sussurra, sonolenta — Passei muitos dias com saudades do seu corpo.

— Só do meu corpo?

— Mais do seu corpo.

— Fico lisonjeado.

— Já que está lisonjeado e estamos de bem novamente, por que não sai e compra um pedaço daquela torta que deixou para mim, outro dia?

Levanto o pescoço para encará-la. Marianne está de olhos fechados deitada no meu peito.

— Comeu a torta?

— Claro. Por que não comeria? Não deixou para mim?

— Sim, mas estávamos brigados.

— Inimigos, inimigos, comida a parte. E estava deliciosa, até Candice, aquela treiteira roubou um pedaço.

— Aquela safada. Mas, voltando ao assunto, vamos negociar. Se eu te der a torta você me dá o que em troca? — Afago os cabelos dela.

— Estou notando um tom de sacanagem...

— Porque há sacanagem. Desça essa sua mão um tiquinho aí e veja a encomenda que te espera. Com código de barras e tudo.

Marianne ri e desce a mão passando suavemente por cima da minha calça.

— Estou horrorizada. Você pensando besteira enquanto eu estou numa cama de hospital.

— Seu problema não é na mão, nem na boca e nem na boceta. Aliás, uma boa chupada nessa sua
NACIONAIS - ACHERON

boceta deliciosa vai te deixar tão...

A porta se abre e olho assustado e envergonhando. A enfermeira carrancuda entra e eu pulo da cama ficando de pé, ajeitando minha roupa que está toda amassada.

Ela mantém um olho torto me espiando enquanto mede a pressão de Marianne, a glicose, temperatura e anota numa prancheta. Em seguida pergunta se ela consegue se levantar sozinha para tomar um banho rápido. Marianne diz que sim e ela sai do quarto não deixando de me julgar com um olhar.

— Será que ela escutou? — Marianne senta na cama. Eu apresso em ajuda-la.

— Claro que escutou. E ficou morta de inveja de você que hoje a noite vai ganhar tratamento especial.

— Vou é? — Marianne levanta o rosto para mim e seus olhos tem um brilho divertido.

— Vai. Com língua, dedos, rola. Será a melhor foda de reconciliação.

— Já nos reconciliamos, Sawyer.

— Mas não oficializou. — Seguro na barra da blusa dela e levanto. Marianne levanta os braços para eu tirar a peça. — Para de querer tentar colocar “porém” nos meus planos. Vamos eu te darei banho.

— Posso me banhar sozinha.

— Marianne, deixa de teimosia. Eu quero te lavar. Não toco em seios há dias.

Ela rir e não se opõe. Entramos no banheiro juntos, e mais rápido, antes de ela sonhar em abrir a boca, eu tiro minha roupa.

— Sawyer! — Marianne rir e coloca as mãos na boca surpresa por eu ter ficado nu.

— O que foi? — Abro os braços me exibindo. — Esqueceu que é proprietária dessa máquina de prazer, aqui?

Ela balança a cabeça com descaso, com um sorriso nos lábios e vem até mim. Me abraça, passando os braços envolta do meu pescoço e aliviada confessa:

— Estava com muito medo de divórcio. Meu Deus, essas tem sido as piores noites pois eu achava que iria te perder.

— Você nunca me perdeu e não vai perder. Ainda me sinto culpado por tudo que aconteceu ontem. Por Amanda ter te...

Ela coloca um dedo nos meus lábios.

— Sawyer, eu quero falar disso, mas depois. Estou tentando absorver tudo, eu não morri e estou bem; é algo para eu manter comigo sozinha por um tempo, e sou tão agradecida por nada ter acontecido a nossos filhos. Você chegou na hora.

— Ah, merda! Nem sei o que seria de mim se algo tivesse...

— Não pense nisso. Quero nesse momento começar um novo dia. É manhã de um novo dia. Estamos juntos novamente, eu quero saber mais do seu passado, quero conhecer de verdade seus amigos e compreender tudo que envolve Tyler e Sawyer. Vai me mostrar isso, não é? — Os olhos dela brilham com pura sinceridade.

— Claro. Só colocando as cartas na mesa iremos conseguir passar uma borracha em tudo e seguirmos uma vida nova, juntos.

Curvo para frente e beijo de leve os lábios dela. Meus braços a aninha contra meu corpo.

— Desculpa... pelas coisas que te disse quando estava com raiva. Achei que você desistiria de mim.

— Sorte que sou persistente. Eu não iria desistir facilmente, Marianne. Meu bem maior está aqui, como eu poderia desistir?

Ela ri, me abraça bem apertado se afogando nos meus braços, contente por estarmos juntos. Posso sentir na respiração dela.

Marianne ergue o rosto e me olha.

— Já comentei que você pelado e fofo fica muito provocante?

— Olha quem está agora insinuando coisas...

— Eu? Só te elogiei Sawyer!

— Um elogio com eu estando pelado, ou seja... — Olho para baixo, ela acompanha meu olhar e não é surpresa me encontrar duro.

— Você é impossível.

— Venha logo para esse chuveiro. — Puxo-a e Marianne não se detém. Caminhamos juntos para debaixo da água e ela avisa:

— Não vamos transar.

— Ok. Vou apenas tirar uma casquinha da minha esposa.

E não transamos mesmo. estamos no banheiro de um hospital e podia sermos interrompidos. Além do mais queremos algo mais aconchegante, em nossa casa. Todavia, não foi nada fácil ter ela nua e molhada e só poder acariciar.

— Olha que barriga linda. — Eu disse ensaboando a barriga dela que está começando a aflorar.

— Mal posso esperar para estar barriguda. Sempre sonhei com isso. e você ela apontou um dedo para mim nada de me descriminar, vou engordar, ficar enorme e quero que me diga que estarei linda.

— E não estarei mentindo. São meus filhos, Mary. Não tem coisas mais agradável para eu imaginar do que ver você enorme carregando nossos filhos. Dá até tesão.

Eu a virei e ensaboei seus cabelos tendo o cuidado de deixar meu pau bem posicionado na

bunda dela.

— Só para você sentir a preludio do que está por vir hoje à noite. — segurei firme os seios dela, abraçando-a por trás e bati meu quadril de leve fazendo meu pau deslizar por debaixo de suas pernas. Marianne abriu um pouco e consegui contato com sua boceta. — Ah, Mary, meu amor, vou te rechear com todo meu leite armazenado. Caramba, meu saco está dolorido, Marianne. Haja boceta para caber tanta porra.

— Estava mesmo com muita saudade do meu marido desbocado. — Ela se virou de frente e me abraçou. Abaixei o rosto para beijá-la e ouvimos toques na porta precedendo uma voz amargurada:

— Sr. e sra Graham, a doutora deseja vê-los.

Lascou-se. Imagina se essa mulher escuta os gritos? Por que Mary e eu somos as pessoas mais escandalosas para trepar. Eu urro com gosto e faço ela subir pelas paredes, pior que os fantasmas do filme O Grito.

Se for comer uma boceta caladinho, nem coma. Tem que ter suor, gemidos, e marcas nos

corpos quando tudo acaba. Aí sim, com o saco chupado, chupões no pescoço e costas arranhadas, eu me sinto satisfeito.

Tinha apenas uma toalha limpa que obviamente era do paciente. Ajudei Marianne a se enxugar e em seguida, me enxuguei, vesti cueca e calça, calcei os sapatos e sai do quarto atrás de Marianne, secando meus cabelos e com a camiseta jogada no ombro.

— Vista-se, Sawyer! — Ela me deu um cutucão nas costelas. No quarto já estavam: Candice, os pais de Marianne, a médica conversando com eles e a enfermeira carrancuda. Essa semicerrou os olhos para mim quando saí do banheiro seminu, denunciando que estive no banho com a paciente.

Deve tá de olho na minha suculência, essa safada.

— Querida! Que bom te ver de pé. — Rose veio correndo abraçar Marianne. Eu vesti rapidamente a camiseta sob os olhares nada amigáveis de Candice e Oscar. A enfermeira já tinha vazado dali.

Bando de pau no cu hipócritas. Ficam com essas caras, mas no fundo devem ser piores que eu. Esse Oscar tem uma cara de que incomoda Rose para foder a cada três dias. E Candice nem preciso falar, é uma promiscua que quase morre quando eu não quis mais come-la no consultório.

— Oscar. — Polidamente, ignorando meus pensamentos analíticos, o cumprimento.

— Graham. — Ele responde ao meu aperto de mão. — Vejo que chegou a um consenso com minha filha.

Olho para Mary sentada na cama e Rose se apressando em ajudá-la a pentear os cabelos. Candice perto de cara amarrada.

— Sim. Conversamos e nos entendemos. Mary está sã e salva, é o que importa.

Ele cruza os braços e abre um pouco as pernas, com pose de policial em sala de interrogatório. Tá querendo me intimidar.

— Sabe que essa historia toda não acabou e precisa me esclarecer tudo, não é?

— Claro, Oscar. Marianne me disse, essa noite, que Rose já está a par de tudo, ela contou

NACIONAIS - ACHERON

para a mãe. Nós dois iremos esclarecer a você.

— Ótimo. Ver minhas filhas felizes é o que importa. Mesmo que uma delas tenha escolhido você;

Caralho! Pensei que ele fosse dizer: mesmo uma delas sendo uma vadia traiçoeira que fodeu com o namorado da irmã. Parece que eu tenho mais pecados que Alice e Ryan juntos.

— Também desejo o melhor para ela. E eu só podia desejar eu mesmo ao lado dela, afinal, se eu desejo o melhor... — dou uma risada descontraída. — Eu tenho que desejar eu mesmo. — Rio sozinho. Oscar quer me matar, a cara não nega.

Ele viu eu saindo do banheiro com Mary. Deve estar doido de ódio pois o filho da puta do genro nem espera a mulher receber alta e já tá trepando.

Esse sou eu, velho. Acostume-se.

— Saberá o que quero dizer, Graham, quando seus filhos nascerem. — Oscar diz. — ainda mais se forem meninas.

Um arrepio corre meu corpo. Cacete,
NACIONAIS - ACHERON

meninas não Jesus Cristo. Por favor, meninas não. Claro que aceito o que vier, mas não vou suportar filhas minhas nas mãos dos caras.

— Ah rá! — Oscar estende um dedo para mim. — olha aí. A cara de medo quando imaginou ter duas filhas. Vai pagar em dobro safado, por tudo que fez com as filhas dos outros.

— Pai! — Marianne grita em alerta do outro lado. Oscar me deixa e vai até ela abraça-la.

Pronto. O velhote consegui plantar uma sementinha da incerteza. Acho melhor aumentar minhas promessas para Deus. Ele é a única instancia que tenho para recorrer.

Meninos, dois meninos. Só peço isso, Deus, mais nada.



A médica conversou comigo e Marianne, deu todas as recomendações e nos liberou. Enfim estávamos em casa. Na nossa casa. E não tinha momento melhor para resolver tudo antes de ficarmos sozinhos.

Oscar e Rose estava com a gente. Eu queria apresentar minha irmã a eles, mas antes tinha que contar toda minha história.

Rose não deixou Marianne se levantar e foi ela mesma preparar um café. Na sala, enquanto cada um segurava uma xícara, eu começo a falar:

— Eu gostaria de rodear, ir lá atrás, dizer que sofri na infância e toda essa balela. Mas vou direto ao assunto: Oscar, eu fui garoto de programa e ator pornô e quem sequestrou Marianne foi minha antiga mestra, digamos assim. Essa é a verdade sobre mim.

Marianne bate a mão na testa e abaixa a cabeça.

— Não podia ter dito de uma maneira menos brusca? — Ela cochicha.

Oscar fica de pé num salto e sua xícara se espatifa no chão respingando chá para todo lado.

— O que disse, safado? — Já estava bufando.

— Pai, acalme-se! — Marianne se enfiou na frente dele.

— Sabia disso, Rose? — Ele grita, não espera a esposa responder e volta-se para Marianne: — Vai aceitar isso?

— Pai, deixa o Sawyer explicar...

— Se isso for verdade, pra mim ele não tem que explicar nada! Você vai se divorciar.

Já estou de pé e dou um passo na direção deles quando ouço isso. Epa! Alto lá, minha mulher ninguém toma.

— Não vou! — Mary o enfrenta.

— Vai sim. Quer ficar mal falada é?

— Meu Deus, Pai!

— Oscar! — Rose vem ajudar a domar a fera. — Deixa de ser tihoso homem. Ouça o que ele tem a dizer.

— Como vocês podem achar normal! Prostituto? Além dos crimes que cometeu não sendo terapeuta legítimo. Esse cara não tem limites.

Calado, reviro os olhos por ele estar me difamando como se eu não estivesse presente.

— Ok. Eu sei que isso é pesado. — Começo a me pronunciar. — Eu até te entendo, serei pai em
NACIONAIS - ACHERON

breve e não ficaria satisfeito com uma situação assim envolvendo minha filha. — Oscar volta a se sentar, furioso, sem olhar para mim. — Entretanto, aquele cara não está mais aqui. O Sawyer que fez todas aquelas coisas está no passado e sabemos que todos tem chance de remissão. — Puxo Mary pela mão e a abraço. — E eu encontrei a minha quando Marianne entrou na minha vida. O que fiz no passado, não define o que sou hoje. E sinceramente, apenas a confiança dela me interessa.

Isso é o mais importante. Rose concorda. Oscar se levanta e me encara, olhar bravo, de homem para homem.

— Cara, essa é minha família e você está colocando o pé nela. Tudo isso está sendo demais para eu assimilar. Preciso de um tempo. — Ele dá um giro e vai em direção a porta. Eu vou atrás.

— Podemos compartilhar a mesma família.

— Vai me contar cada porcaria de detalhe. — Me ameaça. Rose já vem correndo com a bolsa para segui-lo. — Se antes eu estava de olho em você, agora estou todo virado em sua direção.

— Compreendo perfeitamente. O senhor

continua sendo o patriarca da família. Eu e Mary não queremos que se afaste da gente.

Ele assente, dá uma última olhada Marianne e sai rápido dizendo: “vamos, querida” E Rose o segue xingando.

— Meu pai arma o circo e não consegue segurar o espetáculo. — Marianne zomba e se vira para mim. — Enfim sós.

— De volta a nossa casa. — Eu a puxo para meus braços. — Está feliz?

— Muito.

— Não mais do que eu. São tantas coisas para fazer com você quem nem sei por onde começar.

— Tantas coisas? — O sorriso dela se ilumina.

— É. Beijar, fazer massagem, alimentar, foder de leve, foder forte, tomar banho de banheira...

A gargalhada dela consome o silêncio.

— Sou boa em cronogramas. Se quiser, posso criar um pra gente, no computador.

Para mostrar que estou mais do que compromissado com a ideia, passo meu nariz no pescoço dela e puxo de leve o lóbulo da orelha, provocando-a. Sinto Marianne estremecer em meus braços.

— Por que não coloca no topo desse seu cronograma uma boa relaxada nesse sofá?

— Relaxada?

— É. Significa foda relaxante de reconciliação.

Ela afasta o rosto me encara desconfiada.

— Sawyer, vamos receber visitas daqui a pouco. Sua irmã vai vir me conhecer e mais tarde, Dakota, aquela fingida, e seus amiguinhos, estão vindo dar explicações para mim.

Olho no meu relógio de pulso.

— Temos uma hora mais ou menos. Venha Marianne, por favor, venha dar um acalento a meu pobre pau que está sofrendo tanto.

É nítido que ela também está com saudade da explosão que sempre conseguimos juntos. Rir, morde o lábio, e pula nos meus braços.

— É agora que minha pressão sobe mesmo.
— Marianne zomba e gruda os lábios nos meus.
Com ela agarrada a meu corpo estilo macaquinho,
sem parar de beijar, caminho para o sofá.



VINTE E UM

Marianne

Eu passei por dias difíceis que vão demorar a deixar minhas lembranças, entretanto, agora, tudo parece tão perfeito e delicioso, que é como se tivesse acontecido anos atrás.

Eu poderia estar encolhida num canto, ainda tremula e traumatizada com o que houve ontem. Estar presa numa cadeira sob ameaça não é mesmo algo bom de se passar. Mas o que adiantaria eu

estar remoendo tudo? A felicidade de ter minha vida de volta, de saber que meus bebês estão bem e ter o homem que amo comigo, se declarando entre lágrimas, acabou anulando todo o trauma do dia anterior.

Eu quero esquecer e seguir uma nova vida. Meu marido é esse homem atualmente, não aquele degenerado que Amanda me mostrou. É com Sawyer que viverei feliz e criarei nossos filhos, e isso não poderia me deixar mais radiante e grata acima de tudo, por termos conseguido uma segunda chance, sem segredos. Estamos definitivamente libertos de segredos.

Meu pai vai compreender tudo. Sawyer está arrependido de muita coisa errada que ele já fez, essa mancha está na sua historia apenas e não no coração dele e no caráter. Ele é um bom homem.

Sawyer me coloca no chão e sem parar de beijar, ele arranca minha blusa tirando de mim um suspiro. Desabotoo sua camisa, mas não a tiro por completo, e meus lábios tocam em seu peito tatuado. Me encho com seu sabor, chupando vagarosamente o mamilo e dando uma mordidinha

NACIONAIS - ACHERON

em seguida. O peito dele vibra com o gemido suave.

O homem é uma máquina. É isso não é uma reclamação. Eu adoro ele desse jeito. É minha máquina, que vem até com código de barra.

Meu sutiã é descartado e Sawyer segura firme um dos meus seios e o leva na boca. Eu arfo, mas não paro minhas mãos, quero-o nu, agora. O cinto é um problema para mim, mesmo com várias vezes que já despi Sawyer, o maldito cinto ainda é um pequeno empecilho; sem falar que quase sempre, meu marido insaciável já vem despido para mim.

Consigo tirar o cinto e gemendo por causa da boca dele em meus seios eu continuo a tarefa árdua de tirar-lhe a calça. Isso não é fácil quando suas pernas e braços estão moles e trêmulos.

— Vem aqui, Mary. — Ele me puxa e corta meu barato. Eu batalhei tanto para abaixar a calça dele e quando estava prestes a enfiar a mão na cueca, ele se afasta.

Minhas Mariannes vestidas com fantasias sexuais olham feio para Sawyer cortando meu

barato. Uma delas até grita muito alto:

“Que merda! Quero esse pau na minha mão, para ontem”. Com certeza foi a libertina.

Sawyer me puxa para o sofá e balança as pernas jogando a calça longe. Sou agarrada por braços fortes e colocada em um dos braços do sofá.

Ele está fazendo tudo como se seguisse passo a passo, ele deve ter fantasiado muito e planejando enquanto estávamos afastados. Eu mesma não deixei de fantasiar, mesmo com raiva dele nesses últimos dias, minha Marianne doente de amor ficava só chamando por ele.

Sem nenhuma cerimônia ele se abaixa e enfia a cabeça entre minhas pernas.

Uau! Um choque delicioso me toma por inteiro.

Minha saia está levantada até a cintura. Além de me contorcer, tenho que me equilibrar para não cair. O melhor de tudo é poder segurar-se nele. Sawyer está muito sexy de cueca e ainda com a camisa desabotoada.

Quero-o logo se movimentando pra valer em cima de mim. Ou eu em cima dele, ou de ladinho

NACIONAIS - ACHERON

ou de cachorrinho. Não importa. Puxo os cabelos dele e faço-o olhar para mim.

Pense numa expressão erótica pra caralho. Com a língua para fora, ele interrompe a tortura na minha vagina e me olha. Apenas com os olhos levantados, com expressão tipo: “O que está me interrompendo?”

— Venha aqui Sawyer. Preciso disso. — Eu aponto para a cueca dele.

Ele olha para baixo e levanta os olhos de volta me brindando com uma risada maliciosa. Daquele jeito que promete coisa boa vindo por aí.

Ele toca meu pescoço, eu ainda sentada esperando o que virá, depois a mão desce para meu seio, dá uma apalpada fraca e com um pequeno impulso ele me empurra. Eu caio de costas no sofá e espero avidamente o corpo grande me soterrar. Mas não acontece.

Ele dá a volta calmamente enquanto termina de se despir. Já totalmente nu se senta lá na outra ponta do sofá. Tão longe de mim...

Eu me ajeito e fico olhando para Sawyer sentado relaxado acariciando o próprio pau. Está

com uma perna fora do sofá e a outra esticada contra as almofadas. Olha para mim meio sério, meio provocador. Estou me sentindo em um filme erótico do mais alto nível. Pornografia em 3D. E eu sendo a protagonista. Eu não deveria pensar isso, mas agora entendo por que ele ganhou fortuna com usando o corpo.

— Quero ver você. Faça o mesmo. — Ele pede, a voz rouca, sensual, fazendo meu coração palpitar muito descontrolado.

— Fazer o mesmo?

— É. Fique de frente para mim e comece a acariciar sua boceta.

Eu fico sem fala. Não vamos ter contato? Será um sexo apenas visual? Não gosto disso. Arqueio minhas sobrancelhas.

— Quero ver o quanto você me quer. E quero olhar antes de comer.

— Sawyer... — O nome dele sai em tom de gemido. Olho fixamente para o centro das minhas atenções na mão dele. o pau está enorme e bem duro. E ele massageia subindo e descendo a mão, bem devagar.

— Passe os dedos por cima da calcinha, olhe para meu pau e pense nele pincelando você. — Ele me instrui e não consigo parar de me arrepiar. Sawyer sabe como fazer uma voz sexy na hora certa. Eu passo uma mão pelo meu seio, parando-a ali. A outra segue adiante e para em cima da calcinha. Eu fecho os olhos. E para minha surpresa não quero meus dedos apenas por fora. Enfio com cuidado minha mão na calcinha rosa de renda.

— Olhe para mim, Mary. Quero ver seus olhos.

Abro os olhos e vejo meu lindo e devasso marido todo relaxado me assistindo. Eu devo estar parecendo um cupcake em uma vitrine para ele estar me olhando com esses olhos gordos. Meus dedos se movem para cima e para baixo e dos meus lábios começam a sair os primeiros gemidinhos.

— Mary, por que não tira a calcinha? Eu não consigo ver nada.

Eu dou um sorriso tentando ser provocante como ele.

— Talvez não seja para você ver.

— Claro que é. A ideia foi minha. Além do

mais você está toda olhuda fixada no meu pau.

Eu dou um breve sorriso, mordo o lábio e fixo meu olhar nos olhos dele; puxo um lacinho da minha calcinha. Depois puxo o outro e começo a abaixa-la. Não é uma calcinha sexy, na verdade Candice levou para mim; ela só é pratica e confortável.

Pego a peça e jogo para ele. Sawyer apara e cheira.

— Essa vai ser minha.

Dou uma risada.

— Agora coloque esses dedinhos para mexer.

Eu me concentro e começo a fazer o que ele pede. E é muito gostoso, ainda mais se imaginar ele me tocando, quando imagino-o dando batidinhas com o pau em mim, eu piro e jogo a cabeça para trás. Seguro forte meu seio enquanto, para minha surpresa eu faço isso como se sempre tivesse feito.

É maravilhoso se masturbar sabendo que logo seus pensamentos serão realizados. A intimidade que tenho com ele me dá coragem e ousadia. É impressionante toda a força que Sawyer

NACIONAIS - ACHERON

exerce sobre mim. E todo o poder e sensualidade que ele passa para mim, me deixando confiante comigo mesma.

— Será que estou incluído nessas safadezas que você está pensando?

— É meio difícil não imaginá-lo. Você está todo provocante.

— Então venha aqui, me mostre como eu estou incluído nos seus pensamentos. — Ele me chama e se ajeita ficando meio sentado.

Começo a rastejar para perto dele e antes de grudar minha boca aos lábios deleitosos eu dou uma bela e única chupada na cabeça do pau dele. Há surpresa nos olhos verdes, vejo que ele quer mais, porém não vai ter.

— Você é bem malvadinha. — Ele segura meu rosto e por algum tempo ficamos assim, eu deitada em cima dele, Sawyer me abraçando e suas pernas entrelaçadas nas minhas. Sinto seu pênis ereto se esfregando em mim. Um pouco mais e ele pode entrar e então me movimentarei feliz. Mas ele não faz isso. Continua apenas me abraçando e beijando.

— Está ansiosa?

— Sim. — Me ergo um pouco, me ajesto e ele me penetra, ele dobra as pernas e começamos em um ritmo muito gostoso. Rápido e bem sensual.

— Ah! Que gostoso! Levo minhas mãos aos meus seios enquanto sento e levanto no pau dele, sentindo toda grossura me levar a um paraíso de puro prazer. As mãos grandes dele tiram minhas mãos dos meus seios e começa a apalpar; e as minhas acariciam o torso dele.

— Ai! cacete. Como senti saudade de comer você. — ele rosna; a boca já perto do meu mamilo. Ergo e sento mais devagar, rebolo no colo dele, com o pau todo inserido me recheando deliciosamente. Sawyer geme e ri.

— Porra, Marianne! Assim não tem cristão que aguenta. Que boceta deliciosa. — Eu jogo minha cabeça para trás, gemendo abertamente e continuo, sem trégua, rebolando, subindo e sentando devagar e tornando a rebolar.

— Cacete! Marianne! — Sawyer tenta me erguer segurando na minha cintura, apalpo os bíceps dele e aumento o ritmo. Chega a ser

alucinante cada investida dele dentro de mim, cada carícia, cada aspirada e gemido que damos juntos. É tudo tão meticulosamente ensaiado que parece que fomos feitos para isso.

— Como pode querer me deixar longe de você? — ele ofega, segura na minha nuca e abaixa meus lábios em direção aos dele. — como vou ficar longe de minha mulher que amo tanto?

— Também quero você o tempo todo. — Falo entre o beijo — mais fundo. — Eu grito e ele me puxa fazendo cair em cima dele, meus seios colados no peito forte. Já caio beijando-o, e sentindo bem lá embaixo o prazer monumental que ele me dá com as socadas rápidas e firmes.

Os impulsos que Sawyer dá com as pernas fazendo a pau entrar todo em ritmo acelerado, me faz ficar pálida e ver estrelas.

Definitivamente a cada vez que fazemos isso, mais eu vou ficando apaixonada e morta de desejo por ele, a cada dia meu vício cresce e a ideia que tive de me afastar dele, nem mesmo recordo mais. Quero esse homem me dando o que me é de direito todos os dias. Muito amor e prazer.

Com o rosto enfiado na curva do ombro dele, eu gozo horrores. Isso por que é demais para eu senti-lo tão forte batendo aqui dentro e ao mesmo tempo sentindo o cheiro másculo e o toque da pele quente.

Sawyer bate mais fundo do jeito que gosto. Levanto a cabeça e urro. Ele já me conhece bem, muito bem, sabe em que pontos tocar. Gentilmente, ele se senta comigo no colo. Eu já gozei e quero gozar mais. Ficamos nos beijando nessa posição, até ele sair de dentro de mim.

— Fique de joelhos no sofá. — Ele me instrui. Eu fico de joelhos e de costas para ele.

— Agora incline-se para frente e relaxe. — Eu debruço no encosto do sofá, e ele se posiciona atrás de mim e dá umas batidinhas com o pênis contra minha boceta molhada.

— Isso. — Eu exclamo de olhos fechados saboreando.

Ele enrola meu cabelo no punho e puxa minha cabeça para trás.

— Gosta quando eu faço isso?

— Sim. Muito.

— Então se segura aí que vou te comer bem gostoso. Para nunca mais esquecer de como seu homem e totalmente rendido por ti. Não tente me afastar mais, minha gata.

— Oh. E quem disse que quero me afastar? Comece Sawyer.

Sawyer sorri delirado e dá mais algumas batidinhas e pinceladas antes de meter tudo. Ele me fez sentir de uma única vez, uma única metida toda a extensão do pau dele.

— Oh que delícia cacete! — Eu grito e ouço a gargalhada no meu ouvido. Levo o braço para trás e puxo os cabelos dele fazendo com que encoste mais em mim. Viro meu rosto e o beijo. Estamos suados e tendo nossa deliciosa foda de reconciliação.

A cada batida do quadril dele, gememos juntos e sentimos toda a emoção que essa paixão nos proporciona.

— Te amo! — Sussurra ofegante perto do meu ouvido, metendo fundo e depressa. — Te amo, te amo, te amo. Muuuuuuiitooo! — Ele geme sem parar as arremetidas, me abraçando apertado. É

mais gostoso do que poderíamos querer.

— Essa é, sem dúvida, a melhor reconciliação. — Sawyer ofega quando caímos satisfeitos, deitados no sofá.

— Estou sem fala. — Digo. Me aconchego ao seu corpo usando o braço dele como travesseiro.

— Mais tarde tem mais, sabe disso, não é?

— Mal posso esperar para chegar ao segundo round. — Olho para ele e surpreso, Sawyer me encara. As pupilas dilatam e sinto seu pau começar a reacender, encostado na minha coxa.

— Surpreso com o que?

— você sempre arruma um pequeno empecilho; parece que gosta de me ver doido implorando. Desde que nos conhecemos eu pareço um louco assediador sempre indo atrás de você e só recebendo cu doce em troca.

— Mentira sua. — Exaltada, levanto o rosto para encara-lo — Não era cu doce. Se eu não quisesse, você não relava a mão em mim; se chegamos até aqui é por que eu te quis.

— Então por que não se jogava logo? Ficava naquele chove-não-molha do cacete, me fazendo perder noites de sono e enlouquecer de pau duro?

— Meu amor, tanto tempo mexendo com mulher e não se deu conta que temos nosso charme a zelar? O cara deve ser cozido em banho maria. Ele deve nos convencer que está mesmo afim.

— Soubesse tinha te dado uma surra de pica no primeiro momento. Queria ver esse tal charme falar mais alto que o fogo na boceta louca para me dar.

Chocada, dou uma cutucada forte nele e me levanto.

— Isso foi baixo, machista...

— Sou seu marido, Marianne. Deixa de conversa. — Ele tenta me puxar de volta.

— Isso não quer dizer que pode falar assim comigo.

— E eu menti? Você mesma acabou de dizer que estava afim de mim.

— É o modo que você falou, Graham.

Ele revira os olhos e me puxa

definitivamente para voltar a aninhar com ele no sofá.

— Primeiro, para de me chamar de Graham. Fica parecendo que não temos intimidade. Segundo, que eu poderia dizer: “Ah, meu amor, se eu soubesse que me queria, eu tinha lhe feito os melhores cortejos, fora e dentro de um envolvente ninho de amor. Seu charme não seria páreo para o ardor da paixão que lhe queimava.

Eu acabo rindo, seguro forte no queixo dele e o beijo.

— Sei o que quer dizer, esse não seria você. Infelizmente me apaixonei foi pelo doutor depravado enganador. Os mocinhos melosos ficam para as princesas mimadas.

Sawyer dá um jeito de rolar no sofá e ficar deitado sobre mim com nossas pernas entrelaçadas e seu pênis tocando na intimidade entre minhas pernas.

Bem perto da minha boca, ele sussurra eroticamente: — E o doutor metedor safado fica só para você.

Beijo ele e repito: — Só para mim.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON



VINTE E DOIS

Marianne

Estou sentada empertigada e tensa, no sofá da nossa sala; no sofá em que uma hora atrás estávamos rolando pelados.

Sawyer acabou de me mandar uma mensagem dizendo que chegou ao prédio. Ele está vindo com Kayla. Estou louca para conhece-la.

É como presenciar um milagre e eu estou muito feliz por eles dois. Sawyer me contou tudo em detalhes na noite passada, e lágrimas brotaram

nos olhos dele. Esses últimos dias tem acontecido muitas coisas que não lhe deu tempo de respirar e digerir uma a uma.

Ele ainda está muito mexido com o reaparecimento de Kayla. Por causa da suposta morte dela, Tyler acabou no fundo do poço. Era apenas um menino quebrado precocemente. Não conseguia parar de se culpar e estava entrando num túnel depressivo, até a puta da Amanda oferecer um caminho alternativo para ele, onde suas dores e medos iriam ser enterradas por baixo de tanta futilidade.

Ouçó o barulho da fechadura e acarício meu vestido branco de gravidez. Mexo suavemente nos meus cabelos soltos, mas presos no alto da cabeça por uma tiara. Arrumei tudo que podia na casa, pedi ao porteiro que trouxesse urgente, qualquer flor, apenas para decorar a sala. E por fim preparei um bolo de coco.

Minhas Mariannes estão revirando os olhos para mim e a feminista tá falando palavrão, pois estou arrumada como uma dona de casa moderna de vitrine, coisa que não sou. Entretanto, no fundo, bem no fundo, quero que a irmã dele saiba que

Sawyer está em boas mãos, não está desamparado e eu sou uma boa mulher para cuidar dele.

É tipo aquela coisa retrógada que o povo fala: “pra casar precisa saber cuidar da casa e do marido.” Agora eu mesma estou revirando os olhos para mim pois estou fazendo algo que eu sempre fui contra. Mulher não tem que viver para agradar homem.

Me levanto assim que Sawyer entra na sala acompanhando. Atrás dele, timidamente, surge uma mulher.

Muito chocada, eu levo a mão a boca. Já tinha visto foto dela, mas vê-la assim, tão perto, é espantoso.

Kayla deve ser da minha altura e mais ou menos meu corpo. E se parece muito com as fotos que Sawyer tem, de quando ela era adolescente. Noto, assim de perto, que eles dois se parecem. Os olhos verdes e expressivos são idênticos. E ela possui belos cabelos negros que vão até meio das costas.

Dou um passo à frente e já sinto minha visão turva de lágrimas.

— Mary, essa é minha irmã, Kayla. — Ele apresenta.

— Olá. — Caminho até ela.

— Kayla, essa é Marianne, minha esposa.

— Olá, Marianne. — Ficamos meio travadas segurando a mão da outra e então eu tomo a iniciativa e a puxo para abraçar. Ela rir e sei que estava tímida por ter causado um desconforto entre Sawyer e eu, mesmo sem que ela tivesse intensão.

— Meu Deus! Eu nem acredito. — Digo ainda abraçada. Olho para o rosto dela e é como se fosse uma amiga que eu não encontrasse a anos. — Caramba! Estou muito feliz por vocês dois.

— Desculpe. — é o que ela fala quando nos afastamos. — Por tudo...

— Esqueça. Deixe pra lá. Sawyer me explicou tudo. — Enxugo uma lagrima.

— É um prazer muito grande conhecer você. A responsável por trazer meu irmão a uma vida digna.

Olho para Sawyer e ele sorri sem jeito.

— Nos amamos, o bem dele é o que mais

quero. E tenha certeza que você é a parte da felicidade que faltava nele. — Limpo outra lagrima; sorrindo, Kayla também limpa várias que descem de seus olhos. — Meu Deus. Agora ele pode dizer que tem uma família completa. Venha, por favor, sente-se.

Nos sentamos e eu indago:

— Me conte, como chegou até ele, como descobriu que seu irmão não tinha morrido?

Ela e Sawyer, intercalando, começam a narrar tudo que aconteceu com eles. Fiquei mais ainda horrorizada em saber que uma mãe tinha sido capaz de destruir a vida dos filhos dessa maneira. Kayla passou anos presa e não teve apoio quando fora abusada e viu seu irmão matar o padrasto em sua frente. E Sawyer teve que digerir a morte da irmã, o descaso da mãe e uma pena por assassinato.

Eu tinha vontade de abraçá-lo bem forte para não deixar que sentisse mais dor por todas essas coisas. Todavia, eu apenas segurei sua mão, bem forte, e ele soube que eu estou aqui para ele e podemos nos fortalecer juntos.



— Então é brasileira. — Kayla diz, sentada na cozinha com a gente enquanto lhe sirvo uma fatia do bolo que fiz. Morro de vontade de conhecer o Brasil.

— Eu viquei naquele lugar. — Animado, Sawyer relembra. — Podíamos marcar para irmos nas próximas férias.

— É uma grande ideia. — Ela concorda. Eu trago o suco para a ilha onde estão sentados e sirvo-os.

— Eu vim embora para os Estados Unidos aos dez anos. — Me sento ao lado de Sawyer. — Minha mãe é brasileira e meu pai americano, eles se casaram lá, mas o dever chamou meu pai e ele teve que voltar para cuidar dos negócios de meu avô que tinha acabado de falecer.

— Mas nunca perdeu contato com o país, certo?

— De jeito nenhum. Antes íamos duas vezes por ano, agora eu vou uma apenas e minha mãe

continua indo duas vezes.

— Nossa, o bolo está uma delícia. — Kayla elogia.

— Obrigada.

— Isso por que você não viu as comidas típicas que ela faz. — Sawyer fala. — Já comeu pão de queijo?

Kayla ri, meneia a cabeça e diz indecisa: — acho que sim.

— Mary, faça pães de queijo, bolo de fubá e coxinha e convide ela para experimentar, por favor.

— Não precisa pedir de novo. Está convidada Kayla. Venha se empanturrar.

Vou buscar meu marido e meus filhos e voltaremos para estar com vocês novamente. Tyler... — ela fica sem graça e se corrige: — desculpe, Sawyer, está tentando nos trazer para cá definitivamente.

Olho para Sawyer e ele assente.

— Sim, ofereci emprego para ela e Travis, o meu cunhado. Eles poderão me ajudar com o hotel.

— Ah, que ótima ideia. Será muito bom ter
NACIONAIS - ACHERON

vocês aqui. — Olho para Sawyer. — Está feliz amor?

— Mais do que possa imaginar. — Ele curva me dá um beijinho. — Estou realizado.



Mais tarde, levamos Kayla ao aeroporto. Convidamos ela para ir almoçar com meus pais e conhece-los.

Meu pai deixou sua tensão com Sawyer de lado e a recebeu muito bem fazendo-a se sentir em casa; Minha mãe, como sempre, estava até emocionada quando ela relatou toda a história de como eles foram separados pela própria mãe e como enfim ela reencontrou o irmão que julgava morto.

De verdade, é uma história tensa, visceral, que faz as pessoas ficarem boquiabertas. Imagina o que eles não devem ter passado?

Tudo enfim estava bem e tinha chegado o momento de ela ir embora. Vi a foto dos filhos dela e é impressionante como o mais velho se parece

com Sawyer quando este era jovem. Ela voltará em breve, Sawyer conversou com Travis e estão certos que irão morar em Nova Iorque.

Fiquei encantada em poder presenciar tudo isso; essa história de reencontro entre os irmãos. Antes dela ir para o portão de embarque, Sawyer a abraçou demoradamente e quando se afastaram estavam chorando.

Ele raramente chora, acho que muitos homens têm essa força de não chorar. E sei que ele está de verdade muito abalado e vai demorar a superar a volta dela. Depois que ela foi empurrando o carrinho de malas, eu o abracei.

— Vocês estão juntos novamente. — Digo.
— É o que importa.

— Sim. — Com olhos vermelhos ele me fita carinhosamente. — Ainda bem que está aqui comigo. Obrigado, por... me perdoar e voltar para mim. farei de tudo para te recompensar... pelo meu passado fodido e tudo que lhe omiti e...

— Tudo bem. — Coloco a mão na boca dele. — Está tudo bem, é página virada. Sem querer, Amanda me mostrou o mais fundo do que

apenas perversão e eu vi como triste era o Tyler. Prometo estar sempre ao seu lado, para o que der e vier. Mas primeiramente quero que confie em mim, como sua primeira e maior confidente.

— Eu confio. Sempre confiei. Depois de anos, você foi a primeira que soube de todo o inferno que carrego dentro de mim.

— Não carrega mais. Eu te ajudarei a deixá-lo para trás. Chegou o momento de começar a se despedir definitivamente de Tyler e do seu sofrimento. Vamos fazer juntos isso.

— Obrigado. — Sussurra com a voz embargada, me dá um beijo e me cobre com seu abraço confortante, o qual eu adoro mais que uma caneca de chocolate quente em dia frio.

— Custa trata-los com educação?

— Não venha me dizer o que fazer! — Grito para Sawyer e me sento em frente ao espelho para me maquiar,

NACIONAIS - ACHERON

— Eles queriam me ajudar, Marianne. Eu os fiz fazer isso.

— Dane-se. — Começo pela base no rosto e Sawyer, só de cueca, se posta ao meu lado. Estamos nos arrumando para ir jantar com os amigos dele, na casa de Henrique. E, Sawyer quer que eu pegue leve com eles, por terem me enganado. Estou indo forçada, pois, eu queria que eles viessem até mim. Eles que precisam do perdão.

— Que merda! Quer dizer que seu amigo não tem uma loja de conveniência?

— Sim, ele tem. Só omitiu que antes de abri-la, era ator pornô.

Reviro os olhos e pego o pincel, espalhando a base pelo rosto.

— Só omitiu. — Zombo. — Para você ter uma ideia — me viro para ele — Henrique e Dakota nem tiveram a decência de vir me pedir desculpas. Caramba, são nossos padrinhos.

— É para isso o jantar que eles estão promovendo. Só para tentar acertar as coisas com você. — Sawyer vem em defesa, como um bondoso advogado sem horas remuneradas.

— Hoje, me sinto uma estúpida — gesticulo — quando naquele jantar que fomos, eu estava conversando sobre sexo com três atores pornô, profissionais do sexo, e nem sabia.

— Marianne, você me perdoou.

— Mas não deixo de me sentir uma estúpida. — Pego o pó compacto e volto-me para a maquiagem.

Ele volta para o closet e eu resmungo: — Papai tinha razão.

— O que? — Ouço o grito vindo de lá e Sawyer aparece quase pulando enfiando o jeans nas pernas.

— Não sou um gravador. Não vou repetir.

— Seu pai tem razão em que?

— Em muitas coisas, Sawyer, me deixe em paz senão eu não irei nesse jantar. E vou de cara fechada sim.

Optei por um vestido preto e uma maquiagem discreta. Deixei meus cabelos soltos e calcei saltos enquanto ainda posso. Depois que

tiver enorme com a gestação, não poderei usá-los tão altos.

Chegamos na casa de Henrique e ele abriu a porta com cara de velório. Cumprimentou, modestamente, Sawyer e me olhou sem graça.

— Mary. Você está ótima. Que bom que aceitou o convite.

— Sawyer soube interceder por vocês. — Passo por ele e na sala, o resto da trupe se levanta quando entro. Dakota está de olhos saltados, alarmada, me encarando. Nelson e Larry, mais babacas que Sawyer e Henrique, estampam sorrisos amarelados nos rostos.

— Uma boa noite a todos. Sawyer me fez prometer que seria educada com vocês. — Aviso logo, sem mostrar os dentes sorrindo.

Eles voltam a se sentar, e eu me sento com Sawyer em um sofá.

— Olha Marianne, esse cagão deveria te contar o quanto eu pedi a ele que lhe dissesse a verdade. — Henrique arma sua defesa. — Mesmo antes de vocês sonhar se casar, eu já dizia que daria merda se você descobrisse por conta própria e não

pela boca dele.

— Você não precisa me jogar na fogueira para se defender. — Sawyer se mexe alterado ao meu lado.

— Mas não foi a verdade? — Rick se sobressalta. Volta-se para mim: — Mary, ele só te contou por que eu fiquei no pé. Vocês foram para a lua de mel e eu ficava ligando, convencendo esse filho da puta...

— Verdade. — Dakota concorda. — Eu mais do que eles, me senti muito mal de estar ao seu lado no casamento e te enganando. Não tenho vergonha de ter sido atriz pornô, mas tenho vergonha de ter escondido isso a uma amiga. Seu marido é culpado.

— Vocês são uns amigos da onça viu. — Sawyer está cada vez mais bravo. Ele já deve saber que hoje eu o deixo de castigo quando chegarmos em casa. A raiva para com ele, começou a voltar. Só em saber que fez tudo isso, armou para que até mesmo os amigos omitissem tudo para mim.

— Eu fui levado pela correnteza. — Larry fala. — Me disseram que não podia contar, então

não falei nada. E olha que eu até tinha separado uns vídeos meus em parceria com Tyler para te mostrar.

— Nelson, dê uma bordoadada nesse filho da puta, por mim. — Sawyer pede.

— Cala a boca miserável. — Nelson dá uma cotovelada em Larry e se lamenta para mim: — Mary, veja nosso lado, não era nossa a decisão de te contar. Ele tinha compromisso com você, ele deveria falar por conta própria. Essa decisão, apesar que não era consentida, foi toda do seu marido.

— Nelson tem toda razão, amor. — Sawyer segura minha mão. Não fique zangada com eles, eu os coloquei nisso, é a mim que deve culpar.

— Ah, quer que eu te culpe?

— Não exatamente, você já me perdoou por isso...

— Ok. Eu fiquei de verdade muito zangada com todos vocês, principalmente pelo Sawyer. Não por terem trabalhado nesse meio de libertinagem, mas por ele omitir isso de mim. Porra, éramos namorados e depois noivos. Ele me deixou casar com ele iludida, sem saber que metade dos meus padrinhos e meu noivo, faziam essas coisas antes

de me conhecer.

— Perdão mais uma vez Mary. — Sawyer segura minha mão — Morri de medo de te perder.

— É. Isso é verdade. — Rick concorda. — Esse cara tremia nas bases só em pensar que você nunca mais iria querer olhar para ele.

— Isso chega a ser infantil. Não tenho nada a ver com o passado de vocês, o que ele fez antes de me conhecer é passado. Amanda me mostrou um vídeo recente e pelo que ela me disse Sawyer já me conhecia, até isso relevei, pois sei que ele de verdade mudou.

Sawyer beija minha mão e sua expressão é de gratidão. Não sorrio para ele, mas beijo sua mão de volta.

— Então, a ideia de uma orgia... — Nelson começa. — Está fora de cogitação?

— Assassinato em grupo serve para você? É o que vai acontecer se continuar insinuando merdas para minha mulher.

— Xiu. Vocês dois, calem-se. — Dakota se manifesta. — Mary, o que queremos aqui é apenas que nos perdoe, somos amigos do Sawyer e seu,
NACIONAIS - ACHERON

claro. Todos nós aqui fazemos parte de uma família, meio torta e degenerada, mas é nossa família, e gostaríamos de ter você conosco, por que confiamos em você.

— E queremos estar ao seu lado, ao lado de vocês dois em cada vitória que alcançarem. Rick completa. Eu olho para Sawyer e enfim sorrio, o que faz ele respirar aliviado.

— Ok. Vocês me convenceram. Estão desculpados pela omissão, mas deixo logo claro que não me convidem para festinhas que contém mais de uma pessoa pelada.

— Que sem graça. — Larry comenta. — Festinha com várias pessoas peladas é a coisa mais legal, é de varar a noite só na farra.

— As únicas duas pessoas peladas juntas que vou ver daqui há uns meses são meus bebês. — Digo, eles riem e Sawyer corrige:

— Os bebês e o pai deles.

Rick se levanta rápido dizendo que vaio pegar bebidas e chama Larry com eles. Nelson prefere atormentar Sawyer:

— Mary minha bela, dê um castigo nele essa
NACIONAIS - ACHERON

noite. Ele omitiu coisas de você e isso é muito feio.

Empurro Sawyer e entro na provocação:

— É uma ótima ideia. Hoje ele está totalmente de castigo.

Sawyer se levanta.

— Nelson, foi bom te conhecer. Agora vai morrer.

Eu rio quando Sawyer o persegue para a cozinha, onde Rick e Larry já estão barulhando. Olho para Dakota e ela corre e pula no sofá ao meu lado.

— Obrigada. — Ela diz. — Eu como mulher estava achando tão babaca essa coisa de esconder tudo de você.

— Eu sei que a decisão não era sua. De me contar.

— Sim. Por mais que eu considero o Tyler... digo, Sawyer, e que considero você, não é meu interesse contar. Revelar esse grande segredo. Foi melhor ter acontecido assim.

— É. Ainda bem que eu soube por ele. Fico pensando se aquela louca tivesse me pegado antes e

me fizesse ver aqueles vídeos, sem eu saber de nada.

— Você não aguentaria.

— Sim. Eu não aguentaria.

— E como está? Não ficou traumatizada? Com medo?

— Estou bem. Saí ontem do hospital. É muita coisa acontecendo ao mesmo tempo. A irmã de Sawyer, esse segredo dele, minha gravidez de risco...

— Sim, muita coisa para dar conta. Vocês precisam de outra viagem sozinhos para distrair. E Candice? Tranquila?

— Candice ajudou Sawyer a me encontrar. Ela sempre só quer meu bem...

— Quer seu bem e seu marido, abra os olhos.

— Para! Olha a maldade. — Dou um tapinha nela e rimos. — Eles deixaram isso para trás. Tiveram uma conversa a sós e chegaram a um consenso.

— Espero mesmo. quero muito a felicidade

de vocês, eu como madrinha e amiga, irei defende-los com unhas e dentes.

— Obrigada! — Me curvo e abraço-a.

— Vamos para a cozinha? Fiz um espaguete à bolonhesa para a gente.

— Nossa, o estomago já se manifestou. — Me levanto com ela e seguimos para a cozinha.

— O estomago ou os gêmeos?

— Os três.



VINTE E TRÊS

Sawyer

Os dias estão passando rápidos. Não tão quanto eu gostaria; quando se é pai esperando a chegada dos filhos, o tempo não colabora. Eu nunca tinha pensando que passaria por esse sentimento de desassossego, graças ao bom Deus, enfim chegou.

Daqui dois dias já poderemos tentar ver o sexo dos bebês e isso me tira o sono de tanta ansiedade.

Agora mesmo, ainda nem são sete da manhã, mas já estou de olhos abertos mirando um pontinho no teto do quarto, enquanto Marianne dorme espaçosa com uma perna em cima de mim e enrolada em todo edredom, só para ela.

Acabo sorrindo sozinho.

Está mais do que delicioso ter minha vida de volta. Mary está bem, tomando remédios para controlar a pressão, e vai hoje começar a ser assistida por uma nutricionista. Voltou a trabalhar e mantém a vida de volta nos trilhos. Meus negócios com o hotel estão indo de vento em polpa e já vou estampar a capa de uma revista semana que vem, sobre empreendimento. Meu nome está no topo novamente e não pelas safadezas.

Marianne se mexe ao meu lado, mas não acorda. Meu estomago ronca e decido levantar.

Depois de uma boa ducha matinal, desço e preparo um tonificado café para a gente, tendo cuidado para não salgar a omelete. Mary precisa urgentemente das indicações da nutricionista para sabermos o que ela deve comer.

Termino, coloco a mesa e subo para acorda-

la. Devagar, engatinho na cama e dou um beijo em suas costas a mostra. Tiro os cabelos para o lado e beijo-lhe a nuca. Ela se mexe.

— Meu amor... hora de acordar.

— Hum... — dá um tapinha fracamente do lado. Rio e beijo novamente suas costas e a nuca.

— Sawyer...! Me deixa.

— Vai acordar sim. Tem consulta às oito e meia. Fiz café para minha gostosa preguiçosa.

— Fez café?

— Sim.

Ela começa a se mexer vagarosamente e demora um bocado para enfim se virar de frente e me abraçar. Deito-me com ela, e Marianne aconchega o rosto no meu peito.

— Você está gostoso... cheiroso. Não quero levantar.

— Vai ter que se levantar sim. — Tiro as mechas de cabelo dos olhos dela e beijo a ponta do seu nariz. Beijo a bochecha e cada pálpebra.

— Sawyer...! fica quieto, só quero te abraçar em paz.

— Então vou levantar e me vestir.

— Chantagista. — Ela abre apenas um olho me fazendo rir. — É maldade acordar uma grávida uma hora dessas.

— E vai aprender acordar mais cedo para fazer exercícios. De manhã é o melhor momento.

— Nem sonhando. Só levanto se me levar no colo.

— Marianne, deixa de conversa. — Tento sair do abraço, mas ela não permite.

— Me leva. Estou grávida, Sawyer. E você esgotou minhas energias na noite passada, agora tem que recompensar.

— Eu estava mandando ver metendo forte, eu que deveria estar sem energia.

— Besta. Não vou.

Rio, saio da cama e a puxo comigo. Pego Marianne nos braços e ela envolve meu pescoço com os braços sorrindo satisfeita. Com edredom e tudo, eu desço as escadas com ela e a sento em um banquinho da bancada.

— Hum... que cheiro delicioso. — De olhos

meio fechados, bem sonolenta, ela diz. Está linda dessa forma, como os cabelos desgrenhados, a cara de puro sono e nua enrolada no edredom. Sirvo café nas canecas, e entrego a ela.

— Vai comigo a consulta? — Enfim, entreabre os dois olhos e me encara enquanto beberica a caneca.

— Logico. — Corto um pedado da omelete e coloco na boca dela.

— Deliciosa. — Mastiga de olhos fechados. — Mas por que quer ir? É só nutricionista, posso ir com Candice.

— Você está muito espertinha ultimamente. Pode ser que não me passe tudo, ou tente burlar alguma ordem médica.

— É só dieta Sawyer.

— O mais importante para você. Abre a boca. — Ela abre e eu empurro mais omelete.

— Você está me mimando. — Ela mastiga e toma mais um pouco de café.

— Estou mesmo. Quer que eu pare?

— Não. Não pare nunca. Fiquei excitada,

quero transar com você.

— Depois ainda reclama de energias baixas. Quando chegarmos quero fazer umas coisas com você ali no sofá.

— Não, Sawyer. — ela abre os olhos e é um charme eles sonolentos e meio revoltados — Quero agora. Estou excitada agora. Você é meu marido e sua obrigação é resolver isso. Não vou sair de casa com desejo de mamar meu marido.

— Nossos filhos vão ter que andar com tampões no ouvido, para não escutar essas safadezas.

— Você me ensinou.

— E você adorou ser ensinada. Abre a boca.

— Com prazer. — Dá um sorriso sugestivo.

— Para a omelete, Marianne. Deixa de ser engraçadinha. Vou acabar te fodendo com força se não comer toda essa omelete.

— Delícia. É o que preciso para despertar de vez.

E não deu outra. A levei para o quarto, e quando estava na cama, tirei minha calça de

flanela, desenrolei Marianne do edredom e me ajeitei pelado sobre ela.

— A mamada fica para mais tarde, ok?

— Ok. — Ela sorri e me beija. — Você ama me mimar. — passa as unhas pela minha carne e começo a esquentar ferozmente.

— Adoro mais ainda te comer, te recheando com meu excesso de carinho. — Cubro sua boca com a minha, num beijo devorador. Marianne suspira e se entrega por completo me abraçando e beijando vorazmente.

Ergo o rosto para o alto num gemido profundo quando deslizo deliciosamente dentro dela. seu aperto quente e úmido me recebe e eu vibro todo arrepiado; nossos olhares se encontram e com um gemido pronto nos lábios, ela me encara; sorri em seguida. Suas mãos descem até minhas bunda e Marianne a puxa, para me ter mais fundo possível em seu interior.

— Afinal, uma boa dose de leite pela manhã, levanta qualquer astral. Eu digo e ela rir.

— Safado. — Enrosca os dedos nos meus cabelos e me puxa para um beijo erótico de língua

que me faz pirar de tesão. Dou um giro devagar com meu quadril e bato fundo dentro dela deixando meu pau inteiro estacionado, e assim, com ele tocando fundo, faço-a sentir minha grossura, mexendo suavemente, provocando-a e o resultado me fascina: Marianne sorri e geme adorando estar preenchida.

— Ah, Mary! O que eu faço para me curar desse vício que é sua boceta? — Lamento entre o beijo. Ela não me larga um segundo, me apertando firme em seus braços, percorrendo meu corpo com suas mãos.

É mais que prazeroso, é uma bomba de emoções e delírio, sentir o corpo dela se inflamar pela reação do sexo. Ela treme, suas pupilas dilatam e não sei explicar, mas o cheiro gostoso dela, fica muito melhor quando está transando comigo. E isso me dá mais potência, mais desejo e começo a lançar-me contra ela, na mesma profundidade incrivelmente batendo a cabeça do pau bem no fundo, um pouco mais forte e ritmado. É a melhor sensação que existe. Trepar é a melhor coisa da vida.

Marianne geme mais alto a cada arremetida

forte.

Ondulamos juntos, trememos juntos e quando me virei na cama e a coloquei em cima de mim, precisei de controle para não gozar desgovernado. Meu saco doeu, meu pau reclamou latejando e a deliciosa dor do prazer me enchendo me fez ficar quase cego só conseguindo enxergar Marianne a minha frente, me cavalgando cada vez mais rápido.

Puxei-a para cima de mim, a abracei contra meu peito e bati forte e rápido, contra a boceta escaldante dela.

Gritamos juntos pelas quase violentas socadas, era demais para suportar tanto prazer, tanto tesão; um delírio que trocávamos mutuamente; estávamos vindo juntos para o clímax.

Quando enfim gozamos, eu não a soltei. Continuei abraçando-a, nós dois ofegantes e ainda ligados; meu pau se acalmando dentro dela e nossas testas juntas, e as bocas quase se tocando.



Chegamos a tempo no consultório, Marianne ainda não tinha conseguido se arrumar, veio terminando dentro do carro e xingando, pois, eu a apressei. Para mim, bastou me enfiar num jeans e camiseta, mas ela estava agindo como se estivesse indo ganhar um prêmio.

Nos sentamos na sala de espera com mais outras pessoas e felizmente fomos informados de que seríamos os próximos a ser atendidos.

— Vou avisando que não irei comer folhas e sementes. — Ela cochicha para mim, fingindo prestar atenção numa revista.

— Claro que vai. Até pedra se a médica receitar. — Cochicho de volta.

— Primeiro que nutricionista nem médico é. Estou aqui mesmo só para cumprir meta.

— É o que veremos Mary. Um dia que eu te deixar de molho sem nossa gostosa foda matutina, você já se rende.

— Ah rá! Quero ver você ficar sem sexo.

— Tenho duas mãos, querida. Vou adorar saber que está usando as suas também.

— Pra que usarei mãos se tenho o Totó? Aquela pistola pênis que Nelson nos deu?

— O que disse?

— É isso que ouviu. Ou você faz suas obrigações de marido, ou a fila anda com o substituto de plástico.

— Safada. Você vai me pagar quando colocarmos o pé dentro de casa. Nem tente apelar para a gravidez que não vai ter mamão com açúcar.

— Hum... — ela geme baixinho sem desgrudar os olhos da revista. — Não prometa muito amor, farei você cumprir.

— Marianne Cooper. — A recepcionista chama e não dá tempo de eu dar minha resposta. Nos levantamos, mas eu a puxo para perto de mim. Estou intrigado.

— Que conversa é essa de “Marianne Cooper”?

— Eu estava divorciada na minha mente quando marquei a consulta. — Ela me deixa de lado e anda na frente, sorrindo para a recepcionista que nos espera na porta do consultório.

— Ah, Marianne! Mas se eu te pego...

Para minha maior surpresa, a minha frente, já cumprimentado Marianne está um homem e não uma mulher. ele mantém um sorriso largo e olhos grandes para cima dela e isso me ferve todo por dentro.

Assim que me vê, ele afasta um pouco dela e espera minha apresentação.

— Ah, doutor. — Ela fala. — Esse é Sawyer, meu marido.

— É um prazer. — Estendo a mão para ele.

— É um prazer, senhor Cooper.

— Graham. Sawyer Graham.

Ele fica desconcertado e sem entender. Olha nos papéis que Marianne preencheu quando marcou a consulta e volta-se a fitar nós dois.

— Foi um erro da minha esposa. — Digo e me sento ao lado de Marianne.

— Ah, deve ser mesmo. Aqui está como solteira. — Ele aponta para a ficha.

Ela rir baixinho e eu só consigo fechar mais ainda minha cara de poucos amigos. Ela vai pagar
NACIONAIS - ACHERON

sim, com certeza. Antes iríamos até bater um papinho, mas agora, vou fazê-la implorar se quiser algo comigo. Não se colocou como solteira? Pois então fique sem homem. Nem beijo vai ter.

Isso se eu aguentar.

O nutricionista lê a recomendação da médica que acompanha Marianne, depois lê a ficha dela e nos encara.

— Seu caso é delicado. A médica já deve ter informado isso a vocês.

— Sim, informou. — Marianne diz.

— É e não é grave. Todo cuidado é pouco. Está no início da gravidez e podemos leva-la até o fim, apenas com acompanhamentos e uma rotina bem programada. Antes de tudo, vamos estabelecer seu peso para depois indicar os exercícios físico. — Ele se levanta, pega uma roupa dobrada e ensacada e entrega Marianne. — Por favor, troque-se ali. Preciso te examinar agora.

— Sawyer, me ajuda. — Ela pede e atrás de um biombo, ajuda-a a trocar de roupa e vestir algo como uma camisola descartável.

Ele a faz subir numa balança, depois mede a

NACIONAIS - ACHERON

estatura, faz as medidas corporal e o diâmetro da barriga.

Quando ela se veste novamente, ele a faz responder umas perguntas como: Fuma, bebe, já tomou suplemento alimentar, treina em academia com frequência, come muito fast food.

Depois, diz que vai elaborar a dieta de Marianne e enviar por e-mail. Assim que recebê-la deve começar imediatamente. Com quinze dias voltaremos e ele vai encaminha-la a uma academia para gestantes.

— Adorei o doutor Preston. — Marianne diz se fingindo encantada, caminhando comigo para o carro. Ela só quer me provocar.

— Espero que adore ele quando estiver na seca tendo só a pistola pênis do Nelson para se saciar.

— O que?

— Pois é. Não se colocou como solteira? Pois vai ver o que é bom para tosse. Ainda por cima marcou consulta com um homem.

— Sawyer, deixa de ser machista. Que coisa ridícula. O que tem ele ser homem?

— Nada. Só to falando. Não tinha necessidade de você colocar na ficha que era solteira, tinha? — Ligo o carro e arranco. Marianne rir e em seguida gargalha. Olho-a de soslaio puto da vida.

— Amor, ficou com ciúmes do médico gatão?

— Não fode.

— Ficou sim. Tá mordido de ciúmes.

Fiquei mesmo. Queria tirá-la de lá a força e leva-la numa nutricionista mulher. Estou sendo babaca pensando isso? Sim, estou. Mas a mulher é minha e o meu ciúme é proporcional a meu amor.

— Ah, para de infantilidade, Marianne. Vai ficar sem tocar em mim até segunda ordem.

— Meu amor, para com isso. — ela continua rindo, tripudiando dos meus sentimentos. — Por isso que eu queria vir com Candice, ela que me indicou o doutor Preston.

— Sabia que tinha dedo daquela fodida. Nem converse comigo Marianne.

— O que?

— É isso mesmo, enquanto eu morria desesperado achando que você não ia mais me perdoar, o que estava fazendo? Marcando consultas com médicos pau-no-cu e se colocando como solteira. Vai ter troco.

Ela apenas rir mais e depois abraça meu braço e diz:

— Você fica muuuito fofo com ciúmes. É incrível que tenha ciúmes do pênis de borracha e até do médico. Chegar em casa vou te devorar.

— É o que vamos ver. — Solto um gruído e bato a mão na buzina com muita força e grito pela janela: — Sai da frente, porra!



VINTE E QUATRO

SAWYER

Eu cumprio minhas promessas. Estava mesmo com raiva e não permiti que Marianne viesse com gracinhas para cima de mim. Passamos no hotel, eu tinha que resolver umas coisas, e depois fomos almoçar no restaurante do hotel. Na mesa ela ainda teve a cara de pau de atender a ligação de Candice e me provocar descaradamente falando do tal nutricionista bundão.

Isso só me deu mais munção de cumprir o que havia prometido. Tinha chegado o momento de ela experimentar um pouquinho de desprezo. Não é troco pelo desprezo que ela me dera, mas por ela ter me provocado ao limite mexendo com algo sério.

Durante o resto do dia, Marianne foi trabalhar e eu fiquei no hotel. Quando cheguei ela não estava em casa. Tomei banho, vesti uma bermuda e me sentei com minha cerveja em frente a televisão assistindo a ultima partida de futebol que eu tinha perdido, mas programei para gravar.

A porta se abre e Marianne entra feliz da vida. Ela está linda com uma calça folgada de tecido macio e uma camisa de seda. Os cabelos soltos e um belo batom decorando os lábios.

— Boa tarde, Saw. — Cantarola e vem em minha direção. Ela esqueceu que hoje cedo eu estava a ponto de matar um. Senta ao meu lado, tenta beijar meus lábios, entretanto eu desvio e o beijo acerta meu maxilar.

— Sawyer! O que foi?

— Estou assistindo e bebendo.

— E daí? Por que desviou do beijo?

— Por que sim, Marianne. Eu te disse que não iria ter moleza. — Tomo todo resto de uma latinha, curvo para frente, pego outra e abro — Vai ter que conquistar um beijinho sequer.

— É sério isso? por causa do doutor Preston?

— Sim. E por muitas outras coisas. Sou seu marido e não deve ficar me provocando.

— Ok. Vamos ver para qual lado essa corda arrebenta primeiro. — Ela se levanta. — Você deve confiar em mim nessas questões de outros caras e...

— Sou homem e não é questão de confiança, é questão de ciúmes mesmo pelo que é meu.

— Sawyer! Olha esse absurdo. É apenas meu médico. Bem bonitão na verdade, mas meu médico, você precisa se controlar.

Olho para a cara dela e Marianne está quase sorrindo. Ela está amando me ver enciumado. Tomo mais cerveja e volto um lance na tv para ver mais uma vez por outro ângulo.

Marianne não consegue a atenção desejada e sai; ouço subindo as escadas.

Ela decidiu que iria mesmo me provocar para ver se eu tenho palavra. Tomou banho, vestiu uma camiseta minha, e sentou ao meu lado para assistir. Eu fiquei firme. Mais tarde, pedimos comida e jantamos no sofá assistindo a um filme. Quase nem nos falamos, mas eu conseguia perceber o esforço dela de me tirar do sério. E estava conseguindo, por dentro eu estava todo trucidado; todavia, sou duro na queda e não vou demonstrar.

Pode parecer uma guerra besta de recém-casados, mas entre nós é uma batalha séria. Quem ganhar leva tudo.

Marianne se ajeitou e deixou a cabeça no meu colo, como se nada tivesse acontecendo. Estávamos numa batalha silenciosa, e ela deitou a cabeça bem em cima do meu pau.

Cada um usa a arma que tem, eu enfio os dedos nos cabelos dela e começo a fazer um cafune relaxante. O tempo vai passando, o episódio da série acaba, começa outro e Marianne ainda não dormiu como sempre faz quando vamos assistir juntos.

Desço meus dedos, enfio na gola da camisa que ela veste e faço sutis caricias com as pontas dos dedos, acima dos seios dela. bem sugestivamente, sem tocar neles. Marianne levanta os olhos para mim, sorri e se senta.

— Vou deitar.

— Ok. Vou daqui a pouco.

Rá! Safada! Ela não aguentou o tranco. Um simples toque e já se desmontou toda.

Bem mais tarde, fui deitar e Marianne ainda estava acordada. Me ajeitei para dormir, propositalmente me despi e deitei ao lado dela a abraçando gostosamente por trás.

— Boa noite, amor. — Beijo os cabelos dela.

— Boa noite, paixão. — Ela responde se fazendo de forte.



No dia seguinte, eu levanto primeiro, muito

NACIONAIS - ACHERON

cedo, e vou correr. Esses últimos dias aconteceram tantas coisas que bagunçaram minha rotina. E não treinar na academia ou correr pela manhã, foi uma dessas coisas que não pude fazer; a cabeça estava em outro lugar.

Com um fone de ouvido, corri até o Central Parker e lá, dei mais umas voltas. Fui inclusive reconhecido por algumas pessoas que resolveram sacar os celulares e tirar fotos.

Assim que chego em casa, encontro problemas personificado em uma pessoa. Jill está na porta da minha cobertura. Visto a camiseta assim que a vejo. Estava planejando chegar todo exibido, suado e sem camisa para provocar Marianne, entretanto, não deu certo.

— Jill?

Caralho, tão cedo?

— Tyler. — Ela sorri. — Gostaria de falar com você.

Está sem seu costumeiro visual de mulher da vida. Antes Jill usava apenas roupas vulgares. Mas hoje, veste um vestido branco que vai até os joelhos e sem decote. Usa uma bolsa aparentemente cara e

saltos. Os cabelos pretos em um bonito penteado. Nada mais da Jill antiga. Será que se converteu a alguma religião? É o que me pergunto interiormente.

Sei que pode dar merda, mas ela me ajudou recentemente me dando a chave de Amanda e foi minha parceira e melhor amiga por longos anos.

Abro a porta e mostro para dentro.

— Entre.

Ela entra, e para minha sorte, Marianne ainda não acordou. No meu relógio diz que ainda são sete e meia da manhã.

— Quis vir cedo pois sei que você sai esse horário para correr.

— Sim. Sente-se. — Espero ela sentar, me sento também e digo: — Logo Mary irá me acompanhar nas corridas matinais. — Coloco o nome de Marianne na conversa já como uma forma de proteção.

— Sim, claro. E como está ela? Larry me contou por alto que Amanda tinha prendido ela numa poltrona e obrigado a assistir seus trabalhos.

— Sim. Amanda foi louca e covarde o suficiente para fazer isso. Está presa e responderá por diversos crimes.

— Infelizmente não posso dizer que estou totalmente feliz. Amanda é como minha mãe, você sabe.

— Sim. Querendo ou não, ela ajudou cada um de nós. Principalmente você e o Larry, que foram os mais novos a chegar a mansão.

— E você era como o tesouro que ela não queria abrir mão. O diamante precioso.

— Sinto pena dela. Não queria que tivesse ido por esse caminho. Poderíamos ser amigos, mas ela não foi lucida o suficiente para aceitar apenas uma amizade.

— Bom... — Jill olha para suas unhas grandes e bem-feitas. — Eu não vim falar sobre Amanda.

— Eu tenho certeza que não. E sei que não veio também saber como anda minha vida de casado.

— Nem isso. Mas posso adivinhar que está melhor do que você pode sonhar um dia. — Ela dá

NACIONAIS - ACHERON

um breve sorriso.

— Sim, está.

— E olha que eu imaginava que terminaríamos juntos. Que ninguém era melhor que eu ao seu lado e que seríamos, no fim, o casal mais foda. Tipo Angelina e Brad Pitt foram.

— Até eles se separaram.

— Sim. Eu cheguei nova demais na mansão de Amanda e devotei a você toda minha confiança e amizade. Era mais que apenas um amante, era meu melhor amigo que eu podia contar a qualquer momento.

— Sei disso. éramos uma boa dupla.

— Nossos vídeos deram uma boa grana aos cofres da Inside, pois tínhamos cumplicidade em cena.

Dou um sorriso e concordo:

— Era mais real que qualquer um.

— Por que nunca tinha sido encenação, era real pra valer, na frente das câmeras. Era meu sonho de redenção, ser a senhora Carter, ou Graham...

— Infelizmente eu cheguei antes, né querida.
— Ouço a voz atrás de mim e me viro bruscamente ficando de pé. — O que é isso, Sawyer? — Marianne está puta da vida atrás da gente. Nenhum pouco arrumada, apenas com minha camisa de ontem a noite e os cabelos desalinhados.

— Mary, a Jill veio...

— Me despedir. — Jill se levanta e enfim diz a que veio. Deixo Marianne de lado e olho estagnado para Jill.

— Despedir?

Marianne se aproxima e fica ao meu lado ainda olhando feio para Jill.

— Sim. Você foi muito importante na minha vida, tanto é que sonhava ser sua esposa, entretanto, você nunca me viu a altura para esse posto.

— Não é dessa forma Jill...

— Pode ser que não, Sawyer, mas ela tem mais perfil de esposa do que eu. — Aponta para Marianne. Olho de lado e Mary está revirando os olhos. — Quer dizer, eu pensava isso. Até conhecer uma pessoa.

Eu e Marianne nos entreolhamos ao ouvir isso.

— Lembra que eu te alertava que pessoas como nós dois não tínhamos final feliz e que histórias como a do filme “*Uma linda mulher*” não acontecem na realidade?

— Sim. lembro. Foi quando eu estava assumindo Marianne publicamente como minha namorada.

— Pois é. Foi a escolha mais certa que você já fez, Sawyer. Hoje eu vejo que temos chance sim. Você a encontrou, e eu encontrei, por acaso, uma pessoa que vai além do seu status e dinheiro. — Jill, toda sorridente, mostra um anel enorme no dedo. — Estou me mudando para Dubai. Ele é de lá e estou muito feliz de ter o encontrando. No fim, vejo que você era o que eu esperava ter, mas não o que eu preciso de verdade.

— Te desejamos sorte e felicidade, Jill. — Marianne diz e há um nobre sorriso de trégua.

— Sim. Quero que você seja muito feliz. — Abro meus braços para ela e sorrindo Jill vem me abraçar.

— Deus! — Ela sussurra. — Nunca pensei que esse dia chegaria, que eu fosse me despedir de você. — Ela levanta os olhos para mim e me dá um demorado beijo no rosto bem perto da boca, sem deixar de me abraçar.

— Ok. Já chega. — Marianne interrompe. Sorri em seguida e fala: — estamos felizes por você e tal, mas tudo tem limites. Morro de ciúmes dele.

Jill se afasta e Marianne abraça meu braço, como uma criança protegendo o brinquedo preferido.

— E tenha mesmo. você conquistou o cara mais leal, amigo e precioso. Fique sabendo que tem uma fila de incontáveis pretendentes o querendo.

— Se elas esperarem até os noventa anos, quem sabe? Eu conheço cada qualidade e defeito dele. Cuidaremos bem um do outro.

Feliz da vida pela minha Marianne madura e de bom censo, abraço-a e beijo o alto de sua cabeça.

— Bom, vou nessa. Abraham está lá fora me esperando. Iremos hoje ainda pegar o voo.

Levamos ela até a porta, Marianne agradece

NACIONAIS - ACHERON

por ela ter me ajudado no resgate e quando enfim a porta se fecha, Mary se afasta e vai para a cozinha.

— Nunca imaginaria isso. — digo, seguindo-a.

— Nem fale comigo.

— O que? — Alcanço-a.

— Vai ter que trabalhar dobrado para conquistar seu direito de me tocar, agora o jogo virou, querido.

— Que porra é essa, Marianne?

— Não sei, Sawyer. Só não gosto de acordar e encontrar Jill na nossa sala dizendo que queria ser a senhora Graham. Tenho ciúmes de você e estou com raiva. Só vai me tocar quando eu decidir.

— Ah, mas é muita cara de pau! — Agarro-a e jogo em meu ombro, dou em seguida, uma palmada na bunda dela. — Venha logo aqui que eu vou te comer pois ontem nós dois fizemos muito cu doce, a vida é curta e meu pau não suporta greve.

— Vai prometer que não vai mais me provocar, Marianne? — Indaguei, em cima dela, quando a joguei na nossa cama. Ela riu e negou

balançando a cabeça.

— Gosta de me ver assim, não é?

— Adoro. — Passou a língua nos lábios, e correu seus dedos nos meus braços. — Está muito saboroso. Por que não deixa sua raivinha fluir? Estou esfomeada por você.

— Garota, não mexa comigo. Meu pau está babando desde ontem e quando eu começar a meter, não vou parar. Teremos uma bela boceta inchada e vermelhinha quando eu acabar.

— Vai demorar muito para começar? — Ela provoca sedutoramente.

— Só se você pedir.

— Não force Sawyer.

Enfio minha mão entre as pernas dela e com cuidado, acaricio de leve as dobras quentes e úmidas. Marianne, como sempre, receptiva para mim. automaticamente suas pernas se abrem um pouco mais para que eu continue as carícias.

— Peça, Mary, me peça para te comer bem gostoso.

— Nunca. — Ela ri, mas já começa a morder

os lábios.

— Nunca? — Meu dedo entra. Pense no meu pau bem duro, babando de tesão, abrindo-lhe devagar e indo até o fundo, pense como será delicioso você sentir minhas bombadas fortes e vigorosas e poder me beijar enquanto eu te fodo do jeito que gostamos. — Peça, Mary.

— Cretino. Me fode logo, seu patife.

Rio da fácil rendição dela.

— Já que você insiste. — Enfio as mãos nos cabelos dela, Marianne agarra meus braços e beijamos loucamente na cama. Como se tivesse um mês sem nos tocar.

A Jill nunca teve razão quando dizia que eu e ela éramos da mesma laia e que acabaríamos juntos ou sozinhos. Felizmente ela estava errada, e não poderia estar mais feliz e agraciado pela minha nova vida.



Duas semanas se passaram. Nossa vida segue uma rotina agradável, mas a solavancos pois eu tenho uma esposa muito teimosa.

Marianne está trabalhando e não quis deixar o emprego. As coisas no hotel estão ainda mais difíceis por conta do novo hotel e não podemos mais ficar comendo em restaurante. Quero que ela siga à risca a dieta que o nutricionista mandou; mas ela apenas enrolando em começar a seguir.

Saladas, frangos e bifes grelhados, sopas e várias outras coisas que teria que fazer parte do novo cardápio de Marianne. Eu estava mais que disposto a entrar nessa dieta com ela, só para incentiva-la e comecei riscando todas nossas comidas viciosas, como hambúrgueres, enlatados, embutidos, pizzas entre outros de nossa rotina. Tudo isso, um bom sacrifício, até o parto dos bebês.

Como nada disso seria capaz se fizéssemos sozinhos, Arthur, meu conselheiro e braço direito no hotel deu a sugestão: uma governanta que cuidaria de tudo na nossa casa, inclusive a preparação da alimentação. E o melhor é que ele tinha a pessoa perfeita para o cargo e nem precisou

eu procurar demais: Lucy, a esposa dele.

Ela veio nos conhecer. Eles dois vieram. E tinha sido a escolha mais acertada. Eles são avós, já são experientes nessa vida e ela saberá como orientar Marianne no que precisar.

Ela é uma mulher sorridente, carismática e ficou muito interessada em começar assim que nós achássemos melhor.

Essas duas semanas que tinham se passado, Lucy tinha nos proporcionado um bem-estar muito mais agradável do que eu imaginaria. Estávamos seguindo a dieta que o nutricionista passou e nem percebíamos, pois Lucy deixava a comida com um delicioso toque especial.

Agora, pela manhã, Marianne e eu estávamos mais ansiosos e preocupados.

Estamos indo, enfim, fazer o ultrassom que revelará o sexo dos bebês. Acordei muito mais cedo que o costume e fui correr, pensando no que viria nessa gravidez. Acho que todo homem sonha em ter um menino, assim logo de cara. Eu não seria diferente. Entretanto, isso é o que menos me

preocupa. Eu fiquei pensativo sobre essas duas vidas que estão chegando e que cada vez estão mais perto de conhecer o mundo.

É um mundo tenebroso e nada gentil, em que nós seremos os pilares da formação deles. Serão, acima de tudo, a razão da minha vida.

— Ansioso? — Marianne me pergunta. tiro a atenção do transito e dou uma olhadinha de lado.

— Muito.

— Eu também estou. E minha felicidade é tanta que não importa o que sejam.

— Eu também.

Pra mim não importa mesmo, mas ontem a noite, ela estava deitada e eu não deixei de falar com os bebês:

— Garotos, sei que são garotos, meu instinto paterno está dizendo isso, então prestem atenção no que o papai vai falar. — Marianne só ria enquanto eu falava com a barriga dela.

— Na hora do exame, não se envergonhem, mostrem para aquela médica o pequeno futuro grande pênis.

— Sawyer! — Marianne gritou e me empurrou para longe da barriga. — Que tosco. Você não tem limites.

— Calma, Mary, estou, desde cedo, instruindo eles de como proceder na vida.

— Ridículo.

Quando, na clínica, Marianne foi chamada, eu me postei ao lado dela e segurei sua mão. Estávamos preparados. A médica começou a circular o aparelho sob o ventre arredondado de Mary e eu não desgrudava os olhos do monitor onde aparecia as imagens ainda disformes.

A tensão era muita. Era pior que final de campeonato. Eu nem sabia o que pensar, mas minhas mãos suavam e meu coração estava no modo britadeira.

— Esses são os coraçõezinhos dos bebês. — a doutora apontou para algo pulsando na tela — Estão fortes e saudáveis e vamos fazer de tudo para leva-los até o sétimo mês.

— Com certeza. Eu e Mary falamos quase em uníssono.

— É uma gravidez promissora. Eles estão desenvolvendo muito bem e sua pressão está controlada.

— Que ótimo. — Uma lagrima de felicidade sai do olho de Mary e eu apresso em limpá-la. Abaixo e beijo sua testa.

— Sei que estão ansiosos pelo sexo dos bebês, estou certa?

— Certíssima doutora. — Eu digo.

— Bom, parabéns pois um deles é um menino.

— Yes! — Dou um rugido de alegria fazendo a doutora e Marianne rirem. Mary chora de alegria e eu abaixo para beijá-la.

— Somos os pais mais felizes do mundo. — Eu digo e ela assente.

— Sim, somos. Um menino, Sawyer, vamos ter um menino.

— Já que querem saber — a médica intromete — podem comemorar em dobro, pois é outro menino.

— Rá! — Vibro de alegria. Uma felicidade

que jamais irei sentir na minha vida. — Eu sabia! Meu instinto de pai não estava errado. Chupa Oscar! Engole essa!

Sem entender, a médica apenas rir, mas Marianne explica:

— Oscar é meu pai e desejou que Sawyer fosse pai de duas meninas.

Depois que terminou e a médica saiu eu liguei para Henrique.

— Eu sabia caralho! Aqui é Sawyer Graham, não tem erro, a herança do meu nome será passada aos dois maiores putos que essa cidade vai conhecer.

— Se você ensinar safadeza a meus filhos, te mato Sawyer. — Marianne resmungou limpando a barriga melada de gel.

— Nossos filhos, amor. E nem precisarei ensinar! Estará no sangue deles, estará no DNA de macho alfa.

— Que seja. Eu os amarei até o dia da minha morte, não importando o que sejam.

Cubro-a com meus braços e ficamos lá na

sala do exame abraçados, emocionados.

— Sim. Amaremos e apoiaremos eles em todas as decisões.

— Todas mesmo? — Ela levanta os olhos para mim.

— Tudo que passei Mary... na minha vida... todas as coisas que vi, não espere de mim um pai cabeça fechada. Eu seria hipócrita se julgasse meus filhos pelos caminhos que eles irão seguir. Independente que são dois meninos ou duas meninas, nós dois seremos sempre, vamos prometer isso, seremos sempre o apoio que eles precisarem.

— Seremos. Independente de religião, sexualidade, time...

— Estaremos sempre de braços abertos para eles. Sempre.



— Dois meninos, Lucy. — Chego em casa gritando, já dando a notícia. Lucy bate palmas e

vem correndo me abraçar.

— Eu sabia, Mary! Dois anjinhos para tirar nossa paciência.

— Serão bonitões e enormes, como o pai. — Sawyer entra atrás de mim.

— Ah! Com certeza, senhor Graham. — Lucy me deixa de lado e vai festejar com o ídolo dela, essa senhora ama meu marido. É sempre a funcionária do mês. — Parabéns, eu sabia que o desejo do senhor se realizaria. Venha aqui homem de Deus, me dá um abraço. Ele o abraça e dá um rodopio na sala. Ela morre de rir. Fica como eu: pequenininha nos braços dele.

— Para de puxar o saco dele, Lucy. Vai inflar mais do que já está.

— Olha quem fala de puxar saco. — Ela rir e corre para a cozinha, atrás de mim. — fiz um banquete para a senhora...

— Lucy... já te falei, nada de “senhora”.

— Para você, Mary. — Ela corrige — Minha gravida mais linda do mundo. — Ela mostra a seleção de tortas, bolos e pães sobre o balcão. Minha boca enche de água.

— Lucy! Você é uma fada! Olha isso amor.
— Corro, dou um beijo na bochecha dela. Lucy sorri de orelha a orelha orgulhosa.

— Engordando minha mulher, essa é a intensão?

— Sim, e o senhor também vai ganhar uns quilinhos. Sentem-se, os dois. Vou servi-los. Meu Deus, mal posso esperar para ter dois pestinhas aqui me tirando do sério. Arthur vai adorar saber.

Tão felizes como ela, eu e Sawyer nos olhamos e curvamos ao mesmo tempo em direção ao outro para selar isso tudo com um beijo.



VINTE E CINCO

Marianne

Depois que soubemos o sexo dos bebês, corremos para lojas de bebês e compramos tudo que víamos pela frente. Eu e Lucy fomos abrir cada sacola e ver cada coisinha miúda.

Nossa casa começou a sair do papel agora, está sendo levantada ainda, então decidimos ajeitar um dos quartos de visita para os meninos. Nossa euforia fora tanta que nem teve como esconder. No outro dia saiu em algumas revistas a fofoca:

“É MENINO! Sawyer Graham e sua esposa flagrados comprando roupas bebês.”

E lá estava a foto de eu e Sawyer escolhendo roupinhas azuis. A mídia só não sabia ainda que seriam gêmeos; todavia, no twitter já tinha essa hipótese.

Falando em rede social, eu ganhei muitos seguidores depois que me casei com Sawyer e agora mais ainda pois estou postando o dia a dia da minha vida, a progressão da minha gravidez.

O último vídeo de eu quase morrendo sem folego no Central Park na corrida matinal com Sawyer, está sendo campeão de curtidas. Estou amando minha vida de celebridade da internet. Ou seria celebridade por acaso? Afinal eu me casei com um famoso.

— Bom dia Lucy. — Cumprimento chegando na cozinha. Já é manhã do quinto dia após descobrirmos o sexo dos bebês.

— Bom dia Mary. — Ela olha para além de mim — E senhor Graham? Vai trabalhar hoje?

— Não. — olho o que tem na mesa e passo um pouco de geleia em uma torrada. — Sawyer

ainda está dormindo. Nem precisa arrumar o quarto, hoje ele deve acordar as dez.

— Ele sabe que a senhora está saindo tão cedo?

— Ok chamar Sawyer de senhor, mas pare de me chamar de senhora. E não. ele não sabe.

— Marianne... Não vou poder ser cúmplice.

— Vai sim. Por favor. — Como apenas uma mordida da torrada e pego uma maçã. — Candice me mandou uma mensagem silenciosa. Preciso correr. É urgência, hoje é algo importantíssimo que estamos esperando a meses. Um cliente chato pra caramba escolheu nossa agência. — Guardo a maçã na bolsa, corro para a sala de televisão, pego minhas chaves num potinho, que Sawyer disse que estão aposentadas, pois não quer que eu dirija.

— Mas e suas dores nas costas? Não é melhor avisar? Assim o senhor Graham pode te levar.

— Estou ótima. Minhas dores são por causa dos exercícios ridículos que aquele instrutor está me passando. Me faz colocar o nariz quase no umbigo. Além do mais Sawyer vai é me trancar em

casa se souber.

Viro-me para ela e despeço com um beijinho no rosto. Ela está muito preocupada.

— Mary, coma alguma coisa. Ficaré ruim para mim. Ele não vai gostar nada de saber...

— Não o acorde de maneira alguma. Sawyer nem vai saber. Quando ele acordar, eu já estarei de volta. Beijos Lu!

Saio correndo, olho no relógio e não são ainda nem sete da manhã. Mas para escapar eu tinha que fazer isso, sair com o sol nascendo. Sawyer me fez prometer que não ia sair hoje pois estava mal com dores nas costas. Ele nem mesmo vai sair agora pela manhã só para ficar comigo. Sorte que dormiu demais. Isso me dá um certo desconforto, está enganando-o, mas o que posso fazer? Ele é irredutível e não iria aceitar.

— Achei que não viria. — Candice abre a porta da casa dela e me olha de cima a baixo. — Está linda com esse vestido. Vou pegar minha bolsa.

— Gostou? Mamãe comprou para mim e
NACIONAIS - ACHERON

mandou. — Entro atrás dela.

— Rose sempre com mais bom gosto que você. — Ela pega a bolsa e grita: — Amor, estou indo. Marianne te mandou um beijo.

Mentira que nem mandei. Mas me poupa de gritar.

— Tá bom. Beijo, Marianne. — Leo grita de dentro do quarto. Eu e Candice saímos e entramos no meu carro.

— Como conseguiu sair com o cão de guarda no seu pé? — Sei que ela se refere a Sawyer. Ontem eu contei que ia ver se conseguiria fugir de casa agora pela manhã.

— Saí antes de ele acordar. Tive que acordar cinco da manhã, vê se pode. — Boto o cinto, ligo o carro e arranco.

— Isso que dá deixar seu marido mandar em você.

— Ele não manda em mim. Sawyer só está preocupado com minha saúde.

Candice pega um batom na bolsa, abaixa o espelhinho na aba de tampar o sol do carro e

começa a se maquiar ao meu lado.

— Eu e seus pais estamos preocupados com sua saúde, mas nenhum de nós agimos com psicopatia para cima de você.

— É diferente, Cadince. Sawyer se sente culpado.

— Ao menos ele tem bom senso.

— O que? — Tiro os olhos da direção e olho para ela.

— Ah, Marianne! Você e todo mundo sabe que só teve pré-eclâmpsia por causa do estresse que ele causou. Seu marido fodeu com tudo.

— Por favor, pelo amor de Deus. Que esse comentário fique aqui, não quero que Sawyer escute uma coisa dessas. Ele vai morrer se achando um miserável.

— Ok. Não falarei isso pra ele. Mas você tem que se impor, não é porque está com gravidez de risco que pode deixar sua vida nas mãos dele. Como está indo com a mulher que ele contratou para te olhar?

— Me olhar?

— É. Todo mundo sabe que foi para isso que ele a contratou. Como está indo a convivência com ela?

— Muito boa, na verdade ótima. Lucy é um amor de pessoa, cozinha muito bem e deixa a casa um brinco. Agora eu que não quero perde-la.

— Onde está sua bolsa? Vou desligar seu celular.

— Pra que, Candice?

— Essa Lucy é puxa-saco do seu marido. Percebi no dia que almocei lá. tenha certeza que daqui a pouco ele estará louco te ligando, ela vai acordar a fera e contar tudo.

— Lucy não faria isso.

Candice pega minha bolsa e procura meu celular.

— Não faria?

— Não, claro que não. Pedi a ela que o deixasse dormir. Confio nela.



SAWYER

— Senhor Graham.

Abro os olhos e ainda sonolento, ouço toques na porta e uma voz baixa me chamando. Apuro as vistas, olho ao redor e estou sozinho na cama. No relógio, marca sete e cinquenta da manhã. Porra, muito cedo, hoje eu ia dormir até dez.

— Senhor Graham... — é a voz da Lucy. Percebo na mesma hora.

— Oi Lucy. — Mas onde diabos está Marianne? Olho para a porta do banheiro e tudo está silencioso. — Mary...? está aí?

— Preciso falar com o senhor. — Lucy diz do outro lado da porta.

Levanto, visto uma calça de moletom e abro a porta.

— O que houve?

— Então... é por que a senhora Graham...

— O que houve com ela? — Me apavoro e faço menção de sair correndo do quarto.

— Calma. — Ela me segura — Está tudo bem, pelo menos eu acho.

— O que?

— É por que ela saiu bem cedo. Muito cedo mesmo e não comeu nada além de uma mordida numa torrada.

— Marianne saiu? Saiu pra onde? Com que?

— Acho que com Candice, ela disse por alto. Estou só contando pois, ela está sem comer e não sei se vai lembrar dos medicamentos. O senhor poderia ligar para ela...

Corro para de volta para o quarto.

— Eu vou atrás dela agora.

Caralho! Não acredito que Marianne descumpriu nosso trato. Eu pedi a ela, na verdade a fiz prometer que hoje ela passaria o dia de repouso pois ontem estava sentindo muita dor nas costas. Eu até fiquei em casa hoje, só para fazer companhia a ela, dormirmos até tarde, almoçarmos juntos. Não acredito que ela fez isso. Uma irresponsável, é isso

que ela é.

Candice também vai pagar caro!

Me visto na velocidade da luz e mesmo com os pedidos de Lucy de que eu não vá, eu pego o carro e saio sem saber para onde especificamente ir. Chego ao escritório delas e surpreendo Alan que está na recepção papeando com Gaby, a secretária.

— Olá, Sawyer. — Ele cumprimenta e eu digo logo a que vim.

— Onde estão Candice e Marianne?

— Não sei, acabei de chegar. — Ele olha para Gaby — Elas tinham cliente hoje, Gabi?

Ela faz uma expressão de desentendida e mexe no computador.

— Quer que eu veja a agenda delas? — Pergunta para mim como se não fosse obvio que é isso que estou querendo. Só não dou uma resposta malcriada pois eles dois foram padrinhos de meu casamento. Mantenho um mínimo de consideração.

— Sim, faça isso por favor. — Olho no relógio e se passa das oito. Marianne merece um castigo eterno.

Gaby me passa o endereço do cliente que elas foram visitar e eu agradeço saindo correndo. Posso estar parecendo exagerado, mas a vontade de passar um sabão em Candice e Marianne me deixa doido.

Em minutos, chego ao tal cliente. É um belo escritório de uma rede de farmácia. Peço informação e me dizem que elas passaram por aqui e saíram com o representante para olha o terreno onde será construído o novo prédio da rede.

Pego o endereço, mas como eu esperava, chego tarde demais. Não tem mais ninguém no tal terreno. Volto para o escritório delas, mas não estão lá, então decido ir para casa.

— E então senhor Graham? — Lucy me espera ansiosa.

— Marianne não chegou?

— Não senhor.

— Droga! — Subo para o quarto, arranco a camiseta como se esta queimasse meu corpo; e com o celular no ouvido, começo a andar bem exaltado, pelo quarto. O celular de Marianne está desligado. O de Candice Também.

Para tentar me acalmar, desço, tomo um pouco de chá com torrada e peço que Lucy não se preocupe e faça o almoço.

As horas passam, e não tenho nenhuma notícia. Já liguei para Leo, para Alan e nada de notícias. Minha exaltação então, se transforma em preocupação. Começo a pensar mil coisas. Já era para elas estarem no escritório, a visita com o cliente tinha sido as oito da manhã. Olho no relógio e para meu completo desespero, já são quase onze.

Sentado no sofá, afetado com demônios interiores, penso mil coisas. Mas por sorte meu celular toca, penso que pode ser Alan com alguma resposta, mas dou um pulo do sofá ao ver o nome de Candice.

— Candice. — Grito quando atendo.

— Oi Sawyer... tudo bem?

— Onde vocês estão? Cadê Marianne?

— Então, ela está bem agora. Está sendo medicada.

— Medicada? — Meu grito é tão estridente que Lucy vem correndo e fica me olhando com a mão na boca. Já estou louco vestindo a camisa.

— Graham, meu Deus! — Candice tenta me acalmar — Acalme-se, deixe eu falar.

— Candice, onde ela está?

— No hospital. Calma. Eu e ela fomos dar uma volta, comprar umas coisas, mas Marianne não me disse que não tinha tomado café. E ela acabou desmaiando numa loja e...

Acho até que vesti a camisa do lado errado. Pego as chaves e corro para meu carro.

— Diga em que hospital ela está. — Ofego ao celular. — Caralho! Vocês são muito irresponsáveis! — Berro saindo com toda velocidade da garagem do prédio. — Você vai me pagar caro, Candice onde ela está?

— Eu pagar caro? Se toque Graham, eu não fiz nada, Marianne que é uma teimosa, se eu soubesse que ela estava sem comer nada não tinha...

— Ok. Só me diga onde estão.

Ela me passa o nome do hospital e eu desligo pisando fundo no acelerador. Sabia que algo errado tinha acontecido. Que isso sirva de lição para ela não teimar mais.

PERIGOSAS

Se continuar assim, eu enfarto antes do parto.

NACIONAIS - ACHERON



VINTE E SEIS

Marianne

Após a visita com o cliente, Candice e eu decidimos dar umas voltas nas lojas e todo mundo sabe como mulheres perdem a noção do tempo quando estão em lojas fazendo compras. A cada loja de bebê que eu entrava, ficava mais deslumbrada.

Eu mal percebi quando meu corpo cedeu. Estávamos numa loja de sapatos, tínhamos até combinado de ir comer alguma coisa e em seguida eu ligaria para Sawyer. minha visão ficou turva, eu

me desequilibrei, o mundo girou e eu caí desacordada.

Agora, quando acordo no hospital, a primeira coisa que vejo é o homem alto, imponente, de olhar duro, me fitando, de pé do outro lado do quarto. Sawyer nem se mexe quando eu acordo. Sua expressão é de puto da vida e sei que nem devo provocar.

— Candy... — chamo e Candice se materializa ao meu lado.

— Mary, fique calma. Você teve um leve mal-estar. Queda de glicose. Já está tomando soro. Olho para onde ela aponta e vejo o recipiente de soro no suporte.

Me senti muito culpada nesse momento. Estou querendo chorar e com muito medo, medo de algo ter acontecido com os bebês. sinto lágrimas nos meus olhos.

— Está tudo bem com meus bebês?

— Sim, está. Foi só um susto. Meu Deus! Marianne, como você sai de casa sem comer nada? Está grávida, não pode fazer essas coisas. Todo cuidado é pouco. —Candice me dá um modesto

sermão, mas eu olho para Sawyer, que está de longe só me fitando com sua pior expressão de revolta. Ele vai brigar comigo.

A porta se abre, a médica entra e se aproxima da minha cama. Sawyer vem para perto.

— Que bom que acordou. — A médica diz.

— Doutora, está tudo bem... com os bebês?

— Seus exames estão um pouco instáveis. Marianne, seu caso é muito sério. Não podemos deixar chegar a eclampsia que é o estado avançado da pré-eclâmpsia e pode comprometer a mãe e o bebê. Você já tem o sintoma mais grave, que é a alta pressão arterial. Você, mas do que qualquer um deve se ajudar.

— Desculpe... — choramingo. Olho para Sawyer e volto-me para ela. — As vezes eu ainda tenho os costumes de quando não estava grávida.

— Sei que é difícil, mas pelos seus bebês, deve fazer de tudo para não acontecer essas coisas que aconteceu hoje.

Bom, vai ficar de repouso nesse resto de semana, vou te liberar agora, mas vou pedir a seu marido que fique de olho em você. Coma bem,
NACIONAIS - ACHERON

durma bem, ao menos oito horas por noite, tente não se preocupar com coisas bobas e tome a medicação sempre no horário. Assim, poderemos levar seus bebês até o sétimo mês.

— Sim. Eu prometo.

Ela assente. Me examina e sai levando Sawyer com ela. Pouco depois ele volta e fica de pé ao meu lado. Com o rabinho entre as pernas, meio envergonhada, Candice se despede e vai embora. Olho para ele e fico morta de constrangimento.

Ele está de braços cruzados. Levanto a mão, puxo a mão dele e seguro.

— Fui uma inconsequente, não é?

Mudo, ele continua segurando minha mão, mas seu semblante é frio; como uma escultura de mármore, dura e impenetrável.

— Sawyer, fale alguma coisa... eu errei mas preciso de apoio.

— Deixa eu digerir minha raiva. Não quero falar algo e acabar te magoando. O que eu faço com você, Marianne?

— Amor... não foi intencional. Eu queria

só... — soluço e abano a cabeça denotando minha fraqueza — droga, me sinto muito mal e não me perdoaria se algo tivesse acontecido com os bebês.

— Nem diga uma coisa dessas. Acredite em mim, Marianne, tudo em mim desfalece quando algo assim acontece. Estou vivendo num patamar alto demais, com uma vida que nunca seria minha, que eu nunca imaginaria, e ter ao menos a hipótese de perder isso me leva a loucura. Quero você e cada um de nossos filhos. Não aceito abrir mão de nenhum, entenda meu desespero por você, apenas entenda.

— Eu entendo. Me desculpe.

Sawyer puxa uma cadeira e se senta. Ele aperta minha mão nas suas e leva até os lábios.

— Estou tão fodido psicologicamente que acho que nem durmo hoje. — Sussurra e seu lábio curva levemente para cima. Apesar do quase sorriso, há uma lágrima de tensão deixando seu olho. — Passei por um inferno enquanto dirigia até aqui. Parece que alguém tá adorando me ver fodido.

Respiro pausadamente com os olhos

fechados enquanto Sawyer se acalma segurando minha mão e descansando a testa sobre nossas mãos entrelaçadas.

Deus já deve estar enjoado de mim, mas pela milésima vez, o agradeço por ter salvo meus bebês mais uma vez.



Dois dias se passaram e numa manhã calorosa de domingo, acordei naturalmente, sem precisar despertador, para me encontrar sozinha na cama e Sawyer sentado me observando.

Esfrego os olhos, e me recosto nos travesseiros fitando-o.

— Saw? Algum problema?

— Nenhum. — Ele sorri, se levanta da poltrona e senta na cama. Tira uma mexa de cabelo da minha testa, está sorrindo e incrivelmente lindo, muito sexy com seus cabelos recém lavados e seu corpo vistoso, nu. Veste apenas uma cueca. — Quero te levar a um lugar.

NACIONAIS - ACHERON

— Que lugar?

— Vamos nos vestir. Precisamos disso, ou melhor, eu preciso fazer isso e quero você ao meu lado, Mary.

— Que lugar?

— Saberá quando chegarmos.

Sem mais respostas, ele se levanta e vai se vestir, eu faço o mesmo. Tomo um fortificado café que Lucy preparou e saio com Sawyer, no belo carro de luxo dele.

Olhando para seu perfil enquanto dirige, me sinto grata e sortuda. Minhas Mariannes sorriem de lábios fechados, loucas por Sawyer. Não tenho mais nenhuma do-contrá. Todas são a favor e brigam por ele, pois Sawyer tem dado todas as provas de seu amor e fidelidade para comigo.

É por isso que me sinto sortuda. Claro que também por ele ser belo e todo gostoso, o deus erótico do sexo, o manual humano das posições sexuais. Mas me sinto orgulhosa de mim, pois ele é mais que um pedaço de carne e foi a mim que ele mostrou isso.

Fico surpresa quando o carro para em frente ao prédio em que funcionava o consultório dele. Eu o fito tentando uma resposta, mas Graham não me diz. Dirige para o estacionamento do prédio e coloca em sua antiga vaga.

Saímos do carro, ele me olha nos olhos e me estende sua mão. Nem pestanejo e entrego a minha. Subimos de mãos dadas.

Entramos na sala, ele acende as luzes e vejo que os lençóis que vi outro dia que estive aqui, foram retirados. Os moveis estão todos como eram antes, está tudo muito limpo; um belo consultório terapêutico. Quase posso ver Sawyer atendendo novamente; sinto até um arrepio.

Ninguém toca! Esse homem é só meu.

Não sei o que ele está planejando, então o encaro.

— Venha aqui, senhora Graham. —
Gentilmente, Sawyer coloca a mão nas minhas costas e me guia até o divã. Minhas Mariannes já pensam besteira. Cada uma já sugerindo uma posição diferente, como se eu ainda fosse a Marianne de meses atrás com 56 quilos. Mas, para

o desgosto de toda galera indecente que mora na minha mente, ele apenas me ajuda a se sentar.

— Meu Deus! Você está muito gata com essa barriga. — Sawyer se afasta e me olha no divã.

— Me trouxe aqui para realizar algum fetiche? To achando isso estranho.

Ele rir, se senta na poltrona e me olha, com uma puta deliciosa pose de terapeuta. Caralho! Eu me casei com o sujeito, durmo e acordo com ele e ainda assim basta me olhar com esses pecaminosos olhos verdes que eu desmorono e minha vagina estremece.

Tomara que seja um fetiche para realizarmos.

— Muitas coisas marcaram minha vida. — Ele começa. — E esse lugar foi uma delas. Estou impregnado nessas paredes, minha historia passeia por cada canto desse lugar.

— Eu sei.

— Não sente repudio por eu ter levado uma vida libertina aqui? — O cenho dele franze.

— Não posso mudar seu passado. Eu tinha

duas hipóteses: ou passava meu resto de dias odiando o antigo você, ou aceitava de uma vez logo e escreveria uma nova história ao seu lado.

— Vejo que escolheu a segunda opção.

— Sim. Escolhi.

— Muito obrigado, Mary. Seu perdão valeu mais que qualquer coisa que conquistei na minha vida. Eu poderia estar pobre e todo lascado, mas se tivesse seu perdão já estaria satisfeito.

— Fiz por nós dois e sabe disso. Agora me conte por que me trouxe aqui.

— Tudo começou aqui, entre a gente.

— Sim. — Assinto.

— Fechar um ciclo. Uma certa garota de cabelos cor de lama me ensinou sobre fechar ciclos antes de seguir adiante.

Dou um sorriso; ele se levanta e senta ao meu lado no divã. Toma minhas mãos nas dele.

— Muita gente no seu lugar teria mandado eu me foder, cortaria a relação com Alice e Candice e mandaria surrar o Ryan.

— Talvez eu seja tola demais.

— Ou com o coração enorme que não caiba um sentimento tão ruim como a raiva e rancor. Você perdoou sua irmã, ainda suporta a Candice e me deu inúmeras provas de que me ama acima de qualquer coisa que eu tenha feito. Como posso não agradecer todos os dias por ter te encontrado, Marianne?

— Apenas demonstre também, Sawyer. Quero ouvir sempre que possível e quero sentir também sempre que necessário, todo amor que sente por mim.

— Não me cansarei de demonstrar. — Ele se curva, me beija e quando se afasta, está com um sorriso muito agradável, quase de alívio.

— E não poderia me desfazer desse lugar.

— Não mesmo.

— Concorda que é muito importante para mim?

— Concordo.

— Portanto, é seu.

— Meu? O que? — Meu coração começa a disparar.

— Tudo. — Ele abre os braços mostrando o consultório.

— O que? Está me dando seu consultório?

— Não meu consultório. Estou te dando seu futuro escritório de designer.

Me levanto, olho ao redor e volto-me para ele já com minhas duas mãos na boca. Totalmente incrédula. Sawyer se põe de pé e me toma em seus braços.

— Está falando sério? — Minha voz estridente o faz rir.

— Você fica linda com os olhos saltados. Nunca falei tão sério, Marianne. É um lugar caro e tenho certeza que Candice não pensará duas vezes antes de querer se mudar para cá.

— Sawyer, Amor! — Eu pulo no pescoço dele — Obrigada! Meu Deus! Obrigada. Candice vai enfartar quando souber.

— Nem cogitou recusar?

— Sawyer, é uma ala completa de um prédio de luxo no Upper East Side. Achou mesmo que eu iria recusar?

— Graças a Deus! — Ele rir e me abraça enchendo de beijinhos meu rosto.

— Caralho! — Grito rindo mais que hiena no cio. Passo a mão no divã, na poltrona, vou até o outro lado, giro no meio do consultório admirando tudo como se nunca tivesse entrado aqui. Sawyer parado sorrindo assistindo a cena. Volto correndo para ele.

— Sawyer, eu queria te matar quando te conheci e foi um babaca me oferecendo terapia. Mas, quem diria, que aquela Marianne que entrou aqui toda travada, um dia seria dona do terapeuta gostosão e de todo esse andar? isso é surreal!

— Eu não acreditaria. — Sawyer morre de rir e volta a me segurar. — Mas hoje é tudo da Marianne não-mais-travada.

Fico na ponta dos pés e beijo muitas vezes o rosto dele.

— Já que estamos aqui, o que acha de fazer uma visitinha no estúdio e escolher um lugar para foder? — Ele propõe.

— Aaaah! Sim! A sala de massagem, amor! Por favor a sala de massagem! E depois o quarto

de espelho. — Pulo feito uma coelhinha. Uma tarada coelhinha. — Diz que sim, Saw! Faz uma massagem em mim e depois vamos para o quarto dos espelhos.

Ele finge pensar um pouco, se afasta de mim, coloca as duas mãos nos bolsos da calça e finge pensar. Vira-se nos calcanhares e não consegue esconder o sorriso.

— Você acaba de ser sorteada com a última sessão de terapia do doutor Graham, não surte, vai gozar muito terapeuticamente e foder até cair exausta como remédio para sua euforia.

— Ahhh! — Grito rindo e volto a pular nos braços dele. — Será que tem algum problema com os bebês?

— Tem nada. A única coisa que vai acontecer é que vou atormentá-los um pouquinho com a cabeça do meu pau cutucando a bolha onde eles moram.

— Se chama útero, Sawyer.

— Que seja. É uma bolha. Venha logo. — Ele me pega nos braços e caminha para o estúdio. — Estou louco para te massagear e depois te comer

PERIGOSAS

bem gostoso fazendo você me ver te cavalgar pelos
espelhos.

— Sabia que me casei com o cara certo.

NACIONAIS - ACHERON



VINTE E SETE

Sawyer

Marianne se despiu, eu também me despi, ficando apenas de cueca e ajudei ela a se deitar na mesa de massagem. Algemei os braços dela nas correntes suspensa e me posicionei atrás de sua cabeça, e lhe dei um beijo nos lábios, como o que ela tinha me dado na primeira vez que me beijou, sem que eu pudesse fazer nada.

— O troco veio. Demorou, mas veio. — Sussurro. — Agora vai experimentar o que é uma boa massagem ara deixar de pernas bambas.

— Faça o seu melhor, doutor. — Ela ri.

Pego o óleo de aloe vera e começo no lado de cima, espremendo o frasco nos braços dela.

— Adiado o momento de tocar minhas pernas, senhor Graham? — Ela indaga como eu a perguntei no dia que fez a massagem em mim.

— Sim senhora. A parte de baixo será a melhor, deixarei por último.

Esfrego uma mão na outra e começo a espalhar, delicadamente o óleo percorrendo toda a extensão do braço. Repito o mesmo procedimento no outro. Faço isso demoradamente, acariciando cada braço e voltando para os ombros, sem seguida, o pescoço.

Marianne, sorri de olhos fechados.

Ela ama uma boa massagem. Quase todos os dias a noite, fica no meu pé implorando por ao menos trinta segundos de amasso em suas costas ou pés.

Jogo óleo nos seios, esfrego minhas mãos uma na outra, e, suavemente começo a massagear de cima para baixo.

Mary está cada dia mais bela em seu novo corpo de grávida. Os seios estão maiores, mais cheios e apetitosos. O ventre arredondado em uma perfeita forma que mostra nossos bebês em desenvolvimento.

Cada momento é tão perfeito que as vezes gostaria de voltar e reviver tudo novamente. Como ontem, que senti, pela primeira vez, os bebês mexerem na barriga.

Marianne geme baixinho quando minha mão melada de óleo beira seus mamilos, mas não os tocam. Estou apenas nos arredores, massageando sem pressa os seios dela.

Quando enfim pinço os mamilos com meus dedos, ela sorri e ergue um pouco o torso da mesa, gemendo baixinho com o prazer alcançado.

— Gostou disso?

— Adorei.

Continuo fazendo macios movimentos nos seios dela, deixando-a mais arrepiada a cada carícia. Mas não demoro nessa parte, jogo mais óleo no ventre e agora é hora da barriga. Marianne acabou de completar quatro meses e como é

gestação de gêmeos, ela já está consideravelmente grande.

Percorro minhas mãos pelos lados, nas costelas, até chegar ao centro, no umbigo. Apertando com os dedos, desço até a base do ventre e volto mantendo a mesma pressão para o estomago. É delicioso sentir a pele macia sob meus dedos, veneração seria a melhor palavra para descrever, todo o desejo que tenho por ela.

— Meu Deus. Tenho um massagista em casa e não aproveito como deveria. — Ela diz.

— Não vai se acostumando. Eu sempre cobro algo em troca nas minhas massagens. — Alerto-a.

— Te dou o que quiser. Nem precisa barganhar. Agora, pare de falar e prossiga.

Não me prolongo na parte de cima. Empurro as pernas dela, abrindo um pouco e com bastante óleo, vou dos pés aos joelhos massageando e em seguida nas coxas.

— Aqui, não usaremos óleo. — Dou um leve tapinha na boceta dela.

— Ah... Saw. — Ela geme.

— Aqui farei outro tipo de massagem. — Nem vou demorar nas pernas, estou salivando querendo ter seu gosto em minha boca.

Para cumprir o que acabo de dizer, deixo o óleo de lado, seguro cada uma de minhas mãos em uma coxa dela e passo minha língua devagar por toda a boceta. Marianne geme e espera por mais, entretanto, não repito. Com as mãos ainda meladas pelo óleo, começo a massagear devagar ao redor encostando nas bordas e deixando-a mais ainda excitada.

Meu polegar passa suavemente pelas dobras, indo suavemente até quase entrar, voltando em seguida.

— Ahhnmm... — ela geme. Inclino-me, passo a língua mais uma vez e sentindo seu gosto explodir eroticamente em minha boca junto com o gosto do óleo de massagem. Meu pau vibra na cueca. Meu corpo todo se arrepiar e preciso, sinto a necessidade de fazer ela convencionar de prazer.

Ver Marianne se contorcer em minhas mãos, me dá um tesão do caralho, e por isso, foco na massagem íntima deixando sua boceta tão ensandecida e latejante que quase faz com que eu

NACIONAIS - ACHERON

perca o controle e caia de boca. Todavia, quero provoca-la aos poucos.

Enfio um dedo na boca, chupo e faço uma sutil carícia antes de ir aos poucos penetrando-a. Marianne geme e sacode os braços, meu dedo vai todo até o fim e volta na mesma lentidão. Repito esses movimentos várias vezes, indo e voltando girando em seguida quando ele se encontra lá dentro e mantendo o clitóris bem cuidado com o polegar.

— Sawyeeerr! — Ela arrasta meu nome, num gemido delicioso de ouvir.

— Diga, meu amor...

— Caramba. — Ela sussurra. — Que delícia. — Mexe os braços nervosamente e ergue o corpo da mesa. — Ahhh. Sawyer!

— Calma, ainda nem começamos.

Mantenho novamente as pernas dela abertas e passo a língua de cima a baixo por toda a boceta. Dessa vez repito o movimento. Na primeira lambida ela ondulou sorrindo. Na segunda ela gemeu louca por alívio, e quando lambi novamente a terceira vez, o rugido de Marianne me fez rir, da

terceira vez eu coloquei dois dedos em seu macio interior, fodendo-a demoradamente, e minha língua indo e vindo movendo-se numa sincronia boa, contra sua boceta que ficava cada vez mais deliciosa, quente, úmida.

— Goze Mary, goze na minha boca. — Pedi e não me retirei; segurando uma perna dela, mantive meus dedos fodendo-a de maneira delirante e meus lábios ajudando, chupando e soltando, sorvendo como se fosse uma deliciosa fruta.

Marianne se esvaiu em gozo, gritando meu nome, me fazendo vibrar trincado de tanto tesão.

De olhos fechados, ainda recuperando o folego, ela estava mais sensual do que alguém que se empenha a ser sensual. Marianne estava natural com seus cabelos soltos e estava me deixando encantado, mais apaixonado e fodidamente excitado.

Liberto os braços dela e a puxo para mim. Marianne se senta na mesa de massagem e me abraça.

— Sabe que a partir de agora, terá que me fazer sempre essa massagem abençoada, não é? — Humorada, ela indaga, ainda com a respiração entrecortada.

— To fodido, terei que me profissionalizar como massagista.

— Iria ganhar uma fortuna fazendo massagens, mas eu não iria gostar nada disso e iria te denunciar.

— Que maldosa! — Ajeito os cabelos dela.

— Não quero nem sonhar com meu homem por aí massageando pernas alheias. Tem que se contentar com esse corpinho aqui pelos próximos, deixe me ver... sessenta anos.

— Caralho! Ainda bem que é um copo de respeito. Sessenta anos é tempo suficiente para eu venera-lo. Depois desse tempo partimos para outros corpos?

— Não. Depois desse tempo não aguentaremos nem andar direito. Apenas os fisioterapeutas terão livre acesso a nossas pernas pelancudas.

Pego-a no colo e caminho para fora da sala
NACIONAIS - ACHERON

de massagens.

— Credo, já estou vendo, eu com mais de oitenta anos tentando agredir com minha bengala, os fisioterapeutas que ousarem tocar na minha velhinha entrevada.

Nós dois gargalhamos.

Chego ao quarto dos espelhos, coloco Marianne na cama e me deito devagar por cima, me aconchegando de um jeito confortante. Ela me abraça; está uma delícia, nua e melada de óleo.

— É estranho. Da última vez que transamos aqui, você praticamente me atropelou. — Ela fala, toda manhosa. — Agora, está todo gentil me deitando com cuidado.

— Espere só esses dois garotos desocuparem a vaga aí na sua barriga, vou te mostrar o que é atropelamento de verdade.

— Me beije doutor Sawyer Graham. — Ela pede, os olhos sensuais, com brilho divertido.

— Com prazer Marianne Graham.

Nesse momento, quando abaixo para beijá-la, acontece como sempre aconteceu e vai

acontecer: O mundo para e tudo a nossa volta é inexistente. Marianne em meus braços é o que importa, e tudo que necessito está aqui: ela, meus filhos e todo nosso amor. Não tem erro de agora em diante, basta seguir as prioridades que tudo ficará bem.

Fizemos amor docemente no quarto de espelhos, no quarto em que transamos pela primeira vez como Marianne e Sawyer e não como doutor e paciente. Aqui eu a beijei loucamente e a amei sabendo que não poderia mais largá-la: caralho, largá-la como? Era a porta para minha felicidade, para a minha redenção.

Não achei que seria tão excitante e intenso nos ver pelo espelho, nos amando devagar, diferente das outras vezes que estivemos nesse estúdio. Mary está cada dia mais linda, com sua barriga mais redonda, me dá orgulho e alegrias enorme olhá-la.

É o fim de um ciclo para o grande terapeuta das estrelas, termino aqui, com chave de ouro, meu legado construído em torno dos sete anos. Saio com um imenso aprendizado, e com um presente mais precioso que qualquer fortuna que eu pude ganhar

aqui dentro: Mary e meus filhos são os maiores frutos que esse consultório poderia me dar.

Posso olhar para o divã, a poltrona, o estúdio, a sala de recepção e sorrir aliviado e agraciado, dar um adeus sincero a tudo isso, pois como eu já tinha dito a Mary, não me arrependo do que fiz no consultório e de ter me transformando em Sawyer Graham, pois foi através disso que eu a ganhei para mim.



VINTE E OITO

PARTE 01

Marianne

Candice gritou horrores festejando pelo novo endereço do nosso escritório.

— Agora nós vamos pra frente Mary. Meu Deus, amiga, ter casado com ele, enfim trouxe um benéfico.

— Para com isso. está sendo muito materialista.

— To sendo verdadeira. — Ela traz duas xícaras de café e me entrega uma. Senta-se na
NACIONAIS - ACHERON

poltrona, na minha sala da empresa. — Será que ele ainda tá com ódio de mim, por você ter saído escondida e desmaiado na loja?

Provo o café. Muito doce.

— Acho que não. Está tudo bem comigo, ele só ficou mais paranoico com minha segurança. Agora mesmo, me trouxe aqui e disse que vai vir me buscar. Sawyer não faz mais nada da vida dele, só ficando atrás de mim.

— E como está com o médico gostoso?

— Preston? Pura maravilha.

— Safada!

Pego um pedaço de papel, amasso e jogo nela.

— Safada nada, me respeita. Sou uma mulher casada.

— Até parece. Nós casadas não estamos mortas Marianne. E aí? Como está sendo para se consultar com Preston gato?

— Sawyer vai comigo em todas as consultas, mas antes fica de bronca um dia antes, não dá uma palavra comigo, fica rude e de cara

amarrada. E quando chega n o consultório, fica lá, de cara fechada, creio que eu, tentando intimidar o doutor.

— Graham com ciúmes, eu tinha que ver isso. Me mande foto da próxima vez.

— Ele é pirado. Candy, acredita que o Nelson deu um consolo de borracha para mim...

— O que? Nelson te deu um pênis? Que história é essa Marianne?

— É. Veio num kit no presente de casamento.

— Ah, entendi. E aí?

— Sawyer pirou. Ficou ofendidíssimo com o pinto de borracha.

Candice quase deixa a xicara cair, estatelando de tanto rir.

— Mentira? — Ela se controla nas risadas.

— Sério. E um dia desses eu chego em casa e havia um cheiro estranho no nosso quarto e vinha da lareira. Acredita que ele jogou o pau de borracha no fogo?

— O homem enlouqueceu?

— Estava com muita raiva e não queria competição com o dele. Dizendo que o dele é o único que poderia existir no lar.

— Pirado total.

— Segunda que vem é consulta de rotina do pré-natal. Eu queria ir sozinha, sabe? Sawyer é o único que fala. Ele fala o que estou sentindo para a médica, fala quanto estava minha pressão, se ela pergunta se estou alimentando bem, ele que dá toda a minha rotina. Eu nem abro a boca.

Viro todo o café na boca e deixo a xícara de lado.

— Ah não, Mary. Você precisa de um tempo a sós com ela, conversa de mulher, sem ele.

— Eu já disse, mas ele não quer ouvir. Cismou que eu vou esconder coisas dele.

Candice pensa um pouco e logo em seguida dá um pulo.

— Já sei: ligue pedindo para adiantar a consulta. Assim, você vai sem ele saber.

Olhando para ela, penso nessa hipótese. Pode dar certo. Amanhã cedo ele tem reunião na

administração do hotel com investidores, se a doutora remarcar para amanhã seria perfeito.

— Pode ser uma boa ideia. — Digo.

— Ligue pra lá, tente. A preocupação dele é válida, claro, mas quando passa dos limites, você tem que se impor.

— Com certeza. — pego o celular e ligo. E como eu imaginava, consegui. Remarquei. Meu coração até disparou muito acelerado, como se eu estivesse prestes a fazer uma traquinagem.

Trabalhei normalmente, ele veio me buscar as cinco em ponto e eu agi como se fosse a melhor grávida obediente do mundo. Sawyer sorrindo de orgulho de mim.

Tivemos uma noite ótima, Lucy deixou sopa de legumes para a gente; jantamos, assistimos e fomos dormir.

Foi difícil, mas não impossível fugir do olhar protetor de Sawyer. Eu enganei meu marido e isso não me deixou arrependida. Eu preciso de uma

consulta sozinha, sem ele perto fazendo um questionário para a médica. Ele nem deixa eu abrir a boca, parece que sou uma criança que não sabe falar nada. A doutora, claro, fica abobalhada pela dedicação de Graham.

Ele marcou uma nota no celular dele para o dia da minha consulta, mas eu fui mas rápida, claro. Quando liguei ontem remarcando, pedi que qualquer coisa ligasse para mim apenas e não para o escritório dele como ela fazia as vezes.

Já estou quase no sexto mês de gestação e ainda não tive vontade própria nessa história toda. Preciso mesmo de um tempo para mim e minha gestação. Longe da opressão que Sawyer aplica em todo mundo.

Sei que é uma gravidez de risco, mas ele quer que o mundo se adeque a mim apenas.

Fiquei na cama fingindo que estava dormindo, ouvindo ele caminhar pelo quarto se arrumando para sair. As oito ele veio, me deu um beijo e sussurrou dizendo que estava saindo. Abri os olhos momentaneamente, sorri e disse tchau. Assim que Sawyer saiu, eu me levantei e arrumei na velocidade da luz. Uma velocidade em câmera

NACIONAIS - ACHERON

lenta, pois estou muito pesada pra ficar correndo.

Desço as escadas, e acabo de me lembrar que ainda tem Lucy.

Ela me olha meio curiosa, com os olhos semicerrados.

— Vai sair, Mary?

— Vou sim. Não se preocupe. Candice está lá embaixo me esperando.

— Sawyer não me disse nada. Ele pediu que servisse seu café quando acordasse. De preferência no quarto.

— Ele não precisa saber, Lucy. O que temos para comer?

— Quer que eu prepare algo?

Ela ainda me olha desconfiada, de olho no envelope de exames em minha mão. Lucy sabe que nunca vou sozinha a consultas, então ela não pode sonhar que estou indo a uma consulta.

— Não. Isso aqui dá. — Aponto para a bancada com pães frescos, bolo e suco. Sob o olhar atento da minha governanta, eu começo a comer. Impressionante, estou acordando faminta

ultimamente.

— O que eu digo a senhor Graham se ele voltar antes?

— Diga que eu fui ser livre. Ele está me deixando sufocado. Mas fique tranquila, eu volto antes. Meu compromisso é rápido, portanto não precisará falar nada.

— Mary, por favor. Já vimos esse filme dias atrás, você foi parar no hospital. Você precisa ouvir as orientações médicas e ficar em repouso. Eu posso ser demitida por deixar você sair sozinha.

Mastigo devagar, bebo o suco em goles longos e olho para ela.

— Em primeiro lugar, não são orientações médicas e sim orientações de Sawyer, segundo que ninguém vai te demitir e terceiro, como já disse, não estou sozinha. Candice está me esperando.

— E por que ela não subiu?

Pega na mentira. Olho com surpresa para a mulher de braços cruzados e olhos especulativos a minha frente. Ela e Sawyer parece ser da mesma família.

— Escute, Lucy, vou lhe contar. Eu estou indo a clínica da doutora Meredith.

Ela arregala os olhos.

— Está sentindo alguma coisa?

— Não. É consulta de rotina. Eu remarquei para poder ir sozinha sem a companhia do meu marido desesperado.

Me levanto rápido, pego a bolsa e antes de sair viro-me para ela.

— Não ouse ligar para ele. Sawyer tem uma reunião superimportante e você não vai interrompê-lo.

— Marianne, eu poderia ir com você...

— Faça um almoço delicioso e ficarei satisfeita. Dou uma piscadinha para ela e praticamente corro para o elevador.

Candice não está me esperando porcaria nenhuma.

Para não abusar muito pego um taxi. Minha barriga está grande e já estou cometendo um delito em sair sozinha. Cometer dois, dirigindo, seria muito.

Radiante de felicidade e não muito elegante, entro no consultório da minha obstetra. A sala de espera está mais ou menos cheia. Há vários casais, e outras mulheres sozinhas. Vou ao balcão, informo minha presença a secretaria e sento ao lado de uma jovem. A grávida que estava ao lado dela acabou de levantar e entrar no consultório. Eu serei a próxima.

— Oi. — Cumprimento a jovem ao meu lado. Ela me olha e não parece me reconhecer, como muitas conhecem quando estou na rua.

— Oi. Está bem grande, não é? — Ela aponta para minha barriga.

— Gêmeos. — Revelo inflada de satisfação.

— Gêmeos? Que legal.

— É. São dois meninos.

— Que lindo! Tomara que sejam idênticos, não é?

— Assim espero. E você? está com quanto tempo?

— Não. Não estou grávida. Vim acompanhar minha irmã. — Ela aponta para a

porta do consultório onde a mulher grávida tinha entrado.

Eu assinto e deixo-a em paz lendo a revista.

Olho meu celular, verificando apenas se tem ligações. Depois guardo na bolsa e fico parada sem fazer nada, apenas esperando. Os minutos se arrastam e eu prego meus olhos em uma matéria em uma revista.

A jovem do meu lado está também com uma revista aberta e começou a bater papo com outras duas mulheres perto dela. E em poucos segundos detecto sobre o assunto que as mulheres cochicham. A revista na mão de uma delas tem uma propaganda do programa de televisão de Sawyer que vai estreiar. Ele está deslumbrante em uma foto, sentado em uma poltrona perto de um divã.

A jovem eufórica começa a elogiar os atributos do meu marido e eu não resisto e entro na conversa.

— Ele é lindo não é?

Ela vira-se para mim. Um sorriso largo. Como se eu tivesse acabado de apoiá-la em uma

causa humanitária, tipo sendo mais um aderente às ideias dela.

— Lindo é apelido. Esse cara é um fenômeno da natureza.

— É, eu sei. — Digo toda orgulhosa. — Mas ele já está fora do mercado. Se casou.

— Pois é. É uma pena. Dizem que ele fazia coisas maravilhosas nas terapias. É um azar eu não ter tido tempo de juntar grana o suficiente e ir marcar uma consulta com ele.

— É mesmo uma pena. Ele era ótimo. — uso um tom de falsa revoltada nostálgica.

Isso causa interesse na mulher.

— Você já foi paciente dele? — Quando ela pergunta, com um ar surpreso, as outras mulheres ao redor olham com expectativa. Dou um sorriso esnobe antes de responder.

— Na verdade sou esposa dele. Mas sim, já fui paciente.

Quando eu revelo, muito orgulhosa, ela me mede de cima a baixo, com muita incredulidade. Os olhos arregalados e a boca aberta.

— Você é esposa de Sawyer Graham?

Quando ela pergunta, com uma voz meio estridente, os outros da sala olham para mim. Mantenho uma pose antes de responder.

— Sim. Nos casamos a uns cinco meses atrás.

— Bem que eu te reconheci de algum lugar, mas não quis falar. — Uma das grávidas diz.

Outra mais incrédula questiona:

— E por que ele não está aqui com você. — Ela me olha torto, como uma investigadora, esperando me pegar na mentira.

Ainda muito calma, dou de ombros.

— Sawyer está muito ocupado com a construção do hotel. Hoje ele tinha reunião importante.

— Sei. — Ela diz esse “sei” um tanto cínica. Mas não tenho como retrucar. A secretaria me chama. E eu dou um rápido tchau para elas.

Eu entro e a médica me espera com um sorriso. Ela olha para trás de mim esperando mais

alguém e fica meio séria quando não vê o homem bonito que sempre me acompanha.

— Oi doutora. — Cumprimento e me sento.

— Você adiantou a consulta. Está tudo bem?

— Sim. eu apenas precisava vir sozinha. Sem aquele ser perguntador que sempre me acompanha.

— Deu um bolo no seu marido?

— Sim. Ele está me sufocando doutora. Preciso de um tempo. Quero uma conversa apenas entre mulheres.

Ela sorri e assente.

— Sei como é. Vamos começar então sua consulta. Me pergunte o que quiser.



VINTE E OITO

PARTE 02

Marianne

Foi a melhor consulta de todas. Foi agradável, descontraída. Nós duas rimos, falamos de assuntos de mulheres, falamos mal dos maridos e ouvi agradáveis elogios sobre minha gestação. Está tudo bem comigo. minha pressão está controlada, meus exames ainda estão um pouco instáveis, mas nada alarmante, e os meninos em perfeito estado.

Recebi algumas receitas com

algumas vitaminas que ela me receitou e mais pedidos de exames para a próxima consulta.

Saí sorridente do consultório, sendo acompanhada pela médica. Mas rapidamente meu sorriso morre nos lábios. Quando olho para a porta quase tenho um infarto. Sawyer acaba de entrar furioso como um búfalo. Despeço da medica e a secretaria chama outra paciente.

Ele vem em passos ameaçadores em minha direção.

— O que pensa que está fazendo? — Ele pergunta rangendo os dentes. Olho por cima dos ombros dele e vejo todos na sala prestando atenção na gente. A jovem que não acreditou em mim está perplexa. Volto meu olhar para ele. Está um gato vestido formalmente, com terno preto muito bem cortado e sem gravata. Sawyer tem problemas com gravatas. Eu já dei milhares, mas ele ainda mantém a distância desse acessório. Disse que um dia vai começar usa-las; quando for mais prestigiado no mercado hoteleiro.

— Me consultado. — Respondo com calma e petulância.

— Por que fez isso, Marianne?

— Vamos conversar em casa, Sawyer. Você já chama atenção sem abrir a boca. Eu precisava vir sozinha.

— É? Para tentar mascarar as recomendações médicas? Por que está agindo assim? não se preocupa com a saúde sua e dos nossos filhos. Tem ideia do que uma teimosia sua pode fazer?

— Sawyer, pelo amor Deus! Eu apenas vim sozinha em uma consulta. Não estava em uma competição de triatlo.

— E por que teve que vir sozinha? — a gente já tinha planejando a consulta, mas você como uma criança, desmarcou agindo de uma maneira inconveniente. Você precisa entender que eles também são meus filhos, que você é minha esposa e não pode tomar decisões sozinha.

— Sawyer. vamos embora. Estamos em um lugar público. Nada de vexames por favor.

Eu saio de perto dele. Meu marido furioso me acompanha, segura minha mão praticamente me arrastando para fora. Dou um

rápido tchauzinho para a jovem que me olha perplexa.

Dentro do carro estamos calados e o ar é pesado. É quase insuportável para mim ver ele tão furioso comigo. Odeio quando brigamos. Na verdade, hoje nem estamos brigando, ele que está agindo de forma patética.

Olho de relance e vejo os nós dos dedos dele, brancos de tanta força que ele está usando para apertar o volante.

Exalo revoltada e um pouco arrependida. Sei que ele está fazendo isso tudo apenas por medo de algo acontecer. Eu devia apreciar o quando Sawyer cuida de mim, mas as vezes ele me sufoca muito.

— Como descobriu onde eu estava?

— Era para eu não descobrir?

— Não. Não estava fazendo nada errado. Por isso avisei a Lucy para onde eu estava indo.

— Minha reunião foi adiada para amanhã. Você tem noção do quanto você prejudicou Lucy?

— Eu? Por que?

— Eu vou ter que demiti-la.

Aterrorizada, eu o encaro. Sawyer mantém sua expressão rude, o maxilar tensionado.

— Você não é louco. Eu sou a culpada, ela não pode segurar uma mulher adulta dentro de casa.

— Mas ela poderia ter me ligado avisando o que você estava aprontando.

— Eu pedi a ela que não fizesse isso. Meu Deus! Sawyer, relaxe, está tudo bem.

— Não está. — Ele nem olha pra mim. Continua prestando atenção à sua frente.

— Eu vou te contar em detalhes tudo sobre minha consulta.

— Não quero saber. Não de sua boca.

— O que? Ficou louco?

— Fiquei. — Ele grita enraivecido me encarando com ódio. — Como acha que eu posso confiar em você, quando tudo que faz é tentar desobedecer às ordens médicas?

— Eu? Você está louco.

— Sim você. Mesmo comigo presente nas consultas, você ainda tenta burlar tudo. Esse assunto morre aqui, Marianne. Vamos para casa e de lá você não sai tão cedo. Vou ter uma conversa séria com Lucy, por ela ter te deixado sair contra as ordens médicas.

— Esse assunto ainda não acabou Sawyer. — Berro — Vai me prometer agora que deixará a Lucy fora de nossas encrencas.

Ele não fala nada continua dirigindo concentrado com a cara amarrada.

— Sawyer. Estou falando com você.

— Você não tem crédito para pedir favor algum Mariane.

— Não estou pedindo. Estou mandando. Eu também moro naquela casa, você é meu marido e tomamos decisões juntos.

Putá merda. Acabei de dar munição para ele me atacar novamente.

— Tomamos decisões juntos?

Como pode ser tão contraditória? Fala uma coisa e faz outra. Por hoje Marianne, você não apita nada naquela casa.

— Pois demita ela. Que eu a contrato novamente. Será até melhor, ela será minha funcionaria e agirá segundo meus termos. É guerra que você quer querido? pois guerra teremos.

Ele não responde. Está bufando de ódio. Rangendo dentes, mordendo a língua. Quase arrancando o volante.

Eu apenas dou de ombros e pronto. Nos calamos até chegarmos em casa. Saio rápido do carro sem esperar ele me acompanhar. Dou olá para nosso porteiro e corro para o elevador. Sawyer me acompanha quando as portas se abrem. Ele segura no meu braço e me empurra para dentro.

Ficamos como dois estranhos, ou melhor, dois inimigos dentro do elevador. Ele ainda me segura possessivamente pelo cotovelo e quando a porta se abre eu saio enlouquecida. Ele vem atrás de mim, posso ouvir seus passos como pegadas de tigre, além de sua respiração descompassada. Lucy vem correndo para nos receber.

— Sr. Graham...

— Meu escritório. Agora.

Ele passa por ela e como uma serva medrosa, Lucy, o segue correndo. Eu queria gritar para ela: “Fique tranquila Lucy, esse cachorrão só late alto, não morde”. Entretanto, me contive e corri para a cozinha, para espiar as panelas. Estou faminta e quando estou faminta nem ligo para o fato de meu doce maridinho estar pirado tocando o terror por aí.

Ela fez bife role. Comemoro e saio da cozinha para ir me refrescar. Tomo um rápido banho e quando saio do banheiro, Sawyer está no closet se trocando. Ele está vestindo uma bermuda. Entro e vou para meu lado. Escolho uma calça de algodão e uma bata. E como ele ainda não saiu do closet eu tenho que ter a difícil missão de me equilibrar, vestindo uma calcinha por baixo da toalha.

Ultimamente estou criando receio de me trocar na frente dele; acho que Sawyer nem percebeu minha relutância. Ao passo que vou ficando maior, mais eu me resguardo. Sem falar que estamos brigados e não quero ele me olhando.

NACIONAIS - ACHERON

De soslaio, vejo como ele está fantástico, no auge da beleza máscula. Sawyer malha sempre na academia de Rick e ainda corre quase todas as manhãs. Segundo ele, quando eu ganhar os bebês, irei acompanhá-lo nos exercícios.

Ele está concentrado procurando uma camiseta. Nunca mesmo que vou vestir calcinha na frente de um homem com raiva de mim.

— O que está fazendo? Ficou louca?

— Sawyer corre e me segura quando me desequilibro firmando meu peso em uma perna só.

— Estou me vestindo.

— E por que está assim? tire a toalha e use as duas mãos.

— Saw...

Ele nem espera eu falar. Arranca a toalha que está enrolada em mim e segura a calcinha na minha frente, como se eu fosse uma menininha e não soubesse vesti-la.

— Sawyer! — cubro meus seios.

— Segure no meu ombro e coloque uma perna de cada vez.

— Eu não...

— Depressa Marianne.

— Tudo bem. eu me sento. —
Tomo a calcinha da mão dele e sento no divã. Ele pega a camiseta e sai mais furioso ainda.

A tarde eu fico sozinha com Lucy. Ele não a demitiu. Graham sabe que quando eu falo uma coisa eu prometo, deve ter ficado com medo de perder uma grande aliada dentro de casa. Lucy é avó, e como tal, age como se eu fosse sua netinha.

O almoço foi fantástico. Comi e repeti (tenho que me alimentar por três) e nem liguei para minha gula na mesa. (sim, Sawyer insiste para que nossa comida seja servida na mesa da sala de jantar. Ele diz que eu não posso ficar desconfortável no banquinho do balcão da cozinha.)

Ele mal tocou na comida, eu podia ver que estava louco para saber dos exames e da minha consulta, e assim que subimos para o quarto ele deitou-se comigo. Não nos tocamos. Ele dormiu por uns trinta minutos e depois se levantou dizendo

que tinha que resolver uns assuntos.

E agora me encontro sozinha em casa, lendo na poltrona do escritório. Lucy acabou de sair, me trouxe um chá gelado e jurou que não foi prescrição do Doutor Graham.

Eu nem vi o momento que caí em inconsciência. Só acordo bem mais tarde, com a sala escura, e braços fortes me rodeando. Olho para os lados e vejo a porta a minha frente. Estou em movimento. Encosto a cabeça em algo solido e percebo então que estou sendo carregada nos braços.

Sawyer sobe as escadas comigo e entra no nosso quarto me depositando sobre a cama. Olho para ele que senta perto de mim.

— Oi. Que horas são? — Pergunto ainda sonolenta.

— Seis e meia da tarde. Continue dormindo.

— Ainda está zangado comigo?

Ele acaricia meu rosto e dá um sorriso.

— Não mais.

Levanto a mão e acaricio os fartos cabelos negros dele.

— Seus picos de raiva são uma lastima meu amor. Não dura nem vinte e quatro horas.

— Apenas com você, não consigo ficar tanto tempo irritado com minha barriguda teimosa. Além do mais, minha fúria se aplacou depois que refiz a consulta.

— O que? — Sobressalto sentando-me na cama. Onde você estava, Sawyer? O que você fez?

Essa é boa. Eu sou a grávida e ele foi se consultar sem mim?

— Achou mesmo que eu iria ficar fora disso, Mary? Lucy me deu a ideia. Eu liguei no consultório e a Dra. Meredith aceitou me receber.

— Você voltou lá? — Sussurro horrorizada. Completamente petrificada. Ele não conhece limites.

— Sim. ela foi muito gentil comigo.

— Claro que foi. — Respondo com mal gosto. Aquela safada adora dar uma olhando no meu homem na minha frente, sozinha com ele deve ter se esbaldado com essa visão maravilhosa. — Por que fez isso? Não confia em mim?

— Você poderia esconder coisas para não me preocupar. A doutora me contou detalhes sobre a consulta de agora cedo. E me deixou até mesmo ver seu prontuário, com seus exames mais recentes.

— Ela deixou?

— Sim. ela acha que sou terapeuta e devo entender alguma coisa. Mas foi legal, ela me explicou sobre seus exames que ainda estão altos, me pediu para continuar monitorando sua pressão e manter você no mesmo regime.

— Regime militar você quer dizer ne?

Ele sorri e inclina-se para frente. Dá um beijo nos meus lábios e afasta um pouco.

— Nossas caminhadas matutinas vão continuar, os horários de alimentação também. A médica pediu para que eu controle seu sono.

Sempre dormir no mesmo horário e ter no mínimo seis horas de sono por noite. Pedi a Lucy que controle o sal na comida e retire por enquanto qualquer tipo de comida gordurosa.

— Prisão militar seria mais agradável Sawyer. O que é isso? punição?

— Prevenção meu amor. Você tem cabecinha de vento. Foi o tempo em que era só você, quando comia o que quisesse na hora que quisesse e ia onde quisesse. Agora você tem que zelar por mais duas vidas além da sua.

— E você como um bom samaritano...

— Não. Não fale isso. Eu como seu marido e pai deles, estou me certificando que minha esposa tenha uma gestação tranquila e que nossos meninos nasçam com saúde.

Arrasto-me um pouco e enrolo meus braços no pescoço dele. Sawyer me abraça de volta. Aspiro o cheiro dele e fecho os olhos sentindo o conforto dos braços ao meu redor.

— Eu fui uma tola em ter aceitado me casar com você. Devia ter fugido como Candice

me instruiu.

— Sorte minha ter planejado meticulosamente meu pedido de casamento. Foi irrecusável não foi?

— Sim. Você joga sujo as vezes.

— E sempre ganho nesses jogos sujos.

Ele diz e sinto que ele sorriu. Afasto-me de seu peito e miro seus olhos.

— Deite-se comigo. — peço. Ele assente, tira o terno e os sapatos. Nos ajeitamos nos travesseiros, abraçados no conforto do corpo um do outro ficamos calados apenas nos sentindo.

Ele faz uma carícia no meu seio e eu corro meus dedos pelo braço dele.

— Então, me conte direito essa história de Candice ter te aconselhado a fugir.

— Pois é foi dois dias antes...

— Dois dias? — Ele repete incrédulo — que vaca.

Dou uma risada e levanto o rosto em direção ao dele para ganhar um beijo. — Cale-se e
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

deixe eu terminar de contar. Depois você pode amaldiçoa-la.

NACIONAIS - ACHERON



VINTE E NOVE

Sawyer

Eu posso ser visto como opressor ou ditador, por estar mantendo Marianne na linha, mas meu medo de algo acontecer é tanto que me faz transpassar todos os limites para protege-la. O que tiver ao meu alcance, farei.

Marianne acordou com a ideia de ir ver minha mãe. Irmos visita-la na clínica em Ohio. Eu não aceitei de jeito nenhum. Nem em um milhão de anos.

Meus motivos: Minha mãe poderia começar a falar merda, eu poderia me zangar e Marianne ficar tensa. Sem falar na viagem daqui até lá. Pedido vetado e mais uma vez ela ficou de cara amarrada. Eu liguei hoje para Kayla, ela está vindo semana que vem com o marido para resolvermos de vez a moradia deles aqui. Minha irmã também acha que não devo levar Marianne para ver nossa mãe.

Mary pode não compreender agora, mas depois saberá que foi melhor assim.

Ela está se arrumando para ir trabalhar, e eu sentado na cama só de cueca, observando-a. Com raiva por ela ter que ir trabalhar pela manhã, estando quase aos seis meses de gestação. Segundo a médica, a partir de mês que vem, se tudo estiver bem, já poderá realizar o parto, para evitar algo mais grave.

— Vai vir almoçar comigo? — pergunto.

— Olha, uma pergunta e não uma intimação.
— Ela debocha.

— Se não vier, eu irei almoçar com você. De um jeito ou de outro. Você decide.

— Que coisa. Posso decidir agora? Achei que você tomava todas as decisões aqui.

Me levanto, vou até ela, abraço-a por trás.

— Deixe de deboche. — Marianne me envia um olhar reprovador. Sorrio olhando para ela pelo espelho. — Te amo mais ainda quando está com essa carinha furiosa.

— Sawyer, você me cansa. Ontem já fez aquele teatro com a consulta, agora não quer aceitar que visitemos sua mãe...

— Eu sei o que estou fazendo. Aquela mulher é uma doente e não quero você perto dela pelos próximos meses. Não quando está com problemas na gestação.

Ela se vira nos meus braços ficando de frente para mim.

— Entendo. Mas relaxe um pouco pelo amor de Deus. Você está cada dia mais tenso.

— Vou ter todo tempo do mundo para relaxar depois que os bebês nascerem. Agora estou no modo cão de guarda e não posso mudar isso. É natural Marianne. Eu perdi muita coisa na minha vida, passei anos achando que minha irmã tinha morrido por minha culpa e inconscientemente eu te mantenho a salvo fazendo o possível e o impossível.

— Admiro muito isso em você. Mas as vezes me sufoca.

— Prometo afrouxar um pouco minha redoma de proteção. Dou um beijo nela. Marianne dá um mega sorriso feliz.

— Sério? Então aquela proposta de eu sair com Candice, Dakota e Kayla na noite das garotas...

— Nem pensar. — Adianto rapidamente.

— Sawyer! sua irmã está vindo e queremos ter ela enturmada...

— Podemos fazer isso todos juntos, Marianne. Deus me livre, não gosto nem de pensar em você sozinha com elas na noite de Nova Iorque.

Ela me empurra e volta a olhar para o
NACIONAIS - ACHERON

espelho, terminando de se maquiar.

— Você não tem o que permitir. Não é meu pai. Eu vou e pronto.

— Tudo bem. não disse que você não vai. Mas eu irei junto.

— É o que vamos ver. — Nervosa, se vira para mim. — só vamos comer uma pizza, droga!

— Uma pizza? — Berro horrorizado. — Você pode muito estar comendo essas coisas.

Marianne revira os olhos, passa por mim, pega a bolsa.

— Tchau Sawyer. Volto as onze e meia. Não desça de cueca, tenha respeito pela Lucy.

Me apresso, pego uma calça e desço vestindo-a. Marianne está conversando com Lucy na maior alegria.

— Bom dia Lucy. — Digo, vou até Marianne, puxo um banquinho e faço ela sentar. — Senta um pouquinho meu amor, a empresa não vai fugir.

— O que quer comer, senhor Graham? — Lucy pergunta.

Olho para o prato de Marianne.

— Uma omelete também. E suco.

— Lucy, ontem Sawyer e eu ficamos até tarde debatendo e estamos entre esses nomes: Jake e James, ou Scott e Stevan. O que acha?

— Gosto de Jake e Scott. — Ela está no fogão e se vira para a gente. — Ou tem que escolher o conjunto?

— Não necessariamente. — Olho para Marianne. — Jake e Scott. O que acha, amor?

— É algo a se pensar. Ainda prefiro Scott e Stevan.

— E eu prefiro James e Jake.

— Já sei. — Lucy fala. — Daqui uns meses, vão para um quarto, se tranquem lá e encomende mais dois garotos, assim poderá usar os quatro nomes.

— Ela está debochando da gente? — Mary pergunta.

— Ela está debochando da gente. — Eu confirmo, rindo em seguida.



Os dias foram passando num ritmo agradável. O frio caiu sobre Nova Iorque e com isso os programas domésticos ficaram mais agradáveis. Mary e eu passamos bastante tempo debaixo dos cobertores, assistindo, lendo, comendo mais do que o normal. Na época de frio, as pessoas sempre comem mais, e claro, transam mais.

Mary e eu precisamos nos reinventar a cada dia, para conciliar sexo com gravidez. Ela fica maior a cada dia que passar. E as previsões são de uns quilos a mais nas próximas semanas.

A posição que mais nos agrada é de ladinho e frango assado. Nem pra cavalgar gostoso, ela está disposta ultimamente. E interessante, os dias sem sexo nem me perturbam como eu achei que ficaria. Meu prazer maior é terminar o dia, ver Mary sorridente abraçada comigo assistindo alguma coisa.

No dia que Kayla chegou, Lucy preparou um jantar aqui na minha casa e eu convidei os rapazes, Rick e Dakota. Fora uma ótima reunião de amigos.

NACIONAIS - ACHERON

Até Candice fora convidada. Estávamos nos sentindo em final de série.

No dia da pizza com as garotas, Kayla me convencei a deixar elas irem sozinhas e prometeu ser minha aliada e ficar de olho em Marianne. Confiei nas duas e deixei meu pé atrás apenas em relação a Candice.

Eu estava com Rick e o Travis, marido de Kayla, tomando umas cervejas e esperando o tempo passar e as mulheres chegarem. Leo estava com a gente. Diz que não vai com minha cara, mas volta e meia está na minha casa; e nessa noite, estava mais solto que o costume, falando pelos cotovelos e me tratando como se eu fosse seu melhor amigo. No fundo, no fundo, acho que é isso que ele deseja.

Eu não estava ligado no papo dos caras, só pensava nas horas que estavam se arrastando e torcendo para que Marianne chegasse logo e eu verificasse que estava tudo bem.

A preocupação me corroendo era sem dúvida a pior sensação que eu estava experimentando. Ficar longe dela, sem saber o que estava acontecendo, me dava até frio na espinha.

Mas Rick alertou: — Está tudo bem, cara. Se algo tivesse acontecido, já saberíamos. Notícia ruim voa. — E graças a Deus ele estava certo. Meia noite e meia elas chegaram felizes radiantes, Candice e Dakota chapadas.

Aliviado, puxei Marianne e a abracei.

— Meu Deus, você demorou tanto...

— Foram apenas três horas Sawyer, que drama. — Ela deu um beijo na minha boca e se afastou. — Estou bem, veja.

— Não comeu besteira, não é?

— Comi não. — Encostou bem perto de mim e cochichou: — entretanto, mais tarde quero experimentar outra coisa...

— Marianne... — adverti.

— Xiu! Calado. As meninas falaram safadeza e eu estou com mil ideias. Vamos festejar a noite toda.

— Não senhora. Eu irei prescrever o que faremos, por quanto tempo faremos e quais posições usaremos. Sou seu terapeuta e deve me ouvir.

— Eu adoro meu terapeuta. — Ela deu um berro alto. Voltou para meus lábios e rosnou: — vou te devorar todinho mais tarde, safado.

E eu que sou chamado de safado.



TRINTA

Marianne

DOIS MESES DEPOIS

Amanda conseguiu sair da cadeia. Passei o dia morta de preocupação. Ela não fugiu ou coisa parecida, apenas conseguiu com um bom advogado. Vai esperar o julgamento em liberdade.

Não me senti bem o dia todo. Minhas Mariannes interior, todas em alerta total. É como se pressentissem alguma coisa. A Marianne-sexto-sentido está trabalhando a todo vapor isso por que Sawyer não está, acho que ele nem sabe dessa

NACIONAIS - ACHERON

notícia. Foi para Washington resolver problemas do hotel, ainda estava de madrugada quando ele saiu com Arthur.

O pior de tudo foi que eu soube só depois que eu dispensei Lucy. Alice está na cidade, veio ficar comigo pela manhã, mas já foi embora pois está trabalhando. E mesmo para ela não contei que não me sinto bem. Minha cabeça parece que vai explodir a qualquer momento. Dói demais. A preocupação com Sawyer está me tirado do sério. Na minha concepção, Amanda está indo atrás dele e pode tentar algo. Nem almocei direito, preocupada. E o pior é que ele dormirá por lá essa noite, Candice vem me buscar daqui a pouco para eu ir dormir com ela e Leo.

As luzes acesas lá fora e o céu escurecendo mostram que a noite está chegando. Daqui a pouco Candice chega. E para tentar espairer, vesti um macacão velho e fui dar uns retoques no quarto dos bebês, que está em acabamento.

— Marianne! Eu não acredito que você esteja fazendo isso.

Eu me viro bruscamente e me deparo com Sawyer parado na porta do quarto, vestindo um

NACIONAIS - ACHERON

terno caríssimo com gravata folgada e uma bolsa transpassada no ombro. Enquanto eu estou toda cheia de tinta, até os cabelos. Uso um macacão e um rabo de cavalo já frouxo nos cabelos.

Ele chegou. Graças a Deus!

Desço da escada e coloco o pincel na lata de tinta, morta de felicidade por vê-lo são e salvo. Era só paranoia da minha cabeça. Meu corpo todo dói. Já estou chegando aos oito meses de gravidez, mas parece que tenho duas pessoas de 13 anos cada, aqui dentro. Estou até andando meio curvada com a mão nas costas.

— Amor. Achei que fosse dormir em Washington.

— Eu não vou dormir longe de casa se minha esposa não toma os devidos cuidados para a saúde dela.

O douto militar está de volta meninas. Podem ir descansar, está tudo bem.

— Sawyer, deixe de drama. Eu estava apenas pintando as paredes.

— Isso é trabalho para as pessoas que contratei. Não para você que não consegue nem

NACIONAIS - ACHERON

andar direito. Marianne e se você tivesse caído? — Amedrontado, ele massageia a testa. — Não quero nem pensar nisso.

Mesmo ele estando ranzinza, eu tiro a bolsa dele e jogo no chão. Depois começo a tirar o terno.

— Droga Marianne! Eu não quis levar você comigo para não se cansar e agora eu chego e encontro você pendurada em uma escada pintando paredes? O que tenho que fazer para que fique apenas deitada?

— É o quarto dos bebês, Saw. Tinha falhas na pintura.

— Talvez as falhas sejam por que o trabalho ainda não está concluído. — Sawyer responde com ironia. Eu sorrio. Ele fica muito mais sexy quando está assim, nervoso e preocupado.

Termino de tirar o terno dele. Sei o quanto foi caro e estou louca para abraçá-lo, mas não vou estragar uma peça dessas. Se fosse para eu pagar, teria que quase trabalhar um mês de graça.

Dou uma risada interior. Imagino como Sawyer iria querer que eu pagasse.

— O que está fazendo? — Enfim ele parece

NACIONAIS - ACHERON

perceber que eu o despi do terno enquanto me dava um sermão.

— Isso foi caríssimo. Eu estava no dia que você comprou. E eu quero te abraçar, mas estou toda suja.

— Tirou meu terno para me abraçar?

— Sim. Agora vem aqui. Estava morrendo de saudades.

Eu o puxo e o abraço. Sawyer me aperta confortavelmente em seus braços.

— Que sina meu Deus. — Resmungo. — Nem posso mais abraçar completamente meu marido, pois minha barriga não deixa.

Ele envolve os braços ao redor do meu corpo e eu descanso meu rosto no peito dele.

Eu sinto que Sawyer não está relaxado, ele ainda não acabou a bronca e já posso imaginar por que.

— Não vi Lucy por aqui. — Ele afasta um pouco para perguntar me olhando nos olhos.

Droga! Ele não vai gostar nada disso. Hoje eu a mandei embora. Amanhã é o aniversário de

um aninho do neto dela e como dona da casa eu dei a folga para ela.

— Lucy está de folga.

— De folga? Como assim Marianne? Eu saí hoje cedo e ela estava aqui e pedi que só fosse embora quando eu chegasse.

Reviro os olhos para o drama de Sawyer. Ele já até se afastou do abraço e está me olhando no modo paizão que descobre que a filha aprontou.

Eu não podia deixar Lucy aqui sendo que tem família, ainda mais, será aniversário do neto. Eu estou bem, apesar de muito pesada. Me encostei cedo, mal consigo ir todos os dias ao escritório e estou fazendo maior parte do trabalho aqui em casa. E tudo antes dos oito meses. A médica disse que eu precisaria ficar quieta no meu canto, pois a cada dia se aproxima mais o momento do parto. Minha pressão ainda continua instável e só está esperando um momento propício para fazer a cirurgia.

O pior foi que Sawyer estava perto e ouviu a médica pedir repouso absoluto nesses últimos dias. Agora ele falta me carregar no colo. Que dizer, isso ele já faz algumas vezes.

Eu passo por Sawyer e vou para a nossa suíte. Preciso urgente de um banho e comer alguma coisa. Já são quase oito da noite. Lembro-me das comidas pré-prontas que Alice deixou na geladeira para mim e meu estomago ronca. Ouço passos pesados atrás de mim.

— Ouviu o que eu perguntei, Marianne?

— Eu já disse. Dei folga para ela, Sawyer. É aniversário do netinho dela, não podia deixa-la aqui.

— E você passou o dia sozinha? Comeu o que?

— Eu fiz meu próprio almoço.

— Marianne, eu estou mesmo querendo acreditar que você não fez isso.

Viro-me para ele.

— Eu fiz. E valeu a pena. Quando vocês dois estão aqui eu mal posso abrir a geladeira.

— Sabe que isso custará a demissão dela, não é?

Semicerro os olhos para ele.

— Você não seria louco de fazer isso.

— Ela não teve consciência em sair e deixar uma grávida sozinha para fazer tudo em casa. Ainda mais você que não pode se esforçar.

Sawyer tira a gravata e em um instante atira a camisa no chão. Senta-se na cama e começa a tirar os sapatos. Todos movimentos friamente calculados. Eu penso que se Lucy estivesse aqui ela não conseguiria escapar dessa raiva desnecessária.

— Se isso te acalma, ela relutou em ir embora, só aceitou ir por que eu disse que Alice estava vindo para ficar comigo.

Sawyer agora está só de cueca com as mãos na cintura todo apolíneo me encarando.

Já estou casada com ele a quase um ano e não consigo acostumar com essa beleza. As vezes eu acordo no meio da noite e fico pensando que eu devo ter feito alguma coisa muito boa para receber uma vida tão boa, numa casa ótima, com um marido ótimo.

Ou será que ter ele comigo é um castigo? Um castigo para meus frágeis nervos e racionalidade. Desde que me casei com ele, minha Marianne sensata tirou férias. Acho que ela está

tendo um caso com meu Marianno interior. Safada.

— E Alice veio? — pergunta me puxando de volta para a realidade.

— Sim. Alice almoçou aqui e depois foi embora.

Isso é verdade. Ela veio, ficou a manhã toda comigo e ainda me ajudou a preparar o almoço.

— Pelo menos isso. Venha, vamos tomar um banho.

— Sawyer, me deixe. — Respondo dando um passo para trás como se ele tivesse dito que iríamos correr nus na Times Scare. Ultimamente estou evitando o máximo tomar banho com ele.

— Ficou brava comigo? Marianne, eu só quero zelar pelo seu bem.

Reviro os olhos e cruzo os braços na frente do macacão enorme.

— Não estou brava com você. Eu não quero ir tomar banho com meu marido supergostoso enquanto eu estou barriguda, peituda

e gorda. Além dos pés estarem inchados.

— Não seja tola. Você é a grávida mais linda que já vi. — O sorriso que ele me envia, em outra época eu consideraria reconfortante. Agora apenas encobridor de verdade.

— Aham. Eu finjo que acredito.

Ele abana a cabeça para mim e vai para o banheiro.

Solto o ar aliviada. Estou surpresa por ter conseguido convencê-lo tão fácil. Desde que nos casamos, irredutível é a palavra que o define. Sawyer não volta atrás em suas decisões quando acha que é para meu bem. Não permite mais que eu dirija nem fique o dia todo no escritório. Até escondeu as chaves do meu carro e discutiu com Candice ao telefone dizendo que eu não ia trabalhar pois estava cansada. Para mim ele disse que Candice tinha ligado e pedido que eu ficasse o dia em casa e que tudo estava tranquilo por lá. Descobri a armação só a noite quando ela veio me ver.

Um dia eu tentei ficar até mais tarde, porém ele foi me buscar. Foi a maior cena. Ele

chegou nervoso e xingou Candice e Alan e os acusou de explorar uma mulher grávida. Ainda rimos desse episódio até hoje.

Vou ao closet e escolho uma cueca e um calça de flanela para ele. Deixo sobre a cama e vou escolher algo para eu vestir depois do banho. Não posso mais vestir calças jeans, e como é noite eu escolho uma calça de pijama enorme que tive que comprar e escolho também uma camiseta de Sawyer para eu vestir.

Quando volto para o quarto ele sai do banheiro no mesmo momento, ainda seco.

— Venha Marianne. Preparei um banho de banheira para você.

Fico parada com a roupa na mão.

— Não vou tomar banho com você.

— Claro que vai.

Ele se aproxima, toma a roupa da minha mão e joga em uma poltrona. Depois começa a desabotoar meu macacão.

Eu dou um tapa na mão dele.

— Sawyer!

— Marianne! eu não sou um estranho. — ele me olha horrorizado.— Você precisa deixar esse complexo bobo de lado. Não há nada de errado com o corpo de uma grávida. Se você estivesse assim por desleixo eu até entenderia sua relutância.

— Você nem me toca mais... e disse semana passada que ia começar a dormir no outro quarto.

— Por tenho medo de te machucar. Eu estou fervendo de vontade de fazer amor com você, mas penso no seu bem-estar antes das minhas vontades.

— Muita bondade da sua parte. Você ouviu a doutora falando sobre sexo está liberado.

Eu solto os braços ao lado do corpo redondo junto com o ar dos pulmões. Na última consulta eu tinha engordado quase vinte quilos depois da gravidez.

— Caramba, Sawyer! Você apenas me regula, faz drama por causa da minha alimentação, não deixa eu faltar um dia nos

exercícios, não é só disso que preciso. Eu sinto que estamos nos afastando intimamente. Grávidas ficam mais carentes e emotivas do que o normal e você simplesmente se afasta de mim. E agora chega do nada e quer tomar banho comigo.

— Me desculpe. Fiquei tão preocupado com sua saúde que esqueci dos seus sentimentos e suas emoções. Não vou deixar nosso quarto. Mesmo querendo te dar mais espaço e prometo não ser mais tão tirano com sua rotina.

— Será pior me deixar sozinha. Vou ficar traumatizada. — Faço um bico mimado e ele rir. Vem e me dá um abraço, depois levanta meu rosto com dedos em meu queixo e me dá um beijo nos lábios.

— Vou te mimar até você implorar que eu pare, e então te paparicarei mais e você vai ficar revirando os olhos para meu exercício de fofura.

— Eu já disse que adoro você sendo fofo.

Ele acabou me convencendo. Agora estou dentro da banheira sentada entre as pernas

dele.

Sawyer é ótimo com os dedos e faz uma deliciosa massagem em meu ombro.

— Como está o andamento das obras? Estou tão frustrada por não estar trabalhando no hotel.

— E nem vai trabalhar tão cedo. As obras estão indo de vento em polpa. Candice e a equipe de vocês, desenhou um ótimo projeto e a coisa mais magnífica é vê-lo tomar forma fora do papel.

— Você é muito implicante. Não há nada demais em eu poder ir ver a obra. Na próxima consulta não irá comigo.

— Como não?

— Minha mãe vai comigo Sawyer. Você leva tudo muito a sério, eu estou bem, vou ficar bem. Pressão alta é uma coisa que muitas grávidas adquirirem.

— Marianne, pelo amor de Deus! Você está ganhando peso, com hipertensão e há alguns exames alterados. Às vezes eu tenho vontade de te amarrar na cama.

NACIONAIS - ACHERON

— E o que você faria comigo amarrada na cama? — Pergunto com uma voz maliciosa.

— Estou falando sério poxa. Você está chegando ao período bom para o parto, fique repousada por mais duas semanas, tome os medicamentos corretamente e depois você terá sua vida de volta.

Me levanto depressa.

— Marianne.

Ele se senta horrorizado. Eu saio da banheira e alcanço uma toalha.

— Que droga Sawyer! Acha que eu não estou preocupada? Acha que eu também não andei pesquisando? Não quero colocar a vida dos meus filhos em perigo, e tento não me lembrar que posso morrer jovem demais deixando duas crianças órfãs e um viúvo. Mas você sempre faz questão de vir e me lembrar e me deixar mais louca ainda por dentro, como se eu não me importasse.

— Tento alertar, meu amor! — Ele também sai da banheiro e veste um roupão.

— Que seja. Eu tento levar uma vida

NACIONAIS - ACHERON

normal, para me esquecer que posso a qualquer momento cair tendo convulsões e acabar em coma.

Saio do banheiro e vou para o quarto. Ele na minha cola.

— Não fale essas coisas.

— Eu não terminei. — Levanto a mão para ele.— eu preciso me sentir normal, mesmo que seja fazendo coisas que você acha que é proibido. Cozinhar, pintar, dirigir.

— Você o que?

Sawyer dá um grito e eu paro arregalando os olhos para encara-lo. Uma emoção forte me toma e como quem perde uma batalha eu caio sentada na cama com o rosto entre as mãos em um choro descontrolado.

— Amor. — Ele sussurra e corre para me amparar. Eu me aninho depressa nos braços dele e choro. Com os dedos, Sawyer faz leves carícias nos meus cabelos.

Sinto os músculos dele se enrijecer quando eu digo junto com soluções:

— Sinto muito. Estou com tanto

medo.

— Mary... meu amor. Tudo vai dar certo. Estou em pânico todos os dias, mas tenho certeza que vai dar certo. — beija meus cabelos. Depois levanta meu rosto e limpa minha lágrimas.

— Eu não passei nada bem... — confesso e foi como se tivesse dando um tiro nele.

— Mary...! Meu Deus! O que está sentindo? Por que não ligou para Kayla ou Candice?

— Amanda saiu da cadeia. — Revelo, num sussurro.

— Não pense nisso.

— Você já sabia?

— Sim. Rick me ligou logo cedo. Você está segura aqui meu amor.

— Fiquei com medo por você. E quanto mais você demorava mais eu morria de medo. Deus me livre de te perder por qualquer circunstância, Sawyer.

— Eu não vou a lugar nenhum; o que está sentindo? Vou ligar para a doutora

Meredith. Ele se levanta e se veste muito rápido.

— Droga, tive medo de desmaiar aqui sozinha, sem você por perto.

— Por que não me disse antes, Marianne? — Sawyer já está afobado, com o celular na mão.

— Eu achei que melhorei, mas agora... sinto algo estranho dentro de mim... meu corpo dói, minha cabeça dói muito e mesmo com analgésico, a dor não passar. Estou morta de medo.

— Ei. Está tudo bem. Você é forte como um coco. Ele senta ao meu lado sei que tenta me acalmar, me mostrar que está tudo bem, mas pelo olhar dele, sei que não está. Sabemos dos sintomas de risco. Meu coração acelera e eu aperto forte a mão dele.

A doutora atende o telefonema e quando Sawyer diz o que estou sentindo, ela pede para que me leve imediatamente para o hospital e que ela estará me esperando.

Em pouco tempo estamos arrumados e com todo cuidado, ele me leva para baixo. Sawyer está calado e muito tenso. O medo brilhando em letras

enormes na testa dele. E isso só piora as coisas.

Ele coloca meu aparelho de pressão no meu braço e para meu horror, está muito alta. É como se tivesse acontecendo tudo que tememos por todos esses dias e meses passados.

Sentada no sofá, tentando recuperar, mas sentindo-me estranha e pior a cada momento, vejo ele andar de um lado para outro com o celular falando com algumas pessoas. Pedi que avisasse Candice e Leo.

Já se passava das nove da noite quando saímos de casa indo direto para o hospital. E em pensamento, a única prece que me acompanhava era que nada de ruim acontecesse com os bebês.



TRINTA E UM

Sawyer

— Está tudo bem. — Beijo a cabeça de Marianne, enquanto uma enfermeira mede a pressão arterial dela. A doutora já deve estar chegando. Vai ficar tudo bem. Tento confortar a mim mesmo.

Mary fica calada, apenas apertando minha mão, enquanto está sendo medicada. Quando as enfermeiras saem, ela abre os olhos e sorri para

mim.

— Me tornei hospede do hospital. Isso chega a ser irônico. Eu era sua paciente e estou passando maior parte da gravidez, sendo paciente.

Dou uma risada, beijo de leve os lábios dela.

— Relaxe, daqui a pouco estaremos em casa.

— Você está bem calmo. Ou tentando mostrar calma. — Ela analisa. — Quero que mês que vem, quando os bebês chegarem, você se controle e seja o pai mais tranquilo que esse hospital já viu.

— Prometo. Mesmo não suportando, estarei com você na sala de parto.

Pouco mais tarde, a médica chegou, examinou Marianne e logo depois me chamou para conversar a sós. Saí do quarto com doutora Meredith e ela foi direta, estava com o semblante pesado, um tanto tenso. Tive logo um mal pressentimento.

— Senhor Graham, assim que conseguirmos

estabilizar a Marianne, teremos que fazer o parto das crianças.

— O que?

— Sim. Essa noite ainda se possível.

— Mas ela está bem...

— Não está. Os sintomas são preocupantes. Eu pedi alguns exames e esperarei os resultados saírem para podermos prepara-la para a cirurgia. O caso é sério e estou tentando salvar sua esposa e as crianças.

Levo as mãos à cabeça, sentindo todo meu corpo vibrar com notícia.

— Doutora... pelo amor de Deus. Não fale uma coisa dessas. Eu quero os três. Não quero ouvir esse papo de tentar salva um...

— É o que estamos tentando fazer. A eclampsia afeta diretamente a placenta que é responsável pelo oxigênio dos bebês. Marianne está com pressão muito elevada, e isso impede que o sangue circule corretamente pela placenta. Seus filhos estão correndo risco. Não temos mais tempo pois Marianne está sentindo forte dor de cabeça.

Um pavor muito grande me tomou e eu deixo a médica falando e ando rápido de volta para o quarto. Eu preciso ficar com ela, não sair um segundo de perto dela. Doutora Meredith me segura.

— Sawyer. Vai ter que assinar um documento nos autorizando a fazer o parto. Marianne não pode decidir isso, nesse momento. Fique com ela, tente acalma-la, já foi medicada e precisa relaxar. Não diga que faremos o parto, para não a preocupar.

— Ok. — Viro-me e corro para o quarto.

— Segure as pontas por ela.

— Farei isso.

Volto para o quarto e Marianne está totalmente desperta. Ela olha para mim e parece mais pálida que o normal.

— O que a doutora queria com você? — Pergunta imediatamente.

— Ah... perguntar se você tinha comido algo gorduroso, se ainda está na dieta, essas coisas. — Minto descaradamente, desviando o olhar para ela não perceber.

— Ela podia perguntar isso a mim.

— Disse que não é para você falar demais, para tentar dormir.

— Não consigo. Minha cabeça parece que vai explodir, meu pescoço dói e já sinto tonturas.

Puxo uma cadeira, sento ao lado dela e trago sua mão para que eu a aperte.

— Não melhorou nada?

— Não. Nenhum pouco. É impressão minha ou parece que estou sentindo dores na barriga também...

— É impressão sua, amor. Pense em outra coisa, pense na nossa casa em construção, nos nossos planos, nos bebês que virão. Pense em coisas felizes.

Uma lágrima desce do olho dela. Marianne me encara quase petrificada, os olhos mais saltados que o normal.

— Não chore. Estou aqui. — Limpo a lágrima na bochecha dela.

— Eu fecho os olhos e me vejo em um caixão, Sawyer. Estou com medo.

PERIGOSAS

— Marianne, eu vou ficar muito puto com você se continuar falando essas besteiras. Olhe para mim, não feche os olhos. Vamos conversar e distrair.

— Tudo bem. — ela respira pesadamente — vamos conversar.

— Isso. Eu liguei para Candice e Rick, logo eles estarão aqui.

— Candice vai rir, e vai achar que estou fazendo drama.

— Sim. — rio para tentar acalma-la — Ela vai dizer que é tudo drama.

— Não avisou minha mãe, né? É só uma dor de cabeça... um mal-estar.

— Não avisei. Amanhã a gente liga para ela, lá de casa.

Nos calamos, mas não deixamos de nos fitar. Nossas mãos dadas, eu apertando com força a mão dela que parece um pouco fria e suada. Marianne começa a ficar mais cansada e os lábios um pouco esbranquiçados. Começa a perder o brilho dos olhos, sem deixar de me encarar.

NACIONAIS - ACHERON

— Mary...

— Saw... Não estou legal. Não estou conseguindo. Meu Deus! Algo está acontecendo comigo.

— Respira fundo, foca no meu rosto. Vou chamar alguém. — Levanto rápido apertado o botão de emergência e volto para me sentar ao lado dela. Seguro forte sua mão dentro das minhas.

— Olhe para mim, respira fundo.

— Amor... — é a única palavra que ela fala e então algo terrível acontece. Ela se enrijece toda, e seus olhos reviram ficando quase brancos, um gemido, quase como um grito agudo deixa a boca dela.

— Marianne! — Entro em desespero e sei que ela não está mais consciente. — Marianne! Meu amor, ouça minha voz, fique comigo! Mary! — Eu grito mais do que o necessário, balançando ela enquanto se treme toda com os olhos revirados. — Meu Deus! Por favor! Socorro! Alguém ajude. Não pode ser. Alguém venha aqui depressa! — Mesmo tendo todos esses espasmos, ela não larga minha mão.

A porta se abre e duas enfermeiras entram correndo.

— Ela está tendo uma convulsão. Chame a doutora. — Uma fala, e a outra sai correndo.

— Senhor, precisa sair do quarto. — Ela arranca a mão de Mariane da minha e me empurra.

— Não vou sair! Pelo amor de Deus, faça alguma coisa.

— Senhor, precisa sair do quarto. — A enfermeira gritar. — Por favor, tirem ele daqui. Olho para a porta e me surpreendo com dois enfermeiros, a médica e mais duas enfermeiras entrando correndo. Os caras vêm para cima de mim.

— Precisa deixar o quarto, senhor.

— Não toquem em mim. Salvem ela. — Eu berro totalmente fora de mim, nunca passei por um terror tão grande na minha vida. A única coisa que consigo ver é as enfermeiras ao redor da cama. Uma massageia o peito de Marianne, a médica monitora e Marianne ainda está totalmente desacordada e parece fazer uns barulhos, como gemidos roucos, como se estivesse roncando.

— Ela estava falando comigo. Foi de repente. — Grito aos prantos. — Salvem ela.

— Tirem ele daqui! — A médica grita e os enfermeiros começam a me arrastar, mas não posso perder ela de vista, eu prometi que não sairia de perto dela. Com muita força eu derrubo um dos homens tento correr de volta para a cama, mas o outro me segura pela cintura.

— Chame os seguranças. — Alguém grita e a enfermeira passa por nós correndo. A luta entre mim e os dois enfermeiros fica acirrada. E eles conseguem me tirar do quarto, quando eu desmorono. Marianne está totalmente mole, sem vida, pálida como um cadáver. Seu rosto virado de lado, a boca aberta e saindo algo como uma gosma.

Meus gritos ecoam pelo corredor pois eu preciso voltar para ficar perto dela. A dor que sinto é a pior que já puder sentir, quaduplicada do que senti quando Kayla supostamente morreu.

Tudo que eu posso ver é nosso futuro sendo destruído com Marianne indo embora, me deixando de vez. Sem que agora eu possa ir atrás dela.

Os seguranças chegam e tentam me render,

mas eu acerto um deles em cheio. Entretanto são três homens e facilmente me rendem e me levam para uma sala parecendo um consultório, me algemando em um cano de oxigênio que desce da parede. Eu caio no chão sentado, algemado e chorando copiosamente.

Um dos seguranças ficam na porta e o outro bem perto olhando para mim, agachado, com o braço nos olhos, posso ver sua bota preta. Ele está a postos, para me parar caso eu tente alguma coisa.

Fico de pé e enlouqueço de vez, cagando para o que o povo vai pensar. Já estou totalmente fodido mesmo. consigo acertar uma cadeira com um chute e balanço o braço com toda a força para me soltar, fazendo o maior escândalo, e ainda chorando.

Cara, tudo que precisa ser feito, está sendo feito. O segurança diz e eu volto a me recostar na parede e escorregar até sentar novamente no chão.

Os minutos passam bem demoradamente, mas enfim a porta se abre e doutora Meredith entra. Um enfermeiro a acompanha.

Onde ela está? Pergunto soluçando.

Senhor Graham, só vou conversar com o senhor quando deixar que lhe aplique essa injeção.

Não vai aplicar porra nenhuma! Fico de pé. Onde. Ela. Está?

Não irei falar com o senhor nesse estado.

Ela está... morta?

A médica faz um gesto para o enfermeiro vir aplicar a injeção em mim.

— Fale comigo, cacete! ONDE ESTÁ MINHA MULHER?

Todavia, não luto quando a agulha enfia na pelo do meu braço. Estou pior que touro bravo e sei que algo de muito ruim aconteceu. Eu vou me matar mesmo. De qualquer forma irei por um fim a minha vida de merda, por que a dor de ver Marianne indo embora sem mim, será insuportável.

Me sento no chão novamente

— Desalgeme ele. A médica pede. O segurança abaixa tira a algema do meu braço, entretanto, permanece por perto. Eu nem levanto os olhos, mas vejo os sapatos da médica perto de mim. Ela se agacha perto.

— Sawyer. Marianne está num quadro bem difícil. Ela está em coma e o parto precisa ser feito. Ela entrou em eclampsia e temos que salvar a vida dela tirando os bebês imediatamente. Você é o único responsável por ela. Precisa nos dar autorização.

— Como assim? — Enfim tiro o braço dos olhos e a fito.

— Ela está com a pressão muito alta e não pode fazer ainda a cirurgia. Mas se esperarmos a pressão baixar, os bebês podem não aguentar e vir a óbito.

— Meu Deus.

— E se levarmos ela agora, pode ser que Marianne não aguarde a cirurgia.

Solto uma risada nervosa. Com as costas da mão, em fúria, limpo as lágrimas.

— Sério que está me mandando escolher entre minha esposa e meus filhos?

— Não estou mandando você escolher. Mas deve nos dar uma autorização e decidiremos fazer o que é melhor para eles.

— Por que isso aconteceu? — Começo a chorar novamente. — Eu me certifiquei de que ela ficaria bem. Cuidei dela ao ponto de ser chato e opressor. O que deu errado?

— É algo que ainda não temos a resposta. Venha, essa decisão precisa ser imediata, cada segundo é crucial para ela e os bebês.

Em piloto automático eu a segui, entramos numa sala e nem li os papéis que foram colocados diante de mim. eu estava meio tonto, como se estivesse bêbado e ela explicou que foi a injeção que tomei, era um calmante.

Depois que assinei os documentos, a médica pediu que me levasse para outro quarto e pediu que eu descansasse um pouco, mesmo sabendo que isso era impossível.

Eu me sentei na cama e fiquei sozinho no quarto. Não me deixaram ir vê-la. Marianne está na UTI e a qualquer momento pode ganhar os bebês... ou ir embora de vez. Esperar notícias é a coisa mais terrível que já passei.

Limpo as lágrimas que escorrem incansavelmente. A porta se abre e quando vejo

Henrique e Dakota, o pranto vem com força novamente. Rick corre até mim e me abraça e assim, no ombro dele, é que choro mais ainda.

— Cara... vai dar tudo certo. — Ele me consola com a voz embargada, como se quisesse chorar.

— O que será de mim se eu a perder, Rick? É tudo culpa minha.

— Não fala isso, Cara. Todos sabem que você a ama e que faria de tudo por ela. Você fez o que estava ao seu alcance.

— Sim. Eu fiz. Mas não me empenhei tanto.

— Você precisa estar forte por ela e por seus guris. Vai arregar agora? Aos quarenta e cinco do segundo tempo? Marianne precisa que você tenha fé por ela.

— Estamos aqui com você, Sawyer. — Dakota diz, os olhos vermelhos por ter chorado.

— Obrigado.

As horas se arrastaram como se fossem anos. Candice chegou desesperada e se juntou a nós no

quarto. A todo instante, estava chorando e sendo consolada por Leo. O calmamente que me deram parece ter feito efeito. Não tive sono, mas me deixou bem calmo e eu só conseguia gemer de vez em quando.

Na minha mente, lembranças de mim e ela desde quando nos conhecemos. Não conseguia pensar em outra coisa. E não parava de implorar aos céus que ajudasse Marianne e nosso filhos.

Quando o dia já amanhecia e clareava o quarto com luz natural, a porta se abriu e a médica entrou. Ela estava feliz porém, não totalmente.

Salto da cama, os outros no quarto ficam de pé para esperar o que ela tem a dizer.

— Conseguimos fazer a cirurgia. Os bebês nasceram, prematuros, mas saudáveis. Ela vem até mim. parabéns papai, eles são lindos.

Candice e Leo se abraçam emocionados e eu abraço Rick. Uma enxurrada de lágrimas deixa meus olhos. Limpo-as e volto-me para a médica.

— E a Mary. Como ela está?

— Não vou esconder para vocês. É algo difícil e vocês devem ser fortes.

Solução chorando já prevendo o pior. Rick abraça firme meu ombro.

— As próximas vinte e quatro horas são decisivas para ela. Marianne lutou bravamente, está em coma e pode ficar com alguma sequela, mas pode sair ilesa disso tudo, vamos torcer.

— Meu Deus.

— Mais tarde ela poderá receber visitas, e eu virei chamar o senhor.

Quando ela voltou para me buscar, já era quase sete da manhã. Leo tinha acabado de sair com Candice, para irem comprar um café.

Ansiosamente, eu a segui até a UTI, meu coração atropelando as batidas a cada vez que eu me aproximava mais. Ela me disse que mais tarde me lavaria para ver os bebês.

Depois de vestir algo parecendo uma camisola por cima da minha roupa e colocar máscara, fui levado para o pequeno compartimento em que Marianne está.

Tento não me emocionar muito quando

chego ao lado da cama. Pego a mão pálida dela e seguro forte entre meus dedos.

— Oi amor. Você conseguiu. Trouxe nossos pequenos ao mundo. Precisa voltar para a gente, para poder vê-los. — Me aproximo bastante dela e bem perto de seu rosto eu digo: — Mary, não desista de mim, não desista de nós. Nos encontramos depois de ter passando o diabo sozinhos. Nosso amor é tudo que temos nessa vida, agarre-se a ela meu amor e volte para nós. Precisamos de você aqui, com o seu sorriso, seu humor, seu carinho. Não vou aceitar que vire as costas para mim. Eu te amo muito.

Outro impulso de choro me toma, foi quase vindo com desespero. Não há sinal algum de que ela possa estar ouvindo. Sem saber o que faço, curvo-me e a abraço.

— Oh Deus. Retire dos meus dias de vida e dê a ela, sacrifico-me por ela. Aceitaria de bom grado poder sentir as dores que ela sentiu, pois me dói além do limite vê-la assim. Ela me perdoou, mesmo depois de eu ter errado mais uma vez, Tire de mim o que precisar e acrescente a ela. Eu aceitarei o que for preciso, para vê-la bem, pois ela

merece mais do que qualquer um.

Levanto os olhos e vejo a médica na porta do compartimento de vidro.

— Você a trouxe a tempo ao hospital. Isso ajudou demais. — Ela se aproxima.

Fico de pé novamente e não largo a mão de Marianne.

— Eu viajei e a deixei sozinha. Por que eu fiz isso? Por que eu a deixei lá, passando mal, se preocupando...

— Não se culpe, Sawyer. Ninguém tem culpa disso. Nem ela e nem você.

— Tenho culpa. Se eu tivesse lá, teríamos vindo antes.

— Viriam antes, talvez ela tomaria um remédio, voltaria para casa e poderia sofrer uma convulsão lá. Quem garante? Ponha na cabeça que tudo acontece no tempo exato. Deve agradecer por seus meninos estarem saudáveis e ela ter saído com vida do bloco. — A médica acaricia meu ombro — Deixe-a descansar.

— Não quero sair daqui. Por favor. Não

quero deixa-la.

— Você tem que sair. Ela precisa de um tempo, você também precisa e vai conhecer seus filhos. Mais tarde, pedirei que deixe você voltar aqui e ficar com ela mais alguns minutos.

— Obrigado.

Ela espera que eu me despeça de Marianne e depois me guia para fora me levando em seguida, para a UTI neonatal.

Em meio a toda essa tristeza, meu coração salta de alegria. Estou indo ver meus meninos.



TRINTA E DOIS

Sawyer

Os meninos são idênticos. Tem cabelos negros e cheios, como os meus. Claro que com essa idade não dá para perceber muita coisa, qualquer recém-nascido se parece, entretanto, são gêmeos univitelinos.

Ri com lágrimas deixando meus olhos quando me juntei a eles na UTI. Tão pequenos nas incubadoras, mas ao mesmo tempo, tão fortes, lutando bravamente pela vida.

É mais que uma dádiva para mim, é o meu

recomeço, meu milagre pessoal. Enfio a mão enluvada pelas aberturas das incubadoras e seguro a mãozinha de cada um deles.

— Olá rapazes, olha o papai aqui. — Eu digo sussurrando. — Farei de tudo para que tenham orgulho de mim, eu prometo. Farei de vocês homens íntegros e honestos, serei o pai que nunca tive.

Agora sim, tenho duas razões para viver.

Levanto os olhos e a médica me olha emocionada, ao longe. Sorrio para ela, limpo minhas lágrimas e dou até logo aos dois pequenos que dormem quietos indiferentes com o que acontece aqui fora.

— Eles são lindos. — Eu falo. — Eu nunca ameí tanto, como eu os amo.

— Sim. São. — Ela concorda. — Apesar de prematuros, são fortes.

— Quanto tempo ficarão por aqui?

— Até chegar ao peso ideal. Assim que tiver em média de 2 e setecentos, poderão ir para casa.

— Amém. Com a mãe deles.

— Sim. Tenha fé, senhor Graham. Com a mãe deles.

Assim que eu saio da UTI, muita gente está na sala de espera, querendo notícias. Alice e os pais se levantam assim que me vê vindo com a médica, mas Lucy vem correndo na frente de todo mundo e eu a recebo num abraço.

— Senhor Graham, me perdoe. — Ela chora inconsolavelmente. — Eu não podia ter saído e deixando Mary sozinha.

— Lucy, calma. — Levanto o rosto dela. — Não se sinta culpada. Tudo acontece no tempo certo. Não foi sua culpa.

— Como ela está? — Lucy limpa as lágrimas. — Meu Deus, estou rezando muito. Tadinha da Mary.

— Ela está estável e vai ficar bem sim. Vamos confiar. Os meninos são lindos e você vai colecionar muitos fios brancos na cabeça por causa deles.

— Eu tenho certeza que sim. — ela ri chorando e me abraça de novo.

— Sawyer. — Oscar se aproxima, olhar
NACIONAIS - ACHERON

urgente, olhos vermelhos denunciando que tinha chorado. Rose, totalmente destruída, vem amparada por Alice. — Como ela está? Ele mal termina de perguntar e já está chorando. — Onde está minha filha?

— Os meninos nasceram. Mary está sob observação.

— Eu preciso vê-la. — Rose pranteia.

— Rose, Oscar, essa é a doutora Meredith, a médica que cuidou de Marianne. Ela pode levar vocês até lá. fiquem calmos, vai ficar tudo bem. Mary vai sair dessa.

Enquanto eles se afastam para conversar com a médica, eu me sento numa cadeira. Candice e Leo correram e foi com os pais de Marianne saber notícias sobre ela.

— Senhor Graham, beba um pouco. — Levanto os olhos e Lucy me entrega um copo de café. Recebo e ela se senta ao meu lado, fazendo uma breve carícia no meu ombro.

— Estou todo picotado por dentro, Lucy. É uma dor horrível. — Murmuro olhando para o café.

— O senhor não pode se render agora, os
NACIONAIS - ACHERON

meninos precisam de você. Tenha fé, Mary é uma boa pessoa e ela merece uma chance. Vocês serão uma bela família e eu estarei lá para garantir que não comam besteiras e sejam saudáveis.

Rio com o comentário dela. Tomo um gole do café. Mary vai acordar logo e eu estarei ao lado dela. como havia prometido que ficaria.

Não pense que foi fácil.

Cada minuto, cada hora e cada dia. Eu não sai do hospital por um segundo sequer. Mantive lá firme e forte, Lucy trazia tudo para mim e eu usava uma poltrona na sala de espera para passar as noites.

Marianne estava estável, mas era preocupante, pois quanto mais o tempo passava, o risco de sequela era maior.

No primeiro dia eu fui três vezes vê-la. No segundo foi mais três e no terceiro doutora Meredith me deu autorização para que ficasse com ela um tempinho a mais.

Eu sentava ao lado, segurava sua mão, não mais pálida, e conversa. Sempre a visitava depois

NACIONAIS - ACHERON

de ter visto os meninos, então eu falava com ela tudo sobre eles.

Hoje já chega o quarto dia que estamos no hospital. Rick até brigou comigo pois queria me levar embora, mas eu não aceitei.

Depois de ver meu empenho, Oscar veio me pedir desculpas. Eu deixei claro que não estou fazendo isso para mostrar nada, tentar redimir ou me aparecer. É mais do que carnal, é automático. Acho que perco a respiração se eu sair daqui deixando-os para trás. Simplesmente, impossível.

— Senhor Graham. — Ouço me chamar e acordo num pulo. Olho em volta, ainda estou na poltrona da sala de espera. Um enfermeiro está na minha frente. Meu sangue gela, meu coração soar pior que tambor nos meus tímpanos. É como se meu corpo caísse no mais fundos dos poços, pois meu maior medo é de que algo tenha acontecido.

— O que houve? O que aconteceu.

— Está tudo bem. — ele fala calmo e baixo.
— São quatro horas da manhã, sua esposa acordou e chama pelo senhor.

— Obrigado, Deus! — Ergo as mãos para o

alto. — Preciso vê-la. Agora.

— Sim. venha comigo.

O enfermeiro andava e eu queria correr. Já sei o caminho da UTI e ia a passos rápidos na frente dele.

Lavei as mãos, vesti a roupa específica, coloquei uma toca descartável nos cabelos e entrei.

Marianne está respirando sem os aparelhos e quando me vê entrar, já sorri e começa a chorar ao mesmo tempo.

Nem me importo, avanço para cima dela e abraço.

— Você voltou. Graças a Deus, meu amor.

— Choro rindo de alegria, com o rosto nos cabelos dela. Marianne também chora me abraçando firme.

— Eu tive tanto medo, Mary. Caralho! Nem sei como ainda estou vivo. Me afasto, seguro o rosto dela nas minhas mãos e beijo cada centímetro de sua face.

— Eu tive medo também. Medo de te perder... de partir sem você. — A voz dela é tremula e denota fraqueza.

— Nunca me perderá. — Prometo contra os lábios dela.

— Eu tenho certeza disso. — ela rir e como se eu fosse algo inacreditável ela acaricia meu rosto, com os olhos brilhando de emoção. — E os meninos?

— Estão bem. eles são lindos, Mary. São grades e está engordando mais cada dia. O Scott é o mais comilão.

Emocionada, ela torna a rir com lagrimas deixando seus olhos.

— Preciso abraça-los, Saw.

— Você vai vê-los mais tarde. Agora, precisa descansar.

— Fique aqui comigo. — ela segura firmemente minha mão. — Não saia de perto...de mim.

— Nem se me obrigar eu sairei. — Me sento num banquinho ao lado da cama. — Fiz um escândalo aqui, precisaram me algemar.

— Sério? Sawyer...! Você me mata de vergonha.

Rio e beijo o rosto dela em vários lugares.

— Por você eu colocaria esse hospital a baixo. Bati no segurança e nos enfermeiros. Eu fico louco se tentam me afastar de você, Marianne. Vai ter que conviver com isso.

Desejo que fique velhinho logo para ser incapaz de armar escândalos.

Quando eu for velhinho, terei dois marmanjos idênticos fazendo escândalo por mim. por nós dois. Nossos meninos serão ciumentos com a mamãe deles.

— Terei dois seguranças?

— Sim. Os seguranças que mais te amará nesse mundo.

— Meu Deus. — Ela rir. — Estou num beco sem saída com os três homens da minha vida.

Me curvo e deposito mais beijos nos lábios rosados dela. nossas mãos entrelaçadas.

— Obrigado por ter voltado para a gente Mary. Nesse momento, sou o homem mais feliz. Tudo de mais precioso, eu tenho de volta em meus braços.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON



TRINTA E TRÊS

Marianne

Foi como se nada tivesse acontecido.

A seguir, depois que acordei, tudo aconteceu rápido e automaticamente. Eu vi os meninos pela primeira vez depois de um dia. Trouxeram nas incubadoras para eu ver. Quando vi os rostinhos deles, chorei de felicidade, quase morri, quero apagar da memória o que eu passei, mas faria tudo novamente por eles, pois a emoção que senti ao vê-los foi maior que qualquer desespero que eu tinha experimentado.

É uma paixão impossível de explicar.

Fomos embora para casa depois de cinco dias que eu estava no quarto. Os bebês ficaram mais cinco dias nas incubadoras e eu vinha todos os dias três vezes ao dia, tirar leite para alimentá-los. Era o melhor momento do dia, quando eu e Sawyer vinha vê-los. E agora, eles estão com a gente em casa, lindos, grandes, saudáveis. Não tem como se arrepender.

Nossa convivência está mais legal e extraordinária do que uma viagem para a Disney. Sawyer é um paizão que carrega consigo todos os estereótipos. As vezes me dá raiva, outras vezes choro de rir. Ele e os meninos são unha e carne. As vezes precisa força-lo a ir trabalhar, pois não quer deixar os meninos. E tudo que faz, é motivo para comemorar:

— Lucy! — Ele gritou certo dia. — Corre aqui, depressa! Você não pode perder isso. — Eu e Lucy corremos e chegamos a sala onde Sawyer estava com os bebês.

— Eles estão cagando juntos, ao mesmo tempo. Olha as caras, colocando força. — Lucy revirou os olhos. E acabamos os três, assistindo os NACIONAIS - ACHERON

bebês fazendo careta para fazer coco.

E claro, nossa agenda toda teve que mudar por causa dele. Horário de dormir por exemplo. Aqui em casa precisamos de rodizio para ver de quem ficar responsável em acordar tal noite. No fim, eu acordo em todas, pois tem que amamentá-los.

Como os dois precisam ser alimentados ao mesmo tempo, eu coloco um no peito e Sawyer vai distrair o outro para que espere sua vez e quando um acorda, preciso agir depressa para o outro não acordar também.

— Mary, temos que marcar terapia para esses moleques. São pirracentos, já percebeu? — Sawyer diz, após fracassar tentando fazer um dos meninos se acalmar, no meio da noite.

— Vão os dois para o divã. Tal pai, tal filhos.

— Não mesmo. O pai levava as mulheres para o divã. Esse truque, preciso ensinar a eles depois.

— Tem gente querendo dormir no sofá hoje. To vendo tudo.

Felizmente já passamos de dois meses e Sawyer ainda acha tudo uma novidade e está adorando cuidar dos bebês. eu não conseguiria sozinha; pois tem mulheres que mesmo casadas, precisam fazer tudo o pai não se interessa tanto.

Sem falar é claro da Lucy me ajudando muito e da tia coruja. Kayla enfim está morando em Nova Iorque e só perde mesmo para Sawyer na hora de babar nos meninos.

Até meus pais estão vindo embora. Meu pai não está gostando nenhum pouco de ficar longe deles e já colocou a casa deles a venda para vir morar aqui. Para mim, é ainda melhor, pois vai me ajudar a cuidar dos bebês.

Alice veio hoje se despedir, está indo para o Canadá, Vai estudar e trabalhar lá. Nunca mais ouvi falar de Ryan e creio que Alice sente muito por ter destruído o que tínhamos apenas por um cara escroto que não dá valor a ninguém. Nossa relação nunca mais foi a mesma, ela fica constrangida quando está perto de mim e Sawyer,

principalmente com ele. Eu gostaria que tudo voltasse a ser como antes, infelizmente nem tudo será possível.

Candice também mudou bastante. Depois do que eu passei e de ver Sawyer sofrendo tanto, ela se tornou outra pessoa. Eu nunca entendi e nem quero entender o que de verdade Candice sentiu por Sawyer, mas sei que teve um momento que era puro rancor. Hoje, agradeço que tudo tenha se encaixado perfeitamente. Se ela ainda sente algo, consegue esconder muito bem.

Está tentando o primeiro filho e eu torço muito para que tenham logo.

Me olho no espelho e rodopio dentro do meu vestido longo de festa. A cor é linda, azul claro e molda perfeitamente em meu corpo.

— Está linda, Mary. — Lucy vem até mim e me entrega os sapatos.

— Ainda não consegui o corpo ideal de volta, Lucy. Precisamos de mais empenho.

— Sim. Nada de birra na próxima vez que eu fizer vocês comerem pizza de rúcula.

Passo a mão no meu ventre e faço uma cara de nojo.

— Não tem uma forma melhor de perder peso?

— Tem. Indo correr todos os dias de manhã com Sawyer.

— Prefiro a rúcula e nossas caminhadas matinais. Volto a me encarar no espelho. Hoje eu e Sawyer estamos indo a uma das várias festas de luxo que sempre acontece entre as celebridades. Hoje, é um baile especial que um empresário está oferecendo.

— Lucy, é hora de sair do quarto para eu me trocar. Sawyer sai do banheiro enrolado numa toalha. Lucy termina de me ajudar com um colar e olha para Sawyer fazendo uma fingida cara de desgosto.

— Sério que preciso sair? Achei que eu iria assistir ao espetáculo.

— Que ousadia! Vou te demitir. — Sawyer ameaça e ela joga as mãos para cima, se rendendo.

— Ok. Saindo. Vou continuar apenas
NACIONAIS - ACHERON

nos abraços no senhor Graham; espiar ele se trocando fica para uma próxima oportunidade.

— Te ajudarei a conseguir uma espiadinha Lucy. — Eu grito e ela volta colocando a cabeça porta adentro.

— Você é a melhor patroa, que sabe dividir as coisas boas da vida. — Joga um beijinho para mim e sai fechando a porta.

Sawyer arranca a toalha ficando pelado.

— As vezes acho que ela fala sério.
— Ele analisa.

— Eu tenho certeza. — Me sento na cama para calçar os sapatos.

— A minha única certeza é que você está linda. A rainha da noite. — Só de cueca, ele vem até mim e na minha frente, se abaixa para calçar meus sapatos. — Mal posso esperar para tirar tudo isso de você e te saborear.

— Só em estar pelado colocando meus sapatos, já me conquistou. Sou toda sua essa noite.

— Só essa noite?

— E as próximas, pelos próximos sessenta anos.

Eu entrei me sentindo toda poderosa, ao lado de Sawyer, no prédio onde acontece o baile. Meu marido lindo, maravilhoso, invejado no meio, não tem como eu me sentir mais flutuante no meu belo e caro vestido.

O melhor de tudo é estar com ele e conhecer tudo dele. Sem surpresas, sem segredos. Sawyer me levantou a questão, do que eu faria se essa historia vazasse para a mídia, de ele ter sido ator pornô. Ele ainda se preocupa demais, não com a imagem, mas como nossa relação. Sawyer acha que eu ainda mantenho um pé atrás, por toda aquela história de Tyler, mas eu, de verdade, estou em outro patamar.

Eu respondi a ele que se isso vazasse para a mídia, iríamos enfrentar uma baita dor de cabeça e que eu estaria com ele, ao lado, ajudando-o a passar. Não seria amor o que sinto por ele, se fosse intolerante. Eu o amo como ele é hoje e não

como ele foi anos atrás.

— Senhor Graham. Senhora Graham.
— Um homem muito elegante nos recebeu. —
Fiquem a vontade e aproveitem a noite.

— Muito obrigado. — Sawyer
agradeceu e como se fosse um baile de conto de
fadas, eu entrei com ele no imenso salão.

Meu belo vestido, minhas joias
caras, meu marido devotado ao meu lado, meus
filhos em casa, cada uma dessas coisas só me
mostrava algo que eu tive certeza quando acordei
no hospital:

Minha vida está só começando.

Sawyer

ANOS MAIS TARDE

Semana passada os meninos completaram dois anos. vinte e quatro meses que eu passei o maior terror da minha vida, e agora essas lembranças servem apenas para eu dar valor a tudo que tenho. Meus filhos, nossa nova casa imensa, com jardim, piscina e parquinho, minha esposa linda...

Falando nela, não está aqui. Está no hospital.

Entro no quarto das crianças, Lucy acaba de arrumar os meninos. James corre até mim e abraça minha perna. Abaixo e pego-o no colo.

— Estão prontos para ir ver a mamãe?

— Mamã! — Eles gritam quase juntos. Lucy termina de calçar o sapato em Scott e eu abaixo um pouco para ele vir também para meus braços. Saio com os dois do quarto e Lucy me segue.

— Mais tarde darei uma passadinha lá, Senhor Graham. Eu e Arthur.

— Ok, Lucy. Mary vai adorar a visita.

— E como ela está?

— Está ótima. Morrendo de vontade de vir embora.

Saio de casa com eles e dirijo até o hospital em que ela está.

Marianne sorri emocionada quando entro no quarto com os dois meninos.

Meus amores! Ela festeja e no mesmo momento Scott e James ficam eufóricos. Acabamos de ter nosso terceiro e ultimo bebê. É uma menina, se chama Louise. Nossa felicidade está completa. E dessa vez foi uma gestação tranquila.

Rose e Candice estão no quarto, todavia os dois meninos nem se importam com elas. Faz dois dias que não veem Marianne e estão morrendo de saudade. Eles correm para a cama onde a mãe está e eu os ajudo a subir.

— Cuidado, mamãe está dodói. — Aviso imediatamente.

Eles rastejam em cima da cama e com cuidado, ela os acolhe num abraço.

— Meu Deus! Estava com tanta saudade de

meus príncipes. — Ela beija cada um deles. — Papai cuidou bem de vocês?

Como resposta, os dois começam a tagarelar contanto as novidades em uma língua que só eles entendem.

— Olá Rose, OI Candice. — Cumprimento as duas. Cada uma delas vem, pega um dos meninos e eu vou até o bercinho e pego minha pequena menininha nos braços. Se parece bastante com Kayla. Tem cabelos negros e olhos verdes. O rosto é igualmente redondo e o nariz pontudo. Ontem tirei uma foto e mandei para minha mãe.

Ela não está mais na clínica, comprei uma casa e a coloquei para morar, lá em Ohio mesmo. Ela ainda não quer aproximação, mas eu estou forçando e cada vez mais, ela cede um pouco. Já levei Mary e as crianças para vê-la. Tentou se fazer de fria entretanto, derramou lágrimas ao ver os meninos.

— Está tudo bem? Com Louise nos braços, sento na pontinha da cama em que Marianne está.

— Está tudo ótimo. Só quero ir logo para

casa, estou com muita saudade de tudo.

— Pronta para o regime militar?

— Vai me fazer passar por regime?

— Sim. daqui uns meses. Por enquanto, pode ficar sossegada. Poderá comer o que quiser, dormir quando quiser e abaixo mais pra perto dela e cochicho: é foder quando quiser.

— Sawyer! — Marianne me cutuca.

— Tudo bem, Louise não escutou a safadeza do papai. Não é minha pequena? Quem é a princesa mais linda do papai?

Viro-me para Mary, ela me olha encantada.

— Obrigado. — Curvo e beijo-a.

— Pelo que?

— Por ter aceitado as terapias que te propus.

— Amor, não conte a ninguém, mas eu queria muito fazer terapias com você. E foi a melhor decisão que já tomei.

— Eu sabia. — Sussurro. — Amor de pica, é o que fica.

— Sawyer... olha minha mãe ali.

PERIGOSAS

— Ok. Parei. — Rio e beijo-a.

NACIONAIS - ACHERON

Epílogo

Não adianta eu ou qualquer outro tentar enganar dizendo que um relacionamento vai durar feliz para sempre. É fato, não vai. (estou falando sobre o feliz)

As brigas e desentendimentos fazem parte, as arestas que nunca serão aparadas pois se não houver diferenças as coisas serão tão chatas e monótonas que pode levar o relacionamento ao tédio, a tão apavorante rotina.

Bom, eu ainda estou muito bem casada, mesmo com brigas, arestas e diferenças. Nada disso importa quando o amor e paixão coexistem e sempre são alimentados. Eu conquisto meu marido todos os dias e ele faz o mesmo e acabamos nos apaixonando de novo e de novo e nosso amor crescendo.

Quer uma prova de que meu casamento

durou e vai durar muito?

Pois então. Foi maravilhoso ver os primeiros passos dos nossos filhos e as primeiras palavras. Ainda lembro como Sawyer pulou exageradamente feliz quando Scott disse papai e para não ficar para trás, James gruiu algo parecido em seguida. Foi tão lindo vê-lo rodopiar na sala com os bebês nos braços. Cada momento com os meninos foi lindo, mas com Louise, foram todos espetaculares. Tenho álbuns e mais álbuns com fotos dos dois. Ele vestido de dragão e ela de princesa no aniversário de três anos, os dois brincando de boneca e logo em seguida os meninos vindo e bagunçando tudo, Louise pintando o rosto do pai, ele a ensinando a nadar.

Ele sempre passava mais tempo com as crianças do que eu;

Depois eu presenciei ele se enfurecer, quase perder os dedos das mãos e amaldiçoar o universo por não estar conseguindo fazer uma casa na árvore. Larry, Nelson e Rick tiveram que vir ajudá-lo.

No fim do dia, ficamos relaxados nas espreguiçadeiras assistindo os meninos tentarem

NACIONAIS - ACHERON

barrar a entrada de Louise na casa, e no fim, ela acabou sendo a chefia, botando ordem na nova casinha. Sawyer apenas sorria com uma cerveja na mão, como se aquela fosse a cena mais brilhante de qualquer filme.

Crescemos juntos. Nossa pequena família. Indo as apresentações da escola, viajando para visitar meus parentes no Brasil ou a mãe de Sawyer em Ohio. Recebendo amigos para o jantar, eu brigando com meu marido por coisas besta e depois ele me provocando, imitando como eu balanço os braços quando estou nervosa. Acabava rindo e ficando com mais raiva por ele ser tão adorável.

Anos depois, presenciei uma cena linda. Minha pequena, Louise minhas em seu vestido longo de baile. O cabelo impecável. Caramba! Olhem só: ela já tem seios.

Está arrumada para o baile de formatura. Eu calada olhando, morrendo de medo lembrando do meu baile, que tinha sido terrível.

Sawyer também está muito nervoso, uma semana atrás e ele já vinha paranoico com esse

baile. Quase nem deixou Louise participar. Eu sorri vendo ele aconselhar o rapaz a manter as mãos bem longe da nossa filha. Nunca vi meu marido tão ameaçador. Quer dizer, vejo sempre. Sawyer é o pai leão, quase precisa de mordaca.

Scott e James, mantem a mesma postura ameaçadora do pai e o pobre rapaz treme de medo. Ele sabe que se aprontar com a Louise, vai ser ver com os três marmanjos. Louise revira os olhos e com um olhar, implora para eu fazer algo. Eu entro pelo meio, mando Sawyer se calar e peço para os dois formandos ficarem juntos para a foto.

Eu não sei quanto tempo ainda temos. Não sei o dia de amanhã, se eu verei ela se casando, se eu verei meus filhos de coração partido por alguma safada e se verei netos. Mas de uma coisa eu sei: cada minuto da minha vida será aproveitado.

— O que você tanto escreve? — Sawyer se aproxima de mim. Estou na mesa do escritório de nossa casa.

— E se eu te disse que quero escrever

nossa história? — Viro-me para ele.

— Nossa história? Começando de onde?

— Do dia que entrei no seu consultório.

Sawyer pensa um pouco, um tanto incrédulo.

— Não estamos velhos para narrarmos safadezas? — Ele indaga.

— Narrarmos?

— Sim, eu também vou querer escrever. Eu conto minha versão e você a sua.

Semicerco os olhos para ele.

— Não sei se quero ler sua versão.

— Tem medo de descobri o tanto que eu te odiei?

— Você não me odiou, querido. Só pensava em sexo...

— Mãe, pai. Estamos indo na casa do Theo.

— Scott coloca a cabeça porta adentro e avisa. Theo é o filho de Rick.

— Antes das dez, rapaz. — Sawyer grita depois que eles já estavam longe; em seguida, ele arrasta uma cadeira e senta ao meu lado.

— Já começou? — Interessado, pergunta.

— Sim. Narrei o casamento de Candice e como Ryan me deixou plantada esperando e foi paquerar outra mulher.

— Cuzão de merda.

— Falei também sobre o envelope na mesa do meu escritório, e agora estou chegando ao seu consultório.

— A melhor parte. Ainda lembro de você usando o caralho de um terninho. Que porra Marianne. Terninho?

— Eu estava a trabalho.

— E agora? Está no trabalho?

— O que?

— Não está trabalhando, pode ficar pelada. — Sawyer levanta, fecha a porta e começa a se despir.

— O que está fazendo?

— Laboratório para escrever o livro. Vamos relembrar nossos momentos. Vou te comer em cima dessa mesa para relembrar o dia que te comi no balcão da falsa cozinha.

Rio, fecho o computador e me levanto.

— Não é uma má ideia.

— Trepar nunca é má ideia.

Me entrego nos braços dele ao beijo gostoso e quente.

Nem em cinquenta anos será suficiente para esquecermos tudo que vivemos e sentimos pelo outro.

Sawyer Graham me trouxe de volta a vida, anos atrás quando eu entrei em seu consultório. E me manteve viva e amada por longos e maravilhosos dias.

Fim...

CONTATO

Entre em contato com a autora em suas
redes sociais:

[Twitter](#) | [Facebook](#) | [Instagram](#) | [Wattpad](#)

Gostou do livro? Compartilhe seu
comentário nas redes sociais e
na **Amazon** indicando-o para futuros
leitores. Obrigada.